

OUTER
GATEWAYS

KENNETH
GRANT

OUTER GATEWAYS



SKOOB BOOKS
PUBLISHING

KENNETH GRANT



1. *Invocação por Hamsa*

EXTERIOR ENTRADAS

Kenneth Grant



SCOOB BOOKS PUBLISHING
LONDRES

Copyright © Kenneth Grant 1994

Publicado pela primeira vez em 1994 por
PUBLICAÇÃO DE LIVROS SKOOB
Skoob esoterica
série Ila-17 Sicilian
Avenue
Southampton Row
Londres WC1A
2QH

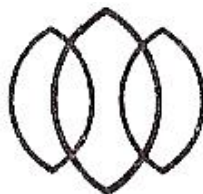
Editor da série: Christopher Johnson

Todos os direitos reservados

ISBN 1 871438 12 8

Impresso por Hillman Printers (Frome) Ltd

Conteúdo

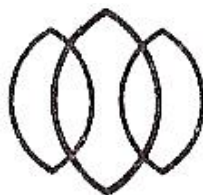


Introdução

- 1 O Grimoire Primal
- 2 tutulu
- 3 O Espírito Não Familiar
- 4 A dupla voz por trás de Liber AL
- 5 The Madhyamaka e Crowley
- 6 O quarto poder da esfinge
- 7 Significado mágico do simbolismo iazídico
- 8 The Mirracle
- 9 Ufologicks e o Rito de Mitra
- 10 implícitos tifonianos de Arunachala
- 11 Apetos do Controle dos Sonhos
- 12 Creative Gematria
- 13 Sabedoria de S'lba
- 14 Gnose Mística de S'lba
- 15 fórmulas mágicas de S'lba
- 16 cabalas de S'lba - I

[Glossário](#)
[Índice de](#)
[Bibliografia](#)

Ilustrações



Prato

- 1 [Invocação por Hamsa](#)
- 2 [Cthulhu por HAMcNeill II](#)
- 3 [O Mágico \(Frieda Harris / Aleister Crowley\)](#)
- 4 [A Carruagem \(Frieda Harris / Aleister Crowley\)](#)
- 5 [Os candelabros sabáticos e os sátiros](#)
- 6 [Black Eagle por Austin Osman Spare](#)
- 7 [Selo de Zos Kia Cultus por Steffi Grant](#)
- 8 [Desmodu é por Kenneth Grant](#)
- 9 [“Sede” \(Steffi Grant / Aleister Crowley\)](#)
- 10 [Horus por HAMcNeill II](#)
- 11 [Yantra de Kali](#)
- 12 [Formula of Arrivism, de Austin Osman Spare](#)
- 13 [The Self's Vision of Enlightenment, de Austin Osman Spare](#)
- 14 [The Arms of Dunwich O Olho de Set](#)
- 15 [O Selo de Aossic](#)
- 15 [Ilyarun por Steffi Grant](#)
- 16 [Evocação por Hamsa](#)
- 17 [Astral Marginalia \(Shades of S'iba\), por Kenneth Grant](#)

frontispício

Ilustrações de linha

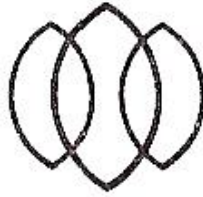
- 18 [O Yantra de 31 notas musicais \(William Coates\)](#)
- 19 [A Árvore da Vida](#)

Para a memória de
RUDOLF FRIEDMANN

Eu posso te dizer como encontrar aqueles
que irá mostrar a você o portal
secreto que leva apenas para
dentro, e se fecha rapidamente
atrás do neófito para sempre.

HPBlavatsky

Introdução



A Tradição Tifoniana amadureceu e declinou antes da fase monumental das primeiras civilizações. Isso é testemunhado por fragmentos de lendas mágicas e místicas, uma vez correntes no Egito e no Extremo Oriente. A tradição persistiu e tornou-se corrupto com o passar épocas e o atrito gradual de uma antiga linhagem de iniciados. O assédio por facções beligerantes que buscam o poder temporal às custas do Conhecimento que transcende o espaço intemporal sufocou a centelha e sujou as fontes da Sabedoria antiga. Ele reapareceu intermitentemente ao longo dos séculos em obscuros escritos alquímicos no Ocidente e nos tártaros ocultos orientais, e seus traços provaram ser suficientes para permitir seu poderoso ressurgimento, um dos mais notáveis fenômenos dos tempos recentes.

Outer Gateways é o primeiro volume de uma terceira *trilogia Typhonian*. Ele culmina na apresentação de um material que é abrangente apenas em termos da Tradição que me esforcei para delinear em livros anteriores. O material em questão começa no capítulo 13 (*Sabedoria de S'lba*). Ele foi incluído na resposta a repetidos pedidos de um exemplo do tipo de transmissão resultante de rituais mágicos realizados na Loja Nova Ísis, alguns dos quais foram descritos no volume anterior. Uma palavra de cautela, talvez, não esteja fora do lugar. Embora seja um texto recentemente “recebido”, e portanto uma *cabala* genuína, o *Wisdom of S'lba* não está anunciando uma Nova Dispensação, ou tentando derrubar qualquer sistema particular de magia ou esoterismo. Nem é reivindicado em seu nome que contém um *grimório* universalmente aplicável. É, pura e simplesmente, uma síntese de emanações recebidas em circunstâncias curiosas fora dos procedimentos mágicos normalmente aceitos, e subsequentemente traduzidas para a linguagem terrestre. ele foi descrito como um Tantra Tifoniano, mas uma definição mais precisa o identificaria como um texto da Escola Tifoniana alimentado por Vibrações Ofidianas emanando dos Túneis de Set. Ele contém em seu cerne uma metafísica, uma filosofia e fórmulas psicomágicas que, sob condições especiais, permitem aos ocultistas que trabalham com a Corrente Tifoniana contatar as fontes de onde ela saiu. Qualquer traço da influência de Aleister Crowley, Austin Osman Spare, Howard Phillips Lovecraft, e outros que o leitor possa discernir, são explicados pelo fato de que a *Sabedoria* provém de fontes idênticas àquelas das quais esses escritores se basearam, e Spare era pessoalmente envolvido nas atividades iniciais da Loja New Isis, onde as emanações S'lba foram aterradas originalmente em 1955 até 1962.

Gostaria, portanto, de reconhecer minha dívida para com esses escritores, bem como para com aqueles indivíduos (mencionados no livro) que gentilmente me permitiram citar seus escritos e as numerosas cartas que recebi durante a publicação dessas trilogias. Agradeço também a quantos me cederam material ilustrativo, devidamente credenciado.

Kenneth Grant

Minha observação do Universo me convence de que existem seres de inteligência e poder de uma qualidade muito superior do que qualquer coisa que possamos conceber como humanos; que não se baseiam necessariamente nas estruturas cerebrais e nervosas que conhecemos, e que a única chance de a humanidade avançar como um todo é que os indivíduos façam contato com tais Seres.

Aleister Crowley

1

The Primal Grimoir

Um número de textos arcanos alegando não-terrestre proveniência são de importância suprema na esfera do ocultismo criativo. ¹ Talvez o mais misterioso e certamente o mais sinistro seja o microfone Necrono, cuja primeira menção aparece na ficção do escritor da Nova Inglaterra HPLovecraft. Diz-se que foi escrito por um árabe louco chamado Al Hazred, o Necronomicon realmente existe em um plano para aqueles que, conscientemente como Crowley, ou inconscientemente como Lovecraft, tiveram sucesso em penetrá-lo. Existem vagos indícios da existência do livro na literatura arcana do Oriente e do Ocidente; ou seja, houve referências oblíquas e cautelosas a um grimório contendo instruções para estabelecer relacionamento com os habitantes de outros mundos, outras dimensões, outros espaços, com seus congestionamentos de bolhas. globos brilhantes e luminárias demoníacas além das estrelas.

Dr. John Dee, o mágico do século 16, traficou com entidades alienígenas e deixou um registro de suas transações no histórico *Liber Logaeth*. Outros ocultistas deixaram relatos de transações semelhantes. Mas foi HPLovecraft (1890-1937) que cristalizou em um único conceito os fios de estranheza e maravilha, horror e terror, que entraram na confecção desses e de outros registros mais antigos. Ele criou uma anomalia arquetípica, o Necronomicon. O título significa o Livro dos Nomes dos Mortos ou Nomes dos Mortos; mortos, isto é, para a vida terrena, mas que existem em dimensões inacessíveis aos mortais comuns. Por mais imaterial que seja o livro, ele levou, inevitavelmente, a uma controvérsia de longo alcance e não é exagero dizer que muitos dos ocultistas criativos de hoje foram influenciados, não pela presença do livro, mas por sua ausência. Na verdade, é o conceito de ausência mágica que provou ser a matriz, o vazio-mãe, desses contatos misteriosos com entidades estranhas que hoje são colocados dentro da categoria de Ufologia, a tradição de voar não identificado - ou flutuante - objetos. O rótulo é útil por duas razões principais: afirma o anonimato das entidades em questão, além disso afirma sua associação com os elementos do ar e da água, que são os símbolos fenomênicos do espaço; ² ou, em termos metafísicos, com o Vazio, tipificado pelo conceito de Espaço Exterior.

O que é particularmente significativo é que Lovecraft mencionou pela primeira vez os Grandes Antigos - os principais protagonistas do *Necronomicon* - em *The Call of Cthulhu*, um conto que iniciou o ciclo do mito de Cthulhu.

¹ Das mais célebres, antigas e modernas, podemos citar as *Estâncias de Dzyan*; o material enoquiano recebido por Dee & Kelley; *Oahspe*; e *O Livro da Lei (Liber AL)*, transmitido a Aleister Crowley; e outros a serem mencionados oportunamente.

² Seja voando ou flutuando, o espaço está implícito porque o elemento água foi antigamente identificado com o espaço, como testemunhado por expressões como o 'oceano do espaço'.

Este conto foi escrito em 1926, o ano em que Frater Achad ³ vibrou a Palavra Mágica, *Allala*, que soma 93 . ⁴ Cthulhu é descrito por Lovecraft como uma anormalidade octopoidal que permanece nas profundezas, esperando para emergir e possuir a terra, que é uma maneira de descrever um espreitador no Espaço Sideral esperando para invadir a esfera terrestre. Esta é uma interpretação macrocósmica. Do ponto de vista microcósmico, Cthulhu está sonhando no oceano, o subconsciente, aguardando certas configurações astrológicas que irão anunciar e facilitar sua manifestação na Terra, projetada por meio das mentes de seus devotos escolhidos. Estes são necessariamente 'poucos e secretos'. ⁵

O nome Cthulhu, embora assumido ser uma apelação criativa criada por Lovecraft, tem uma semelhança muito próxima com Tutulu, uma palavra que apareceu no *Liber 418* ^{6 de} Crowley , que antecedeu a história de Lovecraft em quase duas décadas. Aqui novamente aparece uma conexão com entidades extraterrestres, pois *Liber 418* ⁷ é o livro dos Aires ou Zonas além da terra.

A ufologia agora se infiltrou na cena ocultista contemporânea e a 'nova' tradição emprestou a Ordens como a OTO, NIL e ZKC, ⁸ orientações diferentes daquelas que as caracterizavam nos dias de Blavatsky, Crowley, Spare e outros. No presente livro, essas orientações serão examinadas em relação a áreas da consciência mágica até então inexploradas. Devemos de fato nos aproximar dos Portais entre os quais e a humanidade existe uma solução de continuidade que pode ser transcendida apenas pela magia da Zona Malva. Esta forma altamente especializada de ocultismo, introduzida pela primeira vez na *Fonte* ⁹ *de Hécate*, está relacionada a uma fórmula de controle dos sonhos desenvolvida pelo presente escritor durante os anos de 1955-1962, quando a New Isis Lodge ¹⁰ foi fundada para fins de tráfico com os Exteriores. A eficácia da fórmula será demonstrada no presente volume, que resume os resultados de numerosos trabalhos mágicos e experimentos ocultos.

Uma faceta principal da fórmula é o papel do simbolismo animal, que é mostrado aqui para iluminar uma gnose mais antiga até do que a das divindades mascaradas de besta do Egito que velavam os mistérios da miscigenação mágica. Essa gnose, como suas reflexões hebraicas posteriores, apresenta os zootipos de uma Força não apenas pré-humana, mas totalmente alheia ao ciclo de vida humano. O simbolismo bestial mascara em sua forma primordial o mistério da relação sexual entre não-humanos e a humanidade. A tradição antiga está repleta de referências ao assunto. ¹¹

Mais pertinente à nossa preocupação imediata, entretanto, é uma história de Lovecraft escrita para o célebre ilusionista Houdini, ¹² que expressa as tendências de uma situação não tão simples como a que Waite e outros supuseram. O fato parece ter sido esquecido pelos pesquisadores contemporâneos de que Waite - de todas as autoridades a mais improvável - está virtualmente sozinho em alusão, mais do que fugazmente, a mistérios que agora estão intrigando cientistas empíricos e ocultistas. Arthur Machen, também, tinha mais do que uma vaga idéia dessas questões (ele era um amigo íntimo de Waite), assim como Austin Osman Spare. Há evidências de que a linha de iniciação de Spare pode ser rastreada através do New England Witch Coven; ¹³ era, portanto, idêntica às correntes mais antigas representadas hoje, entre outras correntes arcanas, a Loja da Águia Negra, que usa fórmulas comparáveis às da Loja Nova Ísis. Este último recebeu via OTO e Zos Kia Cultus os charismata individuais de ambos.

³ Charles Stansfeld Jones (1886-1950). Aleister Crowley o reconheceu como a 'criança mágica' referida no *Liber AL*. Veja minhas Trilogias Tifonianas para inúmeras referências a Jones.

⁴ Veja *Outside the Circles of Time* (Grant). Allala significa 'Deus (é) não'.

⁵ Uma descrição, em *Liber AL*, dos devotos da deusa Nuit que representa o espaço infinito ou exterior.

⁶ Veja o capítulo 2

⁷ Aiwass, cujo outro número é 93, é o Antigo responsável por transmitir a Crowley no Cairo em 1904 o *Livro da Lei*.

⁸ O *Ordo Tempil Orientis*, *New Isis Lodge*, e *Zos Kia Quitus*. Veja minhas trilogias para um relato completo dessas ordens ocultas e seu papel na era atual.

⁹ Publicação Skoob, 1992.

¹⁰ Ver *Aleister Crowley e o Deus Oculto* (Grant), capítulo 10.

¹¹ Veja em particular, e para a tradição hebraica, AEWaite's *The Holy Kabbalah*.

¹² *Preso com os Faraós* (1924).

¹³ Veja o capítulo 3.

As chaves para os Portais Externos, os modos de desbloquear as Células de Set ou os Túneis de Tutulu repousam no Santuário Soberano da OTO, seu uso varia de acordo com os níveis de consciência envolvidos. A única maneira de adquirir essas chaves é, em certo sentido, tornando-se elas. Quer dizer, sua aquisição depende da habilidade do iniciado em moldar sua consciência astral em formas - freqüentemente zootípicas - da zona mágica que ele pretende penetrar. Zos (Austin Spare) usava principalmente formas felinas, Crowley, por outro lado, freqüentemente utilizava formas de pássaros, como o falcão e o íbis. A distinção é significativa. Os templos da deusa felina egípcia Bast eram dedicados à Lua e aos Meon (as estrelas). Os templos do falcão ou falcão de Horus, ao Sol;

aqueles de Thoth com cabeça de íbis para Mercúrio. As fórmulas mágicas correspondentes a esses níveis são, respectivamente, do VIII ° - o IX ° + , e do VHI ° + , ¹⁴ mas esta análise revela apenas uma única interpretação de tais fórmulas. A atribuição solar, via Horus, pode, por exemplo, com igual validade, ser referida a Marte, mudando assim para XI ° - a fórmula de Horus.

Uma maneira de entender o uso dessas chaves é examinando sua aplicação aos mistérios do *Livro da Lei*, o ciclo de mitos Necronomicon e Zos Kia Cultus. É minha intenção, portanto, tratar desses aspectos antes de explorar outras questões relevantes.

¹⁴ Cfr. *Nightside of Eden* (Grant), pp.204-206.

2

Tutulu

A palavra Tutulu foi ouvida por Crowley durante uma iniciação no Aethyr de Zaa ¹ que ele realizou em Argel em 24 de novembro de 1909. Seu aparecimento em sua visão do 27º Aire sugere uma pe-richoresis com a Corrente de Necronomicon. É provável que a palavra transcrita por HPLovecraft como 'Cthulhu' seja uma forma variante ou corruptível de Tutulu, da mesma forma que Choronzon é uma variante de Chozzar e Choronzain.

Crowley afirmou no *Liber 418* que Tutulu não poderia ser traduzido. A razão para esta declaração não é clara porque no segundo Æthyr a palavra é traduzida sem comentários.

O número de Tutulu que é 66 é um número da Grande Obra e de *Nu* e *Had* unidos. *Had*, sendo idêntico ao deus Set, é o 'trono' ou 'assento' de Ísis, cujo nome significa exatamente isso. Nu-Had é, portanto, uma forma de Nu-Isis, e também Tutulu. 66 é o número místico das Qliphoth, o "mundo das conchas" que sugere a morada dos Profundos, dos quais Cthulhu ou Tutulu é supremo. 66 é também o número do Anjo At-Taum que revelou a Mani a Gnose da Dupla Corrente. Além disso, por um certo sistema de gematria, 66 é um número de Aiwaz. ²

Deve-se notar que a ladainha contida em *Liber 418* que inclui a palavra 'intraduzível' Tutulu está relacionada a uma fórmula de Gomorra (XI °) que indica o Caminho para Trás e o Caminho associado ao Tuat, o subconsciente. ³

Por que Crowley declarou que Tutulu era uma palavra intraduzível? No segundo Æthyr aparecem as letras Tu fu tu lu que ele traduz como "Quem Alcançará". Se esta fosse uma tradução correta, Tutulu então leria: "Quem Alcançará". Isso pode ser interpretado como a confirmação da promessa da tão esperada retomada de Cthulhu do Trono do Profundo, ou seja, o Trono de Nu-Ísis. A inclusão em Tutulu de 'fu', significando Will, ⁴ pode ter decidido Crowley contra a tradução de Tutulu porque tal tradução poderia implicar o uso da Corrente 93 pelos Profundos em sua tentativa de supremacia terrestre.

¹ *A Visão e a Voz (Liber 418)*. As invocações dos espaços exteriores que formam a base deste grimório singular foram escritas pelo Dr. Dee há mais de três séculos.

² Estou em débito com o Sr. André Cote por esta equação.

³ C f. Tuatulu. Esta palavra = 67, o número de Zin, forma Atlante de Sin, a Lua, a Corrente Lunar.

⁴ Vontade (Thelema) = 93. Este é também o número de Aiwaz e do Amor (Ágape), o modo de realização da Vontade.

Em *Cultos da Sombra*, examinei a observação feita por Frater Achad de que Crowley falhou em pronunciar uma palavra. ⁵ Pode ser sugerido, provisoriamente, que a palavra Tutulu que Crowley recebeu em 1909 em conexão com o 27º Aethyr é a Palavra do Aeon de Hórus, ou Set. ⁶ Uma análise completa da Palavra aparecerá no devido tempo; aqui, meramente chamo a atenção para o fato de que Lovecraft fez de Cthulhu a 'estrela' de seus Mythos. O conceito deve, portanto, ser examinado um tanto de perto.

A Profundidade (Cthulhu) se reflete na Altura (Yog-Sothoth), pois Set é a sombra ⁷ de Horus. Este ponto é significativo para Lovecraft define Yog-Sothoth como 'Um em Todos, Todos em Um', que por acaso foi o lema escolhido por Frater Achad quando ele assumiu o Grau de 8 ° = 3 □ (Mestre do Templo) em a Ordem da Estrela de Prata. ⁸ Se Achad estivesse ciente do trabalho de Lovecraft, ele não teria deixado de comentar o fato de que esse lema apareceu mais tarde no trabalho de Lovecraft em conexão com a contraparte de Cthulhu. Esses fatos são sincronicidades, normalmente inexplicáveis, mas perfeitamente lógicos em um contexto de uma pericorese mágica em andamento envolvendo Crowley, Jones, Lovecraft e o presente sintetizador desses elementos.

Yog-Sothoth é o zênite do qual Tutulu é o nadir. Como pontos solsticiais, eles são equilibrados por suas contrapartes equinociais Leste e Oeste, representadas no ciclo do Necronomicon por Hastur e Shub Niggurath. O complexo completo formula a Grande Cruz que tipifica a passagem da matéria ao espírito. Isso é representado na Árvore da Vida por Daäth e pela Morte nas imagens vodu do Barão Samedhi. ⁹

As quatro *letras* da Palavra do Aeon, a Palavra dada em *Liber 418* que Crowley supôs ser falsa, são *Ma Ka Sha Na*. *Ma* é Maat, cujo elemento, ar, simboliza o espaço; *Ka* é Kali, cujo elemento, água, simboliza sangue; *Sha* é Shiva ou Set, cujo elemento, fogo, simboliza o espírito; *Na* é Niggurath, cujo elemento, terra, simboliza a matéria. A palavra *Makhashanah*, portanto, retoma a fórmula do Espaço -Tempo-Espírito-Matéria.

A palavra Tutulu, que Crowley se abstém de traduzir em um lugar, e, em outro, traduz como “Quem (irá) Alcançar”, contém as chaves para Espaço-Tempo-Espírito-Matéria. Os gêmeos 't's representam a Dupla Corrente, o Taus da Dupla Baqueta. ¹⁰ Os três Vaus (como *Ayin*) representam o cabalístico OOO, *Ain Soph Aur*, a raiz cúbica matemática de zero algebricamente glifada como $\sqrt[3]{0}$.

Em *Liber Trigrammaton* ¹¹, o conceito é expresso como “Nada sob suas três formas”. ¹² Crowley apontou em *Liber LII* que Zero, ou ZRO, ¹³ é a essência mágica da Matéria. Foi usado (alguns dizem que foi abusado) pelos feiticeiros da Atlântida. A letra restante de Tutulu, L, designa Maat-Matter, cujo Aeon é esboçado em *Liber L*. ¹⁴ Crowley admitiu não ter ouvido corretamente certas palavras durante a transmissão de *Liber L*, e é provável que ele tenha ouvido mal a palavra Tutulu. Pode ter sido Kutulu, caso em que seria idêntico foneticamente, mas não cabalisticamente, a Cthulhu. A remissão Schlangekraft do *Necronomicon* (Introdução, p.xix) sugere uma relação entre Kutulu e Cutha, ou

⁵ É função de um Magus proferir uma Palavra ou fórmula que contenha a (s) vibração (ões) potente (s) para despertar as Forças do Aeon que o Magus representa.

⁶ Deve ser entendido que Hórus e Set são contrapartes interdependentes. Eles não podem existir separados. Essa dupla corrente aparece no *Necronomicon* como Cthulhu-Yog-Sothoth.

⁷ Observe que ChAYOGA, o 'Yoga da Sombra' tem o valor 93.

⁸ A Estrela de Prata ou Argenteum Astrum (A. . A. .) É um nome da Grande Loja Branca. Consiste em onze graus, cada um representado por uma equação cujos fatores somam onze, o número das Qliphoth ou Exteriores. (Ver *Glossário, Qliphoth*).

⁹ Cfr. *Satnadhi*, que em sânscrito significa 'junto com o Senhor'. O Voodoo Samedi como Senhor da Encruzilhada é um com Carrefour, Carfax, Carstairs, as escadas sendo o caminho para cima para o Espírito ou para baixo para a Matéria.

¹⁰ Os Taus gêmeos são explícitos na designação A. .A. . dois uns ou onze, 11.

¹¹ Veja os comentários *mágicos e filosóficos sobre o livro da lei* (Crowley), pp.219-223.

¹² O valor de OOO é 210, quando *Ayin* = 70. É a fórmula de absorção no Vazio. Seu reflexo, 012, é a fórmula da Manifestação; a projeção aparente e material da consciência pelo mecanismo da dualidade.

¹³ Palavra atlante que significa 'sêmen'.

¹⁴ *O Livro da Lei, Liber AL*, era originalmente intitulado *Liber L*. Veja *The Equinox*, vol.1 no.VII p.386.

Kutu, o oceano do submundo sumério. Assim, "Kutulu ou Cutalu (Cthulhu sumerianized de Lovecraft) significaria 'O Homem de Kutu ... o Homem do Mundo Inferior', Satanás ou Shaitan, como ele é conhecido pelos Yezidis (que Crowley considerava ser os remanescentes dos Sumérios Tradição)". Observe a referência aos Yezidis cuja zona de poder na Árvore da Vida é assumida como Yesod, a Fundação ou Sede. O número de Yesod é o número de ZAA, o nome do Aethyr que contém a palavra Tutulu. O número 9 está relacionado à Lua do Tarô. Ele contém o simbolismo dos Pilares Gêmeos (*T u T ulu*) e os zootipos do Caminho para Trás, o chacal ou hiena. Ambas as línguas lunar e batílico em que está escrito, de acordo com Crowley, a litania contendo Tutulu, estão conectadas com a Lua e com o mar, a residência de Cthulhu. Batílico é uma língua dos Profundos. Está relacionado com a língua lunar, assim como o chinês com o japonês; os personagens são comuns a ambos, mas suas interpretações diferem. As sereias e ninfas denotam os elementos envolvidos; eles estão relacionados com a *Lua* (Atu XVIII) através do caminho que, em seu reflexo tutuliano, se torna o túnel de Qulielfi. ¹⁵ Zaa sugere uma

conexão com o Aeon de Zain e com a Serpente, que, combinada com o A.'.A.'. sugere ainda a 'Estrela e a Cobra'.

Qualquer que seja a interpretação de Tutulu ou Kutulu, pode haver pouca dúvida de que Cthulhu apareceu no Aeon de Zaa e foi "ouvido" por Crowley duas décadas antes de Lovecraft escrever (em 1926) *The Call of Cthulhu*, que não foi publicado até 1928. Estes as considerações não excluem a possibilidade de registros publicados anteriormente do nome, mas afirmam a 'objetividade' do conceito e sua independência da gama subjetiva individual de Lovecraft.

Os números mais significativos ligados ao nome são 77 e 66. O primeiro é o nome de OZ, o título do “novo Manifesto da OTO” de Crowley, que se relacionava com os “direitos do Homem”.¹⁶ 66, por outro lado, denota o 'mundo das conchas', habitat dos Profundos. Oz compreende *Ayin* e *Zain*, o Olho da Cobra. Cthulhu é representado nos mitos de Lovecraft como um monstro marinho com um único olho piscando malignamente de uma massa que termina em oito tentáculos retorcidos. Os tentáculos tipificam o poder de sustentação, a sustentação, a mão ou o útero da Força-Mãe (*shakti*) nas águas do Grande Abismo.¹⁷

Os objetos de realização detalhados na Canção das Sirenes (2º Æthyr) são a Espada,¹⁸ os Balanços ou Balanças¹⁹ e a Coroa. Este último simboliza Cthulhu entronizado na Terra ou, mais precisamente, abaixo da Terra, pois de acordo com as Cabalas de Besqul “existem tronos sob o solo”.²⁰ Oz é um reflexo de Zaa e, portanto, um glifo de Yesod, não apenas porque seu número é 9, mas também por causa de sua relação com a Estrela de A.'.A.'. (Z-AA), identificando assim aquela Estrela com a Estrela dos Yezidi,²¹ que tem seu foco na nona zona de potência.²² A inter-relação dos conceitos Tutulu, Cthulhu, Oz, Zaa, Yezid, AL, L, Nu-Isis, etc., demonstra inequivocamente a identidade essencial das Correntes *Necronomicon* (555) e *Therionic* (666). Oz como o Manifesto e a Manifestação do Homem são equiparados na Gnose Neocronômica: “O Poder do Homem é o Poder dos Antigos. E esta é a Aliança”.²³ Um dos números do MAN é 91, que também é o da API, a “deusa que dá proteção na forma de um hipopótamo”,²⁴ uma espécie de monstro marinho. 91 sendo dois²⁵ menos que 93 sugere que somente pela conjunção de ambos (masculino e feminino) a Corrente Ofidiana é transmitida. Outro número de MAN, 741, é o de AMN, o 'Deus Oculto'.

¹⁵ Ver *Nightside of Eden*, (Grant), cap. 19 (Parte 2).

¹⁶ E, por implicação, para os Ritos de Manifestação, pois o Homem é a Manifestação de Nuit no Ma-ion. Veja o oficial de Achad

& Unofficial Correspondence 'para a elaboração desta tese.

¹⁷ Casa de Cthulhu, ou Fortaleza, em R'lyeh. (Veja *The Call of Cthulhu* - Lovecraft).

¹⁸ *Zain* significa uma 'espada'.

¹⁹ Libra, cuja letra é 'L'. As escamas sugerem a carne escamosa dos marinheiros.

²⁰ Veja *Fora dos Círculos do Tempo*, citação inicial.

²¹ YZDI = 31 = AL.

²² Isso identifica a Estrela da A.'.A.'. com a Estrela dos Yezidi denotada na Árvore da Vida pela Sefira Yesod.

²³ *Necronomicon*, p.166, edição Schlangekraft.

²⁴ *Livro dos Mortos* (tr.Budge), p.421.

²⁵ Dois = Beth = Ambos.

O conceito Homem existe apenas em função de seu oposto, ou não homem reflexo, o princípio não humano que está oculto ou latente no coração do homem²⁶ e que é a fonte da Manifestação.²⁷ Tal equivalência demonstra a identidade das duas correntes. Outra prova de identidade pode ser encontrada na natureza da Grande Obra, que comporta a exaltação da Filha ao trono da Mãe²⁸, que é precisamente a exaltação tipificada pela ascensão de Cthulhu do Abismo.

A sucessão dos éons está implícita no simbolismo de Maat, cujo glifo é o líquido L, hulu, emergindo de ou projetado por Set ou Set-hulu, uma variação fonética de Cthulhu. Somente desta forma o número místico das Qliphoth, 66, *pode* ser reconciliado com a Grande Obra, pois o Mundo das Conchas tipifica os Mortos, as Forças das Trevas (Nox) fora da Luz da Consciência (Lux) que, em última análise, devem ser integrado com a consciência da humanidade, [29 a](#) fim de iniciar o Aeon de Maat como esboçado em *Liber AL*. O processo está implícito na palavra Makhashanah - que não é, como Crowley supôs, outra forma da Palavra do Aeon, mas a fórmula mágica de Tutulu, Kutulu ou Cthulhu, o Profundo.

²⁶ “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. (AL.I.3).

²⁷ Ver nota 17.

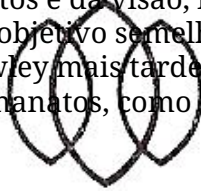
²⁸ Isso se refere à Fórmula do Tetragrammaton, que foi exaustivamente tratada em minhas trilogias. Uma forma simplificada disso é dada em Crowley's *Magick*, p.160 (edição de Grant-Symonds).

²⁹ A palavra 'humano' ou 'ooman' significa 'de mulher nascida'.

3

O Espírito Não Familiar Zos vel Thanatos

BAUDELAIRE sugeriu que a exacerbação extrema dos sentidos pode causar um refinamento final dos sentimentos e da visão, levando a um esboço de estética pura. Rimbaud foi mais longe e, com um objetivo semelhante, anunciou uma fórmula de total perturbação dos sentidos. Crowley mais tarde adotou esta fórmula com diligência e Austin Osman Spare - ou Zos vel Thanatos, como é conhecido pelos iniciados - foi outro alquimista estético desta ordem. ¹



Há um certo estado de consciência caracterizado por uma estranha pericorese em que os sentidos mundanos, exaltados e infundidos com a vontade magicamente carregada, atraem influências misteriosas do Exterior. A interação dos elementos deste mundo com aqueles desse outro universo conhecido como Meon ² cria uma realidade ultradimensional à qual os artistas (ou mágicos) mais sensíveis sozinhos são capazes de responder criativamente.

Austin Spare demonstrou visualmente o valor das nostalgias reverberantes como um meio de mimese mágica e controle dos sonhos. Proust também demonstrou esse valor, usando instrumentos como a madeleine e a 'pequena frase' de Vinteuil como chaves vibratórias. Proponho aqui tratar da feitiçaria de Spare, que teve sua origem na cultura das bruxas ameríndias refratada por Yelg Paterson, que afirmava ser descendente de bruxas de Salém. O papel desempenhado por essa mulher no início da vida de Spare foi registrado em minhas *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*. No entanto, desde a publicação desse livro, surgiram mais informações sobre o guia espiritual de Yelg, Black Eagle. ³ Essa entidade era o 'controle' por trás de vários covens, dois dos quais dirigidos por Yelg Paterson. Ela alegou que a Águia Negra era proveniente de Narragansett. Os leitores de Lovecraft se lembrarão de alusões a esta tribo em conexão com os Exteriores. Não é geralmente conhecido que depois que Yelg Paterson morreu Black Eagle 'focalizado' através de Spare. O envolvimento deste último com várias organizações espiritualistas, e o fato de que um proeminente defensor do espiritualismo, Hannen Swaffer, foi um ardente defensor de Spare explica, talvez, por quê. Spare acreditava que Black Eagle inspirou muitos de seus desenhos e Oráculos, embora seja improvável que ele considerasse Black Eagle como algo além de um guia espiritual, o que quer dizer que é improvável que ele conectasse essa entidade com o Culto dos Velho

¹ Um expoente contemporâneo dessa Corrente, Michael Bertiaux, descreve nos papéis do Clube Choronzon as feitiçarias cósmicas que produzem a sinestesia suprema a que Baudelaire e outros aspiravam.

² Meon (MAON = 166) no mito árabe era "O Trono de Bel nos Céus". A palavra também significa vulva, que tipifica, como a *vesica piscis*, o Portal - neste caso, o portão de entrada de forças estranhas. Seu número, 166, denota *Caligo maxima*, a escuridão mais profunda (do Espaço Exterior). O Beth-Baal-Meon, segundo Inman, era "um templo de ritos lascivos", o que sugere a fórmula de Ágape (93).

³ Meu informante, que deseja permanecer anônimo, era um membro do coven das Bruxas liderado pela Sra. Paterson.

Alguns celebrados por Lovecraft, embora em seus últimos anos Spare tenha lido vários contos de Lovecraft. ⁴ Yelg Paterson era o elo entre este culto, cujos devotos ela conhecia como os 'Ventos Antigos', e vários escritores e artistas na Europa, Rússia e América (como Blackwood, Rohmer, Lovecraft, Roerich. Roerich é conhecido por ter traficado com extraterrestres e há razão para acreditar que Lovecraft teve contatos com alienígenas).

O coven liderado por Paterson parece ter sido um grupo fluido e nômade. Era baseado em South Wales, e ela é conhecida por ter invocado Black Eagle em uma região familiar ao presente escritor, embora ele não soubesse até muito depois da morte de Spare da conexão da localidade com Spare ou com Yelg Paterson. O incidente ocorreu nas ruínas de um edifício do século XII nas proximidades do qual foi encontrado, em 1944, um par de castiçais que, segundo opinião bem informada, são de obra florentina. Eles foram moldados na forma de uma cabeça de sátiro encimada em um pedestal delgado. A base é circular e ornamentada com gavinhas entrelaçadas em *baixo relevo*. Suponho que eles tenham feito parte da parafernália de um rito sabático celebrado nas

ruínas em tempos relativamente recentes, já que sua condição não sugeria um enterro prolongado. Na época da descoberta, eu não tinha conhecido Spare nem ouvido falar da Sra. Paterson, embora tivesse lido os livros de Spare nos quais não há menção dela ou de sua associação com uma bruxa.⁵ Quando mostrei os castiçais a Spare, apenas como esquisitices, ele por sua vez os mostrou a um psicometrista que lhe disse sem hesitar que tinham pertencido a uma bruxa. Spare achou graça, mas não os associou à Sra. Paterson e o assunto foi esquecido até 1980, quase um quarto de século após sua morte. Foi revivido pelo meu contato com uma senhora idosa que alegou ser membro do Coven de Yelg Paterson por volta da virada do século atual. Dessa fonte eu obtive informações sobre a ligação da Bruxa Paterson com os Antigos, cuja existência, até onde eu sei, Spare estava alheio. A informação explica não só sua associação com os castiçais, mas também o papel da Águia Negra no *Zos Kia Cultus*.

Como exemplo da afinidade desse culto com os Antigos, conforme descrito por Lovecraft, incluirei aqui um ritual fornecido por meu informante. É conhecido como 'O Entreating of the Stones' e dizem ter sido usado antigamente pelos índios Narragansett em seu tráfico com os Exteriores. Os leitores da recensão de Derleth do relato de Lovecraft de *The Lurker at the Threshold* serão lembrados das diretivas dadas no Testamento de Alijah Billington ao seu legatário, entre as quais apareceu a injunção de não "implorar as pedras", nem " abre a porta que leva a um tempo e lugar estranhos ".⁶ Não sobreviveu nenhum comentário escrito sobre o Ritual, mas uma citação bíblica aparece marginalmente, embora não nas mãos de Spare; está aqui incluído no lugar apropriado. Em um preâmbulo do Rito, muito difuso para inclusão aqui, é declarado que o número de pedras a serem usadas irá variar de acordo com a natureza, e outras afinidades, da entidade elementar evocada. Eles são classificados, junto com os quatro elementos, da seguinte forma:⁷

Para Água, Syth Ooloo, três pedras; para Fogo, Syth Odowogg, seis pedras; para o Ar, Hru Syth, oito pedras; para a Terra, Shognigoth, cinco pedras e assim por diante. Os nomes, para os quais não consigo rastrear nenhuma fonte americana conhecida, são provavelmente variantes, até mesmo raízes, de certos nomes-chave relacionados com o *Necronomicon mythos*. Syth Ooloo sugere Cthulhu; Syth Odowogg pode ser Yog Sothoth ou Ossadagowah;⁸ Hru Syth é uma metátese fácil de Hastur, e Shognigoth descreve Shub-Niggurath de maneira razoavelmente satisfatória. Não apenas esses nomes parecem parecidos foneticamente, os elementos atribuídos a cada um deles se aproximam daqueles atribuídos a eles na recensão de Derleth-Lovecraft dos *Mythos*. Uma confirmação adicional é sugerida pelos números das pedras, que correspondem às funções das entidades envolvidas: 3, Binah-Saturno, o Grande Abismo, residência de Cthulhu; 6, Tiphereth-Sol / Fogo, Yog-Sothoth, raiz de 666, o Espírito da Corrente Solar-Fática; 8 Hod / Mercúrio, Ar, Hastur, o Mensageiro Alado; 5, Geburah / Marte, onde a correspondência é com a Cabra de Mil Jovens (Shub-Niggurath) como o tipo de cabra Kali distinta

⁴ Há um pastel de Spare intitulado 'The Sun is Sick' (reproduzido em *Images & Oracles of Austin Osman Spare*, p.54). Foi sugerido por uma passagem em "The Call of Cthulhu".

⁵ Há, no entanto, um retrato da Sra. Paterson em um dos desenhos que ilustram *The Focus of Life*.

⁶ *O Lurker no Limiar*, p.10. Veja a *bibliografia*.

⁷ Eu me abstenho de incluir as correspondências etérea e subelementar, que seriam inúteis para um operador sem experiência prática da técnica de Ressurgimento Atávico de Spare ou alguma fórmula semelhante.

⁸ Consulte *O Lurker no Limiar*, p.186.

da cabra Pânico de Atu XV (Tarot). O número 5 é o 'número da mulher' e denota a terra como carne congelada de sangue, mas também é o número *por excelência* dos Grandes Antigos, o número sobre o qual todo o seu Cultus e arquitetura são fundados.

O texto próprio do Ritual agora começa:

“ *Ponto 1:* Sente-se à esquerda do centro de um Círculo delineado por conchas do mar. (O diâmetro do Círculo depende da natureza mágica da entidade, ou entidades, invocadas).

Ponto 2: Cada pedra deve receber o nome de seu reflexo no Grande Abismo. Este ponto pode ser considerado como cumprido quando uma forma definida parece emergir de cada pedra e ofuscá-la, o que não acontecerá se a imagem não for uma emanção verdadeira da pedra, mas uma mera construção mental ou astral.⁹

Ponto 3: Visualize linhas de força emanando das pedras. Isso criará um número específico de médias que convergirão para o operador.

Ponto 4: Através do reflexo espectral do (s) Espírito (s) obtido (s) projeta-se um simulacro luminoso do espírito de cada pedra, girando assim uma teia de luz energizada pela Vontade¹⁰ (desejo) de penetrar nos espaços internos responsivos aos elementais (entidades) dos espaços exteriores como incorporados no feiticeiro.

Ponto 5: Torne - se um cadáver, conforme ensinado por Zos Ka,¹¹ e visualize o *Hro*¹² que se segue como uma explosão brilhante perto do centro da teia de luz.¹³

Ponto 6: Este Ritual manifesta a Vontade Mágica do feiticeiro no momento *de Hro*. Esta Vontade se reificará em tantos dias, horas ou minutos até mesmo, conforme houver pedras no Círculo. Se o rito for realizado diariamente, será considerado desnecessário e, talvez, imprudente pensar nele em qualquer momento que não seja durante os momentos que precedem o sono. O Ritual inteiro deve então ser visualizado, ponto por ponto, e a Operação deve ser selada com a Estrela¹⁴ para abortar a manifestação prematura no sono. Por outro lado, se a realização no sonho for desejada, então a Sea-Star¹⁵ deve ser traçada na atmosfera astral acima do Círculo. Se uma reificação etérea for necessária, as pedras devem ser lavadas no mar e coletadas sob a lua cheia no espaço entre duas marés.”

O documento é notável, senão pelos nomes das entidades invocadas. Parece haver pouca dúvida de que são variantes de nomes-chave encontrados no *Necronomicon*, e seria de interesse saber como a Sra. Paterson os encontrou mais de duas décadas antes de sua primeira aparição em um trabalho publicado. Este é um mistério que se compara à inclusão de Crowley em *A Visão e a Voz da Palavra Tutulu*, já discutida.¹⁶

Syth (Set ou Süt) tem o valor de 470 e de 710. 470 é o número de DVR DVRIM, 'eternidade', literalmente 'um ciclo de ciclos' ou um 'aeon de éons'; e de OTh, 'Tempo' ou 'um período de tempo'. 710 é o ShITH caldeu, que significa 'seis'. Isso indica a corrente solar-fálica, cuja forma lunar é 666, o Espírito do Sol. 710 é também o número de IRK, 'a coxa', indicando assim a natureza Tifoniana da corrente. Isso é trazido à tona com mais força no complexo cristão *Pneuma Hagion* (710) 'o Santo

⁹ '... pois eu vos digo que Deus é capaz, destas pedras, de suscitar filhos a Abraão'. (Mat.3: 9).

¹⁰ Vontade, Desejo, Crença são a 'sagrada trindade' de *Zos Kia Cultus*.

¹¹ Isso lembra a 'Postura de Morte' de Zos. Ziska foi o nome *dado* por Sidney Horler a um Vampiro, em um romance que sugere que Horler, como Sax Rohmer, estava a par desses mistérios.

¹² Cfr. Hríliu (Ver *Liber 418* (Crowley), 2o Aethyr).

¹³ ou seja perto do operador no círculo mágico.

¹⁴ Isso poderia ser uma referência ao Ritual Menor de Banimento do Pentagrama. (Veja *Magick*, pp.451 et seq).

¹⁵ O Pentagrama de Invocação da Água (?).

¹⁶ Veja o capítulo 2.

Ghost', que é de natureza feminina. 710 também é DRUK, o 'Dragão do Trovão', totem do culto dos Drukpas.¹⁷

Observe nos nomes a recorrência da letra Tau, que é conhecida como Selo de Set. Crowley observa (*Magick*, p.416): “ShT (Set) é a fórmula deste Aeon particular”, o presente Aeon de Hórus estando implícito. ¹⁸ Observe também que Shognigoth contém a palavra Shoggoth, um tipo de zumbi encontrado na recensão de Lovecraft dos Mitos de Cthulhu. Syth ou Seth era sinônimo de Typhon e denota, de acordo com Plutarco, 'voltar' e 'ultrapassar'. A cauda ou coxa era um tipo que se tornou a pena de simbologia posterior, daí a Pena de Maat que denota o *fim* do Aeon de Hórus. ¹⁹ Como Set permanece uma parte de sua mãe (Typhon), seu excremento ^{20 por} assim dizer, a cauda indica a fonte da estação de manife e, como tal, forma a base da fórmula do XI^o OTO. Enfaticamente não é uma fórmula envolvendo homossexualidade. A boca do morto ²¹ foi aberta pelo sacerdote. Em um ritual associado ao nome do Rei Amenófis I, o enxó, flecha ou instrumento de abertura é descrito como o Falo de Set.

Set era adorado como o 'deus da fronteira', não por causa de uma associação histórica com o deserto onde seus centros de culto floresciam, mas por causa de sua afinidade com forças externas, além das fronteiras do cosmos. Seth é o deus do trovão (perturbador da paz) e um 'estrangeiro', ou seja, uma força alienígena ou extraterrestre. Isso explica a veneração do deus nas fronteiras terrestres. Set é o estranho como o 'deus das fronteiras e dos países estrangeiros'. De acordo com AHGardiner (*Sallier Papyrus*), os Hyksos, ou Hekshus, adoravam Seth:

O rei Apófis fez dele Seth como senhor, e ele não serviu a nenhum deus que estava na terra, exceto Seth. E ele construiu para ele um templo como uma casa perfeita e eterna ao lado do palácio do rei Apófis. Ele apareceu ao raiar do dia para fazer os sacrifícios diários ... a Seth, e os grandes vieram à sua presença com ramalhetes, como é feito no templo de Re-Herakhty.

Em seu ensaio sobre Seth, que sugeriu algumas das minhas observações anteriores, Velde ²² - erroneamente em minha opinião - tenta igualar os Hekshus aos semitas em vez de reconhecê-los como os draconianos originais. Especulações a respeito de Sete como “o estrangeiro divino”, no sentido de um deus importado para o Egito pelos judeus, são errôneas. Seth era o estranho, ou estranho, no sentido apenas de uma influência por trás da Árvore da Vida. Foi depois que a adoração de Set foi ofuscada por cultos posteriores, que de ter sido venerado como um “estrangeiro divino e temido iniciador em uma forma diferente de existência” ele foi degradado ao papel de um assassino demoníaco, um poder caótico.

Com tais considerações em mente, torna-se possível analisar de forma inteligente os nomes que aparecem no Rito das Pedras. ²³ *Syth Ooloo* pode ser avaliado em 780, o número de ION 'um animal uivante do deserto, um nome de Baal correspondendo a Pan'. Íon deriva do egípcio 'an', o macaco, um tipo de fala. Íon significa 'proferir', 'falar', 'cantar', 'uivar'. Sepermeru, o centro de culto de Set no 19^o Nome do Alto Egito, significa "próximo ao deserto". A fronteira ou deserto é o lugar do chacal uivante, um totem de Set. Velde reproduz uma placa que mostra uma entidade com cabeça de asno com um arco na mão esquerda e uma flecha na direita; estes são um símbolo de Sothis. Abaixo da figura, as iniciais das palavras coptas, traduzidas como “deus gritando - ou uivando - terrivelmente”, formam um acróstico do nome de Seth. Esta divindade tornou-se o bode expiatório do zelo religioso pelos deuses egípcios nacionais, primeiro como Força estrangeira ou alienígena e depois como um deus do deserto.

¹⁷ Cfr. *Dropas e Drácula*, o dragão sugador de sangue da Tradição Draconiana.

¹⁸ "Seth, de grande força, filho de Re, o Ombita, o escolhido de Re-Herakhty" (ou seja, Ra-Hoor-Khuit). (*Livro dos Mortos*). Ombos era a casa ou centro de culto de Set e Typhon que eram adorados no santuário de Sebek-Ra, cujo totem era o crocodilo (ou seja, o dragão).

¹⁹ Cfr. AL.I.66.

²⁰ ou seja seu DM. ou reificando shakti (a corrente menstrual / lunar).

²¹ A palavra "morto" "aqui significa matéria inerte tipificada pelo" excremento "de Typhon, o agente materializador do qual os mortos são ressuscitados.

²² *Seth: O Deus da Confusão*.

mon evocado apenas por feiticeiros. Como no caso de Lovecraft, séculos depois, o pavor subjacente não era de estrangeiros humanos, mas daquelas dimensões alienígenas cujo deus era tipificado por Set.

A conexão de Set com o Exterior é indicada em uma estátua dele, agora em Copenhagen,²⁴ que foi transformada em uma imagem de Khnum, o oleiro divino ou criador de homens. Khnum tem cabeça de rã e a rã é um totem dos Profundos e dos Vaulters dos Caminhos²⁵ atrás da Árvore da Vida.

Finalmente, o nome *Syth Ooloo* (Sythulu) resulta em 752, o número de Satanás, que é o nome dado por aqueles que temem os Exteriores a Shaitan ou Set.

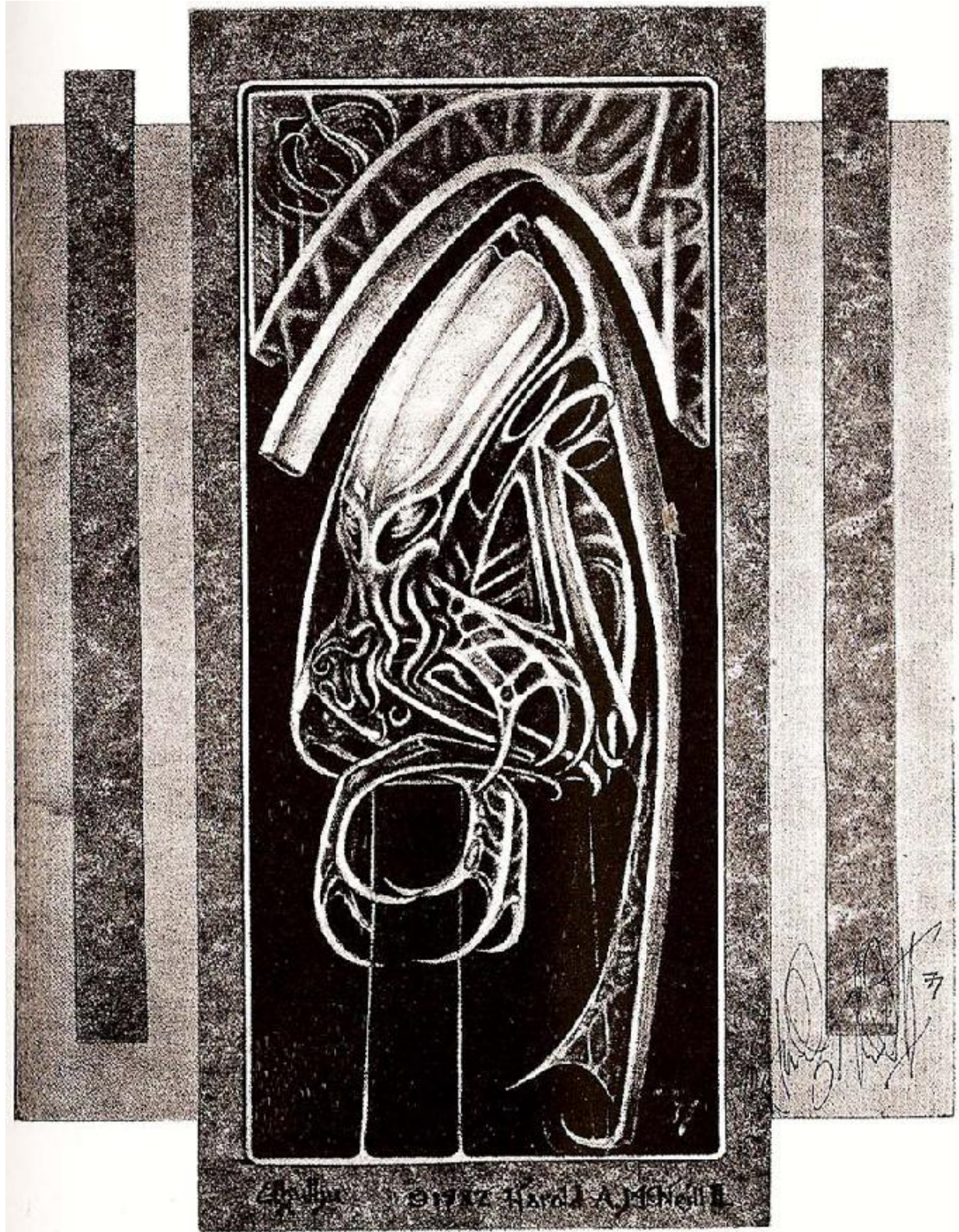
O nome Syth Odowogg tem o valor de 936, um dos números mais importantes da Gnose Sethiana. Orthrus, a progênie de Typhon e Echidna e irmão do cão infernal Cerberus, também tem este número cujo significado completo deve ser estudado em conexão com o Aeon de Maat.²⁶ Orthrus é a estrela-cão, Sirius, também conectado com o cão do inferno e com Osiris (uma metátese de Sirius) o deus dos 'mortos'. 936 é também o número de Kether, escrito por extenso, ao qual se atribui Plutão, também simbolizado por um cão. Outro número de *Syth Odowogg* é 696, o número de IPSOS, a Palavra do Aeon de Maat e de Nagriksamisha.²⁷ Odowogg contém o Od e o Yog. O nome lembra *Sadowogguab*, o sapo preto típico dos Deep Ones e dos Leapers batráquios.

Hru Syth é uma forma de Heru-Set, o deus gêmeo, uma variante de Hastur dos Ventos Antigos, o ar sendo o elemento de Hórus como o falcão / águia e de Set como o corvo / corvo. O número de *Hru Sytb*, 681 = ThRVOH, 'o som de uma trombeta' (rei dos instrumentos de sopro), e de 'um grito de alegria' que lembra *briliu*, o 'grito estridente do orgasmo'.²⁸ Hriiliu é a Palavra da Pomba,²⁹ a ave do Ar também atribuída a Vênus. Sua associação com o lamen da OTO foi explicada em *Nightside of Eden*.

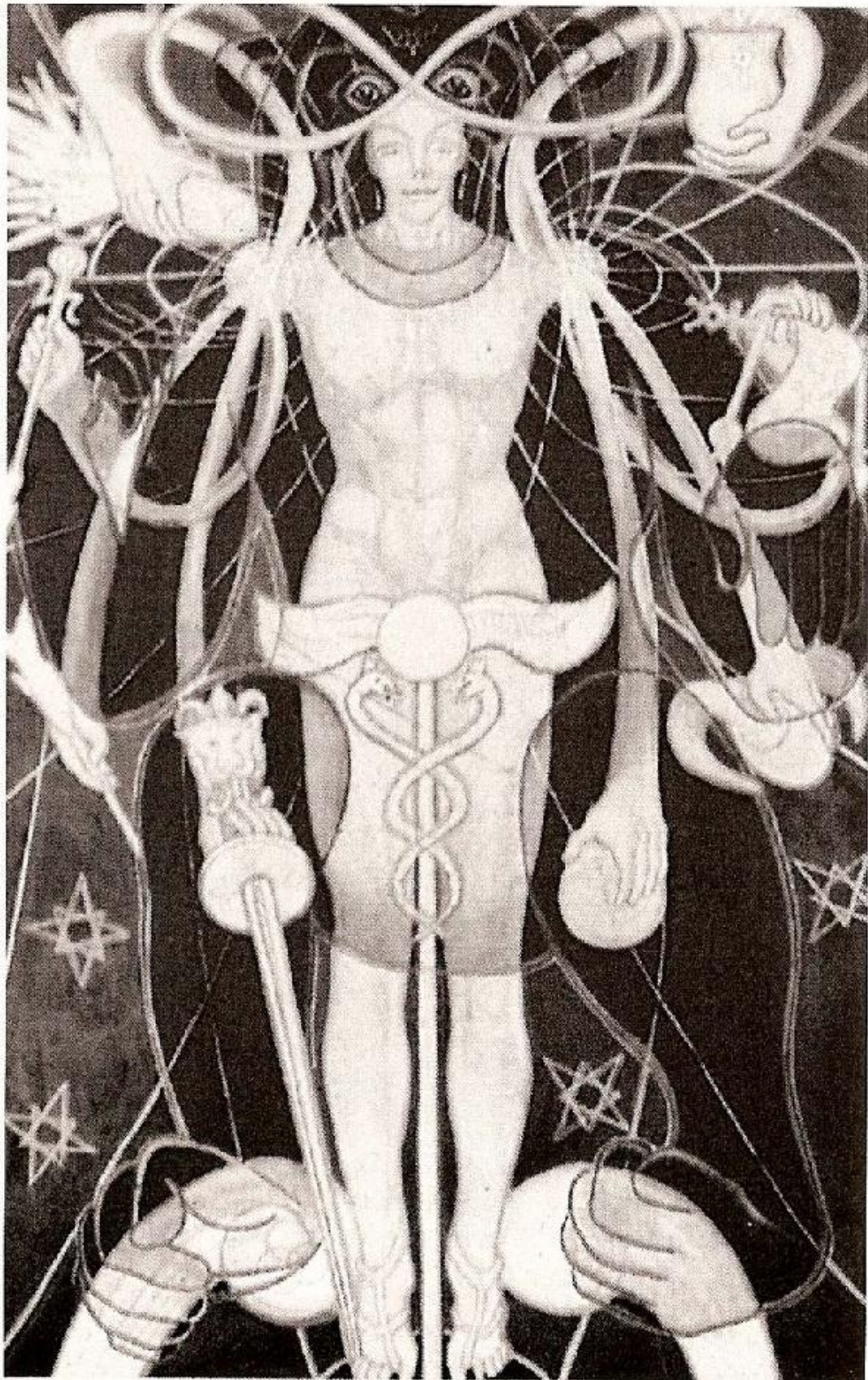
Shognigoth, 906, enumera ThVLOTh, 'o verme', o tipo de túnel e assombração de tumbas que simbolizam o interior da terra, os espaços internos que constituem a quarta dimensão do elemento terrestre. A conexão mortuária é enfatizada pela equação do número com ChONChON, um pássaro noturno semelhante a um abutre, uma forma assumida por bruxas pertencentes a um ramo secreto do culto às bruxas sul-americano. Explicado como ShVGNIGVTh, Shognigoth é um a mais que 777, o número de OVLM HQLIPVTh, 'o Mundo das Conchas', e de DGON, Dagon, 'Senhor dos Profundos', neste caso os Internos da Terra. 778 é o número de STANAKU (Satanaku) ou Plutão cujas cavernas secretas estão cheias de 'abominações'. O número indica, enfaticamente, a natureza interna subterrânea dos Shognigoth.

Desde a publicação de *Images & Oracles* (1975), nova luz foi lançada sobre as afinidades ocultas de Spare com os Antigos. Agora é considerado provável que o nome Yelga, até então supostamente o primeiro nome da 'mãe-bruxa' de Zos, Sra. Paterson, seja na verdade Yelder, que não é um nome, mas uma designação. Spare sofria de uma leve dislexia que ocasionalmente afetava sua fala e sua escrita. Exemplos são sua pronúncia incorreta do nome de seu amigo, Hannen Swaffer, como Swather, e sua convicção de que, ao ilustrar (para Bodley Head em 1911) *The Starlit Mire*, ele iluminou aforismos compostos pelo filósofo Bertrand Russell quando, em Na verdade, o livro teve dois autores, James Bertram e F. Russell.

- ²⁵ Veja *Cults of the Shadow* (Grant), capítulo 9, e em outras partes das trilogias, para uma discussão sobre os *Voltigeurs*.
²⁶ Veja *Fora dos Círculos do Tempo* (Concessão).
²⁷ Ver *Outside the Circles of Time* (Grant), capítulo sobre *The Forgotten Ones*.
²⁸ Ver *Liber 418* (Crowley), 2o Aethyr.
²⁹ Veja *O Coração do Mestre* (Crowley), p.14.



2. *Cthulhu* por HAMcNeill II



3. *O mágico*. Desenhado por Crowley e pintado por Lady Harris.

Spare, como Crowley, às vezes mergulhava nas obras eruditas sobre bruxaria produzidas pelo Rev. Montague Summers. Na obra desse divino, *The Werewolf* (1933), página 29, aparece uma referência a “ bruxas de olhos amarelos ”. A palavra 'mais amarelo' pode muito bem ser uma elisão de 'Vós', que Spare sem dúvida considerou

aplicável à idosa Sra. Paterson. No entanto, a palavra sofreu ainda mais erosão e saiu de seus lábios como Yelga. Em consideração à conexão da Sra. Paterson com os Antigos e os Deuses Antigos, conforme focado por meio da Águia Negra, a aplicabilidade do termo agora parece ter sido singularmente apropriada. O que é certo é que por meio da Sra. Paterson, Spare foi habilitado a traficar com entidades ocultas que eram sobreviventes de bruxaria antiga e, com base em sua experiência delas, desenvolver um sistema ou feitiçaria único.

Na página 186 de *The Lurker at the Threshold* aparece o seguinte:

O sábio indiano, Misquamacus, 'encantou o Daemon' a um buraco no que havia sido o centro do círculo de pedras de Billington, e lá o aprisionou sob - a palavra é ilegível, mas provavelmente é 'laje' ou 'pedra' ou algo semelhante, esculpida com o que eles chamam de *Sinal Antigo*. Eles o chamaram de Ossadagowah e explicaram que era o "filho de Sadagowah", o que sugere instantaneamente uma das entidades menos conhecidas do padrão mítico que estivemos examinando: Tsathoggua, às vezes conhecido como Zhothaggua ou Sodagui, que é descrito como não -antropomórfico, preto e um tanto plástico, de origem protéica, de adoração primitiva. Mas Misquamacus o descreveu como "às vezes pequeno e sólido, como um grande sapo do tamanho de muitos porcos-terrestres, mas às vezes grande e turvo, sem forma, embora com uma face que tinha serpentes crescendo a partir dele".

Em seguida, é indicado que essa descrição pode se adequar a Cthulhu, ou talvez, Nyarlathotep. Mas também está de acordo com as descrições de Yog-Sothoth. Em uma de suas cartas, Lovecraft se referiu a essa entidade como Tsa-thoggua (Sadoquae).³⁰ Os números desses nomes e suas variantes são esclarecedores, especialmente a propósito da referência ao 'círculo de pedras de Billington', o que sugere uma conexão com o ritual em discussão.

Ossadagowah é descrito como "Vós, filho de Sadogowah" e um "espírito assustador que desceu das estrelas".³¹ Um dos números de Sadogowah, 251, é o de *Vrihl*, a misteriosa força mágica mencionada por Bulwer Lytton em *The Coming Race*.³² 251 é o número de MNB SNMT, o Pai de Ankh -af-na-Khonsu, o que sugere uma conexão com o culto de Nuit e com o ambiente estelar de Ossadagowah. é também o número de REMU, que é traduzido por Budge (*Livro dos Mortos*) como 'A Cidade dos Peixes', que é significativo, tendo em vista o fato de que 251 é o número de 'Annedotus', o 'repulsivo'.³³ Um número alternativo de Ossadagowah é 281, que é o de *Restau*, 'a tumba, a morada dos mortos' e dos vermes ou serpentes da terra que guardam os corredores ou túneis de Set no reino de Seker. Os vermes "viviam dos corpos ... e se alimentavam de seu sangue" (*Livro dos Mortos*). 281 é também o número de *Sang Po*, o vale em que Dickhoff e outros localizam a fabulosa Shamballah, a cidade subterrânea.³⁴ Como 461, Ossadagowah equivale a uma forma de Aossic, um Antigo atualmente focalizado pela Cabeça Externa, ou a Cabeça Externa, do *Ordo Tempil Orientis*, OTO.³⁵ É também um número de OAHSpe, uma revelação moderna que fala do tráfego com entidades além da terra.

O nome Tsathoggua tem o valor de 574, que é o de uma palavra caldéia com 'um significado geral de movimento' (IRChShVN) que é aplicável ao saltador em forma de sapo, outro elo com os Profundos. Uma forma variante é Sadogowah, o pai de Ossadagowah; seu número, 220, é o de Aghar-

³⁰ *Cartas selecionadas*, Volume V.88.

³¹ *O Lurker no Limiar*, p.20.

³² Ver *Outside the Circles of Time* para uma análise deste conceito que está conectado com os mistérios de *Hriliu*; também *Cosmic Trigger* (Wilson), p.58.

³³ Annedotus = Oannes. A pomba, o yoni e o peixe Oannes são chamados *musaros*, "impuros", "sujos", uma "abominação". A imagem de um peixe é descrita no *Necronomicon* em conexão com "hordas de demônios que atacam à noite". (Schl. Recension, p.91).

³⁴ *Agharta* (Dickhoff), 1951.

³⁵ Ver *Fonte de Hécate* (Grant).

ta, uma forma de Restau ou cidade subterrânea de minhocas e peixes. ³⁶ 220 é também o valor *Oi NPILIM*, os *filhos de Anak* o gigante ou *Great Old One*. ³⁷ Para os Thelemitas, o significado do número 220 é fundamental, sendo o número de versos em *Liber AL*. Este grande grimório foi de fato, e por essa razão, designado *Liber CCXX* antes que o nome posterior fosse atribuído a ele. É também o número de GRZI, 'terra deserta ou lugares abandonados', tipificando a morada de Set.

Finalmente, uma forma de Sadogowah - Zhothagguah - tem o valor de 501; ele é descrito ³⁸ nos mitos de Lovecraft como “a anormalidade em forma de sapo de N’Kai”. N’Kai é descrito ³⁹ como 'preto' e 'sem luz': “É de N’kai que o terrível Tsathoggua veio ... a criatura amorfa semelhante a um sapo mencionada no ... *Necronomicon* ”. O número de N’kai, 81, é o número místico da lua e a fórmula da bruxaria presidida por Hecaté. É o número de KSA, a 'lua cheia', cujo primeiro dia tipifica o 'ponto de retorno'. ⁴⁰ KSA também significa 'um trono', símbolo de Ísis e de KALKI, o cavalo branco no qual Lord Maitreya ⁴¹ aparecerá com uma espada desembainhada resplandecente como um cometa. A espada é *zain*, o cometa é o veículo (OVNI) no qual o avatar aeônico de Maat retornará à Terra. Quando isso ocorrer, Cut-Hali (Cthulhu) “morto, mas sonhando” surgirá das profundezas. N’Kai é o lugar escuro e profundo, o Amenta dos Kamites, o Kia de Spare, o lugar das sombras que é, como o corpo de Osíris, lembrado no Ritual. Como está escrito no Texto Magan: ⁴² “Lembrar é a magia mais importante e mais potente, sendo a Lembrança das Coisas Passadas ⁴³ e a Lembrança das Coisas por Vir, que é a mesma memória”.

Além da fórmula de Ressurgimento Atávico de Spare, existem vários sistemas baseados na Memória Mágica. O fato de eles parecerem se relacionar predominantemente com as artes se deve em grande parte ao fato de que os registros visuais e escritos dos processos envolvidos têm maior probabilidade de sobreviver do que formas menos óbvias. A conquista de Marcel Proust é talvez primordial. Seu grande romance demonstra a função da memória inconsciente ou involuntária despertada por sensações fortuitas que evocam no presente uma nostalgia profunda, potente para reificar o passado adormecido. Como Anna Kingsford observou:

Aquele a quem a alma empresta seus ouvidos e olhos pode ter conhecimento não apenas de sua própria história passada, mas da história passada do planeta, conforme vista nas imagens impressas na luz magnética da qual consiste a memória do planeta. Pois na verdade existem fantasmas de eventos, jubas de circunstâncias passadas, sombras no espelho protoplasmático, que podem ser evocadas. ⁴⁴

A teoria da reversão protoplasmática de Arthur Machen traz o mecanismo mágico para o reino da transformação fisiológica real, como exemplificado em seus contos, *O Grande Deus Pan* e *A Luz Mais Íntima*.

No campo das artes visuais, Salvador Dali permanece supremo como um mágico que aperfeiçoou uma fórmula semelhante à qual acrescentou um processo de 'atividade crítica paranóica' energizado por obsessões delirantes que pertenciam, como no sistema de Spare, a um erótico pessoal estética que ele elaborou em um corpo fantástico de arte nuclear mística.

Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé, cada um contribuiu para esta corrente mágica. Rimbaud, com seu desarranjo sistemático dos sentidos para a produção de uma verdadeira visão poética; Baudelaire, com sua teoria de

³⁶ Ou seja, da Corrente Ofidiana e da morada dos Profundos.

³⁷ Cfr. a palavra egípcia *nakta*, "um gigante".

³⁸ *The Whisperer in Darkness* (Lovecraft), p.188.

³⁹ Essa palavra pré-humana foi depositada em vários dialetos africanos e mais tarde tornou-se o egípcio *Ankh*. Veja Massey, *A Book of the Beginnings* 1.209.

40 f. *Khes* egípcio, "reverter".

41 Uma forma de Maat-Ra-ia.

42 *O Necronomicon*. Schl. recensão, p.153.

43 Esse é o título de uma das tentativas mais significativas da literatura para explorar a natureza mágica da memória. Veja as observações *infra*. (Nota do presente autor).

44 *O Caminho Perfeito; ou The Finding of Christ* (Anna Kingsford), Field & Tuer, Londres 1882

Synaesthesia e seu sistema de correspondências; e as evocações sutis de Mallarmé da Presença pela Ausência, uma verdadeira mística de *Le Néant*. Posteriormente, o escritor surrealista André Breton enunciou teorias do desenho automático (esboçado por Spare) e da escrita que quintessencializou no slogan: "A beleza será convulsiva, ou não será". Convulsão, desarranjo, delírio, obsessão, reversão, nostalgia, êxtase, esses foram os principais elementos da Corrente.

Spare incorporou o cerne da doutrina em *O Livro do Prazer*. Naquela época (1909-1913), Crowley estava publicando *The Equinox*, para o qual Spare contribuiu com ilustrações, das quais apenas duas apareceram, o que explica a lista de títulos em *The Book of Pleasure*⁴⁵ de capítulos e ilustrações que foram omitidos de *O Equinócio*. Spare pretendia usar as ilustrações, mas nunca escreveu os capítulos sugeridos por elas. Sua substância, na forma de notas inspiradas em Yelda Paterson, foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial. Quando o conheci, convenci-o a reformular o material perdido. Ele o fez, e ele sobrevive na forma do Grimório de Zos, partes do qual incluí quase trinta anos depois em *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*.

É, portanto, necessário reconhecer e desenredar três vertentes na obra de Spare. A influência do *Equinócio* de Crowley é evidente em vários dos títulos dos capítulos acima mencionados, bem como em várias passagens no *Livro dos Prazeres* que tocam a magia, geralmente de uma maneira irrisória. Por exemplo, capítulos projetados intitulados 'A Missa Negra', 'Magia Negra com Proteção', 'Vampirismo', foram indubitavelmente sugeridos pelo caso da Sra. Horos, um relato do qual apareceu no *Equinócio*. Mas a maior influência ocultista na vida de Spare fluiu através da bruxa Paterson. As doutrinas que ela ensinou são facilmente reconhecíveis em capítulos como 'Profecia', 'Presságios', 'Oráculos', 'Superstições', 'Excitação de Amor', 'Uso de Feitiços e Encantamentos em Homens e Animais'. A terceira influência, a mais elusiva, embora talvez a mais poderosa, veio também através da Sra. Paterson, embora seja duvidoso se ela (ou Spare) estava ciente de sua proveniência. Esta foi a corrente encarnada na Águia Negra, que transmitiu a influência dos Antigos. Essa influência formou a base metafísica da feitiçaria de Spare. O 'Eu' Atmosférico, ou Kia, o ciclo transcendental de Zos-Kia, o Alfabeto do Desejo e o sistema de Símbolos Sencientes que estão na raiz da Fórmula do Ressurgimento Atávico.⁴⁶

O abutre, ave da noite e totem do Kia, é a sombra da águia, o falcão dourado ou ave da luz. Eles tipificam as quinzenas claras e escuras, ou kalas representados na Gnose Kamite como Set e Horus. Águia negra uniu em uma imagem os elementos de luz escura e sombra de substância .

A corrente de feitiçaria de Salem foi continuada através da Sra. Paterson. Resultava diretamente - e quase certamente desconhecido para ela - da infinitamente antiga feitiçaria tipificada como a terceira vertente. Essas correntes tornaram-se inextricavelmente fundidas na feitiçaria de Mrs. Paterson e muitas das ideias que transmitiram foram posteriormente consagradas por Spare na forma de discos pintados e yantras circulares encontrados listados nos catálogos de suas exposições sob o título genérico 'Discos Voadores'. Também se podem detectar indícios, como no título do capítulo 'A Festa dos Super-sensualistas' dos repastos abomináveis dos Feiticeiros de Lêng, e novamente em 'O Modus Operandi na Alegria da Festa Redonda'. Uma olhada nos catálogos de seu período posterior (1949-1955) é suficiente para dissipar qualquer dúvida quanto à origem do uso de Spare do termo Discos Voadores. Foi baseado na descrição de Kenneth Arnold dos fenômenos que desde então formaram a base de uma nova ciência e uma nova mitologia. Mas a adoção do termo por Spare não foi apenas um

reconhecimento humorístico, mas uma afirmação do renascimento daquela antiga feitiçaria incorporada na corrente mágica transmitida de Fora pela Águia Negra.

Nos últimos anos, o significado oculto da Águia talvez tenha sido melhor expresso por Carlos Castaneda, ⁴⁷ mas o simbolismo do Abutre não foi avaliado em termos relevantes para os Antigos. A associação íntima de Spare com o abutre parece ter sido ratificada para ele além

⁴⁵ Veja a nota de Spare na introdução.

⁴⁶ Para uma discussão completa desses conceitos, consulte *Images & Oracles of Austin Osman Spare*. Devido ao surgimento em 1989 de uma versão mutilada e pirateada deste livro, é necessário afirmar que a única publicação autêntica deste, até o momento, é a de Frederick Muller, 1975.

⁴⁷ Ver *O Presente da Águia* (Castaneda).

dúvida quando seu braço direito foi paralisado por uma explosão de bomba durante a Segunda Guerra Mundial. ⁴⁸ Este pássaro é o totem dos Feiticeiros de Lêng e seus repastos necrófilos. É também emblemático da Postura da Morte, um fator importante na fórmula do Ressurgimento Atávico, ou ressurreição, que é central para a feitiçaria de Spare. A Postura da Morte não é um mero paralelo do sono magnético iogue, é o asana da negação que exclui todas as influências "externas". É uma projeção positiva das forças de Amenta, o mundo dos 'mortos', ⁴⁹ cujas vibrações foram celebradas por Spare na 'Canção do Negativo'. ⁵⁰ O título do livro que o contém denota a terra infernal ou interior (Amenta). Quanto ao simbolismo do abutre, deve-se observar a equação semântica abutre = vontade. Em *Little Essays Toward Truth*, Crowley identificou o *Chiah* (Kia) com a Vontade (Thelema, 93). É significativo que Kia de Spare, o 'Atmosférico I', tenha o valor 31, que é 'a Chave' do *Livro da Lei* e que é a fórmula raiz da Trindade Supernal AL LA LA vibrada por Frater Achad em 1926 como a Palavra do Aeon (de Maat). ⁵¹ O Kia de Spare pode ser considerado, sob esta luz, como um esboço do Novo Aeon anunciado por Achad dez anos depois, e pode, portanto, ser demonstrado como procedente dos Grandes Antigos de quem a Águia Negra era um foco. O fato de a Sra. Paterson ter sido escolhida para transmitir esta influência não é surpreendente, e não é sem precedentes na cena OVNI, onde os fenômenos freqüentemente se manifestam através de canais improváveis.

⁴⁸ Ver *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare*.

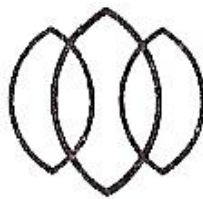
⁴⁹ O subconsciente no microcosmo. Consciência transcendental ou cósmica no macrocosmo.

⁵⁰ *Earth Inferno* (sobressalente).

⁵¹ Veja *Cultos da Sombra* (Grant), cap.8.

4

A dupla voz Atrás de Liber Al



THE *Livro da Lei* transmite várias vozes ou doutrinas, por vezes distintas, mas mais frequentemente equi- vocal, e eles afirmam um com o outro por trás da máscara da cabeça de falcão Hórus.

Hórus é um nome com tantos significados que, antes de tentar defini-lo, devemos apreender com firmeza seu significado fundamental, que é que *Hor* ou *Har* denota "a criança". O fato de o conceito nada ter a ver com qualquer criança física ou histórica já terá surgido em livros anteriores desta série. Nas tradições mais antigas, e percorrendo toda a trama dos padrões míticos da antiguidade, aparecem os Gêmeos, os dois filhos típicos da luz e da escuridão, os púberes e os impubescentes, e, nas fases escatológicas e teológicas posteriores de pensamento, o bem e o mal. Gerald Massey e outros deixaram bem claro que os gêmeos representam duas fases de uma única entidade.

Em *Liber AL* podem ser traçados três mitos idênticos lutando para ser enunciados, e a voz resultante permanecerá confusa e turva a menos que sua linguagem seja compreendida em relação ao estrato mítico específico de onde se originou. Eu mostrei em livros anteriores que as divindades mencionadas em AL - Had, Hadit, Ra- Hoor-Khuit, Hrumachis, Hoor-paar-kraat, Heru-ra-ha, etc., - são formas do filho Set, que era a primeira divindade masculina reconhecida e que foi tipificada como a estrela-cão. Embora primeiro como homem, ele era o oitavo no corpo de divindades estelares representadas pela Deusa das Sete Estrelas. Set formou a culminação, a altura ou oitava em relação à Mãe estrelada, Typhon (mais tarde Nuit) representada pelas sete estrelas da Ursa Maior. Este simbolismo é primordial e fundamental para todos os ciclos de mitos conhecidos pelo homem, e não há como escapar do fato de que no antigo Egito - onde o mito original foi preservado, mentalmente, em sua forma mais pura - Set era o primeiro Deus verdadeiro (distinto da deusa) a ser adorado.

Os cultos de Set forneceram os tipos míticos nos quais AL é fundado. Crowley, com sua ênfase no aspecto solar desse deus, um aspecto que surgiu em um período tardio nos ciclos dos mitos da antiguidade, obscureceu em um grau acentuado as questões reais levantadas pelo livro. Montague Summers, um estudioso completo e perspicaz, fez um comentário convincente sobre a concepção de Hórus por Crowley, um comentário que

merece mais atenção do que tem recebido até agora. Escrevendo sobre o grimório de Crowley, *Magick*, Summers observado:

Hórus aqui ¹ é apenas um nome, um nome falso e flamejante. Não tem nada a ver com Hórus, o filho de Ísis, o Senhor da Escada Celestial, o deus diurno adorado no antigo Egito. Este 'Senhor do Aeon', 'a Criança Coroada e Conquistadora', o 'Irmão Mais Velho', como ele foi chamado com medo e blasfêmia pelos degradados Maniqueus, é o Poder do Mal, Satanás.

São palavras duras e me enfureceram quando as li pela primeira vez, quando era um jovem, com pouca experiência dos ciúmes mesquinhos que podiam levar os sábios a publicar julgamentos imprudentes. No entanto, a crítica extravagante ficou presa em minha mente e pode ter sido um fator originador por trás da minha busca incessante por uma compreensão mais profunda de AL, pois direi no início que aceito Aiwass como a fonte de AL, assim como Crowley afirmou que seja. No entanto, na forma em que AL foi transmitido, ele reteve fortes traços da mente humana através dos quais foi refratado no papel. E aquela mente, apesar de seu brilho, apesar do rigoroso curso de treinamento mágico e místico pelo qual havia passado, provou estar curiosamente despreparada para receber a impressão de Aiwass. Permitam-me, portanto, afirmar que, em um sentido muito particular, o comentário de Summers não era totalmente incorreto. Ele havia percebido, mas vagamente, a dicotomia que fragmenta AL, e que faz dele, não uma transmissão coerente de uma única fonte, mas um caldeirão de elementos conflitantes borbulhando com correntes cruzadas de doutrinas mutuamente contraditórias, que podem ser sondadas somente por alguém que compreendeu profundamente o esquema do simbolismo egípcio e que possui uma visão sobre a tradição dos Ufologicks. ² Uma compreensão do primeiro pode ser adquirida pelo estudo das obras de Gerald Massey; embora exaustivos como são, eles não vão longe o suficiente, pois Massey era necessariamente inconsciente, em sua época, da Gnose em seu aspecto ufológico. Mesmo assim, as fendas em AL devem ser buscadas no aparelho receptor, a mente do escriba que, como a atitude de Crowley para AL demonstra eloquentemente, estava despreparado para assimilar, muito menos para transmitir, a corrente que o informava. A razão pode ter sido que a *alma mater* de Crowley, a Ordem Hermética da Golden Dawn, tem uma concepção inadequada do fator tempo envolvido na evolução do simbolismo mítico e religioso no mundo antigo.

A voz predominante em AL é a voz de *Har*, o filho da mãe, a deusa Tifoniana das sete estrelas que alcançou em *Har* sua apoteose ou altura; pois como o manifestador dos sete ele era o *oito*, ou altura, e 'um em oito', ⁴ a estrela no sul ⁵ que anunciava os Sete Grandes no norte. No simbolismo teológico, ele veio a tipificar a divindade masculina primordial nos céus porque, como o deus do sul, ele representou a parte dianteira do Espaço, como Typhon-Nuit, sua mãe, representou a deusa do norte. Crowley, cuja psicologia o dispôs apenas a aceitar o aspecto solar posterior do culto, foi desde o início um terreno inadequado para a sementeira de uma doutrina que se referia principalmente ao deus pré-monumental dos *Shus-en-Har*. Em um sentido estritamente mágico, os *Shus-en-Har*, ou devotos de Har, eram os "servos da Estrela e da Cobra" ⁶, ou seja, da Corrente Ofidiana em sua fase estelar e pré-solar.

É, no entanto, evidente a partir de cartas recebidas pelo autor que, apesar mesmo do trabalho exaustivo de Gerald Massey, ⁷ permanecem equívocos básicos sobre o duplo Hórus e o papel da criança mágica no sistema Thelêmico.

O assunto é ainda mais complicado pelo fato de que a morte de Crowley em 1947 ocorreu no limiar da Era Ufológica, desde quando se tornou possível avaliar certos

fenômenos como mais do que as fantasias fabulosas de mitologistas primitivos. É possível que o *Sbus-en-Har* que adorava o filho do 'Que Sempre Vindo' na forma de *hutit*,⁸ ou disco alado, estivesse prestando homenagem não a uma representação do sol e sua trajetória, mas estavam celebrando o arco que primeiro trouxe à terra a semente das estrelas. Pois o disco representou também o ciclo sempre recorrente do Tempo que se manifestou como o Novo

¹ ou seja como mencionado em *Magick*.

² *Witchcraft and Black Magic*, p.180.

³ Veja o capítulo 9.

⁴ "Tenho oito anos e um em cada oito". (*Liber AL*, II.15).

⁵ The Dog Star.

⁶ AL.II.21.

⁷ A dívida de Crowley para com Massey era maior do que a escassa mas significativa nota de rodapé em *Magick* (p.296) pareceria implicar.

⁸ Cfr. Hadit.

Aeon, ou *Filho* dos Antigos, ou seja, do Velho Ciclo. O filho do *su*⁹ é sinônimo da semente e do ovo e do ZRO atlante que, como nossa palavra *zero*, tipifica o círculo ou ciclo aplicado ao aeon, sempre vindo, sempre retornando. A criança que retorna também é típica do falo como Aquele que sempre vem, um título de Hórus. O conflito entre os devotos dos dois Hars - o Har (filho) da Mãe (Set-Typhon) e o Har do Pai (Horus-Osiris) - não era, como algumas autoridades supõem, racial, mas religioso conflito. A linhagem celestial, não terrestre, era motivo de discórdia. Com o passar dos anos, os ancestrais dos tifônicos terrestres passaram a ser tipificados pela constelação da Ursa Maior, conectada a mitos muito antigos inspirados por memórias obscuras dos primeiros colonizadores da Terra, e descendentes de sistemas estelares tifonianos. A linhagem solar, assim chamada, foi, em um mito posterior representado como vindo da lua, para pavimentar o caminho para aqueles de quem eles próprios eram um reflexo pálido ou uma projeção distorcida. 'Aqueles', cuja proveniência foi confundida com o sol, veio de Sirius

- o 'sol atrás do sol'. Eles foram os invasores posteriores e eles descendem da Estrela de Set que tipifica a altura, ou estrela mais exaltada, nascida de Typhon como a oitava de sua ninhada e o primeiro reflexo masculino ou "solar" da Mãe. Nesse sentido, apenas Hórus é o deus solar. Esta situação basicamente simples é a causa de toda a confusão e da divisão na maioria dos teologias terrestres antigos sobre a criança em questão, a criança dos Últimos Dias sistemas, tais como os representados na AL. Pois o 'sol' é o sol de Sirius (Set), não o sol ostensivo dos adoradores de Rá. Até que os elementos desta dupla linhagem tenham sido adequadamente peneirados, até que tenhamos entendido que duas evoluções distintas de uma semente idêntica têm lutado pela supremacia desde que a terra se tornou o campo de batalha, que as correntes gêmeas¹⁰ derivam de uma única fonte, permaneceremos incapazes para interpretar os símbolos dos ciclos dos mitos antigos ou para compreender as transmissões mais recentes dos mistérios, dos quais AL é talvez o grimório menos distorcido.

As lendas mais antigas estão repletas de referências a animais que supostamente foram os progenitores de raças, tribos ou famílias humanas específicas. O urso, o cão, o macaco, o crocodilo, etc., são todos totens zootípicos bem conhecidos de vários povos primitivos. Os mitos dos índios americanos¹¹ estão repletos de exemplos. Os escoceses, os Esquimauz, os africanos, os índios, também possuem uma rica herança de tipos que denotavam, originalmente, as constelações ou outros mundos no espaço e além. Há evidências para apoiar a tese de que as lendas que as envolvem contêm os confusos vestígios de memórias atávicas consagradas nos ciclos de mitos da antiguidade remota. Os mitos foram transmitidos de boca em boca (*μυθος* = boca) e são anteriores a suas contrapartes registradas, ou lendas. Este último continha apenas memórias imperfeitas de uma raça, descida das estrelas. Em tempos históricos, as primeiras raças¹² preservaram relatos dessas visitas.¹³ As sombras remanescentes dessas tradições imensamente antigas foram celebradas no Livro dos Mortos e no bestiário monumental do Vale do Nilo, onde os Grandes Antigos apareceram como deuses sob a forma de formas quase humanas, com cabeça de animal, garra de animal, com asas de pássaro, barbatanas de peixe, símbolo dos ancestrais não humanos da humanidade. Mas esses

símbolos de origem não apontavam apenas para a ancestralidade bestial, mas também para uma mistura do animal com o "divino", conforme representado pela eloquência figurativa do totemismo. A suposição de que os atributos animais indicavam uma linha de evolução física é parcialmente verdadeira. As formas híbridas, embora monstruosas aos olhos modernos, comemoram a descida do homem das estrelas por meio de um sistema de simbolismo totêmico sugerido necessariamente pela fauna do ambiente terrestre onde as imagens foram cunhadas pela primeira vez. As feras indicavam, também, outra linha de evolução que não teve seu início na terra. Ao longo da linha de *ascensão*, o desenvolvimento é toleravelmente claro, mas a linha de *descida* é uma questão de conjectura. Massey demonstrou inequivocamente que o Egito preserva evidências indubitáveis de duas tradições distintas. Os adeptos de um afirmavam descender somente da Mãe; eles eram os Typhonians. Os do outro alegavam descendência do Pai; eles eram os amonitas e os osirianos. Para Massey, essas tradições eram totalmente terrestres, ao passo que aqui são interpretadas como significando a descida das estrelas por meio de Sírius e de algum locus não especificado simbolizado pelo Sol por meio de Orion, uma linha enfatizada nos mitos da América Central. Para Massey, novamente, o conflito

⁹ Su = Semente. Os *Sbus-en-Har* são, portanto, as sementes de Hórus. S = 66, o número das Qliphoth e da Grande Obra. É também uma série de Tutulu. Veja o capítulo 2.

¹⁰ O estelar e o pseudo-solar.

¹¹ Segundo *Oahspe*, uma transmissão moderna, os índios norte-americanos são os únicos sobreviventes da mais antiga herança na terra. Veja *Oahspe*, p.399.

¹² Inner African.

¹³ Por exemplo, a tribo Dogon. Veja *O Mistério de Sirius* (Templo).

perturbação comportamental causada por um choque de teologias rivais na terra, aquelas que baseavam sua sociologia na descendência primordial da Mãe, e a linha posterior dependendo da sociologia masculina ou "solar". Mas dentro da estrutura da interpretação de Massey, em que exatamente consiste esse conflito? Consistia na distinção entre o filho da Mãe e o filho do Pai, após as causas físicas da paternidade terem se tornado conhecidas, ou seja, após a descendência linear ter sido transferida da linha feminina para a masculina. Em termos astronômicos: entre os descendentes da Ursa Maior e Sírius, ¹⁴ e os descendentes de Orion. ¹⁵ Estes últimos foram subsumidos ao sol e é esta atribuição que criou confusão.

Torna-se evidente, portanto, que o objeto de veneração do chamado Aton ou 'adorador de disco' sinalizou a reintrodução de um culto muito antigo. O disco tipificado, não o orbe solar, mas um ciclo de tempo descrito no espaço, literalmente, pela revolução das Sete Estrelas de Tífon, que trouxe à luz, e foi assim manifestado por seu filho, Set ou Sírius. Massey observa que a palavra Aton derivou de *At*, um nome antigo para a criança e do deus Har, ou Horus-Behutet, deus da 'cabana' ou disco mágico: o disco alado, ou disco carregado nas asas do abutre. Horus Behutet é assim o original de Hórus Behadit, o *Hadit* de AL, do disco do qual Hórus exclama: "Nisto estou como um bebê em um ovo", e com quem ele identifica o deus oculto ou invisível, Amém. Massey observa que "o disco de Aton era o emblema do filho divino, ¹⁶ que era apenas a semente da mulher". Ele também nos lembra que Amen não é um nome, mas um título que uma vez foi aplicado a Sebek, o deus do sol Tifoniano, da qual a dinastia divina Amen era o oculto, desconhecido ou vindouro. ¹⁷ A semente é sinônimo tanto de mulher quanto de filho. A semente em egípcio é 'ser', o círculo ou 'zer', o sinal o, zero, o disco, e a alma do homem é considerada a semente. "Uma águia", diz Horapollo em seu *Hieroglyphicon*, ¹⁸ "simboliza a semente do homem e uma forma circular". A palavra atlante para sêmen é 'zro', outra forma de zero. *Su* é a semente, o ovo, a criança. O disco alado é, portanto, o ovo do abutre ou 'semente do vazio', típico dos filhos do Espaço Exterior, os Exteriores cujo totem é o abutre de Neith e de Maat. *Zra*, caldeu, significa 'propagar', 'raça', e a semente alada tipificou a raça das estrelas propagando sua semente em esferas terrestres. O número de ZRO é 277, o que o identifica cabalisticamente com *Urântia*, um complexo extraterrestre associado à Ordem de Melquisedeque. Jacques Vallée ¹⁹ descreve Urântia como "o 606º mundo habitado no sistema local de Satânia". 606 = o número da *Terra*, e Vallée observa

que um dos ministros de Urântia na Terra era “uma mulher alta e forte em seus cinquenta e tantos anos, vestida de púrpura e malva”, o que sugere uma provável ligação com a magia da zona malva. ²⁰

Não há evidências conclusivas de que o sol das teologias egípcias era o orbe solar com o qual os habitantes da Terra estão familiarizados, ou mesmo o 'sol atrás do sol' (Sírio), que desempenhava um papel tão vital e obsessivo em seus cálculos celestes, maior até do que o sol. Desde aqueles dias distantes, pode-se dizer que fizemos um ligeiro progresso, o suficiente talvez para considerar a possibilidade de que a lua, até então considerada apenas como um refletor de luz solar, pode de fato ser o foco de outras energias além das que emanam da estrela central do nosso sistema solar.

Ao longo de vastos ciclos de tempo, as imagens de animais e combinações de bestas fabulosas e reais foram identificadas com as estrelas que formavam o pano de fundo do mundo antigo. Massey enfatizou o conflito perpétuo entre duas teologias "celestiais" simbolizadas por

- 1) a Ursa Maior e Sirius (a Grande Mãe Typhon e seu filho Set; a mulher e seu cachorro), e por
- 2) os cultos solares posteriores tipificados por Horus.

¹⁴ Typhon e conjunto.

¹⁵ Horus.

¹⁶ ou seja o "filho" não humano . KG

¹⁷ Ou seja, desconhecido para os habitantes terrestres e vindo do Espaço.

¹⁸ Livro I.6.

¹⁹ Ver *Mensageiros da Decepção* (Vallée).

²⁰ Veja *Hecate's Fountain* (Skoob, 1992), que trata extensivamente desta forma de magia Tifoniana.

Uma interessante luz lateral sobre o Tarô desenhado por Crowley revela sua identidade essencial com a Tradição Tifoniana, e o fato de que Crowley estava ciente da identidade. O desenho original do segundo Atu retrata o Mago ofuscado pelo Urso. Crowley rejeitou o projeto e produziu uma versão solar. ²¹

Parece evidente que as tradições mexicanas, peruanas e centro-americanas transportaram o culto solar, enquanto os cultos indígenas mantiveram o modo anterior tipificado pelo Khephsh, Kophi ou Gopi e a tradição estelar cognata da Deusa. O elemento Mãe-Mulher-Shakti nesses cultos deve ser interpretado como o tipo da Ursa Maior (er), e seu filho é seu manifesto, como a estrela canina "manifesta" a Ursa Maior. Nos cultos posteriores, a criança manifestava e tipificava não a mãe, mas o pai. Não pode ter ocorrido uma invasão de Orion que coincidiu na Terra com, e talvez até mesmo estabeleceu, os fatos da paternidade humana e a determinação do Sol como a estrela-mãe da Terra? Isso pode ter acontecido com a evolução física, mas há pouca dúvida de que o sol não foi o pai da civilização terrestre, prerrogativa essa que pode ser atribuída (se assim se pode expressar!) Ao sistema estelar de Sírio. Este fato é indicado em AL.

As pessoas tendem a não aceitar revelações pessoais (isto é, subjetivas) a menos que sejam substanciadas pela 'ciência', mas agora que muitas dessas revelações foram confirmadas pela 'ciência', as pessoas não estão mais dispostas a aceitá-las. Esse fato é discutido no capítulo oito. Mas não existem fatos incontestáveis e não pode haver revelação que não seja originalmente de natureza subjetiva. A mente, entretanto, é satisfeita apenas por fatos passíveis de análise racional. Mas sabemos que os valores estão em constante mudança e que os critérios de uma época não são necessariamente os padrões de sua sucessora. Mas existe outra faculdade da consciência humana, a faculdade intuitiva ou "observadora"; quase se pode descrevê-lo como a faculdade quadridimensional. É uma faculdade que às vezes aparece no artista, no poeta, no ocultista e em certo tipo de cientista, e funciona também, embora raramente, em quase todos. É resumido na Árvore da Vida pela terceira sephira, Binah, a Esfera da

Compreensão. Não a compreensão das coisas empíricas, mas aquele insight sobre o lado oculto das coisas tornado possível por uma súbita identidade total da mente com seu substrato, consciência pura, onde todas as idéias são armazenadas e que compreende, ou *está sob*, o mecanismo de mentação.

A faculdade de compreensão é incomunicável porque tem sua origem além do Abismo, onde as leis humanas da lógica e do raciocínio não se aplicam. Portanto, a iniciação é necessária antes que o corpo docente possa ser ativado e utilizado. Mas tal iniciação é sempre e só pode ser auto-iniciação; todas as outras formas de iniciação são falsas porque necessariamente inadequadas. É incorreto até mesmo descrever a compreensão como uma faculdade e sugerir que ela pode ser utilizada, pois o inferior não pode comandar ou fazer uso do superior, a menos que o superior exalte temporária ou permanentemente o candidato à sua própria esfera. As Supernais não podem ser confinadas abaixo do Abismo, onde prevalecem as leis da relação Sujeito / Objetos. A iniciação denota uma jornada para o interior e só pode ser empreendida por cada viajante para e por si mesmo. A iniciação e a intuição são virtualmente idênticas no sentido de que a jornada leva à Subjetividade absoluta que está além de todas as relações sujeito / objeto. Do Hebdomad inferior ²², a jornada interna comporta uma jornada igual e oposta ao Externo. Aqueles que alcançam com sucesso essa penetração dos véus de Ísis são, portanto, marcados com os mais antigos e inescrutáveis hieróglifos que permanecem para sempre indecifráveis por aqueles sem o mais profundo Interior do Ser.

Neste ponto, é desejável alinhar o assunto com a OTO, que tem como objetivo principal a preparação mágica do planeta Terra para sua assunção de um papel responsável e plenamente consciente no Cosmos. A OTO é uma organização *mágica* e se relaciona especificamente com os Exteriores. O A. `A. ` ²³ é uma Ordem mística e se relaciona com os Profundos. Os dois se encontrarão no Homem ²⁴ e

²¹ Estou ciente de que a criatura ofuscando o Mago (na carta de Crowley) foi identificada como o Macaco de Thoth. Isso faz pouca diferença para o argumento, já que tanto o macaco quanto o urso são zootipos tifonianos reconhecidos. A versão original do desenho apareceu no catálogo da Exposição de Tarô organizada por Lady Harris em Oxford em 1944.

²² Os estados de ser representado pelas sephiroth 4 - 10.

²³ A Ordem da Estrela de Prata (Sirius).

²⁴ MAN = 91 = NAM, a palavra ou nome primordial. "O Poder do Homem é o Poder dos Antigos. E este é o Aluno". (Necronomicon, Schi. Ed.).

o evento estabelecerá na Terra o Reino de Ra-Hoor-Khuit. RHK simboliza, em um deus, as forças duplas de Set e Horus, a Corrente Dupla. Nesse momento, a consciência será liberada, por iniciação, em dimensões além da compreensão atual do homem. Também será estabelecido um trono para os Exteriores, enquanto os das Profundezas aguardam lá dentro. ²⁵

Ra-Hoor-Khuit, a cabana K de AL, é Horus-Behutet, deus da 'cabana' ou disco alado, a forma anterior de Aton, o deus que *cruzou* a terra de oeste para leste nas asas do abutre Maut, o zootipo de M'aati. ²⁶ Maut o conduziu sobre as águas do vazio onde o Apep se escondia. Esta é uma linguagem figurativa para a viagem da estrela-mãe, e diz respeito ao culto que usou o Apoph ou Ophidian atual e que, portanto, datada ante os solares-fálico cultos da tarde Horus. O nome Ra-Hoor-Khut, que também é uma fórmula mágica, sintetiza os elementos muito antigos da Tradição Tifoniana.

O disco alado era o veículo que transportava a criança mágica (ou semente) que veio estabelecer na terra o trono dos Exteriores. Assim é o Reino de Ra-Hoor-Khut (ou Khuit) adubado em AL.

De acordo com Massey, “Aton era um nome muito antigo de Horus como deus dos horizontes duais”. A referência é a jornada de ²⁷ Oeste a ²⁸ Leste da Estrela-Mãe. A *Ordo Templi Orientis* (OTO) é a Ordem do Templo do Oriente, o lugar da ressurreição, do avivamento mágico; é o local do re-despertar da Corrente Ofidiana celebrada em AL como Ra-Hoor-Khuit. Como tal, sua função é preparar o caminho de retorno dos Exteriores. ²⁹ No *Necronomicon Gnose*, o processo é tipificado como o despertar de Cthulhu. Assim, temos a "Mulher e seu cachorro, a Mãe e seu Filho, a Deusa das Sete Estrelas, Set-Typhon, ³⁰ e o sistema de Sirius representado por Yog-Sothoth. As duas Ordens - OTO e A. .A. . - estão, portanto, inter-relacionados. ³¹

Ra-Hoor-Khuit, sendo uma forma de Hor-Makhu, é idêntico a Aton imaginado pelo disco alado do Filho Divino, divino por causa da ascendência não humana do lado do pai, sendo a semente da mulher sem intervenção humana. Ele é, portanto, o tipo do 'não nascido', o carneiro ou cordeiro de Cristo na versão cristã do nascimento virginal. O Faraó assimilado a este tipo, portanto, representava uma linha inconcebivelmente antiga de mutantes Tifonianos dos quais Set era o anunciador.

As Correntes de Pânico na Europa e os Cultos de Krishna da Índia eram de proveniência Tifoniana, como testemunhado pelas flautas de pan e pela flauta simbólica dos ares setenários ou aethyrs representados pela deusa das sete estrelas. Foi por isso que a flauta ficou conhecida como 'cana do diabo', um instrumento de abominação e impureza usado nos mistérios antigos. ³² O lugar dos juncos no vale do delta era o pântano chamado Serbonis, onde Typhon se escondia. No *Necronomicon*, o sem cabeça ou sem rosto, Nyarlathotep, o deus de Amenta, era representado por um flautista idiota no centro da criação. O *ankh* sem cabeça formou o T (Tau), que é a Cruz de Set, deus ~~sombrio das profundezas~~. Krishna também era o deus das trevas. Ele às vezes era descrito como "curvado em três lugares", o que torna a imagem comparável à forma aleijada ou anã de Hórus como Khart, ou Hoor-paar-Kraat. O torto Krishna, atraindo com sua flauta as gopis (vaqueiras) nos bosques de Vrindavan, é cognato com Pan arrebatando com seu junco as ninfas nas clareiras da floresta.

Os mitos foram rebaixados a meras fábulas, mas a imagem original brilha quando os tipos são interpretados. As antigas fulminações contra o *aati* e o *menati*, interpretadas por autores clássicos como

²⁵ Cthulhu, sonhando nas profundezas (R'lyeh, a cidade submersa) simboliza o presente estado não desperto da humanidade.

²⁶ Ver glossário, *Aahti*.

²⁷ Amenta, tipificado pelo abutre Maut.

²⁸ O local providenciado para a ressurreição do filho.

²⁹ A OTO é o Templo dos Exteriores.

³⁰ Cfr. Set-hulu (Cthulhu) nas profundezas do espaço.

³¹ Cfr. a Escola de Sabedoria Estrelada e a Ordem Esotérica de Dagon (*Necronomicon Mythos*).

³² Fellows (*The Mysteries of Freemasonry*) observa que "no tempo de Cícero, os termos mistérios e abominações eram quase sinônimos".

a aversão ao bestial ou a alguma outra forma de congresso não natural pode ter sido aplicável nos últimos dias da fase histórica pós-monumental da cultura egípcia, mas as restrições originais eram de uma ordem muito diferente. Diziam respeito a uma forma particular de miscigenação. É uma forma que novamente confronta a humanidade - a mistura de semente humana com não-humana, embora não animal. Temos apenas que consultar os anais da Ufologia para relatos recentes desses mistérios, ou 'abominações', que agora são tidos como nada novos, mas de uma antiguidade incalculável. ³³ A tradição rabínica, ³⁴ em particular, está repleta de exemplos de um tráfego que tem relevância para AL e para seu axioma essencial: “Todo homem e toda mulher é uma estrela”.

O disco de Aton era o círculo ou arca (o *ukha* dos monumentos) que transmitia a casca solar. Mas esta foi uma interpretação escatológica do disco, pois o círculo, arca ou barca que tipificava tanto as estrelas circumpolares de Typhon quanto o primeiro

embarker ou ladrador (Sut-Anubis), foi fotografado pelo cão que anunciou o advento das profundezas do espaço do disco extraterrestre (nave espacial) que carrega sua semente-estrela. Seu análogo terrestre, Anúbis, anunciou na terra a subida das águas nilóticas que literalmente depôs, e então fecundou, a terra de Khem (Egito), a terra negra ou escura.

O disco ou círculo era a nave-mãe estelar, não a casca dos mitos posteriores, representada por Stonehenge, em si um símbolo em pedra da Arca. Stonehenge era conhecido como o "Navio do Mundo", não porque se assemelhava a um mar navio, mas porque estava associado com a viagem pelas águas do espaço de luminárias celestes. Foi a arca que tipificou a nave-filiação fundada no modelo anterior da nave-mãe.

Hut é o Princípio de Hadit que aparece em muitos nomes de deuses egípcios, por exemplo, Ra-Hoor-Khut, Har Khuti, Khart, etc. Ele tipifica não apenas o "ponto atômico e infinitamente pequeno" na física, mas, de forma mais significativa a energia pré-conceitual da metafísica.

A divindade Khut, Har-Khuti ou Ra-Hoor-Khuit é pré-monumental e nos registros das "divinas" ³⁵ dinastias, um período de 13.420 anos é atribuído aos tifônicos, ou adoradores da criança, sejam estelares como Sut ou Nut, solar como Horas, ou ambos como Sut-Har ou Yog-Sothoth. Ele se manifesta no horizonte duplo, Leste e Oeste, como Hormakhu ou Hrumachis cujo símbolo é o triângulo. A palavra Deus é idêntica, etimologicamente, ao Khut egípcio, o κ e o t tendo sido omitidos no decorrer dos tempos.

Khut é o 'Deus do Triângulo' do qual o equinócio e, antes, o solstício, era o ápice (*khut*), o equinócio no zênite, o deus que cortou a eclíptica no equinócio duplo. A criança (*Har*) e o deus (*Khut*) eram idênticos como aquele que sempre retornou ou que virá. Har-Khuti assim manifestou a trindade no canto, ou ângulo, no qual o jovem deus renasceu. O ângulo era o Kheb ou Khep, o útero, a primeira pegada ou mão que deu o nome ao Unnt que deu à luz a criança. A mão, sendo uma figura de cinco ³⁶ é o glifo da mulher com seu dilúvio de cinco dias e do triângulo quádruplo de quinze passos (3 x 5) simbolizado pela 'Deusa 15'. O círculo (mãe) e o triângulo (filho) se encontram no yantra de Kali, a deusa do tempo e da periodicidade; e no Selo Maçônico de Sirius (veja a ilustração). Babalon também pode ser descrito como o representante terrestre de Kali.

O *khut* ou *cabana* também é a altura (ápice), sendo o oitavo deus como a culminação de sua mãe, a deusa das sete estrelas. Possui muitas outras formas simbólicas: um assento ou trono, um barco, uma mesa (planalto), um santuário. *Hut* era uma modificação de *Khut* (Deus), que por sua vez é uma variante de *Kheft*, o Diabo como a popa ou a parte traseira do Círculo do Tempo, o *Khep* ou *Khepht*. Daí as ladainhas retrógradas associadas à missa negra e à feitiçaria. *Kheft* também é a deusa do Ocidente; ela é a fenda simbolizando o

³³ Christopher Johnson sugere que "ab homination, especialmente neste contexto, é certamente cognato com 'ab nomine' - 'away from (hu) man'. O estrangeiro geralmente é repugnante para o rebanho".

³⁴ Para traços inconfundíveis de tráfego com 'anjos' e outras entidades não terrestres, consulte o Livro VIII de *A Sagrada Kabba-la* de Waite.

³⁵, ou seja extraterrestre

³⁶ Os cinco dedos que *seguram*.

Tuat de Amenta, a região dos mortos abaixo do horizonte, as profundezas subliminares da consciência. O trono vazio que forma o adorno de cabeça de Ísis denota a ausência de Osíris (ou seja, o sol), e significa sua descida em Amenta quando ele afunda abaixo do nível do horizonte ocidental. A imagem denota também a ausência do princípio da frutificação.

Em algumas lendas, o falo de Osíris foi engolido por um peixe, ³⁷ e Ísis não conseguiu recuperá-lo. Mas a ausência de um agente natural de frutificação comportava

a presença de um agente não natural que, antes que os fatos da paternidade fossem geralmente compreendidos, referia -se ao tráfico não humano e à fecundação previamente notados. O Caminho Tifoniano é o Caminho Negativo, e o carneiro sem chifres como o Cordeiro significava, nas Dinastias Sebek, a descendência da Mãe, ou seja, a fonte pré-solar ou sabeana. Sua forma de obtenção é por meio do reflexo, da sombra, da negação e não da união dos opostos. O *Neter*, ou neutro, era o sinal da divindade, nem masculino nem feminino. ³⁸ O *Neter* nos hieróglifos é o sinal do machado, denotando 'um deus'. O Deus do Machado era um título de Horus Behutet, o deus da 'cabana', Hadit, o disco alado que atravessava o espaço nas asas do abutre. O machado é o instrumento de fender e quebrar, o criador de fendas. Tipifica a criança que arromba a mãe. O machado tornou-se o sinal do deus como o que vem, aquele que veio das profundezas. Sua forma é a figura de 7 e, portanto, da deusa Tifoniana. O machado também simbolizava os legisladores mais antigos, as estrelas brilhando eternamente no espaço como uma imagem do Tempo - as sete estrelas da Grande Portadora, aquela que atingiu seu clímax ou altura no oitavo, representada pela Estrela Canina Sirius.

A pirâmide ou triângulo era o sinal terrestre da altura, conforme observado por Maspero:

Pirâmide é a forma grega, pirâmide, do termo composto 'piri-m-ûisi', que na fraseologia matemática egípcia designa o ângulo saliente, a crista ou altura da pirâmide. ³⁹

O nome da Grande Pirâmide era Khuit, que significa o "horizonte", que todas as noites envolvia o sol conforme ele afundava nas profundezas. Da mesma forma, o peixe engoliu o Falo de Osíris e o devolveu ao fundo, anunciando a época do dilúvio, momento em que a força criadora rompeu o útero do Nilo e regenerou a terra.

É possível determinar a natureza das várias fases da Gnose referindo-se aos números 'mágicos' relevantes para sua expressão. Na fase inicial, por exemplo, o espaço era visualizado como tendo sete portões, o número sete indicando o culto estelar primordial. O céu lunar, ou espaço, tinha 28 portas, enquanto na fase final, solar, as portas eram doze, trinta e seis ou setenta e dois, de acordo com as divisões figurativas do zodíaco. Há uma divisão treze vezes, que está de acordo com a última fase pela qual a consciência humana está passando agora. Esta divisão de 13 partes é representada como o Aeon da Filha, pois 13 é o número da Mulher. O 13º Signo, Aracne, o signo da Aranha, obscurece e interpenetra o Portão de Gêmeos que marca a passagem de entrada para a influência de Zain. ⁴⁰

Sirius marcou a transição do cálculo sabeu do tempo pela Ursa Maior para o cálculo posterior pela aparente revolução do sol. Mas há mais neste simbolismo do que um registro de cronometragem. Da Ursa Maior veio o Grande Portador da semente nos tempos da Lemúria.

A invasão Sirciac, por outro lado, foi pós-diluviana. A estrela brilhante de Sírio era o sol, que no simbolismo posterior se confundiu com o orbe solar do sistema terrestre. A estrela canina não

³⁷ *Mormyrus oxyrynchus*

³⁸ Cfr. 'neutro' e 'nenhum'. O "Nem-nem-nada" de Spare também pode ser visto como uma descrição da linha de descendência não-humana. A falácia da ideia de uma união de opostos é tratada no capítulo 5.

³⁹ Veja *The Dawn of Civilization* (Maspero).

⁴⁰ Veja *Outside the Circles of Time* (Grant) para uma discussão completa do significano de Zain. Ver também *Arachne Rising* (James Vogh), Hart-Davis, MacGibbon, I 977.

apenas regulado em tempo no céu, ele também anunciava o delírio periódico ⁴¹ na terra, que foi interpretado como um aviso, durante seu fluxo, contra 'relações com cidades'. ⁴²

O simbolismo é relevante para o aspecto fisiológico da Gnose.

O estranho grimório, *Oahspe*, descreve as consequências de ignorar este aviso 'celestial':

Das misérias da terra de Egipto (sic) a metade nunca foi contada, nem nunca será; pois eram carnis e de tal espécie que não se pode mencioná-los totalmente, pois a história também envolveria os animais do campo e os cães, machos e fêmeas, e também bodes.

Basta, as pessoas foram vítimas de espíritos malignos, e desceram a tais práticas não naturais como envenenar a carne, que se tornou habitada por vermes; e eles tinham feridas que corriam; e apenas as práticas más aliviam as dores. O povo estava sujeito à entrada de espíritos malignos, e estes últimos apareciam entre o povo, tomando para si formas corpóreas por causa do mal, também comendo e bebendo com os mortais diariamente.⁴³

Talvez o Aviso do Cão, em si uma rubrica secreta, tenha um conselho de prudência mais profundo e ainda mais convincente contra aquele outro tráfico, aquela outra miscigenação que antecedeu o dilúvio histórico e a submersão dos continentes mais afetados pela "doença" Tifoniana. Este é certamente o significado apropriado do cão que aparece na tradição maçônica, onde na verdade é um símbolo da Prudência.⁴⁴ Mas a 'lepra moral', os 'ritos sombrios', mencionados por Massey, e descritos em *Oahspe*, não eram cicatrizes apenas de doenças físicas. Os Tifonianos 'amaldiçoados' foram contaminados com contaminações extraterrestres e parcialmente não humanas.

Embora o estado atual de nosso conhecimento torne especulativa qualquer interpretação desse tipo, há fortes evidências para apoiar as suposições envolvidas. Podemos ter certeza de que nenhum estado de degeneração meramente física, manifestando-se como bestialidade ou sodomia (que não caracterizaria apenas um grupo religioso ou étnico), teria ocasionado uma aversão tão violenta e generalizada. Como Massey deixou bem claro, os registros de dinastias inteiras foram destruídos, seus monumentos desfigurados, em um esforço para apagar todos os vestígios dos Typhonians. Uma marreta para aniquilar uma formiga, se apenas fatores físicos estivessem envolvidos. Mas há ampla evidência para mostrar que os amonianos, ou solaritas, deviam mais da metade de seu panteão a uma forma estranha e aparentemente repulsiva de miscigenação mágica da qual as divindades quase bestiais do vale do Nilo são lembranças veladas.⁴⁵

Os Grandes Antigos aparecem na tradição antiga, primeiro como os poderes super-humanos representados por Typhon (Ursa Maior) e a Estrela do Cachorro, Set. Eles são descritos pelo bardo galês Taliesin como os 'animais lesivos de Sut', ou Satanás. Eles foram vilipendiados como "desviados" pelos teólogos posteriores porque essas constelações perdiam tempo em comparação com os cronometrístas solares. Na gnose, esse retrocesso estava associado às práticas de culto bestial. Mas isso é apenas uma interpretação de tipos que refletem, talvez, a ignorância dos intérpretes. Referiu-se, em vez disso, a uma saudade essenciais para a phonian TY- Gnose que foi antediluviano, pré-monumental, e que pré-datado os primeiros thologies meu- conhecidos. Um vislumbre da verdadeira situação é revelado em *Oahspe*: "Eu ensino aos anjos e aos mortais que eles não devem adorar ninguém nascido de mulher".⁴⁶ Esta é uma alusão à linhagem Tifoniana. Embora pareça favorecer a linhagem paterna, não é assim. Um versículo anterior descreve o Deus Todo-Poderoso como "Aquele que não está em forma de homem".⁴⁷ A implicação é que o Deus Todo-Altíssimo é originado da raça solar, e que a Gnose de Sabéia original é abominável porque a mãe Tifoniana gerou criaturas em

⁴¹ Isto é, do Nilo.

⁴² A cidade é o símbolo do feminino.

⁴³ *Oahspe*, p.505.

⁴⁴ Ver Fellows, *Mysteries of Freemasonry*.

⁴⁵ Lovecraft vislumbrou esses mistérios intuitivamente, conforme revelado por seu conto, *Preso com os Faraós*, que está de acordo com o insight iniciado em simbologias antigas.

distinguível, embora completamente diferente do homem. Como duas plantas de aparência idêntica podem brotar de sementes diferentes, formas humanóides podem brotar de sementes que não são essencialmente humanas. Investigações recentes na nosologia dos tipos humanos sugerem que doenças podem germinar em espaços além da Terra. ⁴⁸

Já foi notado nesta conexão que o desenho de Atu I, rejeitado por Crowley, retrata o Urso (Ursa Maior) ofuscando o Magista, indicando assim a origem Tifoniana de sua magia. ⁴⁹ Muita confusão surgiu por causa da dupla função de Thoth (Mercúrio) no simbolismo mágico. A primeira forma desse deus era sabeu, e era representado por Set-Anubis, o Set-An ou Satanás de teologias posteriores. Seu representante celestial era a estrela-cão como guia dos caminhos no céu; na terra, ele anunciou as águas da inundação. A segunda forma de Thoth era Taht, ⁵⁰ cujo nome completo, Tahuti, significa o Duplo e o gibous-ness da lua, minguante e crescente. Anúbis era o tipo sintético de cão e macaco tipificado pelo babuíno cinocéfalo ou com cara de cachorro. Segundo Heródoto, essa criatura era utilizada nos ritos sagrados como cronometrista, pois a fêmea em seus cursos emitia, no momento da lunação, uivos periódicos. Isso explica a indagação da AL ⁵¹ - “Um Deus vive em um cachorro?”. O fato é que a primeira divindade masculina foi identificada com a estrela-cão. A pergunta diz respeito ao antigo ritual e a resposta é negativa, porque a tradição implícita nisso é a do culto amoniano posterior, pós-estelar. Mas o versículo continua - “mas os mais elevados são de nós”, o que implica que embora o cão tenha sido expulso, ele já representou a altura ou o cume do céu. O Taht posterior era, portanto, conhecido como o Senhor de Am-Smen, a oitava região, sendo a oitava, como antes observado, o clímax ou manifestação plena da Luz das Sete Estrelas da Ursa Maior. Na Árvore da Vida, a altura das Sete Sefirot Inferiores está em Daäth, o Lugar do Duplo. ⁵² A frase, “os mais elevados são de nós” ⁵³, portanto, indica a assimilação ao deus dos Oito (isto é, Set), a Altura, que é, por reflexo, também o deus da Profundidade.

Os amonianos adoravam o Sol, mas os iniciados da verdadeira tradição adoravam o Sol atrás do Sol, primeiro tipificado pela Estrela do Cachorro. A esta tradição primitiva, os Typhonians permaneceram fiéis até o fim, enquanto os cultos solares partiram do Deus Oculto e adoraram sua manifestação material, a estrela central do sistema solar. Adoração aqui significa consciência da fonte ou origem. As primeiras raças terrestres não eram de origem solar, mas de origem estelar e *Liber AL* no início declara por esta doutrina que “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. ⁵⁴ Esta foi a doutrina que foi submersa com a Lemúria e Atlântida, embora traços tênues dela tenham sido perpetuados pelas raças mongóis, e seus ecos fantasmagóricos informaram a Tradição Tifoniana na África. A corrente atingiu um novo impulso nas dinastias egípcias pré-monumentais e emergiu novamente nos Tantras do Extremo Oriente. Sobreviveu em algumas das seitas gnósticas como o remanescente de uma corrente outrora viril, e sua perversão final na falsa tradição Solar data da morte de Sut-Apophis, último rei dos Hekshus, ou *Shus-en-Har*.

O culto do Deus mais antigo era o de Set: “Salve a ti, Set Apehpeh, no barco de milhões de anos, derrubando inimigos antes do barco do Sol”, é a saudação antiga a Set como Sothis, a Estrela Cachorro. Ele contém uma alusão direta a uma invasão pré-solar (do sistema da Ursa Maior) pelos semeadores da Corrente Ofidiana (Apófis) que derrubaram, por um tempo, as influências opostas projetadas das barcas espaciais solares. Esse evento, registrado nos céus há muito tempo, foi repetido *ao contrário* na terra em tempos históricos como a derrubada de Sut-Apophis, o último rei dos *Shus-en-Har* em Avaris, ⁵⁵ encerrando assim a XVII dinastia egípcia. Os tipos gêmeos de Sut-Har (Set e Horus) eram Sothis e Orion, cujos totens eram o cachorro e o lobo; daí a imagem composta, em uma fase da teologia egípcia, de Sut-Anush. O conflito entre Sut e Har teve sua origem nos dois sistemas estelares, cujos habitantes lutaram pela supremacia em um conflito do qual o prêmio cobiçado e o campo de

- 48 Veja as pesquisas de Hoyle e Vikramashila.
49 Consulte a Placa 3.
50 Veja o capítulo xliv do *Livro dos Mortos* egípcio .
51 AL.II.19.
52 11 - a décima primeira Sephira 'amaldiçoada'.
53 AL.II.19
54 AL.I.3.
55 Cfr. Aroueris.

ção, constituiu a própria terra. ⁵⁶ A tradição estelar no Egito manteve sua fidelidade a Sut, mas os seguidores de Hórus transferiram sua lealdade de Orion para o sol, a raça solar tendo absorvido Orion. Sut- Anush então se tornou Sut-Har sob seu tipo Sol-e-Sirius , seu representante planetário final sendo Saturno (o *renn, urn* ou filho de Sut). Além disso, *Khut* era uma forma modificada de *Khept* (ou Khepsh), e Har-Khent-Khuti era filho de Khepsh. Ra-Har-Khut, portanto, é a versão solar de Hoor-paar-Kraat, a divindade anã silenciosa ou muda (Harpócrates), o bebê impubescente, incapaz de proferir a palavra criativa.

Quando o deus-sol foi temido por seu fogo destruidor, ao invés de adorado por seus raios frutificantes, ele foi assimilado ao deus Shu ⁵⁷ (uma forma de Set), e ao asno, um totem Tifoniano de Set. Shu é uma derivação do *Exu* africano interior , uma divindade fálica criativa e também um destruidor. O mito egípcio, no entanto, apresenta outro Shu que veio das águas (oceano do espaço) e isso pode indicar uma proveniência trans-solar . A deusa japonesa do mar de Enoshima (Eno *shu* ma) pode derivar desta fonte. Nesse caso, a Dog Star é indicada.

Além disso, a conexão vodu é confirmada pelo fato de que o nome *Khepera* foi aplicado pelos egípcios a Shu. Lucas ⁵⁸ observa a semelhança entre os nomes *Khepera* e *Elegbara*, uma forma alternativa de *Exu*. *Khepera* significa literalmente o *khepsh* ou traseiro de Ra, ou seja, o filho noturno ou oculto que é simbólico do sol em Amenta, o deus no hemisfério sul, viz: Set. Outro equivalente Yoruban é a derivação de Typhon ⁵⁹ do Obalufon Africano ou Oba'ufon. A designação *Ob*, que significa "transbordamento" ou "inchaço", foi dada no Egito à inundação do Nilo. Esse fenômeno mais tarde ficou conhecido como Python, "o inimigo", daí a associação de *Ob* com a serpente. O *Ob* e o Python (uma metátese de Typhon) juntos incluem o nome Oba'ufon. Segundo Bailey, ⁶⁰ a palavra *python* deriva de *pytho* (*Grk* .) 'Apodrecer', pelo qual se entende a corrupção das águas. Typhon é uma espécie de febre

ocasionado por eflúvios provenientes de substâncias animais ou vegetais em um estado degradado ou pútrido; e é por isso que em países baixos e pantanosos ele tende a ser prevalente, quando um calor intenso e abafado sucede a qualquer grande inundação. ⁶¹

Esta é uma descrição perfeita do miasma que surge do delta nilótico durante os dias de cão. Em termos mágicos, portanto, Typhon retoma a fórmula de putrefação representada por Escorpião e aliada à figura alquímica conhecida como Dragão Negro. É significativo que os jarros Canopic contendo as entranhas da múmia embalsamada tenham sido nomeados em homenagem a *Canob*, 'o pai do dragão' ou a 'medida do transbordamento'. *Canob* deriva de *Cane*, 'um poleiro, uma braça, vara ou bengala, para medir', e de *Ob*, 'dragão ou serpente'. Os vasos canópicos são, portanto, relacionados simbolicamente com a ascensão e o transbordamento do Nilo, anunciado pela estrela do ~~cachorro Set. Isso mostra~~ que Typhon e Set estavam intimamente relacionados na terra como nos céus, como o Dragão das Sete Estrelas, a Mulher primordial e seu Cachorro, Sothis.

Quando os Mistérios não eram mais compreendidos, a fórmula abriu caminho, de maneira distorcida, para as práticas bestiais pelas quais os Tifonianos foram condenados pelos amonianos e os posteriores solares. No entanto, todas as fórmulas mágicas

genuínas são multivalentes, e o cão e a mulher tinham um uso da Corrente Ofidiana, que era conhecida por ter grande eficácia. A putrefação gera os fantasmas fosforescentes refletidos na luz astral como miasmas surgindo das águas estagnadas da terra de

⁵⁶ É importante compreender que este conflito foi o reflexo na história de tipos humanos representando novamente (e talvez também ensaiando para futuras recorrências) um drama cósmico que envolve também atores não humanos, e que sem dúvida continuará esporadicamente até que o destino decida qual facção triunfará em sua tentativa de restaurar a terra a seus habitantes originais. Pois os atores humanos são postos avançados na terra de seus mestres não terrestres. Eles formam o corpo daqueles cultos secretos cuja existência é conhecida há muito tempo pelos iniciados. Veja *O Livro dos Amaldiçoados* (Forte), cap.10.

⁵⁷ Cfr. Shugal.

⁵⁸ *Religião dos Yorubás* (Lucas), p.60.

⁵⁹ A forma grega de Taurt.

⁶⁰ Citado por Fellows in *Mysteries of Freemasonry*.

⁶¹ Hooper, *Medical Dictionary*, citado por Fellows.

juncos, os pântanos de Serbonis, o lago onde a lendária Píton teria morrido. Serbonis forneceu aos egípcios o betume e o enxofre usados para impedir a putrefação dos mortos.

Os jarros Canopic eram selados hermeticamente por rolhas em quatro formas diferentes: (1) a do cão, o ladrador que avisava da inundação que se aproximava, (2) a do falcão, significando o voo do vento Etesian que enchia as águas, (3) o da garça que denotou o vento sul, propulsor das águas, e, (4) o da virgem; para quando o sol tinha passado sua casa ⁶² a inundação tinha tudo, mas diminuiu.

A referência aos ventos lembra a lenda familiar aos pedreiros: “É ele ⁶³ que sob o nome de Osíris, perseguido por Tifão e pelos tiranos do ar, foi condenado à morte, encerrado em um ventre escuro ...” ⁶⁴ que indica o conflito entre os tifonianos e os amonitas. De todos os ventos, foi o khamzin, ou tufão, que queima e obscurece, o mais temido como o reinado de Typhon. Nesse vórtice desapareceram os elementos terrestres que alimentavam as cavernas da terra descritas por Al Hazred em 'The Nameless City'. ⁶⁵ ^Q que é uma maneira de dizer que os devotos originais de Typhon são reunidos e preservados no interior da terra; da mesma forma, os asseclas de Cthulhu espreitam nas profundezas das águas insondáveis antes de subir mais uma vez para reconquistar o planeta Terra. Essas correntes aéreas são representadas no simbolismo da varinha do mago pelas asas que superam o caduceu mercurial. A varinha, cajado ou cetro, tornou-se, na escatologia, o emblema, *por excelência*, da pessoa sagrada ou Santo, o *kadosh* ou *cadoce*, portanto *caduceu*. O vento regulava o aumento das águas da enchente, que, na fórmula em discussão, se refere ao período de pico do fluxo ou floração da sacerdotisa. Era também o controlador mágico das águas lunares tipificadas pela vara, bengala ou medida do Nilo, presa nas patas do Anúbis com cabeça de cachorro que tipificava (nos Mistérios Maçônicos) Prudência, o regulador da conduta moral relacionados com as marés da paixão humana. O Abbé Pluche afirma que a cana ou bengala foi o protótipo do Caduceu de Mercúrio (Anubis). John Fellows observa que este emblema é indicado no grau maçônico de Grande Cavaleiro Eleito de Kadosh. À pergunta “Você é Kadosh?”, O candidato responde “Sim, eu sou”, e coloca a mão na testa, onde está uma placa com a legenda *Nekam Adonai*. ⁶⁶ As serpentes enroscadas ao redor da vara denotam a Corrente Ofidiana, “o trabalho do bastão e o trabalho da espada” que Crowley (como o escriba de AL) era “aprender e ensinar”. ⁶⁷ O trabalho da espada foi tratado em outro lugar. ⁶⁸ O trabalho do bastão envolve o duplo uso do Ka dosh como o bastão solar-fálico do mago e como o regulador ou controlador das águas. ⁶⁹

A insígnia do Grau do Arco Real incorpora o glifo da Gnose Estelar tipificada pelas sete estrelas de Tifão e a Estrela Flamejante Sírío (Set). Na recensão moderna ou maçônica deste rito, as insígnias são meramente ornamentais, e raro é o maçom que pode dar um relato satisfatório da proveniência pré-solar dos mistérios de seu ofício. Um de seus defensores declarou: “Descobrimos nos ritos amonianos e egípcios os mais

perfeitos vestígios daqueles a quem [sic] nossa sociedade se refere”. ⁷⁰ A mesma autoridade declarou: “Derivamos dos Druidas muitos dos ritos amonianos”. Isso é o mais longe que os maçons podem ir, pois a gnose original havia sido apagada da terra muito antes mesmo dos Druidas flutuarem em sua Nave Mãe, embora seja provável que o Filho-Sol dos Druidas fosse filho de a mãe sozinha.

Havia uma antiga crença egípcia de que a criação da Terra ocorreu no momento preciso do nascer do sol na Casa do Leão (Leão). Isso foi precedido por uma gnose anterior em que o

⁶² A casa astrológica da virgem; Virgem.

⁶³ ou seja o sol.

⁶⁴ A citação é de Fellows (*Mysteries of Freemasonry*), os itálicos são meus. Ver também a curiosa obra do século XVII, *Comte de Gabalis*, do Abbé de Villars, página 189 da tradução inglesa publicada em 1913 por Os Irmãos na Old Bourne Press, Holborn, onde os Tiranos do Ar são vistos como inequivocamente relacionados aos fenômenos ufológicos.

⁶⁵ O primeiro do ciclo de contos de Cthulhu, de Lovecraft, 1921.

⁶⁶ Ver *The Equinox*, Vol.III, p 271; O poema de Crowley com esse nome.

⁶⁷ AL.I.37.

⁶⁸ Ver *Outside the Circles of Time* (Grant), e o romance, *Snakewand* (Grant).

⁶⁹ A conexão é com o Rito do XI^o OTO, e com a fórmula do *Amor sob Vontade* (93).

⁷⁰ Citado em Fellows.

serpente, ou dragão, determinou o momento da criação. Essas tradições foram combinadas na imagem da serpente-leão que foi atribuída pelos caldeus a Teth, a nona letra do Alfabeto Mágico. Teth combina o leão e a serpente em um único conceito, mas há aqui um mistério sutil, pois a letra Tau, adotada pelos maçons como a letra da vida, é também a letra de Set. O Triplo Tau dos Arch Ma-son é uma evidência do fato. Fellows observa que, com o hebraico, o Tau era o símbolo da vida, enquanto com os gregos, a letra *Theta (Teth)* era a da morte. A confusão de significados é aparente apenas, pois um mistério mais profundo está aqui oculto. AL.II. o versículo 6 é relevante: “Eu sou a vida e o dador da vida; portanto, o conhecimento de mim é o conhecimento da morte”. O Tau dos maçons tem a forma de uma cruz sem cabeça. Ele denota o deus abaixo do horizonte, ⁷¹ o falo desprovido de kteis. ⁷² Também denota os nove meses secos, o período no Egito em que o comércio e as relações comunais prosseguiram sem serem interrompidos pela inundação. Os três braços do T representam cada um quarto do ciclo completo ou 12 meses. Os gregos que, como os solarites posteriores, perderam as chaves da gnose primordial, identificaram o sol em Amenta com a criança Tifoniana ou bebê do Abismo, enquanto os egípcios exaltaram o leão como uma espécie de inundação devido à plenitude do Nilo ocorreu quando o sol entrou na constelação de Leo. Isso tornava o leão um tipo de morte para os gregos, enquanto para os egípcios era um tipo de vida.

O Terceiro Grau da Maçonaria, que equivale ao Grau 5^o = 6[□] no sistema da Golden Dawn, retoma a gnose da 'morte do sol' ⁷³ e reflete toda a doutrina, dividida pelo conflito entre os Typhonians e os amonianos. A “ressurreição do sol da 'cama' ou caixão foi sua regeneração *para um novo mundo*; era virtualmente o mesmo que seu retorno do Hades *em sua libertação do útero da deusa-navio* ” . ⁷⁴ Fellows expressa assim o cerne da questão: “Na maçonaria, o Deus Verdadeiro, que segundo a teologia pagã, *reside na imensidão do espaço*, é mantido fora de vista e *Osíris, o sol, é substituído em seu lugar*”. Por quê? Porque o deus original era o sol atrás do sol, viz. Sirius, ou teologicamente falando, Set.

'Tiranos do ar' [ver p.53] é uma frase curiosa que assume hoje um sabor sinistro reminescente da passagem em AL (III.34): “febre fresca dos céus”. A febre é uma característica da Corrente Tifoniana expressa na imagem do Pântano Serbonis. Além disso, não é muito longe da 'deusa -navio' para a 'nave-mãe' familiar aos Ufólogos. O navio ou arca que contém Hórus (o *Har* ou filho) é representado nos braços heráldicos de Dunwich. ⁷⁵ O Dunwich em questão está em Suffolk, Inglaterra, ⁷⁶ não na Nova Inglaterra, onde Lovecraft o colocou como cenário para vários contos dos Mitos de Cthulhu, onde ele aparece como um centro de pestilência (ou seja, de influências

estrangeiras). O fator importante é que a noção de Um Deus compôs o maior segredo da antiguidade. Ele formou a base do Druidismo. Mas, muito antes, os Typhonians foram os primeiros no campo com Sut-Typhon, a mãe e o filho em uma única imagem. Podemos, hoje, rir da ideia de uma pluralidade de deuses, mas será que entendemos, mesmo ainda, a realidade da qual o monoteísmo é um símbolo: o conceito único do Ser Único (ou Consciência) em todos? No *Necronomicon*, esse conceito aparece como Yog-Sothoth, o Um em Todos, o Tudo em Um. ⁷⁷ Mesmo hoje, ao que parece, esta é uma doutrina altamente secreta, pois muito poucos a entendem, mesmo intelectualmente. E também é uma doutrina altamente perigosa para a mente despreparada. Os deuses, uma ~~pluralidade de eus~~, continuarão a formar o panteão do povo pela simples razão de que o povo está escravizado à ilusão de seres separados e, por inferência, de deuses separados. O Ser Único, DEUS, era o grande segredo da Maçonaria, e esse Deus era simbolizado por aquele que brilhava, o Sol. Mas a inclusão na insígnia do Grau do Arco Real da constelação da Ursa Maior identifica inequivocamente a verdadeira fonte de suas doutrinas.

⁷¹ O sol em Amenta.

⁷² O kteis, O, mais o falo, T, torna $\hat{\text{T}}$ - se o signo da Vida. É também o sinal do Amor.

⁷³ Ver nota 66.

⁷⁴ Fellows. Itálico meu.

⁷⁵ Ver Placa 14 e *Kimmerian Revelations* (Morgan), p.149.

⁷⁶ Uma lenda relacionada a Dunwich (Inglaterra) conecta-a a uma cidade submersa e a dobrar sinos submarinos.

⁷⁷ Frater Achad, ao se tornar um estagiário da A. .A. . assumiu o lema *Unus in Omnibus*. Em vista de sua conexão com o Aeon de Maat, o fato se torna altamente significativo.



5. As velas sabáticas e os sátiros

O abutre que carrega o disco alado, Horus Behutet (Hadit), tipificou o sol e o fogo solar no abismo do hemisfério infernal, o sol no sul (Set). O que é simbolizado, no entanto, não é a luz do sol de nosso sistema solar, mas das estrelas das quais Sírius é o sol supremo. Uma passagem em Maspero ⁷⁸ fornece uma pista que vale a pena examinar. Maspero declara que o fogo simboliza não apenas o calor solar, mas também a luz zodiacal. A equação é confirmada em nota de rodapé em que alude ao título de uma obra de Brugsch Bey que contém um triângulo, o símbolo do fogo. O zodíaco representa o círculo do tempo, ou relógio do vazio, portanto, o abutre como portador do disco denotava conhecimento prévio sobre o retorno cíclico de certas estrelas. Eles eram imaginados como animais, e o abutre (*neophron perenopterus*) representava a Grande Mãe Neith cujo guia e companheiro era o chacal. Existe aqui uma ponte entre a Gnose Thelêmica transmitida por Crowley e a antiga tipologia da Tradição Tifoniana.

Uma das visões mais importantes de Crowley envolveu uma Inteligência domada Abuldiz. A visão terminou abruptamente devido a uma falha na comunicação, e Crowley ficou com um ovo de avestruz mago que desaparecia lentamente sob uma palmeira no deserto. ⁷⁹ É interessante comparar com isso um mito do Khoi-Khoi relatado por Hahn em *Tsuni-Goam* (p.84):

Se o chacal descobrir um ninho de avestruz, gritará pelo urubu branco. Este pássaro então o segue, e quando eles chegam ao ninho que está coberto pela galinha avestruz, a vul- tura agarra uma pedra e sobe o ar verticalmente sobre o ninho para jogar a pedra de prumo na galinha reprodutora. A avestruz, assustada e assustada com o golpe, foge, e então o chacal quebra os ovos e ele e o abutre comem com eles da maneira mais amigável.

As plumas do avestruz denotam Maat, deusa das Duas Verdades, a dupla verdade aplicável principalmente à Unidade na Dualidade representada por Sut-Typhon. A pedra e seus mistérios foram analisados em *Outside the Circles of Time*; aqui é necessário meramente observar os abutres gêmeos implicados pelo simbolismo, o abutre de Neith e o abutre de Maut. O mito Khoi-Khoi indica que o aeon de Maat é transcendido e reabsorvido no complexo Sirius-Neith (abutre-chacal) . Em outras palavras, o Aeon de Maat é um reflexo da Gnose Tifoniana original. Crowley foi assegurado, nas Visões Abuldiz-Amalantrah, que “Está tudo no ovo”. Acabamos de mostrar precisamente que o que estava no ovo era o aeon de Maat, e a demonstração é confirmada pelo fato de que o abutre (ou seja, o abutre branco) marcou a passagem do sol em Aquário e o verdadeiro ponto da lua cheia . Esta é a razão pela qual o abutre significa Vitória (Netzach), que é tradicionalmente atribuída ao forte cheiro de sangue desse pássaro. ⁸⁰ É o sangue materno que é indicado, o sangue de Neith. Mas Aquário envolve Maat (Mãe) e Ma, ou Mu, (Filha); os abutres preto e branco da gnose primordial. O pássaro como Mu era um ideograma do gestador, a mulher das Duas Verdades simbolizada pela dupla corrente de Aquário. ⁸¹ Por outro lado, o *Nu* ou *Neh*, a letra do abutre-preto, denotou o 'pássaro imundo' ⁸² de Set, o Filho. Ambas as letras, Mu e Nu, tipificam água. A letra N tipifica o Grande Peixe, símbolo dos Profundos. Sua combinação MN = 90, que é o número de Tzaddi, o 'anzol' que salva almas (peixes) das Profundezas. Em termos do Novo Aeon, o *tzaddi* representa o implemento mágico que busca do oceano do Espaço os espíritos das Profundezas, prontos para encarnar novamente na terra. Está escrito em AL: “Tzaddi não é ⁸³ a Estrela”, ⁸⁴ a Estrela de Nuit sendo a fonte dos espíritos que brilham ou se manifestam na Terra. De acordo com Hor-Apollo (Bk.I.ii), acredita-se que o abutre-branco tenha sido impregnado pelo vento. O vento tipifica a atividade de certas forças no Espaço conhecidas como Exteriores. De acordo com a tradição ocultista, os Exteriores se uniram a entidades terrestres. Massey observa, significativamente para a presente tese: “Este tipo de espírito não apenas entrou no ventre de Neith ... mas também saiu do corpo humano em um

⁷⁸ *The Dawn of Civilization* (Maspero).

⁷⁹ Para detalhes, ver *Outside the Circles of Time* (Grant), cap.8., Pp92-95.

⁸⁰ Ver Hor-Apollo, *Hieroglyphicon*.

⁸¹ Ar e Água; leite e sangue; Branco e preto.

⁸² Em termos de gnose fisiológica, o pássaro imundo tipifica o fluxo menstrual.

⁸³ Não = Neith ou Nuit, Nada.

⁸⁴ Do capítulo de Nuit; verso 57

redemoinho”. O processo era simbolizado pelo abutre de pescoço espiral que carregava o fogo alado, o *hutet* ou *hadit*. Não o fogo do sol, mas o *lumiere zodiacale* associado à Estrela de Set (Sirius), um de cujos tipos era o triângulo radiante conhecido como *khuti*. Daí a conexão entre Ra, o Antigo, o Sol; Horus, o filho; e Khuti, o brilho estelar retomado pela fórmula do sol atrás do sol, Ra-Hoor-Khuit. Este termo, fortemente carregado na tradição Thelêmica, é passível de uma variedade de interpretações todas as quais comportam fatores predominantemente Tifonianos. Massey observa “O falcão ou abutre no pedestal ou papiro era indefinidamente mais velho do que o tipo humano de Hórus, a criança no Egito”.

Um dos nomes do Abutre de Neith é *Nru*. De acordo com Hor-Apollo, os egípcios simbolizavam a Mãe por um abutre “porque não há macho nesta raça de criaturas”, o que poderia ser interpretado como significando que o abutre representava um tipo de concepção não totalmente humana. *Nru* é numericamente 256, o que o equivale à Deusa Aranha Voodoo possuidora de 256 *kalas*.⁸⁵ Mas de acordo com Massey “o mais velho, o abutre Tifoniano era um pássaro preto e imundo chamado *Neh* ... e seus filhos eram os *Nahsi*”. Ele observa ainda que “Os adoradores do disco e os Tifonianos evitaram o abutre ortodoxo (signo) e usaram o signo cúbito em vez do pássaro para o M fonético”. Esta curiosa versão dos tifonianos e adoradores do disco reflete duas tradições conflitantes representadas respectivamente pelas letras M e N. M representa o sangue feminino, o *kala* lunar. Seu número é 40, o número de dias que compreende o período da inundação nilótica. É também o número de semanas necessárias para a gestação do feto humano. A letra N, 50, representa o número dos Portões de Binah, cujo nome é Morte. Binah é especificamente a zona de poder de Set, cujo representante planetário é Saturno. Os Portões da Morte, ou *Daäth*, oscilam para os dois lados, pois também podem admitir influências externas. 50 é o número do *Khamsin* árabe (hebraico, *Khamshin*) que é derivado do *Khamsin* egípcio. Os *Khamsin*, ou 'ventos dos cinquenta dias quentes' (dias de cachorro), estão associados a Set e à estrela de cachorro Sirius. Eles são equivalentes aos cinquenta portões que simbolizam o retorno do homem às alturas pela operação de *Shekinah*.⁸⁶ O primeiro portão⁸⁷ está na matéria, e o último está em Deus. O último Portal, que resume todos eles, está em Binah,⁸⁸ para que Deus seja alcançado pelo homem em - e por causa de - *Shekinah*, razão pela qual se diz que seu número é 50. De acordo com a tradição rabínica, Moisés falhou em abra o quinquagésimo portão porque ele havia deixado de viver com sua esposa. A união do *Yod* e do *Hé*⁸⁹ produziu cinco luzes que deram origem aos cinquenta Portais ou Luzes Supremas. A Luz da Mãe Acima dos⁹⁰ alcança o homem pelos cinquenta Portões. Aquele que se dedica à Lei abre os cinquenta Portões de Binah (Saturn-Set) que correspondem ao *Yod* multiplicado pelo *Hé*⁹¹. Eles estão na região da Grande Mãe⁹², que dá poder à *shakti* abaixo.⁹³

As letras M e N comportam conceitos predominantemente negativos. M é representado pela onda de água, como exemplificado no astróglifo de Aquário: a ondulação da corrente reptiliana ou ofidiana empregada por adeptos terrestres. N representa a negação absoluta que se obtém além do Abismo. A diferença entre os dois conjuntos de simbolismo é comparada à diferença entre o Enforcado do Tarô, Aquele que faz a Travessia,⁹⁴ e a própria Travessia. Em termos de *Liber AL*, N representa o Ordálio X, que é o Ordálio da Travessia. A letra ortodoxa representava o abutre branco de Neith; seu equivalente Tifoniano era o pássaro negro de Set, cujo símbolo era o Tau, que tipificava os nove meses secos.⁹⁵ Por outro lado, M tipificou as águas dos três meses de inundação. A terra seca é o deserto, a terra vazia ou deserta, o terreno de Set; as únicas formas lá são as sombras lilases lançadas por formas-pensamento descamadas que permanecem como conchas desprovidas de verdadeira vitalidade e razão. Aqui não há carne, apenas espectros de consciência egoidal ou pessoal. O abutre reina neste reino, como os incruentos

85, ou seja, radiações estelares. Para uma análise detalhada desse termo altamente técnico, consulte *Cults of the Shadow* (Grant), capítulos 4 e 5, e em outras partes das trilogias.

86 Veja AEWaite, *The Holy Kabbalah*, pp.218.396. Consulte o capítulo 16 *infra*.

87 ou seja a vulva.

88 O representante planetário de Binah é Saturno.

89 Ou seja, o lingam e o yoni.

90 Simbolizando a influência de fora ou de cima. Veja Gloss., *Mezla*.

91 O número da letra *Yod* é 10; o de *Hé*, 5.

92 Maha Shakti, a Shekinah.

93, ou seja, mulher terrestre.

94, ou seja, do Abismo.

95 Veja as observações da p.51.

conchas testemunham. Conseqüentemente, o pássaro é um símbolo de 'Vitória', o título da sétima sephira, Netzach, tipificado pelo Corvo ou melro de Set. Os habitantes deste deserto estão sem sangue, daí o tipo de vampiro como Senhor da Zona Malva. O urubu como o tipo da Mãe (Typhon), o cão como o tipo do Filho (Set), retomam o simbolismo da Mulher e do seu cachorro, um simbolismo que desce até os dias de hoje. Em um contexto Thelêmico, os *Nahsi* são os 'cães da Razão', ⁹⁶ pois a razão é tipificada por Daäth, *além da qual o intelecto humano não pode penetrar*. A Zona Mauve marca, em seu lado terrestre, os limites do racional.

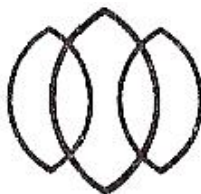
O *Neh* oculta o mistério do duplo negativo glifado em egípcio pelo sinal Nnnu, uma onda de água, a água mística simbolizando o sangue. O Nnnu ou Nu-nu tem a mesma função, metafisicamente falando, que a dupla negativa dos budistas Ch'an que transcenderam a existência fenomênica e que dão o 'salto para a outra margem'. ⁹⁷ É devido meramente à disponibilidade de tipos que levaram os egípcios a denotar o processo pela imagem do asqueroso pássaro preto. A noção de aniquilação era um anátema para os amonitas, que fizeram tudo ao seu alcance para preservar a consciência egoidal, e tudo por causa de uma interpretação equivocada do antigo simbolismo. Foi isso que os levou a embalsamar o corpo físico na crença errônea de que o processo era essencial para a existência contínua da contraparte metafísica do corpo. Os extremos a que chegaram para garantir a preservação da Múmia e do Nome são questões históricas. Houve um tempo, no entanto, na pré-história do Egito em que a múmia era vista apenas como o *símbolo* da sombra, ou veículo astral, que sobreviveu à morte do corpo físico e que viveu em Amenta. O *Neh* e o *Nahsi*, portanto, foram ideogramas de repulsa para aqueles que, tendo perdido a verdadeira Gnose simbolizada pelo Disco, buscaram na preservação do corpo (múmia) uma base mágica para a imortalização da alma. Os solaritas, os amonitas, os osirianos perderam a chave da gnose primordial, que somente os tefonianos preservaram no simbolismo de Sut-Typhon, seu deus biuno.

Essa era a situação em termos de teologia. Em termos de astronomia, Sut-Typhon representou Sirius e Úrsa Major, cujos representantes terrestres são o cachorro e a mulher, o filho e a mãe. Em termos mágicos, eles são os praticantes do XI^o OTO; em termos taoístas, o sujeito (isto é, subjetividade absoluta) e todos os objetos. Em termos tântricos, eles são Shiva e Shakti; e, misticamente, a Deidade Única em todas as divindades; o Um Ser em todos os seres. E esta Divindade Única, este Ser Único, *não é*.

Como AL declara: "Estou só: não há Deus onde estou". (II, versículo 23). Esta é a doutrina Tifoniana pura. Tendo discutido os fios afro-egípcios mais importantes tecidos em *Liber AL*; consideraremos agora alguns dos componentes orientais do livro, que demonstram ainda mais nitidamente, talvez, a dupla voz por trás de AL.

5

O Mahdyamaka E Crowley



Um elemento importante na filosofia mágica de AL é baseado na fórmula $0 = 2$,¹ que é fundamentalmente idêntica à dialética hegeliana. Desde a morte de Crowley, no entanto, foi demonstrado fisicamente que o reino da estrutura fenomenal não é transcendido por uma síntese de dois opostos para produzir um terceiro,² mas pela abolição de ambos os componentes. A fórmula não é, portanto, $(+1) + (-1)$, mas a negação do não negativo (mais) e do não positivo (menos). A ausência resultante é ausência total, sem vestígios de dualidade. Este não é o caso quando $0 = 2$.

A doutrina budista de Anatta, apenas³ das doutrinas do 'antigo éon', expressa essa transcendência total da dualidade. Nagarjuna elaborou suas implicações na filosofia Madhyamaka.

É bom lembrar, neste ponto, que Blavatsky, cujo trabalho Crowley continuou, foi instruído por professores budistas.⁴ Mas embora Crowley afirmasse ter continuado seu trabalho, ele na verdade não baseou seu sistema na *anatta*, mas na dialética hegeliana.

O *madhyamaka* de Nagarjuna, por outro lado, contém um meio eficaz de liberação da existência fenomenal, que os sistemas positivistas não podem alcançar, nem podem jamais fazê-lo.

Choronzon, o aspecto funcional do fator negador, está agora forçando sua entrada na esfera terrestre. O sistema de filosofia oculta representado por Blavatsky foi criado com base na doutrina budista da *anatta* e não pode de forma alguma ser reconciliado com os sistemas positivistas.

Madhyamaka mantém a proposição do Zero Absoluto. O ensaio de Crowley sobre Ontologia⁵ tendeu a confirmar isso, mas ele não continuou por muito tempo a defender esta posição. Em vez disso, ele adotou a dialética hegeliana com sua união de opostos dos quais o produto pode ser - única e inevitavelmente - mais uma entidade. O resultado da união de duas entidades fenomenais é uma terceira entidade fenomenal. Mesmo quando isso é nada, ele contém em si mesmo a semente da dualidade, pois neste sistema $m = 0 = 2$, e por isso não somos libertados da estrutura fenomenal.

¹ O leitor deve consultar o ensaio de Crowley sobre Ontologia (*Collected Works* of Aleister Crowley, vol.II) e suas considerações sobre a fórmula $0 = 2$, em *The Hook of Thoth*.

² O terceiro elemento permanece dentro do reino fenomenal; não o transcende.

³ Anatta = 71 = LAM, *O Caminho*. 71 é também o número de SATA, a serpente "que habita nos confins da Terra". (*Livro dos Mortos*).

⁴ Morya e Koot Hoomi.

⁵ "Berashith", 1901. (Ver Crowley's *Collected Works*, vol.11).

A doutrina do Ch'an, às vezes conhecida como Doutrina Sem Palavras, sugere o Aeon Sem Palavras, que envolve a negação ou resolução de fenômenos. O processo é simbolizado por Choronzon, ou Choronzain, um nome que significa a pericorese de duas dimensões distintas, a fenomenal e a numenal. Zain, ou Z-ain, é a serpente do caos tipificada pelo *ayin*, o Olho; numenalmente, o 'eu'. Crowley observa que o único poder que pode superar Choronzon é o Silêncio. Isso ocorre porque o silêncio é sua natureza última. Aiwass é o ministro de Hoor-paar-Kraat, o Deus do Silêncio no ovóide do espaço; o bebê no ovo referido em AL. O nome Choronzon também compreende Chronos, Tempo elemental e *Zain*, a espada que divide a intemporalidade (númeno) em Tempo (fenômenos). O Cristo declarou que não veio trazer Paz, mas uma espada, que é um modo ⁶ alegórico de esboçar o Aeon de Zain. Como isso ocorreria após o Aeon de Osíris, é evidente que Zain se iguala a Hórus, ou melhor, a seu gêmeo, Set, o Aeon silencioso ou sem palavras, Hoor-paar-Kraat. Parece que Hórus tipifica não um Aeon, *mas o poder que inicia o Aeon Sem Palavras de Choronzain*. Podemos ter aqui, também, uma chave para os Mistérios de Maat, pois Maat é o Equilíbrio. Ela representa o aeon em que a Mulher está "cingida com uma espada [*zain*] diante de mim". ⁷ As escamas da balança escondem um simbolismo sugestivo das vestes escamosas dos Profundos, como o *mundo das conchas* sugere sua habitação nas profundezas do espaço.

Dez, o número do aethyr no qual Choronzon apareceu a Crowley é significativo nesta conexão, pois o Um além do Dez (isto é, onze) designa o Mundo das Conchas. O número 11 tipifica não apenas as qliphoth, mas o modo de evocá-los por meio da dupla corrente: os dois que não são nenhum (0 = 2). Nenhum, ou Nun, por paranomasia, é o Peixe, ⁸ o zootipo dos Profundos.

Pode-se notar que, ao longo da linha, o simbolismo confirma e estabelece o Culto de Cthulhu como sendo idêntico ao de Choronzon; do Tempo e daquilo que está além do Tempo. ⁹ Em outras palavras, o Aeon de Aiwass, ou Hoor-paar-Kraat permanece fora dos círculos do Tempo. ¹⁰ Não somos justificados, portanto, em aludir ao Aeon de Hórus como o Aeon de Choronzon? Sim e não. A duração de um éon não é necessariamente 2.000 anos, ou qualquer outro período de tempo prolongado. A palavra aeon também denota um momento infinitamente fugaz, ¹¹ um período incomensurável, o não tempo necessário, talvez, para desencadear o Aeon de Maat? Isso explicaria o pavor relativo à noção de Choronzon, de Horus, ¹² e de Aiwass, ministro do Deus do Silêncio resultante da negação total.

O Rev. Montague Summers considerou o uso de Crowley do conceito de Hórus com referência ao éon presente como "um nome flamejante falso", tendo "nada a ver com Hórus, o filho de Ísis, o Senhor da Escada Celestial, o dia-deus adorado no antigo Egito. Este 'Senhor do Aeon', 'a Criança Coroada e Conquistadora', o 'Irmão Mais Velho', como foi chamado com medo e blasfêmia pelos degradados Maniqueus, é o Poder do Mal, Satanás". ¹³ Esse divino erudito, de fato, adivinhou um certo "erro" na noção de Hórus assim representada, mas em virtude de seu condicionamento ele foi incapaz de identificar adequadamente o poder por trás do fenômeno da desintegração. Ele naturalmente presumiu ser o Diabo, e reconheceu nele o terrível espectro da Destruição que assombra a humanidade hoje.

— ~~As sociedades humanas~~ sempre tenderam a se deteriorar, mas, até agora, foi possível em muitos casos aplicar contra-medidas. No entanto, agora que o impulso evolucionário está diminuindo, pode-se esperar uma regressão maciça às formas primitivas e comunais de sociedade em que o indivíduo como tal está virtualmente abolido. Pode-se aceitar tal estado de coisas e diminuir com a maré, ou pode-se afirmar sua individualidade, como os artistas criativos sempre tenderam a fazer, na tentativa de combater a entropia. Mas isso não terá sucesso agora, como ocasionalmente aconteceu em fases anteriores da história, porque a humanidade está se aproximando do na-dir do

Kali Yuga. Existe, entretanto, uma alternativa viável. Este é o Caminho Negativo exemplificado por

⁶ "Falo por parábolas para que *não* entendam." (Jesus; itálico meu).

⁷ AL.III.11

⁸ Cristo foi representado pelos gnósticos como Icthus, o peixe.

⁹ Aquilo que está além do Tempo é tipificado por *Ain* (O) em sua forma Ofidiana (Z ou *Zain*).

¹⁰ O Círculo, O = *Ain*.

¹¹ Cfr. o budista *Kshana*.

¹² Associado a guerra e destruição.

¹³ *Witchcraft and Black Magic* (Summers), p.180.

formas advaitin de cultura metafísica e, em particular, pelo Budismo Ch'an do *Sheshthayana* (Veículo Supremo).

O Caminho Negativo exige desidentificação pessoal, por meio da realização de *Anatta*, com o jogo de mundo fenomenal / numenal. É digno de nota que *Anatta* = 71 = Lam, e que *Anatma* = 102 = LAMAL, um palíndromo que expressa o verdadeiro Culto de Lam como o transmissor para AL de LA (Não) via MA. 102 é o número de Nu + Mu. ¹⁴ Mu é sinônimo de Lemúria. É significativo a este respeito que a colina Arunachala ¹⁵ no sul da Índia remonta aos dias da Lemúria. ¹⁶ A forma vedântica de *Anatta*, ou seja, *Anatma*, é 493, o número de *Zod manas Zi Ba*, 'Nada se manifesta em qualquer forma'. Seu outro número, 253, é o de Al Hazred, o nome do árabe "louco" que transmitiu a Gnose ¹⁷ do *Necronomicon*.

É necessário, neste ponto, introduzir considerações aparentemente diversificadas. Os três cultos mais poderosos do mundo da matéria hoje aparecem como três expressões distintas do número 31, que, em combinação, constituem a Corrente 93. Eles são:

- 1) Culto de Crowley de AL, com seu talismã, *O Livro da Lei*. (AL)
- 2) Culto de Los Angeles de Frater Achad, com seu talismã, *Liber 31*.
- 3) Zos Kia Cultus de Austin Spare, com sua psicologia do êxtase culminando no Nem- Nem.

Em *Cults of the Shadow*, indiquei afinidades entre o Culto de Ma (46) e o conceito de 31 de Achad como o reflexo negativo de AL.

Frater Achad formulou, por meio de sua magia de espelho, uma Cabala do Negativo que tem profundas afinidades com a teoria da Reversão Protoplasmática utilizada por Arthur Machen em vários de seus contos extraordinários. ¹⁸

Mais ou menos na época em que Crowley embarcou em seu período de 'Equinócio', Austin Osman Spare estava elaborando sua doutrina do Kia, que ele descreveu como a filosofia de *Nem-nem-Nada*. Que Crowley estava envolvido em pesquisas semelhantes é provado por sua preocupação com a antiga fórmula chinesa, 0 = 2. Spare, da mesma forma, estava introduzindo em seu sistema a metafísica asiática do Madhyamaka, ou 'Posição do Meio', que evitava os dois extremos - Existência (é) e não existência (não é). Evitando ambos os extremos, Crowley e Spare adotaram uma postura que não refletia nenhum dos dois. Spare recuou ainda mais e assumiu um ponto de vista de 'nenhum dos dois' que representa precisamente a posição madhyamaka, embora seja, ao contrário, a abolição de todas as posições, pois Kia implica não apenas 'nem é, nem não é', mas também, *nenhum* destes.

O Kia é baseado em uma reminiscência negativa dupla da fórmula chinesa de ausência dupla, ou ausência absoluta. ¹⁹ Esta é a periferia do círculo que toca o Kia de Spare e que formula o processo de Consecução através da Distração elaborado em *O Livro do Prazer de Spare*.

Há neste complexo muito mais do que fios perdidos de metafísica oriental, embora sejam vitais para a compreensão da Mística 93 e sua proeminência no ocultismo contemporâneo. Não é possível explicar a fórmula em linguagem conceitual porque não há linguagem que não seja dualística. Aproximadamente: Númeno (não dualidade) pode ser realizado pela abolição não do fator positivo sozinho, mas também pela negação do fator negativo que permanece após essa abolição. Este duplo processo resulta não numa ausência, que implica uma presença, mas numa *dupla ausência* que anula a presença implicada

¹⁴ 56 + 46.

¹⁵ O centro de culto de Advaita.

¹⁶ Ver *Sri Maharshi*, de S.Kamath, 3ª ed. p.44. Arunachala é celebrada no antigo *Skanda Purana*.

¹⁷ 253 é também o número da *Gnose*.

¹⁸ *O Grande Deus Pã, a luz mais íntima, N*, para citar alguns.

¹⁹ Veja as obras de Wei Wu Wei para um tratamento magistral desta Fórmula de Shen Hui.

pela ausência inicial. O que resta é a ausência total ou absoluta, conhecida em termos budistas como *Sûnyatâ*, Vazio.

Spare não caiu no erro de $0 = 2$; seu nada é o Zero Absoluto, pois é do nada total que surgem os fenômenos. O ocultista criativo tem necessariamente que voltar a esse vazio primordial para encontrar a fonte da materialização. Nenhuma outra fórmula permite “que a mudança ocorra em conformidade com a Vontade”, que é a definição de Crowley de magia, a ciência da ilusão, das aparências apenas. É duvidoso se Crowley intuiu esse fato, embora Frater Achad parecesse estar vagamente ciente disso. ²⁰ Spare certamente era, e isso lhe permitiu estabelecer um contato consciente com a Inteligência fora do espaço e do tempo, eles próprios a estrutura do pensamento dualístico. ²¹ Em outras palavras, Espaço e Tempo sobem e descem junto com a aparência manifestada dentro deles. Crowley não conseguiu contato *de seu lado*, pois quando Aiwass se comunicou com ele, foi pela vontade de Aiwass. A ruptura na estrutura do espaço, a urdidura na sequência do tempo, ocorreu não por prazer de Crowley, mas de Aiwass. Spare, por outro lado, parecia capaz de antecipar essas distorções porque entendia profundamente os *conceitos de* intermediação, a Posição do Meio (*Madhyamaka*), que não é posição nenhuma, pois é a negação dos dois conceitos positivos, 'É' e 'Não-É'. Frater Achad também percebeu que para descobrir Deus é necessário voltar à Palavra primordial, mas é duvidoso se ele percebeu a natureza vazia dessa Palavra. Ele observou apenas que a palavra ALLALA ²² soma 93, e que formula a Corrente Negativa que invoca o Deus primordial que é verdadeiramente Não-Deus. ²³ Para que duas coisas possam se unir, elas devem aparecer simultaneamente. Isso eles nunca podem fazer porque dois pensamentos (objetos) não podem ocorrer simultaneamente na consciência. Identidade (isto é, unidade) pode ser encontrada apenas na negação de ambos os pensamentos. Além disso, as palavras são expressões de pensamentos e sentimentos, enquanto Númeno está além de pensamentos e sentimentos. Portanto, só o silêncio pode expressar o que está além ou fora.

Um estudo atento da correspondência de Frater Achad a respeito do Aeon de Maat revela o quão perto ele chegou a compreender a Realidade subjacente 93. No entanto, ele parece ter entendido isso como uma combinação de elementos positivos e negativos, ao invés de nem positivos nem negativos. Embora eu não conhecesse Frater Achad pessoalmente, eu conhecia Crowley e Spare e meus sentimentos são que Spare estava ciente de que a Realidade não era AL nem LA; antes, que era a *ausência da ausência* de ambos; ou *Neither- Nenhum*. Nessa compreensão, Achad se assemelhava a Allan Bennett ²⁴, que em uma idade precoce experimentou uma rápida absorção na Realidade e passou o resto de sua vida se esforçando para realizá-la como o Estado Natural.

Nox (noite) é o símbolo de Nem-Nem-Nem. Um de seus números, 210 ou 70×3 , significa 0, a raiz cúbica de zero, que, como 000, formula o cabalístico Ain Soph Aur. Uma

das comunicações recebidas por Crowley (*Liber Trigrammaton*) começa com as palavras: "Aqui não há nada em suas três formas" O verso é numerado 000, e a comunicação em questão é baseada no sistema chinês do Yin-Yang- Tao.

Liber Trigrammaton foi descrito por Crowley como "um relato do processo cósmico, correspondendo às estrofes de Dzyan ²⁵ em outro sistema". Esta comunicação particular é numerada 27, o número não apenas de *Dyzu* (= Dzyan), mas também de *Aku*, o deus da lua, adorado em alguns lugares sob o nome *de Sin*; e *de Bahti*, os gnomos hediondos a que se refere Blavatsky. ²⁶ Já observei anteriormente, em outro contexto, que *Bahti* pode ser uma contração de *Bahlasti*. ²⁷ Os gnomos sugerem os Túneis de Set e

²⁰ O assunto está esboçado na "Correspondência oficial e não oficial" de Achad, até então inédita. Veja *Cultos da sombra*, capítulo 8.

²¹ Espaço e Tempo são complementos necessários da consciência que percebe.

²² Significando, de acordo com Frater Achad: Deus (Al) é Não-Não (LA LA).

²³ Cfr. AL, II.23: "Estou sozinho: não há Deus onde estou". No sistema de Spare, o símbolo do "Eu" ou Olho, é o Kia (31).

²⁴ O guru de Crowley em assuntos orientais. (Veja *As Confissões de Aleister Crowley*). A posição de Bennett era essencialmente budista.

²⁵ A base da Doutrina Secreta exposta por HPBlavatsky em sua obra com esse nome. Dzyan é equivalente ao chinês Ch'an, sânscrito Jnana, conhecimento não conceitual (nota do autor)

²⁶ *A Doutrina Secreta* III.p.18.

²⁷ Ver AL, III.54.

os 'tronos subterrâneos' mencionados nas Cabalas de Besqul. ²⁸ Que Crowley estava ciente das implicações desta apoteose do Irracional (ou seja, ³ √0) é evidente a partir de uma passagem em suas *Confissões*:

A meditação desta tarde resultou em uma iniciação tão estupenda que não me atrevo a sugerir sua Palavra ... Em um único instante eu tive a Chave de toda a sabedoria chinesa. À luz - vislumbre momentâneo como era - desta verdade, todos os sistemas de religião e filosofia tornaram-se absolutamente pueris. Mesmo a Lei, ou seja, a Lei de Thelema, não parece mais do que um incidente curioso ... Fico perplexo ao entender como meu irmão Magi, sabendo disso, sempre continuou.

Um pouco mais adiante, Crowley reconheceu que essa experiência ²⁹ havia abalado profundamente: "O segredo vem pelo Caminho de Aleph até Chokmah", o que é uma maneira de dizer que vem de Fora (a Árvore da Vida). Crowley observou que este segredo tem "o poder de lançar todos os Mestres do Templo no Abismo, e de lançar todos os adeptos da Rosa Cruz até as Qliphoth". ³⁰ Isso porque as Qliphoth são a fonte das conchas ou cápsulas espaciais que atravessam o abismo entre o homem e a consciência extraterreal. Há uma solução de continuidade entre a Tríade Superior da Árvore, resumida pelo complexo Kether-Chokmah-Binah , e as zonas de poder "humanas" terrestres.

O mistério pode ser melhor compreendido em relação à dinâmica da equação: (+1) + (-1) = 0, que consiste em um elemento positivo e um negativo combinados para produzir nada. Mas esse nada é qualificado, não é Zero Absoluto porque a dualidade não é transcendida pela operação, ela permanece latente no produto - Nada - que é igual a *Dois*. Assim, permanece dentro de uma estrutura fenomenal. Para obter o Nada puro (Nox) a fórmula não pode ser de união ou síntese, pois a dualidade só pode ser abolida pela *negação da negação* de dois elementos opostos ou complementares, assim:

O não negativo (+1) mais o não positivo (-1) = não dois, que é advaita, ou não dualidade. A diferença em termos físicos é imperceptível porque ambas as fórmulas não produzem Nada, mas, metafisicamente, a diferença é total, porque o Nada residual é nada absoluto, ou Nada, o Dois tendo sido totalmente abolido.

Na terminologia mágico-mística, essa é a diferença entre Nuit e Nox. Várias gematrias desses termos nos permitem realizar uma análise em níveis dentro da estrutura fenomenal, que, no entanto, incluem implicações extra-fenomenais (embora não numéricas):

O número de Nuit, 466, é também o número de Hast, ³¹ a 'deusa no portão do céu de noite', ³² e GLGLTh, 'Caveira', símbolo da morte e do Mistério de Crossing-over de existência à inexistência. 180, um número de Nox ou Noite é um número de Silêncio ³³ e, portanto, está conectado com Lam e o Aeon Silencioso. Outro número de Nox é 116 (Nun = 50, Vau = 6, Samekh = 60), MBOD, que significa 'Fora', e de *Satalie*, 'o redemoinho'. ³⁴ 116 também indica *Kilena*, a Árvore da Crucificação no Culto Dogon e uma forma de Gólgota (GLGLTh). 116 é um ^{35a} menos que Lam (71) + Mu (46), e, de acordo com *O Necronomicon*, *Lammu* é o nome do primeiro dos gêmeos nascidos dos Antigos. Lam concentra a corrente dupla ³⁶ ou dupla, e Mu representa os Profundos ou Externos. Outra forma de Nox, Nu-Tz, ³⁷ é 146, ou BBA QMA, 'The First Gate'. O número 146 também é o de Khensu, 'o Grande Passolargo através do Céu Noturno'; e do SVP, 'para acabar com', colocar a espada',

²⁸ Veja *Fora dos Círculos do Tempo* (Concessão).

²⁹ Aconteceu em 1918.

³⁰ *The Confessions*, capítulo 86, p.840.

³¹ Hast também = 75, um número de Nuit.

³² *O Livro dos Mortos*, tradução de Budge.

³³ Consulte o capítulo 8.

³⁴ "Tudo o que nele cair ... ou for arrastado por ela, se perderá além de toda redenção". Summers, *The Vampire in Europe*, p.97. *Satalie* é um análogo do Buraco Negro.

³⁵ Aleph é *um*; é atribuído ao Caminho do Ar ou Espaço.

³⁶ A Dupla Corrente Ofidiana é representada na gnose estelar por Gêmeos, os Gêmeos, e pela letra Zain, "uma espada".

³⁷ A letra Tz representa um "anzol".

outra referência a *Z ain*. Mas o número mais importante de Nox é 210, o reflexo de 012, a fórmula da criação, denotando assim o esquecimento resultante do "fim". 210 é o número dos Grandes Antigos, os Gigantes (Nephilim), 'os Caídos' ³⁸ ou 'abortos', e de ChRB, 'uma espada'. O zootipo de Nox é o Hlo-Hlo (210), o glifo ídolo-aranha da Gnose Aracneica. 000 (70 + 70 + 70 = 210), ou 'Nada em suas três formas', incorpora uma doutrina cósmica idêntica à de Dzyan (Zain). 210 também é o número de LOLMIM, 'Idades' ou 'Aeons'. Esses conceitos referem-se à fórmula da Não Dualidade (Não-Dois), a negação total do Sujeito e do Objeto, do Eu e do Outro.

Que Crowley foi incapaz de aceitar a doutrina da Não Dualidade pode ser visto em *Magick Without Tears*. ³⁹ Lovecraft, também, recuou de todas as implicações da doutrina de Advaita, não menos do que de sua aplicação negativa na doutrina budista de Anatta. Lovecraft declara:

Fundir-se com o nada é o esquecimento pacífico; mas estar ciente da existência e ainda saber que não é mais um ser definido distinto de outros seres - que não tem mais um *eu* - esse é o cume sem nome da agonia e do pavor. ⁴⁰

No entanto, Crowley e Lovecraft perderam o cerne da questão, que é que sem o Eu (Sujeito) não pode haver objetos, nenhuma existência e nenhuma entidade e, portanto, nenhuma identidade. O Self não pode ser uma 'coisa' porque o Sujeito não pode ser um objeto, e podemos conhecer e conceber apenas objetos. É surpreendente, mas a aversão mais violenta e a confusão mais desesperadora são geradas por esse assunto em mentes de outra forma cristalinas e afiadas como diamantes. Franz Kafka, por exemplo, tem o seguinte a dizer sobre o assunto:

Os escritos religiosos indianos me atraem e me repelem ao mesmo tempo. Como o veneno, há algo tanto sedutor quanto horrível neles. Todos esses iogues e feiticeiros governam a vida da natureza não por causa de seu

amor ardente pela liberdade, mas por causa de um ódio oculto e glacial pela vida. A fonte das devoções religiosas indianas é um pessimismo sem fundo. ⁴¹

Aquilo que Crowley descreve como o poder da visão para “lançar todos os adeptos ... ao Qlifoht”, e que Kafka descreve como “pessimismo sem fundo”, é a doutrina de Anatta apresentada pelos Madhyamikas. Ambos os escritores falharam em entender a doutrina. Deve-se, entretanto, lembrar que quando Crowley escreveu sobre o budismo, ⁴² certos textos Mahayana vitais em tradução para o inglês não estavam disponíveis. Refiro-me particularmente aos textos da escola *Prajnaparamita*. Crowley não mostra nenhum conhecimento do trabalho de Nagarjuna, que foi um dos primeiros a penetrar na filosofia essencial do budismo e a apresentá-la despojada de acréscimos. A fórmula da dialética de Nagarjuna está livre do positivismo que leva (como em Crowley, após Hegel) a novos conflitos insolúveis, e abre caminho para a verdadeira fórmula de 93 que Frater Achad desenvolveu de sua 'Palavra' de 1926 - ALLALA, ou, mais precisamente, LALAAL:

—————SER (AL) baseia-se em NÃO-SER (LA)
NÃO-SER (LA) depende de NÃO-SER (LA LA AL).

A Suprema Tríade, portanto, é LALAAL, 93. (LA = 31; LA = 31; AL = 31).

O mundo dos fenômenos é chamado de *Sangsar*, pelos hindus. Significa 'o movimento' ou 'o celular'. O movimento, entretanto, é ilusório porque não há nada, nenhum objeto para se mover. Os objetos são meros objetos da consciência e não podem existir separados dela. A ilusão de movimento é criada pela incapacidade da mente de entreter mais de um pensamento por vez. Portanto, os pensamentos (coisas) aparecem em série, e são aparentemente

³⁸, isto é caído na terra.

³⁹ Carta intitulada "O Universo: A Equação 0 = 2".

⁴⁰ Ver "Através dos Portões da Chave de Prata" em *Nas Montanhas da Loucura*, p.414.

⁴¹ "Escritos religiosos indianos" aqui se referem aos textos Advaitin e Budista da Escola Anatta. A citação vem de *Conversations with Franz Kafka* (Janouch), p.85.

⁴² Ver Crowley, *Collected Works*, artigos *Berashith* and *Science and Buddhism*.

projetado pela mente no espaço, onde assumem existência objetiva. Mas o espaço em que parecem surgir é ele próprio um pensamento e, juntamente com o tempo, constitui o mecanismo de manifestação, ou dualidade, ou seja, o sujeito que reconhece os objetos.

A subjetividade última contém a semente do *sangsar*, assim como o sono profundo contém a latência do pensamento (sonho), que aparece apenas quando a subjetividade objetiva; o sono então se torna um sonho. O processo final é o de objetivação (distinto da objetivação), que causa a ilusão de um estado de vigília no qual os pensamentos ou objetos oníricos são experimentados como "reais". A ausência total de objetos (como no sono profundo) é, portanto, a presença total do Sujeito, cuja manifestação então aparece fenomenalmente como *Sangsar* (o Universo). Mas esse fato é perdido de vista quando o Sujeito *objetiva* (isto é, sonha), ou *objetifica* (desperta).

A ausência total de *Sangsar* é, portanto, a presença total do Eu, e *vice-versa*, o que explica por que o *jivanmukta* ⁴³ não vê nada objetivo. O tempo e o espaço surgem simultaneamente com o ego, que divide o sujeito (Self) em sujeito e todos os seus objetos. O universo, portanto, parece existir na totalidade, embora a mente (ego) só possa serializá-lo sequencialmente. É esse processo que cria a ilusão de movimento, de tempo: passado-presente-futuro. No sono profundo, tudo isso está latente, *in toto*, como na bolota está o carvalho com todos os seus ramos, folhas e ramos. Ele evolui, ou parece emergir, apenas quando o pensamento produz a ilusão de movimento na consciência e, assim, comporta as noções de Tempo e Espaço. Quando estes *aparecem*, então *Sangsar aparece*, mas todos os três são apenas isso - meras aparências.

A oitava esfera mencionada ⁴⁴ nos 'escritos ocultos mais antigos' é tipificada na Árvore da Vida pela décima primeira sephira, Daäth. Esta é a oitava esfera, contando para cima a partir da terra. ⁴⁵ É também a *altura*, ou cume, no que diz respeito à onda de vida humana, pois há uma solução de continuidade entre as sete esferas abaixo do Abismo e a Triade Superior. Esse ponto de indefinição ou descontinuidade foi chamado de zona malva. ⁴⁶ É o lugar em que a própria Árvore se desvanece no vazio. A obscuridade acumulada sobre o Daäth pelos proponentes da dispensação do Velho Aeon é o resultado de uma repulsa concentrada da verdade de que Númeno é inacessível à consciência humana, como a qualquer outra forma qualificada de consciência. A verdade é que nada, nenhuma entidade ou conceito - e isso inclui a Árvore da Vida - existe acima do Abismo. A Árvore parece ser a Árvore apenas dentro da estrutura do pensamento conceitual, que é totalmente fenomenal e, portanto, tem apenas uma existência aparente. A zona malva ou malva é caracterizada pelo pântano porque não é terra firme (terra), nem água (céu). É a porta de entrada para o vazio, a porta de entrada externa *por excelência*.

É evidente que não pode haver tal 'coisa' como um objeto, porque um objeto implica um sujeito para conhecê-lo, criando assim a dualidade. Isso é aparente apenas, pois a Realidade não é dual (*A-dvaita*). Dualidade é a blasfêmia definitiva tipificada nas teologias de *Le Diable*, o duplo. O duplo um é 11, onze, o número das Qliphoth, ou mundo das conchas, uma aglomeração oca e totalmente fantasmagórica de espectros de energia. Não há sujeito, apenas *subjetividade*. A objetividade é apenas sua objetificação aparente. O processo de objetificação é conhecido como faculdade criadora do ego. Por meio dele é reificado o que é visualizado, ou pensamento.

⁴³ Um ser iluminado que é liberado da existência condicionada enquanto ainda parece estar encarnado.

⁴⁴ A.P.Sinnott, *Esoteric Buddhism*.

⁴⁵ Malkuth.

⁴⁶ Ver *Fonte de Hécate* (Grant). Skoob, 1992.

6

O quarto poder da esfinge

T vibrações do Ofidiana actual HE sonica estão para além do alcance de audível som para o ouvido humano. No *Livro da Lei*, Aiwass é descrito como “o ministro de Hoor-paar-Kraat”, o deus do silêncio, um fato não totalmente compreendido por muitos expoentes contemporâneos da Corrente.

O som em sua manifestação grosseira ou audível é hostil à manifestação de Hoor-paar-Kraat, ou Set, o deus do Aeon Sem Palavras. Os grandes mestres da sabedoria ensinaram através do Silêncio. Dakshinamurti e o Buda, cujo silêncio em relação a certos assuntos foi amplamente mal interpretado, são os exemplos históricos mais conhecidos. Dakshinamurti era um avatar de Shiva, encarnado nos últimos anos como Bhagavan Sri Ramana Maharshi, que ensinava também pelo silêncio. Seu presente de graça foi *mouna diksha*, iniciação através do silêncio. Seus discursos respondiam quase inteiramente a perguntas, assim como seus livros; ele não pregou ou deu palestras no sentido em que essas palavras são geralmente entendidas. A cultura espiritual é inteiramente uma questão de desenvolvimento individual, não é passível de distribuição em massa. A maneira como uma pergunta é formulada é a chave para a aptidão receptiva do questionador e uma indicação de que ele pode compreender sua resposta. Mas a Voz do Silêncio raramente é ouvida hoje, e se for, é ainda mais raramente ouvida. O *medo* do silêncio é de fato tão agudo que explodiu no ruído que encontra expressão na cacofonia característica de grande parte da "música" contemporânea. Vibrações distorcidas estão desencadeando todos os tipos de doenças nervosas e psíquicas. Nunca antes as doenças da alma geradas pela dissonância foram tão prevalentes ou disseminadas. Eles são os reflexos audíveis de explosões que rasgaram, nos anos quarenta, a concha áurica da Terra, e que atraíram para o espectro visível OVNI e outras manifestações mágicas. Mas embora este último possa reativar na humanidade faculdades de consciência psíquica há muito adormecidas, as cacofonias só podem romper os invólucros astro-etéricos que são os veículos de tais manifestações, tanto em um sentido cósmico como microcósmico.

Pode-se notar, neste contexto, que na esfera da expressão musical os ritmos do jazz, que carregavam uma carga criativa positiva, não sobreviveram aos anos quarenta. ¹ É também digno de nota que a corrente 'clássica' não degenerou da mesma forma, mas se desenvolveu ao longo de linhas consoantes com o desdobramento da consciência humana em direção ao Aeon Silencioso. A harmonia é uma forma de silêncio, a desarmonia sua ruptura. A doutrina sem palavras é inerente a algumas músicas clássicas europeias e expressa uma consciência espaço-temporal do Vazio revelada por intervalos que são indicações sutis do estado intermediário, o Nem- Nem. Os cultos africanos Petro e Rada do Voodoo continham as harmonias cósmicas que mais tarde foram incorporadas ao jazz, ao swing e aos ritmos de 'salto' exemplificados por Count Basie e outros.

¹ Algumas bandas se esforçaram com sucesso para continuar a corrente, mas eram poucas; A de Count Basie foi, talvez, a mais conhecida.

Do poder e do valor do Silêncio, das entrelinhas e alinhamentos sonoros espaciais, Francis Bacon estava ciente quando escreveu, em 1624:

Temos também casas de som, onde praticamos e demonstramos todos os sons e sua geração. Temos harmonias que vocês não têm, de quartos de som, e menos slides de sons Temos também meios para transmitir sons em troncos e tubos, em linhas estranhas e distâncias. ²

A degeneração mencionada acima não se limitou apenas à música. A fala humana também é violada ao ponto não apenas da ininteligibilidade, mas a uma distorção do sentido que trai uma profunda desorientação da consciência levando a uma comunicação distorcida. As pessoas sempre tenderam a falar demais, mas a tendência de difamar, denegrir, amaldiçoar, blasfemar e ferir nunca foi tão universalmente comum como hoje. As deformações da fala são uma expressão direta das malformações da fibra

sutil do som causadas pelas detonações devastadoras de radiação nuclear destrutiva e corrosiva. Kafka disse sobre certas formas de discurso:

Xingar é algo horrível. Jurar destrói a maior invenção do homem - a linguagem. É um insulto à alma e uma ofensa assassina contra a graça. Mas assim é qualquer uso de palavras sem a devida consideração ... Palavras envolvem uma decisão entre a vida e a morte. ³

Pode parecer a um leitor casual que a música 'rock' e o abuso da fala são de uma inconsequência risível em comparação com a urgência e iminência da devastação nuclear. Mas o leitor mais perspicaz está ciente de que o efeito de certas vibrações pode ser tão fatal quanto o mais óbvio míssil militar. A vibração é a base da ciência do mantra. Mantras maléficos vibrados corretamente são tão destrutivos para o envoltório sutil da terra quanto são necromancias nucleares, venenos poluentes e radiação sônica. Abusar da linguagem, do ritmo, da harmonia, é perverter e deformar a grade sutil ou yantra em que se baseia a estrutura fenomenal. Kafka novamente:

A linguagem só é emprestada aos vivos, por um período indefinido. Tudo o que temos é o uso dele. Na realidade, pertence aos mortos e aos que ainda não nasceram. É preciso ter cuidado ao possuí-la ... Uma ofensa à linguagem é sempre uma ofensa ao sentimento e à mente, um escurecimento da palavra, um sopro da era do gelo. ⁴

O mesmo se aplica ao abuso de todas as formas de vibração, e é por isso que o silêncio é melhor e tem, nas escolas arcanas mais exaltadas, por muito tempo sido empregado como o modo de transmissão do conhecimento iniciado.

Liber AL aconselha “não fale demais!”, E Frater Achad tem observações interessantes sobre a fórmula de 'Não Falar'. ^{5A} fala é uma forma de vibração altamente potente e seu abuso é uma abominação. Como Wei Wu Wei observou:

Falar é provavelmente o maior obstáculo ao desenvolvimento das possibilidades espirituais do homem e, de todas as formas de atividade, a que mais eficazmente impede seu caminho para aquele estado superior de consciência que é sua possibilidade única, seu direito e sua única certeza. - justificativa. ⁶

Os mestres Ch'an evidentemente sabiam disso ... O fato é reconhecido no Cristianismo pelos Trapistas e na Índia os iogues impõem a si mesmos longos períodos de silêncio. ⁷

² Francis Bacon, *The New Atlantis* (1624). Também de interesse neste contexto é o Yantra de música de 31 notas, que demonstra a base mágica do yantra e mantra em conexão com a Corrente 93. (Ver Diagrama, p.111, pelo qual estou em dívida com o Sr. William Coates).

³ *Conversas com Kafka* (Janouch), p.39.

⁴ *Ibidem*, p.55.

⁵ Cfr. 'A correspondência oficial e não oficial a respeito do Aeon de Ma' (Frater Achad).

⁶ *Pergunte ao Desperto* (Wei Wu Wei), p.35.

⁷ *Ibid.*

As pessoas falam muito. Esta é de longe a causa mais comum de mediocridade e vazamento de energia mágica. Por 'falar' entende-se qualquer projeção agitada de energia, porque esta é sempre acompanhada por vibração, da qual a fala é uma forma. O silêncio, o verdadeiro silêncio mágico, é criativo. Não se trata apenas de não dizer nada, o silêncio deve ser total para abrir a porta final. No limiar, não apenas a fala, mas também o pensamento caem em perfeita quietude. O Voto de Silêncio, em sua forma externa, é meramente simbólico da resolução de se aproximar da Fonte de energia criativa que reside fora do espaço e do tempo e que é a própria Consciência. Podemos

experimentá-lo porque é nossa verdadeira natureza; podemos até expressá-lo, mas nunca podemos defini-lo, pois não é uma "coisa", um estado, uma entidade ou um objeto de qualquer tipo. O pensamento e sua serva, a fala, apenas o velam, mas ele é descoberto no intervalo atemporal entre dois pensamentos sucessivos ou no momento em que acorda de um sono sem sonhos. É percebido na instantaneidade de uma fração de segundo da consciência pré - conceitual. Não podemos conhecê-lo porque é tudo o que somos. Podemos perceber isso apenas quando o pensamento cessa, quando o silêncio perfeito prevalece, como no sono sem sonhos ou no samadhi do tipo mais elevado, isto é, não volitivo .

O objetivo de todas as culturas espirituais genuínas é realizar nossa verdadeira natureza que, na Tradição Tifoniana, é representada por Hoor-paar-kraat. Sua forma divina é a da Criança sentada sobre a flor de lótus, com o polegar ou o indicador pressionado contra os lábios. Ele é o “Senhor do Silêncio e da Força” ⁸ e resume o Caminho do Relâmpago. Força, Oz, é 77 - o Olho ⁹ e a Espada ¹⁰ - representando a Corrente Ofidiana vibrando no Vazio, o Poder da Serpente oculto na flor (olho) do Abismo. 77 como *Nubti* é um título de Set, e um número de Nuith (forma grega). É também um número de *Kutulu* (Cf. Cthulhu):

De todos os Deuses e Espíritos, Kutulu sozinho não pode ser convocado porque ele é o 'Senhor Adormecido'. Ele é o próprio Fogo da Terra e Poder de toda Magick. Quando ele se juntar aos Abominations of the Sky [the Outer Ones], TIA MAT irá mais uma vez governar a Terra. ¹¹

Este é um esboço do Aeon de Maat (Tia Mat). 77 é igual a MDLG, 'saltando', que compara a fórmula dos Voltigeurs. ¹² É também uma série de MDGL, a Torre sagrada para Baal. O último é a forma divina dos Baals, ou Exteriores, que habitam um planeta no sistema estelar de *Proxima Centauri*. ¹³ Mas o significado mais significativo de 77 no contexto atual é MZL, Mezla, a influência de Kether, que tipifica o portal mais externo do universo conhecido. Esses mistérios são obtidos além do Véu do Abismo, além da Zona Malva e do Véu do Sono, razão pela qual os iogues visam induzir um estado de sono desperto ou *sahaja samshi*, pois qualquer samadhi inferior é tão intermitente quanto o próprio sono.

A melodiosa flauta de Sri Krishna, que faz com que o rio Jumna recue sobre si mesmo e tome um curso contrário, é um convite a nadar contra a corrente dos sentidos (*à rebours*). Tal contracorrente (*nivriddhi marga*) leva o devoto até o tocador de flauta no centro imóvel, onde, por fim, é obtido um pé firme no fluxo turbulento. Sri Haranath ¹⁴ compara Kali (como mulher) tanto ao natural como às contra-correntes: "Aqueles que não são favorecidos por você [isto é, pela mulher], nunca podem correr contra a corrente". Ele exclama como poucos atendem ao chamado da flauta e lutam com determinação *à rebours*.

Crowley descreveu toda magia como sendo uma reversão da ordem natural, ¹⁵ e ele visualizou o receptáculo da Força como estando em algum lugar externo, isto é, contido no corpo de uma entidade independente, seu parceiro mágico ou Mulher Escarlata. Ele foi, portanto, obrigado a recorrer a uma forma de Lambika Yoga para recuperar a força para a transformação. Os iogues avançados conservam a Força *Vital* e transmutam internamente no néctar dos kalas lunares (os *chandrakalas*) o fogo fálico-solar . Expresso externamente, ou *fluindo*, a energia torna-se adequada para propósitos mágicos ou mundanos, mas quando a corrente é revertida, será

⁸ *AL*, III.70.

⁹ A letra *Ayin*.

¹⁰ *Zain*.

¹¹ *O Necronomicon*, Schl. ed. p. 189. Comentário entre colchetes inserido.

¹² Veja *Cultos da Sombra* (Grant), cap.9.

¹³ Ver Robert Charroux, *Masters of the World e Legacy of the Gods*.

¹⁴ Um avatar bengali moderno de Sri Krishna Chaitanya. Nota entre colchetes inserida.

¹⁵ Veja *O Registro Mágico da Besta 666*.

vem espiritualizado e produz o elixir da Imortalidade. No entanto, isso não significa que o corpo físico seja assim preservado para sempre das devastações inevitáveis do tempo e da decadência.

É da natureza da Corrente Ofidiana que a Serpente libere néctar ou veneno de acordo com sua direção:

Se eu levantar minha cabeça, eu e minha Nuit somos um. Se eu inclinar minha cabeça e disparar veemência, então haverá o arrebatamento da terra, e eu e a terra seremos um. [AL.II.26.]

Thakur Haranath observou ¹⁶ que o veneno de cobra mata e salva vidas porque a cobra tem essas qualidades opostas. Ele também declarou: “Eles ¹⁷ não sabem que a lua produtora de néctar contém também o veneno destruidor de vidas”. ¹⁸ E ainda: “Veneno e néctar misturados; muito gostoso! muito delicioso!”. ¹⁹

Ao considerar o Quarto Poder da Esfinge e as vibrações do Silêncio, somos inevitavelmente levados a considerar o simbolismo do Graal e as vibrações dos kalas.

No desenho de Crowley para Atu VII, o Graal, um caranguejo é representado no elmo da figura central cuja armadura ²⁰ sugere a carapaça da crustácea, símbolo dos Profundos. No zodíaco mais antigo conhecido, o signo do caranguejo era precedido pelo do besouro. Esta criatura emitiu um zumbido sugestivo de abelha e, em alguns sistemas misteriosos, abelha e besouro são simbolicamente intercambiáveis. O besouro é emblemático de um tipo de evolução destinada a substituir na Terra a atual onda de vida humana. O portador do Graal representado em Atu VII (veja a ilustração) pode, portanto, ser identificado com o portador do Sangréal, ou sangue real, o sangue que corre nas veias do Homem Real exaltado por Crowley, embora não seja compreendido por ele no sentido de Inteligência trans-humana. O desenho de Crowley para o Graal se assemelha tanto quanto pode ser, para uma representação pré-1947 ²¹, uma forma freqüentemente descrita em conexão com tipos particulares de OVNI's.

As manifestações finais da Consciência foram tipificadas pelos Aracnídeos, e foi precisamente a aranha que representou o antigo culto do Ob ou Python. ²² A abelha, o besouro ou o caranguejo são, portanto, o elo entre a primeira manifestação da corrente Tifoniana e suas fases finais. Observe que todos os três são insetivales, pois o caranguejo é uma espécie de besouro aquático, ou é considerado como tal na tradição ocultista. Essas fases constituem os elos de uma cadeia que precede, inclui e transcende o componente humano. Mas deve ser entendido que o elemento humano não cresce fora, ou nas duas fases Tifonianas que o precedem e sucedem, ao contrário, o elemento humano aparece como uma interrupção, uma interferência mesmo, com a corrente contínua. O Portador do Graal pode, portanto, ser imaginado como oferecendo a essa raça humana terrestre e *alienígena* a chance de comunhão com a linhagem Tifoniana. Pois o portador desce do Urso (Typhon), que incorpora o tipo (Typh) do sangue real, ou seja, o sangréal.

As pesquisas de Henry Lincoln ²³ revelam uma conexão entre o Clã Plantard e a oculta Ordem de Sion. A crista armigerosa do clã inclui dois ursos. ²⁴ O nome Sion (TzIVN) é igual a 156 que é o número de Babalon, a “Mulher escarlata que coleta em seu 'graal' o sangue dos santos. ²⁵ Se o

¹⁶ Pagal Haranath, Letters, 1976.

¹⁷ ou seja os não iniciados.

¹⁸ Pagal Haranath, Letters, 1976.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Deve-se notar que o portador do Graal é representado em uma armadura cor de âmbar. Âmbar ou laranja aparecem repetidamente em relatos de avistamentos de OVNI's.

²¹ Crowley morreu em 1947, o ano que marcou a inauguração do que agora pode ser descrito como a Era Ufológica; ele não poderia, portanto, estar ciente disso na época de sua produção do Tarô (1940-1944).

²² A palavra Python metatiza Typhon, como observado anteriormente.

²³ Ver *The Holy Blood & The Holy Grail* (Baigent, Leigh & Lincoln), Corgi Books, 1982.

²⁴ *Ibid*, Fig.1.

²⁵ 156 também = TZLVL, 'sangue límpido'.

letra final do nome recebe seu devido valor, TzIVN = 806, o número de ThVTh (Thoth) que, como Set, é o filho de Typhon (o segundo urso). 806 também denota as *empusas*, os 'vampiros', cujo emblema é o *calix honoris*, a 'taça do horror'. 806 como 86 = KVS, 'xícara'. KVS, Kush, é a forma caldéia do egípcio Khepsh, o Haunch emblemático da constelação 'Thigh', *Ursa Maior*, o *Khepsh* sendo o lugar de distância na terra para a semente das estrelas. $8 + 6 = 14 = \text{ZHB}$, uma metáfora aplicada aos 'céus'. ²⁶ 14 denota a Porta ou Portal e, como tal, é uma 'concentração de 86'. $14 (1 + 4) = 5$, o número dos Antigos Escolhidos e a base de sua cabala. É também o número da Mulher, a 'xícara'. Five sugere o Quinotauro, 'uma besta de Netuno' que, Lincoln nos diz, foi a designação dada à entidade marinha ligada à fundação da dinastia merovíngia, que desempenha um papel vital na Gnose Graal. Lincoln também nos diz que "um dos mais sagrados símbolos merovíngios era a abelha"!

As pesquisas de Lincoln sem dúvida iluminaram certas fases de um antigo ciclo de mitos intimamente associado à Corrente Tifoniana. Eles revelam uma possível conexão entre uma linhagem histórica - o merovíngio - e a tradição tifoniana. Em *O Sangue Sagrado e o Santo Graal*, os autores reproduzem o brasão da família do Clã Plantard, cujo representante contemporâneo era, até recentemente, o Grão-Mestre do Prieuré de Sion, uma Ordem que, segundo Lincoln, dominava a Ordem de os Cavaleiros Templários e várias outras instituições altamente influentes que, em certos períodos da história, incluíram o Vaticano.

A crista, que fornece a chave para a corrente representada pela linhagem merovíngia e pela Ordem de Sion, compreende os símbolos da linha descendente Tifoniana: os dois ursos, onze abelhas e a *flor de lis*. O lema incorporado na crista lê *et in Arcadia ego*. Arcádia = 127, que é o número da deusa egípcia Heqt, tipificada pela 'parte inferior das costas, ou *quadril*'. Os dois ursos denotam a Mãe (Typhon) e seu filho (Set). A imagem da abelha pictorializa o zumbido ou vibração peculiar dos Exteriores *ou de seus veículos*. ²⁷ Onze é o número daqueles que estão fora ou além da árvore da vida, identificando assim os exteriores.

De acordo com a tradição oculta, a abelha e o besouro são zootipos da raça destinada a substituir o ciclo de evolução humano. Mas os símbolos dos Exteriores estão aqui ligados aos dos Profundos, pois de acordo com a tradição (até mesmo exotérica), Merovée, o primeiro rei da dinastia merovíngia, foi gerado por uma criatura marinha não identificada, conhecida pelos mitógrafos como um *Quinotauro*. O número cinco é o número dos Antigos, portanto, o sangue de Merovée foi infundido com a corrente de uma força vital não humana. A constelação representada pelo Urso (*Ursa Maior*) era, na fase draconiana da teologia egípcia, o totem de Tifão, Senhor das Profundezas, e os mitos da descendência do Urso sobrevivem nas lendas dos índios americanos. ²⁸

Temos aqui dois elementos predominantes: os Exteriores tipificados pela Abelha e os Profundos tipificados pelo Quinotauro, o touro dos Cinco, ²⁹ que, juntamente com Tífon e seu filho, constituem as Sete Estrelas da Ursa Maior. A Gnose Estelar, especialmente em sua fase egípcia, está repleta de referências ao filho como o "touro" da mãe. Em sua decadência, o simbolismo aparece nos Ritos de Mithra. ³⁰

Ao prosseguir na linha desta descida, ou 'queda', deve ser lembrado que a função do Graal é conter o Sangue Sagrado, o sangue real, o *sangréal*. O sangue real ou verdadeiro não é humano; é retratado nos mitos em relação à realeza que, no mundo antigo, era idêntica à divindade. A palavra divino deriva de uma raiz ariana, *dev*, que significa 'brilhante' ou 'radiante'. O Graal foi descrito como um prato raso ou recipiente

em forma de pires , o que sugere a forma dos veículos misteriosos associados à visitação extraterrestre, que ninguém até agora foi capaz de explicar de forma satisfatória.

²⁶ Cfr. Seb egípcio, 'a estrela'.

²⁷ Observe, neste contexto de veículos, que as iniciais UFO = 156, o número de Sion.

²⁸ As tribos Pennacook, Narragansett e Huron preservaram particularmente os mitos de descendência da Ursa Maior.

²⁹ Que se lê 'o touro da mulher', visto que Set era o 'touro' de Tífon.

³⁰ Veja o capítulo 9.

Eles são descritos como, ou associados a, fenômenos brilhantes ou radiantes e, em alguns casos, com uma curiosa vibração de zumbido, semelhante ao zumbido amplificado de abelhas.

Depois de todos esses fatores terem sido considerados, é muito estranho sugerir que a linha de sangue real que penetra no planeta por meio de Ordens como o *Prieuré de Sion* e a *Ordo Templi Orientis* não provém de qualquer dinastia humana, mas da Corrente Tifoniana que emana de a Ursa Maior? Essas Ordens são realidades míticas que foram projetadas na história religiosa e / ou política até que estejam tão entrelaçadas que seja tão difícil distinguir o místico do físico quanto distinguir entre a mente e o corpo. Os 'fundadores' de tais religiões e cultos, quer míticos ou históricos, e quer sejam ou não chamados de Krishna, Cristo, Rosencreutz, Rei Arthur, etc., eram 'alienígenas' ou entidades não terrestres incompreensíveis para a inteligência humana. Isso emprestou a eles suas características miraculosas e irracionais. A confusão surge invariavelmente quando a história terrestre é fomentada em uma situação essencialmente não histórica . Isso não quer dizer que Cristo ou Rosencreutz, Krishna ou Arthur possam não ter sido personagens históricos, mas a história pela qual eles são lembrados não é uma história mundana. Eles são projetados na órbita da humanidade em um arco que se sobrepõe, ou corta, a consciência humana em um determinado ponto no tempo. Suas atividades constituem uma forma de *pericorese* não traduzível em termos terrestres. Como personalidades, eram considerados maiores do que a vida - gigantes, reais, sagrados. O 'rei' de AL está nesta categoria. O caso do Rei Arthur é típico desse tipo de interpenetração. Seu nome deriva de *Urt*, *Urs* ou *Ars*, que é uma designação do representante estelar de Typhon, a constelação de Ursa Maior. Essa era a coxa ou coxa adorada pelos tifônios, que, portanto, teriam homenageado um asno.

Arthur está ligado aos ciclos míticos do Sangreal, o sangue real, real ou sagrado, realza aqui denotando espiritual como distinto da realidade terrestre. Diz-se que o graal "caiu do céu". De acordo com *Perlesvaus*, "uma hoste de anjos o deixou na terra", uma clara referência à procedência extraterrestre do Graal (e, portanto, do sangue). Sua fonte de origem está no complexo tifoniano de estrelas que deu o nome ao rei Arthur. De acordo com Maspero, Typhon foi designado 'Senhor do Mar'. É um ponto forte a favor da tese 'extraterrestre' de que o monarca que iniciou a linhagem merovíngia foi gerado por uma criatura das profundezas. Diz-se que o tifão se afogou no lago Serbonis, localizado no pântano entre o Egito e a Síria. Serbonis aparece predominantemente na história dos Shus-en-Har, os adoradores de Typhon. No ciclo do Graal, uma das lendas afirma que o Graal caiu na terra como uma esmeralda da coroa do Portador da Luz, Lúcifer. Lúcifer é freqüentemente associado ao planeta Vênus, que é identificado na tradição do ocultismo como o covil dos Valusianos ou entidades serpentes inimigas da Terra.

Essas lendas são os repositórios de -medindo aeon ciclos de arcano. O épico Graal remonta a um estágio comparativamente avançado da Gnose Tifoniana, quando o planeta Vênus estava sendo usado pelos Exteriores como base para sua interpenetração da atmosfera astral da Terra. O prato raso ou a nave em forma de pires são sugestivos de certos tipos de espaçonaves atualmente classificados como OVNI's. Pode ser significativo que os Templários incluíram a imagem em seu simbolismo; e no Grande Selo do *Ordo Templi Orientis* o graal é descrito como encerrado no oval gótico ou *vesica piscis*, a bexiga de peixe que simboliza os Profundos: "Está tudo no ovo". ³¹

Isso nos leva a uma consideração sobre o Mito de Cthulhu, que reflete uma tradição pré-humana muito antiga. Como outros relatos de fases não classificáveis da ~~história da Terra, o Culto~~ Cthulhu sintetiza o subconsciente e as forças externas à consciência terrestre. Pode-se dizer de passagem que a verdadeira criatividade só pode ocorrer quando essas forças são invocadas para inundar com sua luz a rede mágica da mente. Para fins de explicação, a mente pode ser concebida como dividida em três quartos, sendo o edifício que os contém o único princípio real ou permanente. Estas salas são:

- 1) Subconsciente, o estado de sonho;
- 2) Consciência mundana, o estado de vigília;

³¹ Veja o capítulo 4, pp.57, 58.

- 3) Consciência transcendental, velada no não iniciado pelo estado de sono.

Os compartimentos são ainda concebidos como estando ligados à casa que os contém, por uma série de condutas ou túneis. A casa representa a consciência trans-terrestre. As forças invocadas

- Cthulhu, Yog-Sothoth, Azathoth, etc., - são então entendidos, não como entidades malignas ou destrutivas, mas como as energias dinâmicas da consciência, cujas funções são explodir a ilusão de existência separada (as salas de nossa ilustração). Essa é a *lógica* das forças "demoníacas" conhecidas nos Mitos de Cthulhu como os Exteriores, os Profundos, os Grandes Antigos; na tradição cabalística, as Qliphoth, Elementais, Larvas, etc., nenhuma das quais deve ser confundida com espíritos humanos ou animais desencarnados.

Os Grandes Antigos aparecem sob vários disfarces em mitos de todas as idades. O perigo reside, não nas próprias entidades, mas na atitude adotada para com elas. Isso não foi, nos últimos tempos, melhor compreendido do que pelos surrealistas, André Breton, Salvador Dalí, Yves Tanguy, etc., e por Austin Osman Spare, cujo método de feitiçaria obsessiva esboçou o sistema Dalinian de delirante paranóico-crítico atividade.³² Mas foi Howard Phillips Lovecraft quem traçou em seus contos do Ciclo do Mito de Cthulhu o mapa mais significativo da Gnose pré-humana. Lovecraft deixa claro que os Antigos Escolhidos se comunicam por meio de sonhos com membros da raça humana peculiarmente preparados para responder às Suas vibrações. Que a resposta nem sempre é consciente é demonstrado pelo fato de que muitos sonhadores (ocultistas incluídos) que deliberadamente convidam a comunicação falham em fazê-lo, enquanto outros, que não o fazem, ocasionalmente têm um sucesso além da medida. É necessário um tipo muito especial de sensibilidade e, embora às vezes possa ser induzida, não há garantia de que garantirá que alguém seja 'escolhido' como canal de transmissão. Isso parece depender de fatores fora do alcance do cálculo humano.

Recentemente, Blavatsky foi contado entre os "escolhidos" (*Livro de Dzyan*); assim também foram Crowley (*Liber AL*) e Lovecraft (*Necronomicon*). Os dois primeiros procuraram contato direto com os Antigos, 'Mestres', 'Mahatmas' ou 'Chefes Secretos'; o último negou que eles tivessem qualquer existência, exceto conceitual. No entanto, os escritos de Lovecraft sugerem que ele foi designado para um propósito muito especial. Ele não colocou na trilha do indescritível *Necronomicon* uma hoste de contatados em potencial? Hoje, quase cinquenta anos após sua morte, a resposta a essa pergunta é comprovadamente positiva.

Os Profundos do Espaço Interior (estado de sonho), os Exteriores do Espaço Exterior (sono) são representados por Profundidade e Altura. Eles devem ser invocados no estado de vigília. Quando isso ocorrer, e quando as 'estrelas estiverem certas', os Grandes Antigos se manifestarão novamente na terra; ou seja, no estado de vigília. Deve ser uma invocação consciente, ou seja, um ato deliberado de vontade. Então o olho se abrirá. O significado desta fórmula está implícito nas iniciais, OTO. Neste contexto, os

dois Os denotam os Antigos ou Exteriores. O é o *ayin* ou 'olho', e o T tipifica o deus sem cabeça ou sem rosto, Nyarlathotep, que é o mensageiro ou mercúrio dos Antigos. Ele é descrito como um deus negro. As iniciais OTO escritas por extenso, ou seja, ayin-tau-ayin, = 666, o número da Besta. A cruz sem cabeça, ou Tau (T), é o símbolo de Set, o deus sombrio do anti-que Khem. A adição de um terceiro O, colocado no T como sua 'cabeça', formularia a cruz com alça de laço que é usada nos ritos secretos de banimento para o Espaço Exterior. O Falo de Set, o Tau sem cabeça, é emblemático do Hórus Cego ou Negro, pois o falo tem um olho que vê na noite do útero (Espaço Interior) que inunda de luz. O Phallus é o Grande Vidente do Invisível. O útero é o Graal que contém os emblemas simbólicos da OTO, ou seja, o falo (Tau) e os testículos.³³ O falo é um símbolo do tentáculo em forma de cobra, característico de Cthulhu, de Rhantegoth;³⁴ e da corrente ofídica em geral.

³² Ver, em particular, *Dali*, de Ramon Gomez de la Serna.

³³ Deve-se notar que a vesica piscis, a bexiga do peixe, é a vahana de Cthulhu.

³⁴ O elemento ranino da Corrente Ofidiana é evidente em muitos nomes relacionados com o Culto das Profundezas. Cf. Raneé, Ilyarun, Oli-orun, etc.



A confusão surge do fracasso em compreender a diferença essencial entre a crença teórica (isto é, intelectual) e a crença vital (isto é, subconsciente), no sentido pretendido por Austin Spare.³⁵ A maioria das crenças são meramente o resultado de doutrinação, condicionamento. Eles não têm poder mágico e abandonam o indivíduo assim que seus centros vitais são ameaçados, embora algumas crenças herdadas, como aquelas de base pseudo-religiosa ou supersticiosa, ocasionalmente tenham raízes mais profundas e façam parte do condicionamento dos raça da qual o indivíduo é membro. Apenas as crenças vitais têm o poder de transcender as exigências da vida e da morte. As crenças que são impressas indelevelmente na psique pelo tipo de experiência sofrida nesta ou em "vidas" anteriores são crenças vitais. A crença vital, se sigilizada, como Spare mostrou, pode ser usada para acessar os níveis mais profundos da energia subconsciente e liberar o poder que é verdadeiramente criativo. Isso ocorre porque a crença vital, sendo trans-racional, se manifesta nos 'milagres' engendrados pelo acaso que permanecem inexplicáveis para o raciocínio humano. Sendo acusado de pré-conceitual de energia, uma crença vital não está sujeita à necessidade de assumir uma forma particular. É energia pura sem forma e confere iluminação completa, *a menos que* em seu "jorro" ascendente seja impressa com uma forma específica. Em outras palavras, se o desejo intervém e compromete a energia com uma forma ou dimensão particular, a energia-crença fica presa no padrão imposto e a corrente entra em curto-circuito. Devido a longas idades de condicionamento, poucos podem resistir à tentação de se apoderar dessa energia, individualizando-a e encarnando-a novamente no ciclo incessante de nascimentos e mortes. Parece que o Budismo (Madhyamaka), o Vedanta e os Tantras Advaitas são os únicos sistemas tradicionais importantes que se opõem a esse processo abortivo.

A digressão anterior foi ocasionada pela necessidade de definir com alguma precisão o tipo de energia e sistema de crença que informa o Mito de Cthulhu e o torna hoje um reservatório mágico vital de Poder Cósmico. Vamos agora examinar o significado do Mythos da Torre do Silêncio.

O simbolismo da torre sugere a Gnose Maatiana refletida em Atu XVI; mas as torres dos Antigos Escolhidos não contêm olhos (janelas) exceto o Olho Oculto de Set,³⁶ que é invisível de baixo (isto é, em um nível terrestre). A torre constitui para os Exteriores uma passagem vertical de saída do interior da terra para as estrelas e de entrada das alturas para as profundezas. As calçadas ciclópicas que formam as plataformas de lançamento e rampas de pouso para espaçonaves são sugeridas pelas placas de bálsamo em ângulos estranhos ao redor da Grande Porta que se abre para R'lyeh.³⁷ Esta porta é glifada no Grande Selo da OTO,³⁸ que incorpora os sigilos secretos dos Exteriores. Torre e Porta são geralmente interpretadas em um sentido fálico e então descartadas. Mas tal explicação é tão falsa quanto tola, pois não estamos aqui preocupados com uma gnose meramente biológica de significado religioso primordial. Pelo contrário, o que está implícito é uma gnose declaradamente não terrestre, para não dizer extraterrestre, da qual a adoração fálica e a serpente eram meramente os véus lançados sobre o *sanctum sanctorum* dos Mistérios Ofidianos. O falo é um instrumento de comunicação com as alturas e as profundezas, mas também é o tentáculo de Cthulhu, ou Ran Tegoht, e da Torre de Maat. Os testículos dependentes do Falo de Set tipificam os congestionamentos de bolhas associados ao simbolismo de Yog Sothoth. Eles são descritos no selo pessoal de Crowley como a Besta.³⁹ A besta é a cabra marinha ou monstro anfíbio idêntico a Cthulhu, o Quinotauro ou Touro das Profundezas.⁴⁰ Eu toquei no significado das bolhas ou globos em *The Magical Revival*, agora é possível levar o simbolismo um estágio adiante e entender a conexão de Crowley com a OTO como pré-ordenada por um Poder que ele próprio foi incapaz de satisfatoriamente explicar.⁴¹ Da mesma forma, Lovecraft também falhou em explicar os sonhos que geraram o Cthulhu Mythos, para os quais

³⁵ Ver *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant).

³⁶ A cabra exaltada no cume da montanha é um símbolo cognato.

³⁷ A cidade submersa, residência de Cthulhu.

³⁸ Ver *Nightside of Eden* (Grant), p. 167

³⁹ Ver *The Magical Revival* (Grant), placa 3, sigilo central.

⁴⁰ O Therion ou Taurion. Observe que *Hastr* (um Grande Antigo) = 666, ligando assim a OTO, os Exteriores e Aleister Crowley.

⁴¹ Veja *O Equinócio dos Deuses* (Crowley), p.118, onde Crowley se esforça em vão para identificar Aiwass, o Externo que transmitiu a ele o *Livro da Lei*.

ele negou qualquer validade, exceto uma validade conceitual que lhe serviu como um artifício puramente estético ou literário.

Como Austin Spare não tinha conhecimento da proveniência Salem de Black Eagle, assim também era Crowley desconhecer ⁴² da verdadeira identidade da Besta, da Torre e do significado mais profundo do Velho Aeon de Osíris. Osíris era o Deus Negro cujo emissário terrestre era Nyarlathotep, o deus sem rosto ou sem cabeça, o deus abaixo do horizonte, o deus da terra oca mística. Há um 'Oco' (Kotha) celebrado em *Liber Samekh*, ⁴³ e embora Crowley não dê nenhuma pista de seu significado interno, Lovecraft, em *Através dos Portões da Chave de Prata*, identifica uma Torre chamada Koth situada na fronteira entre o sonho e acordando. *Kotha* sugere o *Cutha* mencionado no *Necronomicon* e significa o lugar de habitação dos espíritos dos mortos. Este, por sua vez, lembra *Cuthalu*, também mencionado no *Necronomicon* e tendo afinidades óbvias com Cthulhu. Se o Hollow One se refere ao Amenta místico, também poderia se referir, em um sentido físico, à Terra Oca que foi, correta ou incorretamente, conectada com OVNI's e os fenômenos curiosos de luzes coloridas notados pelos exploradores árticos. ⁴⁴ Foi sugerido que essas cores ou *kalas* são devidas a nuvens massivas de pólen de plantas tropicais conduzidas por grandes ventos para a superfície da Terra através do Portal Polar; os *kalas* do Espaço Exterior emitindo do espaço interno.

Isso equivale a Kotha e Amenta tanto quanto pode ser, e se o Oco se refere ao planeta Terra, temos uma explicação prática da topografia do *Livro dos Mortos*. O número de Kotha é 491, o número do Pai de Ankh-af-na-Khonsu cujo nome está registrado no Stélé da Revelação, ⁴⁵ descrito em AL como “a Abominação da Desolação”, uma referência ao Lugar Vazio, o abominável Deserto de Set. Seu número é 718, ou RN N ChT-I, 'O nome de minha casa', uma referência a KHABS, a Estrela de Set. ⁴⁶ Há um mistério mais profundo aqui, pois 718 é o número de *In Desolationem Per Nefandum*, que significa 'Na Desolação por (ou por) Abominação', isto é, por meio do Inominável ou Sem Palavra Aeon. O Aeon Sem Palavras ou Silencioso é atribuível a ZAIN, que também é igual a 718. Esta é a Espada de Um Olho ⁴⁷ mencionada no *Necronomicon*. ⁴⁸

As correspondências acima ligam irrefragavelmente as correntes Necronomicon, Karaite e Thelêmica, mostrando as três vertentes como um desenvolvimento linear contínuo, tanto em um sentido cronológico quanto mágico.

É improvável que Lovecraft, que era um leitor voraz, tivesse perdido as obras de William Reed ⁴⁹ e Marshall Gardner, ⁵⁰ mas se ele fez, Lovecraft's *At the Mountains of Madness*, e referências espalhadas à tradição esquimó em vários de suas histórias, são evidências de que ele esteve perto de apontar um posto avançado terrestre escondido dos Grandes Antigos.

O Amenta dos egípcios é idêntico ao Agharta dos mongóis. O último, com seu complexo Bön pré-budista e ritos xamanísticos com implícitos tântricos, produziu uma estranha combinação de grotesco selvagem e os profundos *esboços* metafísicos do *Sûnyâtavâda*. ⁵¹ A trans-ártico anormalidade, Rhan Tegoth, não está representado na maithuna (no conto Lovecraft ⁵²) mas o seu cônjuge certamente está presente, embora invisíveis. É, portanto, no esquimó-xamanístico e no budismo impregnado de Bön do Tibete, Mongólia, Java e Sumatra, que os princípios fundamentais do Madhyamaka

- como permeando os cultos Nyingmapa e Drukpa - são relevantes para a Gnose Necronomicon.

⁴² Necessariamente, porque os fenômenos OVNI começaram a se manifestar maciçamente nos tempos modernos a partir de 1947.

⁴³ Ver *Magick*, pp.355-383.

⁴⁴ Ver *The Hollow Earth*, de Raymond Bernard.

⁴⁵ Veja *The Magical Revival* (Grant), pl.7.

⁴⁶ AL.II.2.

⁴⁷ O Z-Ain. A referência ao Olho da Serpente (Falo).

⁴⁸ Recensão *Schlangekraft*, p.160.

⁴⁹ *The Phantom of the Poles* (Reed), NY, 1906.

⁵⁰ *A Journey to the Earth's Interior* (Gardner), NY, 1920.

⁵¹ A Doutrina do Vazio que é a base do *Madhyamaka*. Veja o capítulo 5.

⁵² Ver, por exemplo, *The Horror in the Museum* (Lovecraft-Heald).

7

O significado mágico do Simbolismo Yezidic

WE estão agora em condições de avaliar certos alinhamentos internos significativas do culto de Yezid com o Tifoniana Gnose.

Para começar, a origem estelar do Culto é confirmada pela natureza de sua divindade principal, Melek Ta'us, o Anjo Pavão descrito por seus devotos como “um dos Sete Deuses”. No currículo de Joseph Isya sobre o culto e suas tradições ¹, diz-se que o anjo é adorado na forma de um galo, o que conecta o culto com a Gnose ofídica. Temos aqui, como no Mithraic Ritual discutido no Capítulo 9, um exemplo do dobro atual - Terrestres e extra-terrestre - velado abaixo da imagem do pássaro eo Anjo. O pavão é um emblema da Ordem da Estrela de Prata ², cujo anjo presidente, Aiwass, é o veículo da Corrente Estelar que se manifesta por meio de Sirius (teologizado como Set ou Hoor-paar-Kraat) de quem ele é ministro. ³

De acordo com o livro sagrado dos iazidis, o pássaro preto, A'anphar, é um tipo cognato. A'anphar tem o valor 333, que o liga à Gnose Coronzônica centrada em Daäth. Os mistérios de Yezid podem, portanto, ser sondados usando o método de exegese empregado na análise do Culto Mitraico do Disco. ⁴

O livro sagrado dos iazidis conhecido como *Livro Negro*, ailude à descida do Deus sobre a Montanha Negra, ali para revelar ao Sheikh Adi - o chefe da Ordem iazidi - “um livro que já está escrito no céu” . O número de Adi é 15; na Tradição Tarótica, Atu XV é atribuído ao Diabo. Mas quinze é também o número da Deusa Primordial cujo sigilo compreende os cinco triângulos simbólicos dos quinze ângulos, ou yonis, dos quais fluem

os kalas da manifestação. No Tarô Teriônico, Atu XV exibe a imagem do Falo ou galo de Baphomet, que também é o emblema do Anjo Pavão descrito pelos iazidis como o “chefe de todos”, daí a 'adoração ao demônio do Culto. O “livro que já está escrito no céu” é uma referência ao livro que contém as doutrinas do tempo e do espaço, ou a gnose estelar da aeonologia cíclica. Diz-se que o recebimento do livro por Adi resultaria em sua rejeição ao Maomedanismo e na adoção da religião dos sabeus, os primeiros cultistas estelares. Um mito associado aos iazidis é revelador a este respeito: alude a uma disputa entre Adão e Eva a respeito da origem da raça humana. Adam afirmou que descendia dele; Eva, dela. Depois de incessante

¹ *Devil Worship* (Isya), Boston, 1919.

² Ver *Aleister Crowley & the Hidden God* (Grant), cap.4.

³ AL.I.7.

⁴ Veja o capítulo 9.

disputando, eles concordaram em depositar em uma jarra suas essências naturais. Os vasos foram então selados hermeticamente e abertos após um período de nove meses. No jarro de Adão foram encontrados dois filhos, enquanto no receptáculo de Eva vermes podres se contorceram e exalaram um fedor asqueroso. ⁵ Adão então copulou com Eva e gerou mais dois filhos. Os iazidis afirmavam ser descendentes de Adão, que tipificava a corrente vital que, em conjunção com a substância de Eva, manifestava os gêmeos. ⁶ O simbolismo é claro e destaca a diferença entre as fórmulas do VIII^o, IX^o e XI^o OTO. O VIII^o e IX^o comportam manifestação da Luz, o XI^o das Trevas. No entanto, é digno de nota que às emissões solitárias de Eva foi atribuída a "origem dos judeus, dos cristãos, dos muçulmanos e de outras nações". Em outras palavras, Eva é descrita como a genetriz de seitas bárbaras ou 'alienígenas'. Isso deve ser levado em consideração, porque embora Melek Ta'us tenha descido à terra pelos Yezidi, a semente das raças estrangeiras foi atribuída à mulher, Evah, que é Jeová, o Yod-Hé sendo representado por Atu XV, o Diabo; como a própria mulher representa a 'Deusa 15'. ⁷

Outra lenda significativa alegoriza uma origem mais provável dos iazidis. Depois de ser *envenenado por escorpiões*, Mu'awryd, ou Mu Awiya, conheceu sua esposa. Embora fosse uma mulher de oitenta anos, ela apareceu uma manhã, pelo poder do Grande Deus, como uma mulher de vinte e cinco: “Ela concebeu e deu à luz o nosso Deus, Yezid”. O tão esperado profeta Yezid nasceu, portanto, de uma bruxa e do veneno de escorpiões. Este simbolismo significa transformação por meio da Corrente Ofidiana.

Yezid é igual a 31, que, além de seus implícitos Thelêmicos, é o número de um *khu*, ⁸ ou estrela Beta, no grupo Perseu. Os habitantes desta estrela eram conhecidos pelos árabes como 'ghouls' porque se alimentavam das sombras dos mortos no mundo inferior. 31 também é o número de *Kia* cujo zootipo é o abutre que se alimenta de *Akkhu*, os mortos (ou seja, os espíritos). Outro valor de Yezid é 36, o número dos *Igigi*, referido no *Necronomicon* como inquilino do reino proibido no qual os devotos do Culto do Dragão adoram a estrela Draconis, junto com as estrelas do Cão ⁹ e da Cabra do Mar. ¹⁰

De acordo com o *Necronomicon*, os cultos de Set, Typhon e Cthulhu são cultos dos Mortos “pois eles são adoradores dos Antigos, e sempre tentam deixá-los entrar, pois eles têm uma fórmula da qual é ilegal falar. .. “. Além disso, “a raça dos Draconis sempre foi poderosa nos tempos antigos, quando os primeiros templos foram construídos em Magan ¹¹ e extraíram muita força das estrelas ... “. ¹²

A fórmula comporta um uso da corrente lunar, como fica claro pela injunção: “Lembre-se de manter a Lua pura”, e em outro lugar: “Eu os vi transformar os raios da Lua em líquidos, os quais despejaram sobre seus pedras para um propósito que eu não poderia adivinhar”. ¹³

Yezid foi considerado um dos Sete Deuses. ¹⁴ Ele é relatado como declarando: “Eu era, sou agora e não terei fim”, o que se compara a uma declaração quase idêntica feita pelos Antigos, gravada no *Necronomicon* pelo árabe 'louco', Al Hazred.

Anphar, que é um a menos que 333, é alternativamente traduzido como Angar que, como 255, o equipara a *Irem*, a 'Cidade dos Pilares', o centro de culto do Grande Cthulhu em meio aos desertos sem trilhas da Arábia. O pássaro aparece novamente como o veículo da Pérola Branca que “criou a partir de sua essência mais preciosa”.

⁵ Por um lado, os gêmeos (Gêmeos / Zain) simbolizam a Corrente Dupla; do outro, uma imagem das Qliphoth como o mundo de conchas putrefatas.

⁶ Novamente, os gêmeos.

⁷ Representado por seus cinco yonis de 3 ângulos . É significativo também que a Deusa Japonesa das Profundezas também exiba o 15 em seu símbolo sagrado e, como tal, tipifica a forma feminina de Cthulhu e dos Profundos.

⁸ Um *khu* é um 'ser brilhante' ou 'glorificado', ou seja, um *deva*. Esses seres brilhantes provavelmente se relacionam com fenômenos ufológicos.

⁹ Sirius-Set.

¹⁰ Capricórnio-Cthulhu.

¹¹ MGN = 93.

¹² Recensão Schlangekraft, p.208.

¹³ *libras*.

¹⁴ ou seja um dos membros da Ursa Maior, Typhon, mãe de Draconis.

Desta pérola ¹⁵ veio o Grande Antigo, acompanhado por sete anjos, dos quais Taus Melek é o 'chefe de todos'.

O Pérola Branca explodiu. De seus fragmentos espalhados foram criadas as estrelas. Desta essência de Adão procedeu o complexo conhecido como Azazil (= Melek Taus) cujo reflexo na terra é o Culto de Yezid. Azazil = 56 = Nu; ¹⁶ é equivalente a Oz-oz-al, que é $77 + 77 + 31 = 185 = 37 \times 5$. O número 37 implica a manifestação da Verdade (Maat) ao homem; o número 5 é o número, *por excelência*, não só da Mulher, mas também dos Antigos. ¹⁷ 185, portanto, significa a manifestação de Nuit (ou o Vazio) em sua fase maatiana.

Em mais um mito, Deus envia a Adão um pássaro que “bicou seu ânus” e deu vazão. Isso contém uma brincadeira com o nome de Adão que, como DM, denota sangue menstrual e a mão esquerda, ou caminho lunar *simbolizado* pelo ânus ou caminho inverso. Isso sugere uma fórmula mágica do XI^o familiar aos iniciados da OTO

Yezid é referido como “nosso deus, o bárbaro ¹⁸ ... que dá uma decisão selada ao *deus de descer*”. ¹⁹ Segundo a mesma tradição, diz-se que Cristo desceu à Terra depois de fazer um sinal. O sinal é a decisão selada. Adam foi aberto pelo pássaro que bicou seu ânus. O Cristo é o 'ungido', simbolizado pelo Falo que impregna a terra ²⁰ com sua luz. ²¹ O simbolismo aparece em AL como “Eu bico os olhos de Jesus enquanto ele está pendurado na cruz”, a cruz sendo não apenas o falo, mas também o local da travessia (sobre o Abismo), ou seja, Daäth no Árvore-Cruz da Vida e da Morte.

Os iazidis adoram os sete grandes deuses, dos quais o chefe é Lasiferos, o que identifica Lúcifer como o 'chefe de todos' os anjos caídos. De acordo com Massey ²², estes eram os sete Guardiões do Tempo primordiais no Céu assumidos como as sete estrelas da Ursa Maior, a Ursa Maior. Eles também eram conhecidos como Melek Ta'us, que é retratado por seus adoradores na forma de um galo.

Os árabes adoravam um deus conhecido como *Nasr*, que apareceu sob a forma de uma águia. No Egito, o *Neh* ou *Nah* era a Águia Negra ou Abutre emblemático do Deus Negro (Set) adorado pelo abominável *Nahsi*. *Nsr-Ra* = 511, ²³ que também é o número de Lasiferos, igualando assim a águia e o pavão no conceito único, Lúcifer.

No mito Yezid, Lasiferos segurava em suas mãos uma Grande Pérola Branca com a qual brincava e eventualmente atirava ao mar. O mundo foi criado por este ato; o mundo nasceu da pérola. ²⁴ A imagem sagrada do Anjo Pavão foi referida pelos iazidis como Sanjak, uma palavra turca que denota 'estandarte'. Seu número 132 o equipara ao

Babilônico Mammu, o Deus do Caos. É o número de *Bion*, ²⁵ a unidade básica da matéria viva. 132 também = 93 + 39, ou seja, a Corrente 93 sustentada pela afirmação da Alma Aspirante.

¹⁵ A pedra peculiar aos Profundos.

¹⁶ Nu Azaz também é Nu Isis.

¹⁷ Veja Lovecraft, *At the Mountains of Madness*.

¹⁸ O estrangeiro, o Exterior. Observe também YZID = 31 = AL. 31 = 13, o lado noturno ou corrente lunar.

¹⁹ Meu itálico.

²⁰ Lit. 'terra vermelha', ou seja, DM.

²¹ A corrente solar-fálica da criação.

²² Ver Massey, *The Natural Genesis*. Como Massey mostrou, os sete Grandes Deuses são os sete filhos da Mãe, a Grande Portadora.

²³ O número do planeta duplo Kythamil que girava em torno de Arcturus. É também um número do covil dos Profundos e de RISHA, 'A Cabeça'. 511 = 418 + 93, significando a realização da Grande Obra por meio da Corrente Ofidiana.

²⁴ Cfr. o VIII^o OTO Um rito egípcio análogo é registrado no *papiro de Nest Amsu*. Veja *The Magical Revival*, p.28.

²⁵ Um termo cunhado por Wilhelm Reich que observou manchas azuis *entre as estrelas* que cintilam e emanam luz. Cf. A visão de estrela-esponja de Crowley. Veja *Confissões* (Crowley).

Dois elementos na equação acima comportam a noção da Maldição Primordial: 132 é o número de LQB, *Ad Maledicendum*, e 39 = LT, 'ele amaldiçoou'. Ambos têm implícitos lunares que indicam a fórmula do XI^o.

De acordo com mais de uma tradição, o Grande Deus criou os Yezidi como um "povo peculiar de Azazil". Zazil = 55; Azazil = 56 ;. 55 é o número de KLH, 'a noiva'. KL significa 'Todos', ou seja, Pan / Deus. A adição da letra feminina, H, revela KLH (*kala*) como Kali, deusa dos kalas. 55 também é o número dos Nagas, que são descritos como 'serpentes humanas' especialmente associadas à adoração de dragões, ou seja, a Corrente Ofidiana. O Nagas encarnado como os semi-fungóides, semi-crustáceos entidades conhecidas na tradição tibetana como o Mi-Go. Eles eram hostis aos Grandes Antigos e diferiam deles na constituição material, vindo de abismos mais remotos do espaço cósmico.

De acordo com a tradição muçulmana, Azazil era o nome original do Diabo, e as tradições americanas referem-se a um Povo do Morcego, seu Grande Diabo Zotz, como Zotzil. Como Rohmer observou, o morcego era um símbolo primordial dos ritos "impuros" do Vodou. ²⁶ O simbolismo foi explorado em *Cultos da Sombra* em conexão com a fórmula de *viparīta maithuna*, ou congresso sexual "de cabeça para baixo". A ervilha, a águia, o abutre e o morcego são zootipos chave nas várias recensões da Gnose Tifoniana.

Outro valor do nome Melek Ta'us é 100 + 707 = 807, sendo os valores alternativos 176, 416, 567. Considerados em combinação com 55/56, esses números constituem uma pesquisa abrangente dos Mistérios Ofidianos. 807 combina Daäth (474) e Choronzon (333). É também um número de ANNWN, 'Hades' ou 'Tártaro'. Além disso, Daäth é o Deserto do Abismo, a Zona Malva, e Shugal ²⁷ é a raposa do deserto ou chacal que é seu zootipo, o Cão do Inferno. 176 é um número de jasmim, o perfume associado à morte, e 416 enumera o Diabo Ancião Esquimaux, Tornasuk, que se diz ter uma semelhança impressionante com certos baixos-relevos horríveis que representam os Grandes Antigos. ²⁸ HPLovecraft incluiu 416 entre seus números 'especiais'. ²⁹ O número 567 denota o corvo negro, Morvran, idêntico a 'Asas Negras', o espírito maligno Addu ³⁰ da mitologia celta.

A origem dos iazidis também foi atribuída a uma fórmula mágica que lembra aquela da 'Virgem de barro' de Austin Spare, conforme mostrado acima em relação aos vasos usados por Adão e Eva. Em outra tradição, o deus Yezid é identificado com Melek

Ta'us, meio anjo, meio homem, um extraterrestre combinado com um houri, o yezidi sendo nascido da prole de uma bruxa transmogrificada. ³¹ Seus *descendentes* eram conhecidos como *parasts de Shaitan*, adoradores do diabo ou de Satanás. A censura ligada aos iazidis como adoradores do diabo surgiu da noção de congresso entre entidades humanas e não humanas ; o Ser angelical é o resultado de um casamento horrível. Em uma história grávida de implícitos mágicos semelhantes, Machen descreve um antigo memorial de pedra erguido “Ao grande deus Nodens (o deus do Grande Abismo, ou Abismo) ... por conta do casamento que ele viu sob a sombra” . ³²

Entre os Parsis, o nome *Yezid Ferfer* designou o atendente do Espírito Maligno, e o grimório de Magia Goética traduzido por MacGregor Mathers contém um espírito chamado Furfur que “assumirá a forma de um anjo. Recebido, ele fala com voz rouca. Além disso, ele deliberadamente exortará o Amor entre o Homem e a Mulher. Ele pode levantar Relâmpagos e Trovões .. ”. ³³

²⁶ *Batwing*, Sax Rohmer.

²⁷ ShGL = 333.

²⁸ *O Horror no Museu* (Heald).

²⁹ Ele não dá nenhuma razão, mas é provável que o número estivesse conectado em sua mente com os Exteriores. É interessante notar que 416 é 2 a menos que 418, o número de Aiwass e da Grande Obra. 2, é o número do *Mago*, mas Lovecraft não aceita esse papel. Outros números 'especiais' mencionados por ele são 156 e 3331, todos os quais números (ou seja, 156, 33, 333 e

³¹) Acontece que são números-chave na Gnose Teriônica!

³⁰ Cfr. Had, Hadit, etc.

³¹ Spare freqüentemente delineava entidades semelhantes a sátiros .

³² *O Grande Deus Pan* (Machen).

³³ Espírito número 34. Veja a *Goetia do rei Salomão*.

Os mitos iazidis sugerem uma variedade de origens para a seita: de Yezid ben Mu Awiya; de uma colônia do norte; ³⁴ das práticas mágicas de Adão e Eva e assim por diante. O nome Mu Ayiwa evoca, indiretamente, a Corrente Mu-Aiwass familiar aos adeptos da Gnose Maatianana. De acordo com fontes árabes, os yezidis eram sabeus, seguidores de Sabi, o filho de Sete, e neto de Adão. Sabi = 313, que é o número de uma fórmula conectada ao centro da cidade nos pólos magnéticos da Terra. ³⁵ É também o número de ShDDAD (Cf. Hadad), que construiu a Cidade dos Pilares, Irem, ³⁶ um centro de culto de Cthulhu agora enterrado sob o deserto da *Arábia Petrae*. Sabi também é igual a 103, o número do Bebê Coroado, Mabyn, que está conectado nos Mistérios posteriores com a palavra maçônica dos Templários MABN, 93. Sabi é um nome genérico que indica tanto o Tzaba (TzBA = 93), ou Corrente Estelar , e o Seb ou complexo da Terra, sugerindo mais uma vez a mistura de sementes alienígenas e terrestres.

O filho de Set tipifica a semente estelar, e Adão (DM) é a terra: assim, estrela e sangue, fogo e água. Os sabeus continuaram a gnose estelar primordial. Dizia-se que eles “adoravam as estrelas secretamente” (isto é, em um sentido oculto, envolvendo o fogo estelar ou kalas que eles derramavam) porque naquela época o Culto Solar havia substituído o culto mais antigo das estrelas que era então abominável.

A *kiblah* dos sabeus foi orientada para o sul - "de onde o vento sopra ...", novamente uma indicação do tórrido *khamsin* e do Culto de Set, e incidentalmente enfatizando o pano de fundo *norte* dos sabeus e o reino do urso . Eles eram “adoradores de anjos, adoradores de estrelas”. Eles eram “aqueles que se afastaram do Judaísmo e do Cristianismo e adoraram os anjos”, ou seja, os extraterrestres. Eles foram, de fato, os precursores das seitas contemporâneas dedicadas ao retorno dos Exteriores.

A seita original seguiu Seth, e suas atividades de culto incluíam a adoração de pássaros, a crença em poços e fontes sagradas, árvores sagradas e pedras sagradas. Os iazidis beijaram as pedras e fizeram votos a elas. ³⁷ Eles sofreram desonra por “violarem as leis da moralidade durante suas festas”, imoralidades praticadas também na mesquita de

Meca. Segundo Hurgonje, ³⁸ a prática em questão “pode ser uma sobrevivência da instituição de Kadeshes”; uma forma provavelmente distorcida ou variante da fórmula XI^o original, que teve seu paralelo no Ágape dos Gnósticos. ³⁹

Os iazidis adoravam uma divindade de "primeiro grau", Deus, e uma divindade de segundo grau composta por *três pessoas*: Melek Ta'us, Adi e yezid - ou, em termos cabalísticos: 807 + 15 + 31 = 853. 853 é um número de Tiamat, ou Tia-Maat, aquela de quem está escrito no *Necronomicon*, que quando Cthulhu "se unir às Abominações do Céu, ⁴⁰ Tiamat governará mais uma vez a Terra". Seu outro número, 71, é o número de *Lam* e de *Kami*, um nome concedido no Japão antigo aos Antigos, a quem os egípcios chamavam de *Sami*. É também o número de Anatta, a fórmula suprema de autonegação que está no cerne do budismo. As numerações alternativas são 222 e 462. 222 enumera a palavra 'febre' que, no presente contexto, sugere o versículo de AL mencionado anteriormente: ⁴¹

Outro profeta se levantará e trará nova febre dos céus; outra mulher despertará a luxúria e adoração da Cobra; outra alma de Deus e besta se misturará no padre globado; outro sacrifício manchará a tumba; outro rei reinará; e bênçãos não sejam mais derramadas para o Senhor místico com cabeça de Falcão !

³⁴ Uma colônia estelar provavelmente localizada na *Ursa Maior*.

³⁵ Veja *The Dunwich Horror*, (Lovecraft).

³⁶ Observe que Irem é o reflexo de Mari ou Maria, a Santa Prostituta do Mistério de Rennes-le-Château , (Ver Wood, *Genesis*).

³⁷ Cfr. a injunção de não "suplicar às pedras". Veja o capítulo 3.

³⁸ Citado por Joseph, *Devil Worship*.

³⁹ Ver *The Gnostics* (Lacarrière), cap.8.

⁴⁰ "Abominações do Céu" sugere a "febre fresca dos céus" que "outro profeta" trará na "queda do Grande Equinócio". Aqui está uma possível referência aos OVNIs. (Veja AL.III.34).

⁴¹ AL.III.34.

O número deste versículo, 34, ⁴² é o número de *Aditi* que é definido por Blavatsky em *A Doutrina Secreta* como a 'Mãe-Espaço co-ëval com a Escuridão'.

As 'Abominações do Céu' parecem voar mais perto, especialmente quando se percebe que 222 é também um número de Tsaggothua, descrito no *Necronomicon* como uma anormalidade parecida com uma rã que, junto com Yog-Sothoth, "que trará seus globos", e outros Antigos, "tomarão posse da Terra e de todas as coisas que vivem nela ...". ⁴³

O segundo número, 462, é o de Sata, 'a serpente', que, como Tsaggothua "habita nas partes mais remotas da terra". ⁴⁴ Sata tipifica a Corrente Ofidiana em sua forma mais material; um análogo terrestre interno de Cthulhu. É "a cobra que dá Conhecimento & Deleite e glória brilhante", ⁴⁵ e deve ser adorada com 'drogas estranhas', das quais *Asrar* (462) é uma. ⁴⁶

Os iazidis têm uma tradição de que no dia de ano novo Deus se senta em seu trono, chama os deuses até ele e entrega o poder nas mãos do *deus* ⁴⁷, *que descera à terra*. Os iazidis também têm uma concepção transcendental de divindade. Na língua curda, deus é chamado de Khuda, ⁴⁸ ou Guda, uma forma óbvia da palavra "deus". Ele se manifesta em três formas: como um Velho (Sheik Adi), como um pássaro ⁴⁹ (Melek Ta'us) e como uma Criança (Yezid = Ra-Hoor-Khuit).

Melek Ta'us aparece em AL como o Homem Real, ou Anjo (Aiwass). Grande parte da paranomasia encontrada em AL envolve não apenas semelhanças fonéticas, mas também isopsefismos. Ta'us / Aiwass é um caso do primeiro. A insistência de Crowley no fato de que seu trabalho continua a Tradição Suméria, ⁵⁰ e sua identificação como um

avatar de Yezid, apontam, como sugeri na introdução aos Comentários de AL, para Liber AL ser o "livro da eternidade" referido no *Livro Negro de Yezid*. O livro da eternidade é o livro das estrelas, um artifício literário conotando a corrente de fora.

Outra lenda iazidi representa seu anjo-chefe como Azazil, também na forma de um pavão. O autor de *Devil Worship* explica a escolha do pássaro devido ao banimento, ou queda na terra, de Adão e Eva, que comeram o trigo proibido ⁵¹ no Éden. Eva foi lançada sobre Arafat e Adão foi banido para o Ceilão, que é predominantemente a terra do pavão. A verdade, como sabemos, ⁵² é muito mais simples: o pavão se tornou o totem do Culto por causa do simbolismo da cauda e do olho. A cauda *tipificava a* Constelação *Khepsh* ou Haunch (Ursa Maior), e o Olho era o Olho no Triângulo, o meato do falo, razão pela qual o galo era típico de Yezid.

O T ⁵³ é o Falo, a Cruz de Set; e Melek TAU-us é o Anjo Aiwass. Melek Ta'us é declarado um dos Sete Deuses que governa o mundo por um período de 10.000 anos, o que é mais provável que seja uma medida da duração dos éons implícitos em AL do que ~~os períodos atribuídos a eles por Crowley.~~

As portas dos templos yezídicos eram adornadas com figuras de um leão e uma cobra, um machado, um homem e um pente. De acordo com todas as autoridades até agora, o significado mágico atribuído pelos iazidis a esses emblemas permanece desconhecido. É bem possível, no entanto, ler seu significado à luz da Tifo

42 O número do Espírito, Furfur. Veja nota 33.

43 *O Lurker no Limiar* (Lovecraft / Derleth), cap.2.

44 *O Livro dos Mortos* Egípcio.

45 AL.II.22.

46 Um talismã de extraordinário poder mencionado por Machen em *The Hill of Dreams* (p.244), e em *The Secret Glory* (p.217).

47 Ou seja, o Yezid.

48 Cfr. o egípcio Khut, Khuti, Senhor das Luzes.

49 Melek Taus como 223 é mais um do que San-San, o 'homem-pássaro', dos ciclos de mitos oceânicos.

50 Ver *Comentários mágicos e filosóficos sobre o livro da lei* (Crowley).

51 Ou seja, sêmen.

52 Ver *The Magical Revival* (Grant), cap.4.

53 O Tau é o transmissor da Verdadeira Vontade, o *tu* de "Faça o que tu queres será o todo da Lei". Veja observações *em fra*.

nian Gnosis. O leão e a cobra formam o leão-serpente, *Teth*, emblemático da Corrente *Ofidiana*; o machado é o sinal de *Neter*, o neutro ou deus-criança que abre sua mãe. O simbolismo do homem é considerado a seguir; o pente denota a força viril que cansa os cabelos que simboliza a fecundidade da Deusa.

No altar de Adi, 360 lâmpadas eram acesas todas as noites. 360 denota o círculo completo, ciclo ou éon perfeito. É também o número de HShlH, 'o Messias', e de ShIN, uma forma posterior do Zin atlante, um nome de Typhon e da lua. Do nome *Syn*, George St.Clair ⁵⁴ nos diz que comporta "um certo controle forçado e impeditivo, oposição, uma virada de cabeça para baixo", que imediatamente sugere AL.I.41: "A palavra do Pecado", e a fórmula de Karezza em conjunção com a de *viparîta maithuna* - todos os conceitos apontam para a gnose secreta do culto.

360 adicionado a 15 (Adi) resulta em 375, que denota *Sekhem*, o lugar no qual as operações mágicas são realizadas sobre os espíritos dos mortos. *Sekhem* também denota o poder de ressurreição, de se elevar em um corpo sutil de luz que foi tipificado pelo poder erético do falo. 375 é o número de uma 'Cidade de Edom' associada aos Reis das Qliphoth; e de OShH, significando 'todas as formas de início', particularmente em relação ao ShOH (também 375), 'uma medida de tempo'. O *sha* egípcio era o clepsitra, fortalecendo assim os elos desse número com a Corrente Lunar.

As cerimônias realizadas diante do altar eram acompanhadas por flautas e flautas, instrumentos de vento associados a ritos evocativos dos Exteriores (Espaço / Ar), o que é significativo porque outro equivalente do número 360 é o termo grego, “ΠΡΟΒΟΛΗ”, significando 'projeção espacial'.

Os Yezidi comemoraram o Sheikh Adi nos dias 15-20 de abril, uma celebração de cinco dias da Deusa 15 iniciada na Lua Cheia. Os cinco dias representam o eclipse lunar, ou dias escondidos do sol, ⁵⁵ daí as 360 lâmpadas no santuário de Adi (15). Ao entrar no santuário, os devotos beijam a serpente retratada na parede à direita da porta do templo. A tumba do xeque está oculta por uma capa verde que simboliza a renovação ou ressurreição da terra.

Um ponto de interesse diz respeito à Cabala Yezidi. Como acontece com os curdos, os iazidis às vezes “mudam o árabe *Alif* por *Ain*”, e “em algumas localidades o *ain* é pronunciado *alif*, assim como o *kaf* é alterado para *alif*”. ⁵⁶ Badger observa que esses usos não se limitam aos curdos, sendo essas mudanças feitas também por povos de língua árabe e siríaca. Vamos, portanto, considerar as implicações mágicas de identificar *Aleph* com *Ain* e com *Kaf*. *Aleph* é a letra atribuída ao Ar ou Espaço, e *Ain* é o Vazio e *Ayin*, um Olho. Os olhos na cauda do pavão, ou o meato do falo de Yezid são igualmente conotados, e são resumidos no glifo do Olho no Triângulo que faz parte do emblema da OTO *Kaph* significa tanto a palma (da mão), e o macaco *kaf*, que tipificava, entre outras coisas, o olho aberto ou o meato exposto do pênis circuncidado em estado de ereção, denunciando assim o sempre desperto. Diz-se que “a circuncisão, a eucaristia e o batismo são os três ritos religiosos administrados pelos seguidores de Yezid”.

Ain, o olho e *kaph* (a palma) juntos equivalem a 90, o número de *Tzaddi*, a letra atribuída aos Profundos. A adição de *aleph* produz 91, o número do "homem", além do qual não há deus. ⁵⁷ O olho e a mão são instrumentos mágicos usados pelo homem na reificação do desejo a serviço de sua vontade. ⁵⁸ Além disso, o *Necronomicon* declara: “O Poder do Homem é o Poder dos Antigos. E esta é a Aliança”. ⁵⁹ 91 é um número de API, a deusa Tifoniana que “dá proteção”. Ela se manifesta na forma de um hipopótamo, um totem primordial dos Profundos, e ela ilumina o oceano do Espaço com suas Sete Estrelas. O homem em reflexo torna-se NAM, que, na língua caldeia significa "fala",

⁵⁴ *Creation Records* (St.Clair), p.387.

⁵⁵ Ou seja, o círculo solar de 365 dias.

⁵⁶ G.P.Badger, citado por Joseph, *Devil Worship*, p.168.

⁵⁷ "Não há deus senão o homem", *Liber Oz vel LXXVII*, (Crowley).

⁵⁸ Cfr. o sistema mágico de Zos, *The Book of Pleasure* (Spare).

⁵⁹ Schw. edição, p. 166

Oráculo ',' enunciado ',' profecia '. É a Palavra Primordial, o “assim diz o Senhor”, e deriva do Núm egípcio, com precisamente os mesmos significados. ⁶⁰ É significativo que o nome de uma língua pré-humana, Naacal, também tenha o valor 91. Outro equivalente é Ako, o deus da lua, adorado em alguns lugares sob o nome de Sin. Mas, acima de tudo, 91 é o número de AMN, o Deus Oculto de Amenta, e de MLKA, a 'filha', 'virgem' ou 'noiva'; na fraseologia do ocultismo, a sacerdotisa não desperta ou em transe.

As portas dos templos Yezidic são adornadas com anêmonas escarlates selvagens e lírios vermelhos enfatizando o componente lunar dos ritos celebrados dentro. O lírio ou lótus junto com a rosa é típico do círculo da Deusa, o círculo dos 360 kalas e dos cinco ocultos. 360 é o número de ShNI, 'escarlate', uma cor que simboliza a terra vermelha da reificação associada à Mulher. A Corrente Ofidiana está implícita no simbolismo e é novamente sublinhada na forma variante de Yezid, 'Azid', cujo número, 22, é o número das Escamas da Serpente das Qliphoth.

Os iazidis enterraram seus mortos com o rosto voltado para a Estrela do Norte, confirmando a predominância no culto da adoração dos Exteriores e dos Profundos, e a

proveniência essencialmente estelar do culto.

Cinco zonas geográficas principais estão associadas aos iazidis, a mais proeminente das quais é Seihan (persa), o plural de Seih ou Sheikh, ou, como deveríamos dizer, os Antigos; daí o Seih Adi,⁶¹ Seihan, 'Lugar dos Antigos', fica a nordeste de Mosul. Seihan⁶² é a Palestina do culto, e sua Meca, Lalish, contém o santuário de Adi. Lalish = 371, um número de alta significância. Preeminentemente, Shaitan = 371, e Nuit (75) + Ísis (140) + Babalon (156) = 371. Também indica o Caminho da Mão Esquerda, sendo o número de ShMAL (observe o reflexo de LAM), *sinistro*.⁶³ 371 + 418, ou seja, Shaitan e a Grande Obra, ou *a Grande Obra de Shaitan* = 789, que é o valor de IPSOS + ALALLA.⁶⁴ 371 também conota *LAShtAL*,⁶⁵ e SPR AL, *Sepher AL*, o Livro da Lei.

Também carregado de grande significado é o nome de outra das cinco zonas de culto, a de Weran Sahr, ou Goran Sahr, significando a 'cidade submersa', que lembra a cidade submersa de R'lyeh onde o Grande Cthulhu espera sonhando. Observe também que 371 = 300 (Fogo, Sirius) + 71 (Lam).

Estamos agora em posição de apreciar a afirmação de Crowley de ter continuado, em e através de Thelema, os principais princípios do culto iazídico. Foi mencionado na nota de rodapé 53 que a Cruz Tau de Shaitan aparece como *tu* no preceito Thelêmico em AL,⁶⁶ o texto do qual Crowley pode ter aceitado como o "livro que já está escrito no céu", e esperado pelos Yezidi. A metafísica do Tau repousa sobre o significado interno deste preceito, pois há na consciência do homem apenas uma única vontade, a Verdadeira Vontade. Mas tem um reflexo aparente e distorcido que é confundido com ele pelos não iluminados. Não há duas vontades, uma 'inferior' e uma 'superior' para sempre em conflito e exigindo reconciliação, mas uma reflexão sombria que deve ser reconhecida pelo que é. Esse reconhecimento é também sua dissolução.

Os termos Vontade, Desejo, Ego são intercambiáveis. A Verdadeira Vontade, por outro lado, sendo não fenomenal, permanece independente do indivíduo, que é composto inteiramente de elementos ilusórios. Em outras palavras, a Verdadeira Vontade está fora do alcance da aparente esfera de atividade do ego. As distinções sugerem a relação que existe entre o falso eu e o verdadeiro eu,⁶⁷ embora a analogia não seja muito precisa. Seria melhor compará-lo com a relação entre Shiva e Shakti como símbolos da Verdadeira Vontade e da vontade aparente. Shakti denota o elemento de movimento⁶⁸ que caracteriza o

⁶⁰ Num ou Khnum (cf. nossa palavra 'nome', 'número') é o nome egípcio de um deus do abismo.

⁶¹ Na tradição sânscrita, Adi denota 'antigo', 'original', 'raiz', portanto *adiguru*, *adhyatma*, etc.

⁶² Cfr. Sion.

⁶³ Christopher Johnson observa o fato significativo de que SNSTR, sem vogais, é um a menos que 371, o número de Shaitan.

⁶⁴ Veja *Fora dos Círculos do Tempo* (Concessão).

⁶⁵ Ver *Magick* (Crowley), pp.415 *et seq.*

⁶⁶ AL.I.40, onde está escrito "Faça o que tu queres será todo o Direito".

⁶⁷ Jiva e Atman.

⁶⁸ Ver observações sobre o pensamento e a ilusão de movimento, cap.5.

atividade aparente da vontade pseudo ou fenomenal. Portanto, não há divisão real na Vontade, uma é verdadeira, a outra inexistente, exceto em um sentido fenomênico; e sendo uma parte dos fenômenos, não pode de forma alguma afetá-lo, controlá-lo ou dirigi-lo. Quando percebermos que só a Verdadeira Vontade existe, e que somos ela, sua contraparte será entendida como o fantasma que é e deixaremos de nos identificar com ela. Como com um reflexo facial em um espelho, apenas uma face está envolvida, o mesmo ocorre com o reflexo da Verdadeira Vontade no espelho do universo fenomênico ou aparente. Mas embora a imagem seja ilusória, é o reflexo de algo que existe. O reflexo não é uma entidade, sua realidade existe apenas no rosto que o projeta. Shiva e shak-ti podem ser considerados de maneira semelhante. A única maneira de descobrir a verdadeira natureza do reflexo é rastreá-lo até sua fonte, o dono do rosto. Isso não pode ser alcançado - do ponto de vista do espelho ou da imagem refletida dele; só pode ser

alcançado pela consciência da verdadeira identidade do ser refletido. O método de investigação conhecido como *atmavichara*, ou investigação do Ser, é, portanto, o único método que revela a natureza real do Ser e da Verdadeira Vontade, Thelema.

A fórmula de *atmavichara* é explícita em AL. ⁶⁹ O versículo relevante deu a Crowley uma grande dor de cabeça porque quando ele ouviu Aiwass ditá-lo, era tão incompreensível para ele que sua mente se recusou a aceitá-lo. Aiwass, portanto, o instruiu a alterá-lo, e as alterações comportaram implicações, algumas das quais já foram examinadas em conexão com certos comentários feitos por Frater Achad. ⁷⁰ O número do versículo em questão, ou seja, 26, é a soma das letras do Nome 'Perdido' ou 'Indizível', IHVH, e a soma dos números das Sephiroth que formam o tronco da Árvore da Vida. É também o número do verdadeiro nome de Satanás que se diz ser IHVH invertido, e que é uma maneira de expressar o processo de reversão que abre o portão para as costas da Árvore. Mas a Palavra está perdida apenas para o universo fenomenal, pois ela mesma não é fenomenal. É a fonte negativa ou numênica do mundo das aparências. 26 (IHVH) é o número de *Avagddu*, 'Asas Negras', o espírito maligno associado a Yuggoth. ⁷¹ 26, do Tarot, é o caminho indicado pela letra *Ayin*, 'um Olho', e o Olho Alado é o emblema de Ísis. Também é atribuída à cabra, um zootipo de Shub Niggurath - a "Cabra Negra da Floresta com Mil Filhotes". ⁷² No sistema tarótico, ela tem o título de 'Senhor dos Portões da Matéria'. Matéria e anti-matéria se alternam eternamente na Gnose de Nuit.

O 'eu' e o 'Olho' são resumidos no simbolismo do observador ou testemunha (*sakshi*) ⁷³. O número 26 é o número de ChZVH, 'visão, visão'. A pergunta 'Quem sou eu?' portanto, envolve o que vê e o que é visto, ou seja, a visão como tal; pois Nuit declara ⁷⁴ que "o sinal será ... a consciência da continuidade da existência, a onipresença de meu corpo", isto é, matéria. Mas antes das últimas cinco palavras (ou seja, "a onipresença do meu corpo"), ela havia declarado ser o "fato não-atômico não fragmentário de minha universalidade". Este conceito, o escriba (Crowley) foi instruído a colocar "em palavras mais brancas", as palavras que apareceram na versão final do versículo, conforme impresso em AL. Branco é a cor de Kether, o Portal mais externo do universo conhecido (matéria).

Como no caso da Verdadeira Vontade e da falsa, do Eu e do ego, prevalece na atualidade uma tendência a confundir os sistemas criativo e reprodutivo, que pertencem a planos tão distintos como os de *pretna* e *kama*. ⁷⁵ Esta falsa identificação atormenta todo o assunto da Verdadeira Vontade e da magia que é o meio de sua expressão.

O poder criativo tem seu chacra terrestre, ou centro de emissão, no cerebelo humano. Quando o poder desce, ou é trazido intencionalmente para o centro na base da coluna, ele sofre sexualização e é, portanto, transformado em energia reprodutiva. O místico se esforça para evitar esse processo porque ele está preocupado em energizar o centro no topo da cabeça, o locus do verdadeiro ser (realidade; realza). O mago, por outro lado, tem a intenção de reproduzir na forma concreta

⁶⁹ I.26.

⁷⁰ Ver *Cultos da Sombra*, cap.8.

⁷¹ Cfr. as asas da águia negra, ou abutre, típicas dos Antigos.

⁷² *O Sussurrador nas Trevas* (Lovecraft).

⁷³ Ver ch.9.

⁷⁴ AL.I.26.

⁷⁵ *Prema* é a compaixão que transcende o pessoal; *Kama* é atração física restrita a objetos. Os conceitos gnósticos, *Ágapé* e *Eros*, amor "divino" e luxúria, são cognatos.

seu universo mágico. Este processo não é idêntico, embora seja análogo, ao da reprodução da imagem humana. Entre as esferas do místico e do não iniciado existe toda a gama de fenômenos compreendidos pelo termo 'mágico', pois eles são essencialmente ilusórios. A Verdadeira Vontade está enraizada no Impessoal que transcende as fantasias da magia. No entanto, falamos vagamente de "ocultismo criativo", significando assim a

reprodução, não do humano, mas da criança mágica, que é um produto mental, visto que o primeiro é um produto físico. No entanto, ambos existem dentro da esfera da ilusão e, em ambos os casos, a energia criativa foi ativada por 'amor sob vontade'.

Apesar do precedente, há uma operação mágica muito especial que manifesta uma criança de uma ordem de existência totalmente diferente. Este é o filho, “coroadado e conquistador”, festejado em AL. É a Criança Mágica *por excelência*, a imagem da Luz ⁷⁶ nascida não da união de opostos e polaridades complementares, mas da negação de ambas. A designação 'coroadado' indica a verdadeira realeza, a realidade que interpenetra a onda de vida humana apenas no centro mais alto (coroa). Este chakra transcendental na Esfera Kether é a sede da Iluminação no Homem, a sede a que Ísis deu seu nome. ⁷⁷

Quando o mago exclama: "Faça o que tu queres será toda a Lei", ele está exortando Set (cujo sinal sagrado é o Tau), sinônimo de "coxa" (assento) de Ísis, para derramar sua Luz sobre ele. Cabalisticamente, ambos ThV (Tau) e AThH (Tu) = 406. ⁷⁸

Como explicado anteriormente, a diferença entre a Verdadeira Vontade e sua contraparte ilusória e temporária é um tanto análoga àquela entre *prema* e *kama*, ou amor Puro (isto é, sem objeto) e desejo (amor possessivo). *Prema* é freqüentemente traduzido como “amor divino”, *Kama* como “luxúria” ou amor sexual. *Prema* não tem desejos no sentido de que não tem desejo de possuir, pois não há, para *Prema*, objetos. *Kama* deseja posse, e esse desejo é baseado em uma crença errônea na realidade dos objetos e de um sujeito que os deseja. *Prema* é a base do misticismo, *Kama* da magia. Como alguém deseja possuir apenas o que se imagina que lhe falta, o mago, pelo uso do *kama* ⁷⁹, admite sua inadequação. O místico não conhece defeito, pois ele é um com a Corrente total, a Vontade Verdadeira ou Cósmica. Assim, a magia é apenas um estágio no caminho para o misticismo. O amor, como *kama*, é o amor limitado a objetos; é, portanto, imperfeito, exige satisfação, vidas para tirar. *Prema* é amor sem limite, não vendo nada para receber, dando eternamente, pois o sol brilha independentemente de quaisquer objetos.

Mas a direção voluntária do amor, implícita na máxima “amor é a lei, amor sob vontade”, também implica imperfeição, pois o amor se torna subserviente à vontade. Um estado de dualidade é evocado, *Prema* não está tão dividido. Somente se a vontade for a Vontade de Set (Faça o *que* quiseres) a “criança” resultante é coroadada e conquistadora. No entanto, novamente, a noção de conquista, sendo um conceito positivo e, portanto, mágico, é tal apenas do ponto de vista do mago, ou do ponto de vista daquele que habita na dualidade. A Magia Menor é, portanto, de *Kama*, aquisitiva, inadequada; a Grande Magick é aquela do “amor sob vontade”, quando essa vontade não tem objeto, pois o Ipsissimus ⁸⁰ é dito não ter vontade em qualquer direção, e esta é uma descrição do místico totalmente iluminado. Só esta vontade é a Verdadeira Vontade, pois não é exercida por uma pessoa. A Vontade mágica ou Verdadeira é estritamente impessoal, uma manifestação universal de Tu ou Tau (isto é) Set). ⁸¹

⁷⁶ ou seja Consciência. O *Lux* nasceu dos *Nox*.

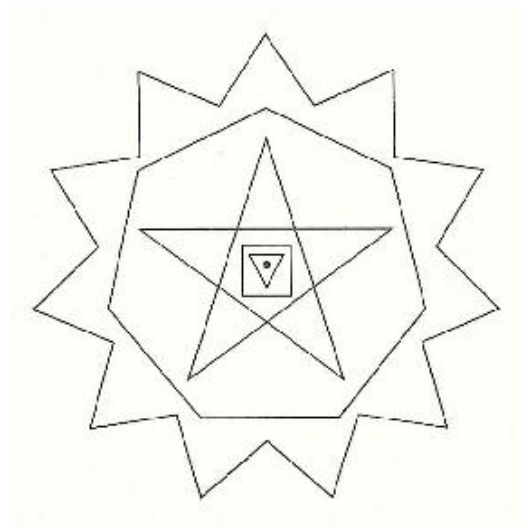
⁷⁷ Ver *Aleister Crowley & the Hidden God*, cap.10.

⁷⁸ Observe que 46 é uma fórmula de Maat e denota o grito do abutre. Veja as observações sobre este pássaro no capítulo 4.

⁷⁹ Mais corretamente, o uso dele por *Kama*.

⁸⁰ Para uma explicação completa deste termo, veja *Magick* (RKP ed.), P.330.

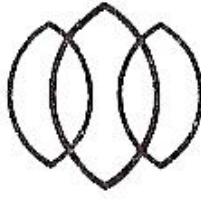
⁸¹ Frater Achad expressou percepções interessantes sobre esta equação, Thou / Tau. (*Correspondência oficial e não oficial sobre o Aeon de Maat* {não publicada}).



18. *O Yantra de 31 notas musicais* (William Coates)

Relações tendo	11	são representados pelo	Estrela de 11 pontas
Relações tendo	7	Heptágono
Relações tendo	5	Pentágono
Relações tendo	4	Quadrado
Relações tendo	3	Triângulo
Relações tendo	<u>1</u>	Bindu
	31		

The Mirroracle



A questão dos milagres sempre atormentou a cena ocultista. Alfred Sinnett, e outros, atormentaram Madame Blavatsky para persuadir os Mahatmas a realizar milagres que deveriam de uma vez por todas convencer as pessoas da existência de um mundo além dos sentidos, e que eles - os Mahatmas - realmente existiam e possuíam o poderes atribuídos a eles. O apelo foi repetido muitas vezes antes e depois da época de Blavatsky, e com outros Mahatmas, orientais e ocidentais. Uma das razões pelas quais Blavatsky perdeu prestígio aos olhos de muitas pessoas de outra forma simpáticas foi devido às suas tentativas bem-humoradas de fornecer por seu próprio ofício o que na maioria dos casos, embora não em todos, os Mahatmas se recusaram a produzir. Sinnetts ao longo dos tempos têm sido avisados, repetidamente, de que nenhuma quantidade de milagres terá qualquer utilidade em convencer aqueles que, incapazes de produzi-los eles próprios, são muito obtusos para aceitar o vasto testemunho acumulado de tradição e os milhares de casos bem atestados de fenômenos transumanos.

No entanto, desde meados do século atual, os Mestres parecem ter decidido que a exibição massiva de fenômenos misteriosos está, finalmente, em ordem. Para o que de outra forma explica os motoristas frequentes e às vezes, e assim por diante. Uma olhada em qualquer um dos literalmente centenas de livros sobre os chamados OVNI's deveria convencer qualquer um, exceto os irremediavelmente cegos que inúmeros (porque incontáveis) indivíduos e grupos de indivíduos vivos hoje viram com seus próprios olhos fenômenos iguais a, se não superando, qualquer coisa testemunhada pelos poucos que sabiam de Madame Blavatsky e seus Mahatmas. Mas já houve uma aceitação geral dos milagres? Não são as palavras de Koot Humi para Sinnett tão verdadeiro hoje como quando eles foram comunicados primeiro a, e publicado por ¹ que ist occult-inegavelmente sincera e inteligente? Muitos podem alegar que houve uma reação positiva. Mas, certamente, se observadores e contatados acreditam genuinamente que testemunharam milagres, ou fenômenos que desafiam as leis da natureza, ou os estendem a uma extensão incrível, então o peso de tal testemunho já teria subjugado os céticos. No entanto, ainda não há uma admissão geral de tais fenômenos. A razão para isso pode ser simples. Os objetos inexplicáveis que ocasionalmente aparecem em nossos céus e oceanos (pois não se limitam a fenômenos aéreos) não são novos nem miraculosos. A atmosfera da Terra sempre fervilhou com eles. O homem em massa só agora está se conscientizando deles porque "algo" desencadeou dentro dele uma faculdade que, por muito tempo, permaneceu adormecida, quase a ponto de atrofia. Esse 'algo' ocorreu no final da década de 1940, um evento que inundou a atmosfera sutil do planeta com uma corrente de energia que reanimou em inúmeras pessoas os poderes da clarividência, clariaudiência e clarividência. Em outras palavras, o terceiro olho começou novamente a se destacar *em uma escala massiva*. Este é o olho-espelho, e a consciência humana logo será inundada por visões e sonhos das cidades ciclópicas em mares insondáveis, que sonhadores como Lovecraft foram capazes de ver sem a ajuda dos espectros de energia radioativa que recentemente o despertaram.

¹ Veja as cartas do Mahatma (Sinnett).

Assim que for entendido que o fenômeno OVNI é concomitante com o impacto no corpo sutil do homem desses espectros de energia, então também será entendido o elemento frustrante do absurdo característico de tantos encontros diretos com os ocupantes de 'naves espaciais'. O absurdo se deve a uma confusão de conceitos, como quando as experiências de sonho e vigília se confundem.

Décadas atrás, a atenção foi atraída por Machen ² e outros para o elemento de banalidade e aparente inconseqüência associada aos fenômenos espiritualistas. Mas é a *interpretação* de tais fenômenos pelo inepto, ao invés do adepto, que leva à confusão. Além disso, não é suficientemente apreciado o fato de que não é possível, sem confusão, expressar na linguagem da terceira dimensão eventos que ocorrem na quarta. É aqui que o treinamento do ocultista vem ao resgate.

Aleister Crowley foi provavelmente o primeiro a enfatizar a suprema importância de questionar rigorosamente os espíritos, elementais e outras entidades encontradas no curso de viagens e visões astrais. O fato de que os encontros com OVNI's nem sempre são astrais no sentido estrito do termo ³ faz pouca diferença para o princípio envolvido. A visão, experiência, contato, encontro - independentemente de como seja classificado - continuará a permanecer ininteligível até que a entidade em questão tenha revelado por sinais inconfundíveis sua identidade e proveniência. Os contatados afirmam, em alguns casos, que isso tenha acontecido, mas há poucas evidências de que algum teste satisfatório tenha sido aplicado. A aceitação de informações não é boa o suficiente, simplesmente porque parece ser oferecida voluntariamente ou em resposta a questionamentos aleatórios. Os espíritos da sala da sessão espírita são notoriamente enganadores, e assim também, se os relatos de encontro forem verídicos, são Ufonautas. As manifestações espirituais se assemelham a encontros com ufonautas ao invés de com os tipos de entidade evocados pela magia. O ufo- nauta e o espectro geralmente vêm espontaneamente. Talvez isso seja um sinal de sua objetividade, mas não necessariamente. Embora os magos possam convocar à aparência visível uma ampla variedade de fenômenos aparentemente objetivos, esses não incluem ufonautas, embora estes últimos tenham sido relatados como arranjando com seus contatados uma visita de retorno. Mas geralmente é o ufonauta que marca, ou quebra, a data, não o contatado. Essas visitas são frequentemente acompanhadas por sensações de pavor, medo e até terror, ^{4o} que sugere mais do que o simples avistamento de um objeto não identificado. Existem, por exemplo, numerosos relatos de raios paralisantes sendo dirigidos a testemunhas. Estas podem, entretanto, ser correntes de força refletidas de volta para as testemunhas por uma convulsão repentina de seus espectros subjetivos de energia radioativa. Tal como acontece com os germes dentro do corpo, eles não indicam necessariamente uma condição mórbida nos contatados. Eles comparam meramente uma agitação das partículas recém-plantadas absorvidas astralmente da atmosfera radioativa recentemente aprimorada do planeta. O assunto, em sua infância no que diz respeito à onda de vida humana, exige uma reavaliação dos espectros de energia.

Qualquer pessoa que tenha lido com atenção relatos de encontros de OVNI's terá notado a alta porcentagem de avistamentos envolvendo a cor laranja, a mistura de vermelho e amarelo. Na gramática Kala do ocultismo, o laranja está associado ao Caminho 17, o Caminho da Corrente Dupla. Seu aeon mágico, ou anjo, é Zain tipificado pela espada ou cimitarra. Os OVNI's são freqüentemente relatados como tendo forma crescente, quando não em forma de ovo ou lenticular. A espada e o ovo desempenham um papel dominante nas visões Amalantrah-Abuldiz de Crowley. Este fato, e a preponderância da cor, ou kala, peculiar a Zain, e ao Aeon *sem palavras*, sugere o silêncio geralmente associado aos OVNI's, como também a ausência de ouvidos notados por um número de contatados que deram descrições das características físicas de Ufonautas. A cabeça sem orelhas e em forma de ovo de LAM ⁵ é uma das máscaras de Aiwass, ministro ou anjo do Deus do Silêncio, Hoor-paar-Kraat. 71, o número de Lam é o número-espelho do Caminho da Corrente Gêmea ou Dupla, Zain. A sensação de medo induzida por encontros libera na consciência astral os espectros demoníacos refletidos na concha áurica do contatado; os 'demônios azuis' são um produto desse medo. Relevantes neste contexto são as palavras do salmista: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria". De todas as emoções, o medo é primordial e é o fator mais potente envolvido na abertura dos Portais Externos. A sabedoria é atribuída a Chokmah, o centro de culto da Seita da Sabedoria Estrelada. Este culto se projeta através do véu da malva

² Ver, em particular, *The Green Round* (Machen).

³ Muitos deles envolvem substância etérica.

⁴ É interessante, neste contexto, comparar o encontro entre os 'Secret Chiefs' e MacGregor Mathers no Bois de Boulogne. Veja o relato de Crowley em suas *Confissões*.

⁵ Veja o retrato de Lam de Crowley reproduzido em *The Magical Revival* (Grant), pl.5.

zonear as vibrações que são sentidas no sangue como medo, ou terror, que é denotado pela palavra PChD, um nome da zona de poder ⁶de Marte (como Horus, Kali, etc.). PChD é 92, o número de SBKI, 'o matador do gigante', o *sebekau*, ou dragão-crocodilo, típico da Corrente Ophidiana. Sensações de pânico carregam o sistema com espectros de energia radioativa. Essas engrenagens conscientizam-se de receber radiações externas, pois embora Chokmah esteja além da zona malva, Geburah permanece dentro da estrutura fenomenal. Grande habilidade é, portanto, necessária para transmutar em cápsulas espaciais, ou glóbulos de vitalidade, as vibrações dessa zona turbulenta. Daí o fanatismo, a violência, a paranóia e o desequilíbrio geral de tantos que caem neste caminho. O que explica por que, em uma contextura de encontros, o contato correspondente é invariavelmente visto como hostil - abdução, estupro, agressão física envolvendo queimaduras graves (por radiação) e, frequentemente, perda de sangue.

Alguns contatados reclamam de terem sido usados como 'cobaias', sangue, sêmen, fluidos menstruais, tendo sido extraídos deles. Mutilação de gado em grande escala também foi relatada ⁷por fazendeiros que afirmam que os animais sofreram mutilação e perda de órgãos sexuais, orelhas, tetas e assim por diante. É difícil saber onde começa a paranóia e até que ponto as experiências, embora genuínas, são mal interpretadas pela falta de informações corretas e pela abundância de informações incorretas. A natureza indubitavelmente sexual de muitas dessas depredações é o único elemento de certeza. Pode ser um terror mórbido que faz com que as pessoas procurem no espaço por saqueadores cuja obra as identifique mais como habitantes da terra. Mesmo assim, é inevitável lembrar AL.III.12: "Sacrifique gado, pequeno e grande: depois de uma criança". É concebível, hoje, que má interpretação idiota desse versículo pudesse ser responsável pelas mutilações relatadas. Por outro lado, a natureza física da abdução aponta para uma fórmula literal de sacrifício associada a ritos peculiares aos cultos dos Antigos e, em particular, do Grande Deus Pã. Portanto, não é surpreendente que haja uma referência a uma fórmula em AL que liga a noção de sacrifício sangrento com a 'criança', ou anão, que é um tipo encontrado em relatos de experiências extraterrestres. ⁸ Temos aqui os símbolos do Gigante e do Anão como fatores complementares em um rito mágico secreto conectado com o sacrifício de sangue que Crowley considerou necessário antes que a humanidade pudesse embarcar no próximo estágio de seu desenvolvimento:

Existe uma Operação Mágica de máxima importância: a Iniciação de um Novo Aeon. Quando for necessário proferir uma Palavra, todo o Planeta deve ser banhado em sangue ...
Este Sacrifício Sangrento é o ponto crítico da Cerimônia Mundial da Proclamação de Hórus, a Criança Coroada e Conquistadora, como Senhor do Aeon. ⁹

Crowley supôs que a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial foram fases de uma operação contínua. O que, com efeito, ele está dizendo é que a operação permitirá ao homem estabelecer relações sexuais com entidades extraterrestres. O planeta inteiro *está* agora "banhado em sangue" no sentido de que espectros de energia radioativa o envolveram, formaram um espelho mágico no qual é possível para a humanidade 'ver' o Oráculo (a Palavra). Este Mirracle é o milagre que o sacrifício sangrento iniciou.

A morte de Crowley em 1947 coincidiu com uma onda massiva de espectros de energia, veículos dos Exteriores evocados pela segunda fase do sacrifício sangrento para a Criança Mágica. A energia nuclear liberada na atmosfera terrestre em meados da década de 1940 reativou no homem seu potencial astro-ocular latente. Pode não ter sido determinado, ainda, como a reatividade resultou da radioatividade, mas tornou-se

evidente que o OVNI incorpora um tipo de fenômeno que, embora sempre presente em nossa atmosfera, até recentemente permaneceu insuspeitado pela humanidade na missa.

Não é possível, nesta fase, ser mais específico. A pesquisa pode demonstrar que não apenas o OVNI está sendo maciçamente detectado, mas também o fantasma, ou duplo, que antes dos anos quarenta numerava seus espectadores em uma escala comparativamente limitada. Mas é necessário nesta área traçar certas linhas de demarcação. Existem muitos tipos de fenômenos fantasmagóricos e espectrais, e também existem muitos tipos de fenômenos não identificados

⁶ No esquema cabalístico.

⁷ Ver *Mensageiros da Decepção* (Vallée).

⁸ Deve ser lembrado que o nome Aiwass, o ministro da Criança, Hoor-paar-Kraat, é cognato com Besz ou Vesz, o deus anão. Veja *The Magical Revival*, p.57.

⁹ Crowley in *Magick*, p.220, edição RKP.

objetos voadores identificados. A *substância* da manifestação parece, nos últimos casos, ser de natureza etérica, distinta da astral. Essa suposição é sugerida pela qualidade tangível de muitos dos objetos observados. Avistamentos nesta categoria parecem ser muito maiores do que aqueles em que os ocupantes de OVNI são considerados seres de carne e osso. Novamente, foram relatados casos em que os ufonautas são avistados por um ou dois indivíduos, apenas, em uma multidão alertada para a presença de fenômenos anormais. Exceto nos casos em que os OVNI são dirigidos por autômatos, ou por controle remoto, isso sugere que os ufonautas são de uma substância mais sutil que seus veículos, já que o corpo astral do homem é mais sutil, ou menos denso, do que seu corpo físico. Esse pode ser o caso, por exemplo, se uma entidade astral fabricou para si mesma uma concha etérica, ou cápsula, como na prática conhecida como a assunção mágica de formas divinas. A literatura antiga em sânscrito contém referências a veículos espaciais na forma de pássaros, dragões voadores e outras criaturas aéreas. O disco alado, ou globo de vitalidade, do deus-sol no Egito, o falcão de Horus e outros veículos em forma de animal, são fenômenos cognatos. Além disso, há evidências de que os Brilhantes, ou *devas* da tradição indiana, são extraterrestres radiantes e que o Hammemit egípcio, ou emanções da luz solar conhecidas como Sol Radiante, também são símbolos cognatos.

O motivador dessas espaçonaves é a Vontade Mágica. Na tipografia egípcia, isso era representado na forma de um ovo e um receptáculo côncavo, sugestivo do padrão ovóide de cápsulas espaciais. O Khu, ou O Brilhante, era representado por um pássaro, e a esfera de radiação (aura), por um glifo semicircular em forma de concha.¹⁰ O 'mundo das conchas' seria uma designação apropriada da fonte de tais fenômenos. Mas essas hipóteses são desnecessários se, como aqui sugerido, não é posto a reativação de psíquica ou clarividente visão (vidente), que tem por longas eras geralmente permaneceu dormente.

Ra-Hoor-Khu, o reflexo fenomenal de *Hoor-paar-kraat*, declara em AL: “Eu sou o guerreiro Senhor dos anos quarenta: os oitenta se encolhem diante de mim e são humilhados”. Embora seja indesejável buscar em textos mágicos indícios de eventos históricos, muitas vezes foi notado que a grande guerra dos anos 40 resultou na reativação de uma faculdade oculta no homem, levando-o a ver coisas que haviam permanecido por muito tempo invisíveis. O reflexo dos anos quarenta, ou seja, dos anos oitenta, pode testemunhar uma materialização maciça das conchas luminosas que agora enxamearam sobre a terra. O número quarenta é meramente a extensão ou manifestação mais completa do Quatro, o número do sólido, o reificado. AL.II.49 pode muito bem ser relevante: “Este é dos 4: há um quinto que é invisível e nele sou como um bebê no ovo”. O bebê é o manequim ou anão mágico, do qual Lam é um tipo. Lam contactado Crowley em conexão com certos mistérios asiáticos envolvendo o renascimento da antiga sabedoria transmitida a Blavatsky por dois emissários dos Antigos, Koot Humi e Morya. Os elementos do nome Koot ou Khut Humi aparecem em AL.¹¹ O *kraat*, ou anão, aparece como uma metade da Palavra de Hórus, a outra sendo

Ra-Hoor-Khut. O versículo é o 180º do livro como um todo. 180 é o número de 'Silence', eo *Khut* ou *Kraat* é o Lam-anão, *Dropa*, descrito por Crowley como uma peça frontis- para seu Comentário sobre de Blavatsky *A Voz do Silêncio*.¹²

Não se deve supor que as referências, em AL, a esses elementos tenham pouco propósito além de ornamentos ou artifícios literários. Cada palavra do livro é significativa e carregada de implicações em vários níveis. Nem iluminam apenas as sequências em que os versos aparecem. Que AL contém sequências ocultas é amplamente indicado pela linha sobrepondo uma parte do manuscrito original, ligando assim conceitos aparentemente não relacionados.^{12a}

Lam tem 71, um reflexo de 17, o índice tarótico de Zain e do caminho associado aos Gêmeos típicos da Dupla Corrente, e à Espada que é o significado da palavra *Querubim*. O significado simbólico da espada foi explicado em minhas trilogias, mas pode ser necessário apresentar aqui mais duas observações. ChRB, 'uma espada', é 210. Como mostrado em combinação com *Liber XXVII*, este é o número de 000 - 'Nada sob suas três formas' - quando 0 = Ayin (70). É também o número dos 'Gigantes' (Grandes Antigos), ou 'Os Caídos', aqueles que caíram na terra (de uma estrela alienígena). Isso é paralelo na topografia egípcia por *Khyphi*, ou *Kyphi* (120, uma metátese numérica de 210), o incenso

¹⁰ Veja *Magia Egípcia* (Farr).

¹¹ Observe especialmente, AL.III.35.

¹² Reproduzido em *The Equinox* III.1

^{12a} Ver fotofac-símile do manuscrito de AL.III.47. (*Equinócio dos Deuses*).

queimado na configuração ou queda de Rá. No momento do pôr do sol do deus, ou Great One, aparece a descer *para* a terra. Além disso, a espada foi o instrumento utilizado por Cristo como símbolo de sua missão: “Não penseis que vim trazer paz à terra: não vim trazer paz, mas espada”.¹³ É quase como se ele anunciasse o Aeon de Zain, o Aeon sem palavras tipificado pelo deus do silêncio, Hoor-pi-khut, e seu emissário, Lam.¹⁴ O ChRB não é apenas a Espada, é também o Menino (querubim).

Os Kalas associados ao caminho de Zain são laranja (Escala do Rei da Cor) e Malva (Escala da Rainha da Cor). Uma preponderância esmagadora de avistamentos de OVNI's inclui a menção da cor laranja. Essa cor, que compreende as cores primárias vermelho e amarelo, está associada às zonas de poder planetário de Marte e do Sol (Hórus e Cristo) que tipificam o sangue em seus aspectos sacrificiais e redentores. Marte é a esfera de Kali que incorpora a corrente lunar. Sol está conectado com Aiwass como o espírito redentor ou Sagrado Anjo Guardião da Terra. Os poderes desses kalas se fundem para produzir Babalon, a shakti que impulsionará o planeta para a zona lilás, permitindo-lhe assim passar pelos portais externos.

Malva é o kala da zona que divide a tríade inferior, Marte-Sol-Júpiter, da Tríade Suprema, Saturno-Netuno-Plutão. A Tríade Suprema existe em outra dimensão, pois há uma solução de continuidade entre os modos numênico e fenomenal. O assunto da divisão é mencionado por Cristo, novamente em conexão com sua missão: “Suponham que eu vim para dar paz à terra? Eu te digo, Nay; mas sim divisão”.¹⁵ A divisão é a Zona Mauve. A paz não está na terra, pois esse é o lugar da Espada, o Aeon de Zain. A paz está na Tríade Superior, nos Campos da Paz¹⁶, além das estrelas.

É significativo que as duas cores conectadas com o Caminho 17, O Caminho de Lam, sejam laranja e malva, porque são os dois kalas associados à introdução na onda de vida terrestre das influências dos Exteriores. Além disso, a natureza da máquina de guerra aludida em AL, da qual a espada é uma forma inicial, indica a influência estelar proveniente da Coxa, ou Constelação do Norte. O versículo em questão é 152 do livro como um todo. Este é o número de HMVTzIA, 'the Bringer Forth', uma descrição do Haunch em ação que tipifica a Ursa Maior (er), a morada estelar do Que

Sempre Vinda, a Criança, o Manequim Mágico que aparecerá - Coroado e conquistando - na terra.

A especulação de que os OVNI's podem ser dispositivos psicotrônicos projetados por alienígenas parece ser apoiada por esta gematria. 152 é também o número de Satanaki, o 'irmão mais novo' (ou filho) dos Maniqueus, na doutrina ensinada pelo Persa Mani, ao Homem. Sete, o número do verso em AL III, no qual a máquina de guerra é mencionada, relaciona-o à Ursa Maior, a representante estelar das influências externas. 7, sendo um ideograma do machado, o emblema dos Nuteru (deuses), é o motor da clivagem, da divisão, no sentido da Divisão conhecida como Zona Mauve. Sete também é o número mágico de Vênus, o representante planetário dos Exteriores.

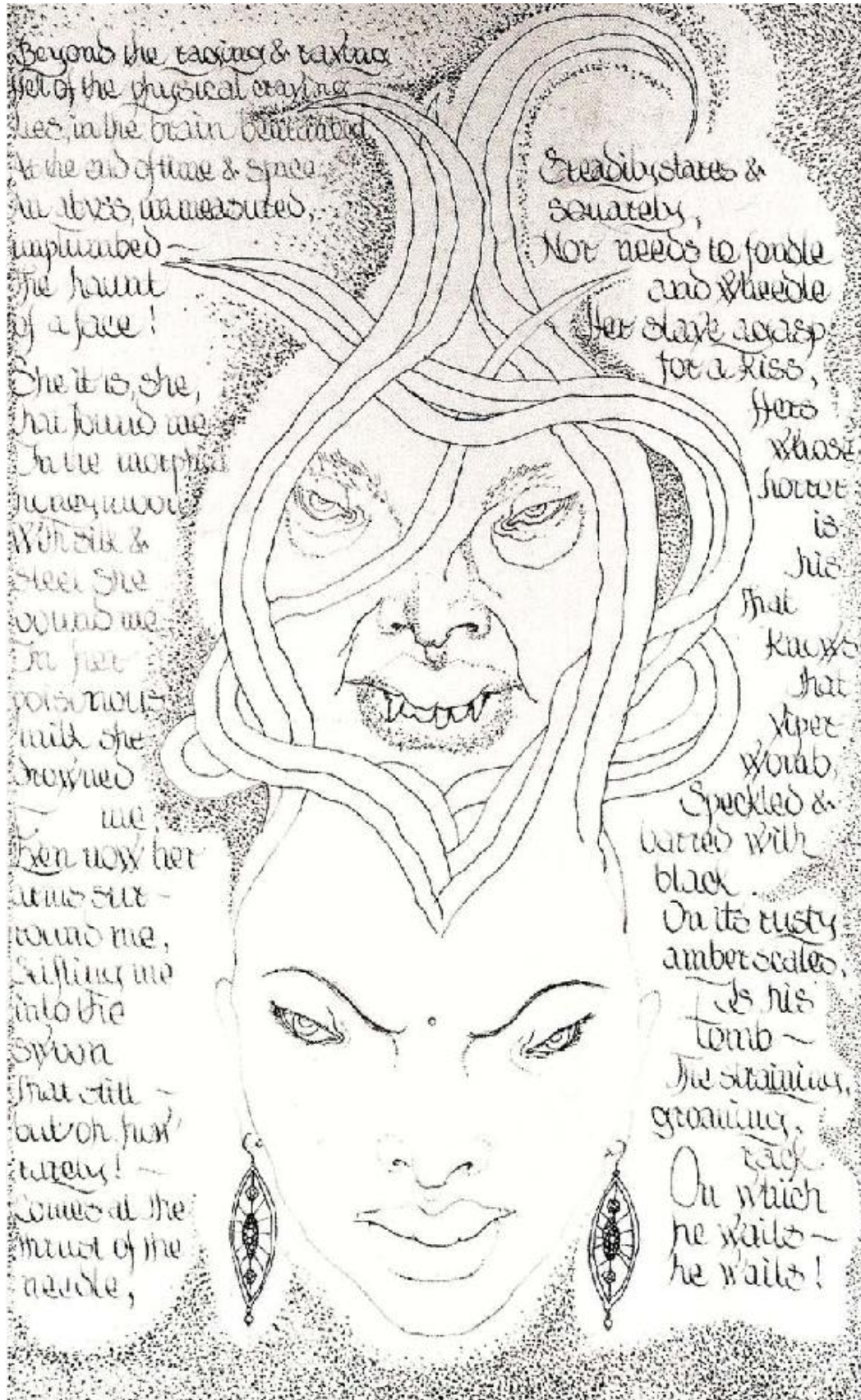
Entre parênteses, a Árvore da Vida, com seus globos brilhantes, compreende esquematicamente a variedade de cápsulas espaciais e seus respectivos kalas. Quando uma estrela é avistada no céu, a radiância vista pelos olhos humanos não é de nossa época, e a própria estrela pode ter deixado de brilhar há muito tempo. Da mesma forma, as luzes voadoras - objeto de inúmeros avistamentos desde Hiroshima - são radiações dos espectros de energia lenticular de seres mortos há muito tempo que existiam em galáxias remotas. Eles são os 'mortos' em Amenta, os Brilhantes. Eles formaram um mundo de conchas conhecido na tradição antiga como Qliphoth. Os ocultistas, finalmente, estão começando a reconhecê-los como tais e a salvá-los dos detritos de idéias interpretadas como "más" porque desconhecidas e não identificáveis. O que era desconhecido, o que não era compreendido, era considerado hostil, hostil.

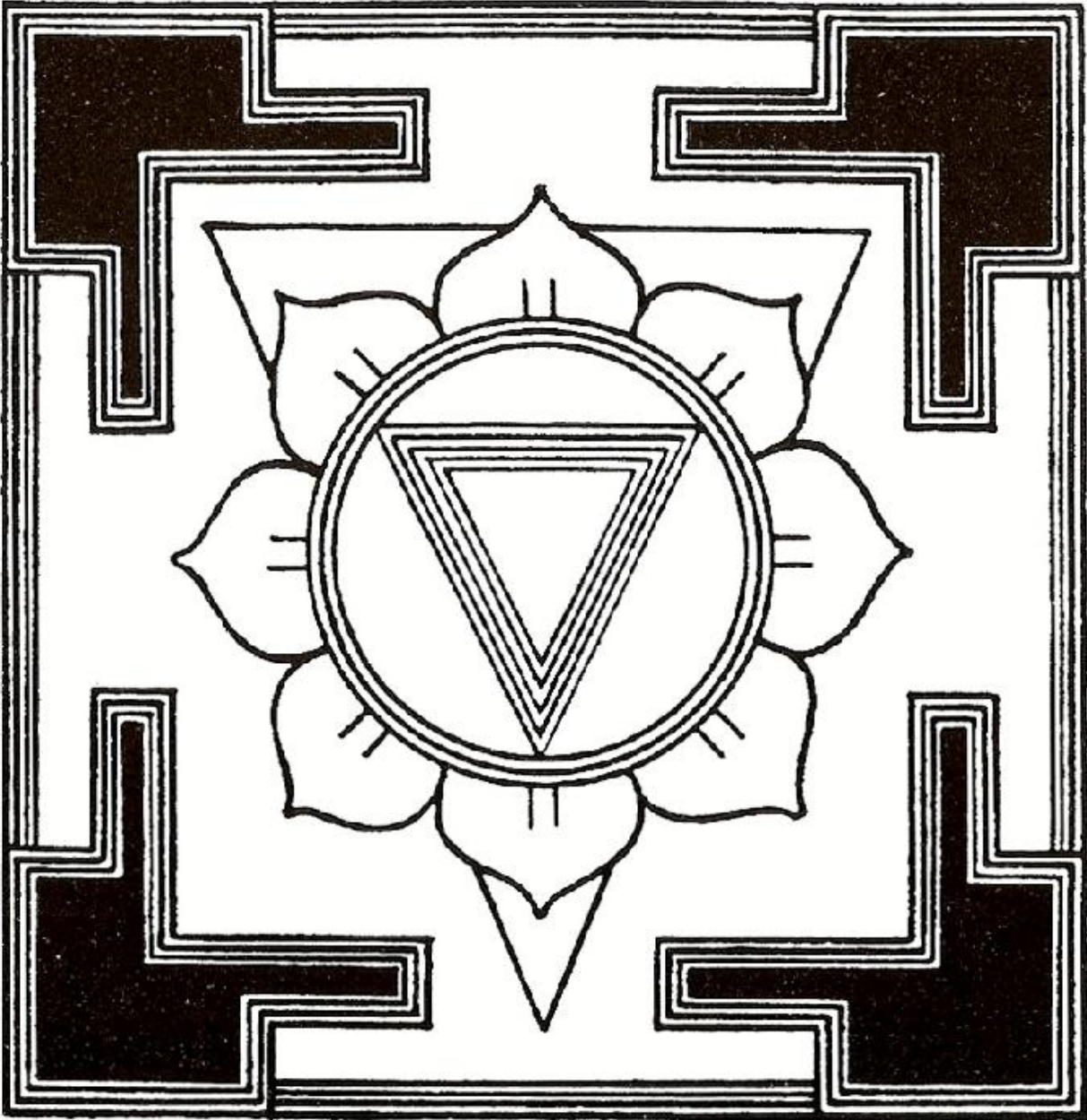
¹³ Mateus 10.34. Veja também Lucas 12.51.

¹⁴ Observe que por paranomasia, a Palavra, ou Hiss, da Serpente (S), pode ser lida como a *palavra S* ~.

¹⁵ Lucas 12.51.

¹⁶ O *Sekhet-Aahru (Livro dos Mortos)*.





11. Yantra de Kali

O assunto levanta questões de longo alcance, uma das quais é de especial importância no presente contexto. Por volta de 1908 Crowley recebeu através de Aiwass vários 'livros sagrados' ou comunicações transmitidas magicamente que não eram totalmente compreensíveis no plano do intelecto. Por causa deste fato, Crowley também recebeu a liminar de que nem mesmo uma carta, mesmo, deveria ser alterada, adicionada ou omitida. Entre essas transmissões apareceu *Liber XXII*¹⁷ que Crowley publicou em 1912 em *The Equinox*, vol. 1 não. vii.

Liber XXII é uma das comunicações mais misteriosas já recebidas por Crowley, e há incerteza quanto a quem desenhou os sigilos que o ilustraram. É quase certo que Crowley não o fez, e bastante certo que Austin Spare também não, visto que, em 1912, sua associação com Crowley havia cessado. JFCFuller é um candidato mais provável, pois trabalhou com Crowley nos últimos números de *The Equinox*, nos quais vários desenhos de Fuller são reproduzidos. Fuller era um especialista em guerra de tanques, assunto sobre o qual escreveu vários livros, um dos quais foi tão estimado por Adolf Hitler que foi adotado como manual de treinamento para suas tropas.¹⁸ Fuller, autor de um estudo laudatório do trabalho de Crowley intitulado *The Star in the West*, estava procurando o advento do Superman, e por alguns anos ele o reconheceu em Aleister Crowley. Mas o relacionamento deles naufragou com o caso do *Espelho*¹⁹ e Fuller retirou sua aliança. Não muito depois, ele pensou novamente que havia encontrado o que procurava na pessoa de Hitler.

Fuller, além de ocultista, estava absorvido em pesquisas que envolviam desenhos técnicos e designs de armas ofensivas. Para Fuller, portanto, um sigilo não representava necessariamente uma entidade imaterial; pode indicar uma energia muito material. Um dos sigilos publicados por George Adamski²⁰ lembra tão de perto um dos que acompanha *Liber XXII* que somos tentados a classificá-los juntos. Adamski insistiu que os sigilos reproduzidos em seu livro em conexão com o contato extraterrestre não deveriam ser interpretados misticamente, mas como glifos pertencentes à construção de naves espaciais do tipo porca e parafuso. É bem sabido que Hitler tinha afiliações com o ocultismo e que um de seus principais engenheiros foi o célebre Werner von Braun, que mais tarde permitiu que os americanos visitassem a lua. Não é possível que Hitler, ao favorecer Fuller como fez, não estivesse apenas interessado nos projetos de tanques de Fuller, mas também em suas outras máquinas mais *recherché*? Não se deve esquecer o fato de que Hitler estava em contato com entidades tão enigmáticas e alarmantes quanto Aiwass, e talvez suas interpretações das mensagens que recebia deles fossem tão coloridas por seu condicionamento quanto as de Crowley. Não faço nenhuma afirmação dogmática, mas apenas chamo a atenção para o fato de *Liber XXII* aparecer sem uma palavra de explicação, e ilustrado por sigilos muito provavelmente desenhados por Fuller, cujo interesse em tecnologia combinava mais com seus interesses reais do que as assinaturas nebulosas de espíritos problemáticos. Os sigilos das Qliphoth que ilustram *Liber XXII* podem, portanto, denotar os espíritos das conchas que ocupam os Túneis de Set,²¹ *abaixo da terra*. Quando é lembrado que Hitler estava interessado na teoria da 'Terra Oca', essas sugestões podem ter significado.

A criança no ovo é o manequim mágico na casca, o botão de vontade²² de algum poderoso mago lemuriano ou atlante que ainda permanece no limite do universo, esperando para retornar. Existem entidades qlifóticas conhecidas como "Liers in Wait", seus emissários pairam e giram ao redor da borda do Universo conhecido. Eles são os Returners, os Cyclic Ones, os Wheelers in the Deep, pelos quais certos observadores da Terra têm esperado por incontáveis eras. Seu embaixador chefe é o Sempre Vindo, a Criança Mágica celebrada em AL como 'Coroadas e Conquistadoras'.

Todos os observatórios astronômicos erguidos na antiguidade foram construídos com o intuito de calcular e facilitar o retorno esperado. Todos os mitos da ressurreição, as lendas do dilúvio, as parábolas da redenção, todas as alegorias e fábulas de salvadores e visitasções angelicais, todos giram em torno de intenções conhecidas.

17 Seu título completo é *Liber Carcerorum Των Qliphoth Cum Suis Geniis*. Apresenta em forma tabular os nomes e sigilos dos Gênios das 22 Escalas da Serpente e das Qliphoth; como o título sugere.

18 Veja *Bony Fuller* (AJExperimentethall).

19 Um relato do que aparece em *The Confessions of Aleister Crowley*.

20 Ver *Discos Voadores pousaram* (Adamski), ilustração 8, que tem como legenda 'Escritos de outro planeta'.

21 Veja *Nightside of Eden*, Pt..II, para seus sigilos e sinais.

22 Ver *Liber Aleph* (Crowley), para o sentido especial em que o termo é usado aqui.

ções daqueles que estão programados para retornar quando o Armagedom chegar ao clímax na terra. A própria palavra proclama Sua fórmula: *Ar* ou *Har* é a Criança, o Horus da Estrela, *Hormakhu*; *Ma* é a criança como filha. Eles pronunciam a Palavra Verdadeira, Ma-Haru ou Makheru. O Geddon é o lugar limitado ou fechado, ou seja, a terra, o campo de operação. O simbolismo bíblico do Armagedom é astronômico, não histórico. *Armakhedon* é o Lugar Secreto (o Ked ou Khat é o útero, o lugar com paredes, a terra oca) da Criança, e a Criança é a Palavra. Kheru é sinônimo de Guru, ²³ a "Palavra da Fonte, ou a Palavra proferida pela boca que emana de Maat, a Mãe. O lugar do Armagedom é o Lugar de Outrance, em Daäth, da Palavra de Maat, que se desintegrará (na terra ²⁴) a falsidade de Maya. Makheru significa a 'Palavra Verdadeira', a Palavra do Guru, a Lei. É simbolizado pelo útero da Mãe que procria da constelação da Garganta da Criança Celestial.

As grandes Torres de Vigia de Enoque, as Pirâmides do Egito e da América do Sul, os Zigurates da Babilônia, a Grande Torre de Babel, a Porta do Sol, a plataforma ciclópica de Baalbek, Stonehenge monolítico; essas imensas e misteriosas construções, nenhuma das quais foi satisfatoriamente explicada, foram erguidas como faróis mágicos de direção, como plataformas de pouso para os Returners.

O telhado do mundo, os planaltos congelados das terras altas tibetanas, que Roerich celebra em suas pinturas, foi o cenário, há cerca de onze a doze mil anos, do desembarque dos dropas na terra. A visitação ocorreu nas fronteiras do Tibete na época do cataclismo final da Atlântida, para o qual Platão (*Timeu*) cita a data 9000 aC. Os chineses citam lendas que descrevem

homens baixos, esguios e amarelos que "vinham das nuvens" e que, devido à sua extrema feiura - tinham cabeças extraordinariamente grandes e corpos delgados - foram primeiro evitados e, finalmente, massacrados por "homens montados em cavalos velozes". ²⁵

Mas nem todos os Dropas caíram diante do ataque dos cavaleiros. Muitos escaparam com seu líder, Lam, e estabeleceram uma base no reino oculto de Lêng, ao qual HP Lovecraft se refere como o 'abominável plateau'. Como Crowley descreveu Lam por volta de 1915, podemos concluir ou que a entidade ainda existe no plano material, ou que apareceu a Crowley como o modelo para uma das 'Almas Mortas' que formava o conteúdo de sua Exposição de pinturas e desenhos realizada em Greenwich Village em 1919.

Os dropas infundiram nos mistérios tibetanos a corrente peculiar aos seus agentes terrestres, agora conhecidos como Drukpas. Eles têm sido aborrecidos, não apenas por causa de sua magia, que se preocupa em abrir os portões para os Retornadores, mas porque a natureza não terrestre desses adeptos de uma feitiçaria alienígena é vagamente sentida por humanos que, ocasionalmente, obtiveram acesso às suas cerimônias.

Lam é o Alto Lama do Culto de Zain que combina o Ain (Ayin), o Olho do Espaço, ²⁶ e o Olho Alado ou Voador de Hórus, com o Z ou poder da cobra. O número de Dropas é 655, que é o número de Merti, 'Olhos de Maat'. ²⁷ 415, outro número de Dropas é também o de ABRAH DBR, 'a Voz do Vidente Chefe', do 'Santo' (HQDVSh), e de 'Drakonis', o tipo da Corrente Ofidiana ou Draconiana. Os assobios associados a seus ritos não humanos são uma reminiscência do Culto da Pedra Negra, Ixaxaar, ao qual Machen alude em conexão com a fórmula de Reversão Protoplasmática. ²⁸ Esses cultos são de uma antiguidade incalculável. Seus membros femininos são conhecidos por seus iniciados por curiosas características fisiológicas peculiares aos descendentes dos dropas. Essas peculiaridades

os qualificam para o serviço nos templos de Lêng. Os ritos envolviam (e ainda envolvem) o disco, a roda

²³ A palavra sânscrita *guru* existia como o egípcio *kheru*, 'a Palavra'. Em sânscrito, *go* = 'mãe', 'mulher'; *ru* = 'boca', 'abertura' ou 'passagem'. Cf. rua, estrada, etc.

²⁴ ou seja Malkuth.

²⁵ *Masters of the World* (Charroux), cap.15.

²⁶ Um glifo dos discos estelares.

²⁷ As filhas gêmeas.

²⁸ Veja *Fora dos Círculos do Tempo e Fonte de Hecate* (Grant).

ou chakra, e a pedra negra, um kala congelado, associado ao culto de Ixaxaar mencionado por Solino. ²⁹

Embora as conchas irradiem uma luz que está morta há incontáveis eras, à medida que a luz se afasta temporariamente, ela é absorvida por uma sequência de tempo negativa que, desde o ano de 1945, começou a recuar sobre si mesma. Agora se aproxima da Terra de um futuro muito remoto conhecido como Aeon de Ma, onde se unirá para formar o Ar-Ma-geddon, ou *Har* (filho) do Aeon de Hórus. O *Ar* e o *Ma* representam a criança Tifoniana. O *ghed* é o *ked* que significa o barril, baú ou caixão de Osiris, o deus de Amenta no reino subterrâneo.

Dos túneis de Set, Guedhulu, ou Cthulhu, surgirão das águas terrestres do passado para encontrar os futuros espectros de energia de Ma. O mito é obscuro por causa dos fatores de tempo envolvidos. O conceito de tempo negativo atormentou todos, exceto os iniciados. Existem hoje apenas duas Ordens, o Culto de Sírio (A. . A. .) E a Ordem Tifoniana Oculta (OTO) que não apenas representam, mas *transmitem* dinamicamente, a Corrente 93. Aleister Crowley uma vez assumiu como seu totem mágico a Fênix, ou Ave do Retorno. A fênix é o voador através do espaço que retorna à Arca, ou nave-mãe, a terra. O retorno é cíclico e aparece em algumas lendas como a pomba, o pássaro de Vênus, retornando a Noé, Noé ou Nu, das águas do espaço. A pomba é apresentada no Grande Selo da OTO. Ela desce sobre a arca ou graal. O glifo da arca ³⁰ pertencente às águas é típico da nave-mãe no oceano do espaço. No *Necronomicon Mythos* ³¹ aparece como Arkharn, o *presunto* ou cidade da arca, e é proeminente nos braços de Dunwich, ³² que Lovecraft traduziu para o novo mundo, como pano de fundo para alguns de seus contos. A criança mágica é representada entre os chifres da arca; a criança é solar e mágica, como a arca é lunar e mística.

O filho do sol é o Har (Hórus) do Aeon atual no sentido de que a terra agora está recebendo as radiações fálicas solares de sua Estrela central. O simbolismo da criança foi tão pouco compreendido que é necessário aqui dissipar a confusão. A criança, no simbolismo de Thelema, é o manequim mágico, ou 'anão, que encarna a 'vontade do botão' do mago. Não é um tipo de criança humana, nem comporta nenhum dos atributos associados à chamada 'geração mais jovem'. Uma confusão semelhante de tipos surgiu em conexão com a importação da XI^o OTO, que envolve a fórmula da reversão protoplasmática e que nada tem a ver com a homossexualidade. ³³

²⁹ Veja *o romance do selo negro* (Machen).

³⁰ Veja *The Ship* (Crowley; *The Equinox*, IX).

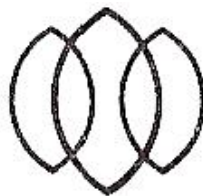
³¹ ~~Derleth recension.~~

³² Consulte a placa 14.

³³ Esse assunto foi tratado em outra parte dessas trilógias; ver particularmente *Aleister Crowley & the Hidden God*, cap.7.

9

Ufologicks e O Rito de Mitra



A palavra Ufologicks é uma designação sugerida para as vibrações mântricas associadas à Gematria e à onda de energia que incide sobre a terra de fora. Pode-se afirmar com algum grau de probabilidade que os gnósticos lançaram as bases dos ufólogos com suas palavras mágicas de poder, e uma prova mais interessante disso é fornecida por um documento histórico contendo um Ritual Mitraico. É mencionado por Arthur Machen em uma história intitulada 'Mudança'. A referência, talvez mesmo a história, pode ter sido motivada pela publicação, em 1907, do Ritual Mitraico, que fazia parte de uma série de livros editados por GRSMead. ¹

Embora Machen não demorasse a reconhecer no ritual algumas indicações muito estranhas, ele não foi capaz de formulá-las adequadamente porque a ciência da ufologia era desconhecida em sua época. Não obstante, ele intuitivamente apreendeu muitas de suas implicações, particularmente aquelas relacionadas com a interação simultânea ou pericorese de duas ou mais dimensões aparentemente não relacionadas. A teoria de que tais interpenetrações podem ser induzidas por vibração é, naturalmente, a base da ciência mântrica e dos "bárbaros nomes de evocação". ²

Os gnósticos se esforçaram muito para registrar o que parecia aos estudiosos até recentemente um relato sombrio e complicado de espaços, éons, aethyrs e a reverberação de certos nomes impronunciáveis e palavras de poder. Estes chegaram a nós, graças à diligência de estudiosos como Mead, como os ecos da Gnose. É, portanto, esclarecedor examinar mais de perto o Ritual mitraico, que contém, mais do que qualquer outro texto publicado até agora, o que é de fato uma ciência dos ufólogos.

Os sacerdotes egípcios celebravam os Deuses ³ cantando as sete vogais referidas por Demétrio (no Ritual Mithriac) como as 'letras sonoras'. Nicômaco (2º século) menciona não apenas vogais e consoantes, mas também sons "não articulados", que lembram a fala sibilante a que Solinus alude em conexão com a pedra negra, Ixaxaar. ⁴ De acordo com o Ritual, "sempre que teurgistas são horrorizada ⁵ fazem invocação simbolicamente por meio de 'sibilos' e 'poppings' e sons DANT desarticuladas e discor-". Sibilares e estalos apontam para o Culto Ofidiano. ⁶ O termo grego para esses sons de-

¹ *Echoes of the Gnosis: A Mithriac (sic) Ritual* (GRSMead ed.).

² 'Bárbaro' é aqui usado em seu sentido etimológico de 'estranho', 'estrangeiro', 'estrangeiro'.

³ ou seja os Poderes Primordiais ou Grandes Antigos.

⁴ Consulte o capítulo anterior.

⁵ Ou seja, em transe.

⁶ C f. 'pop' com Apófis, a Serpente, o Apep dos egípcios.

observa um som estridente ou sibilo, e o termo latino *estridor* ; 'um canto nos ouvidos'. A palavra 'estalo' é usada para denotar um estalo ou estalo com os lábios e a língua, e é interessante lembrar a esse respeito que, de acordo com Gerald Massey ⁷, as primeiras formas de fala humana se assemelhavam ao estalo do macaco kaf. Esta criatura tipificou a ligação entre a articulação humana e não humana . Mead chama a atenção para o assobio, pio, gorjeio, gorjeio e gorjeio de pássaros que, por sua vez, lembra a observação de Lovecraft de que o coaxar dos *ranídeos* e os ululações de certos insetos anunciavam a proximidade dos Grandes Antigos.

Aristófanos e Plínio descrevem esses estridores inarticulados como “uma saudação relâmpago”, a característica elementar *por excelência* da intervenção extraterrestre. A palavra inglesa 'pop' está ligada a puff, e o puff-víbora era um glifo egípcio da Corrente Ofidiana como o poder fálico criativo ou inflado tipificado pelo réptil Apophis ou Apep, a Afepe africana. O pop também é o Eopt e o Papa - outro Um inchado; e o cachimbo, instrumento de sopro exemplificado pela flauta, está associado à gnose 'maldita' do ciclo do mito Necronomicon . ⁸

O Ritual Mitraico é um sacramento solitário especificamente relacionado ao Silêncio, ⁹ as características especiais de Hoor-paar-Kraat cujo 'ministro' é Aiwass. O encantamento da serpente Apep é efetuado pela VIII ° OTO. Os ' flautistas idiotas no centro do infinito' acompanham Nyarlathotep, um reflexo talvez do Escuro tocador de flauta (Krishna) que fascina as gopis no coração de Vrindavan e do Flautista do Pânico seduzindo as ninfas nas profundezas da floresta.

Os componentes ufológicos do Ritual são inconfundíveis: “Através de seu Disco - o de Deus, o de meu Pai ¹⁰ - será visto o Caminho dos Deuses acessível à vista”, uma referência indiscutível ao esplendor do vôo discos “acessíveis à vista”, ou seja, à percepção dos seres terrestres. O cachimbo descrito (no Ritual) como dependente do disco é o cachimbo através do qual grita o vento como os cachimbos de Pã, a flauta de Krishna ou os cachimbos que cercam Nyarlathotep. Há tantos assobios e gritos que o teurgo exclama: “Proteja-me, silêncio!”, Como se fosse uma invocação direta de Aiwass. Os longos assobios, ou essas, sugerem o *Shus*, ¹¹ e o Shûs-en-Har ou devotos do Har (Horus) como o Deus do Silêncio, Hoor-paar-Kraat.

Uma 'hoste de estrelas' é descrita como emergindo do disco que, quando aberto, revela “um Círculo infinito e Portas de Fogo fechadas rapidamente”. Depois disso, “verás as Portas abertas e o Cosmos dos Deuses ¹² que está dentro das Portas”.

Difícilmente se poderia esperar que uma referência mais vívida à proveniência estelar dos Exteriores aparecesse em um texto anterior, em quase quinze séculos, ao advento da era Ufológica.

O simbolismo do Ritual continua a substanciar a Corrente Ofidiana, pois a porta aberta revela ... “emanando das Profundezas, sete virgens em mantos de Byssus com rosto de serpente”. Fenômenos físicos acompanham os visitantes de fora: “as luzes estremecem e a terra estremece; e então um Deus descendo ... vasto, de presença radiante ”.

Há menção no Ritual até mesmo de um terrestre que presume aproximar-se muito de tal ser, que é o "Grande Pai de todos os Pais" - e o 'Iniciador Supremo' nas eras transcendentais dos espaços ufológicos, "Mithra, o Invencível".

Também é mencionado o “ombro de ouro do bezerro”, o filho Hórus que é equiparado ao “Urso ¹³ que move o Céu”.

⁷ *The Natural Genesis* (Massey).

⁸ Nyarlathotep é descrito como sendo acompanhado por 'tocadores de flauta idiotas'.

⁹ Crowley define Silêncio como o caminho do relâmpago. Veja *Olla* (Crowley).

¹⁰ ou seja o Grande Antigo. [Nota do presente autor].

¹¹ Cfr. Shush! Fique quieto! [Nota do presente autor].

¹² Ou seja, O cosmos, ou Ordem, dos Grandes Antigos - os Antigos Tifonianos. [Nota do presente autor].

O leitor deve consultar a interpretação de Lovecraft de certos mitos ameríndios relacionados à origem terrestre da constelação da Ursa Maior. ¹⁴ Um elemento ameríndio também se reflete na designação 'Águias', aplicada aos Pais, ou Antigos. As 'Águias' foram os “mais altos iniciados” ¹⁵ da Mitraica. No Ritual, a Águia é definida como “aquela capaz de se elevar ao verdadeiro Ar e olhar diretamente para o seu próprio Sol”. ¹⁶ O sol era tipificado pelo leão, leão e águia sendo o complexo leo-escorpião da gnose ufo- lógica. O glúten da águia é o ingrediente secreto, ou secreção, do Elixir da Vida, conhecido na Mithraica como *atanásia* (imortalidade). Isso era idêntico à fórmula da *apoteose*, ou nascimento como um deus. O verdadeiro Ar é o Espaço Exterior, e "seu próprio Sol" significa sua estrela-mãe.

Como observa Mead: “Mitra não era o Sol, nem na religião iraniana nem nos mistérios mitraicos”. O disco em questão é um foco da Fonte-Luz. ¹⁷

O Ritual contém uma alusão ao Corpo de Pura Bem-aventurança associada às fórmulas de Atanásia e Apoteose, ambas as quais são *resumidas* no conceito hindu de *premedeba* ou Corpo de Amor Divino. ¹⁸ Um exemplo histórico recente dessa fórmula apareceu como Sri Thakur Haranath (1863-1927), o avatar Bengali de Sri Gouranga, uma encarnação de Krishna. O mistério da *premedeba* envolve um *rearranjo* das moléculas que constituem o corpo físico. Aqueles que eram próximos a ele testemunham que o corpo de Haranath passou por uma transformação de sua tez escura original para a tonalidade dourada que persistiu até o fim de sua vida terrena. Haranath descreveu três ocasiões em que encontrou um *Mafhapurusha* ¹⁹ de proporções sobre-humanas. ²⁰ Durante uma visitação, um grande esplendor celestial apareceu terrivelmente na forma de uma escada pela qual Haranath subiu. É altamente provável que tanto o santo de Bengala quanto o Ritual Mitraico descrevam uma experiência idêntica, embora seu *modus operandi* seja diferente.

Para Sri Haranath, a transformação corporal foi caracterizada por uma suspensão temporária de todas as funções físicas, até mesmo o coração parou de bater; ²¹ no Ritual Mitraico, o devoto “evoca das profundezas de seu próprio ser sua própria substância primordial ou plasma-raiz”.

Uma alusão é feita, no Ritual, ao “Braço Honrado e Mão Direita Incorruptível”, e pode-se supor que esta não seja uma mera figura de linguagem, mas uma indicação de uma fórmula precisa semelhante à que sobrevive hoje no rito do VIII^o, OTO Mead logicamente conecta o Braço com o 'ombro do bezerro, que tipifica as Sete Estrelas do Urso, os “Servos do Pivô no qual todas as coisas giram”. A aquisição de uma *premedeba* ou Corpo de Bem-aventurança sugere o 'Corpo Único' referido no Ritual. Único, porque o espaço é homogêneo, indiviso, uno. A substância deste corpo é comparada a uma esponja, “para que o Ar cósmico ²² possa interpenetrá-lo; o homem tem dentro de si um elo entre ele e Greater Air ”. ²³

A alusão também é feita ao *Aeon Imortal*, o que indica um esboço do Aeon de Zain e a fórmula de Atanásia. Fica claro que o corpo físico contém em estado latente todos os órgãos necessários para estabelecer contato com o cosmos, ou seja, o Exterior. O devoto projeta “a sombra de si mesmo, do íntimo de seu corpo ... no espelho da verdadeira substância cósmica”. ²⁴ Neste estágio do Rito, as implicações extraterrestres tornam-se abundantemente claras:

- 13 Sua mãe Typhon; a constelação de Urso.
 14 Veja *The Whisperer in Darkness* (Lovecraft).
 15 Ver *Comte de Gabalis* (De Villars).
 16 "Olhando diretamente para seu próprio Sol" sugeriria que o IX ° é distinto da fórmula XI °.
 17 Mith-Ra: Mito ou Mûth = boca; Ra = luz.
 18 Ou seja, Amor Radiante. Div = Dev = Brilhante.
 19 Lit. Grande Ser.
 20 Ver *Haranath: Seu Jogo e Preceitos* (Mehta).
 21 Cfr. a 'morte' de Sri Ramana Maharshi e a fórmula da Postura da Morte de Austin Osman Spare.
 22 Espaço. [Nota do presente autor].
 23 Espaço Exterior. [Nota do presente autor].
 24 Cfr. a Missa do Espelho (*Fora dos Círculos do Tempo*, p.38).

Depois de projetar seu fogo, que é a primeira iniciação de si mesmo em sua própria substância-mundo, *ele começa a ver seu próprio Disco*. É o Disco do Pai ... o campo de consciência de sua Grande Pessoa [Mahapurusha] ou Eu Superior [Sagrado Anjo Guardião] que é o Pai da pequena pessoa [Manequim] ou personalidade mortal. Mas embora o Eu Superior seja nosso Pai, e de certo modo nascemos dele, temos aqui embaixo misticamente para "criar" nossa própria Grande Pessoa, se quisermos ter qualquer relacionamento consciente com ele. ²⁵

Interpretações dos elementos deste Rito em um contexto Tifoniano revelam indicações óbvias de contato e comunhão com os Exteriores. Fica claro, por exemplo, que as quatro correntes elementares (fogo, ar, água, terra) podem passar pelo Tubo dependendo do Disco, sem destruir o veículo humano. O cano ou tubo é análogo ao túnel que une os Caminhos na parte de trás da Árvore da Vida. À medida que as forças elementares passam pelo tubo, o iniciado é dotado do poder pertencente ao elemento dominante nele naquele momento. De maneira semelhante, as Power Zones derramam suas energias através dos Túneis de Set. ²⁶

O tubo também é o pólo, eixo ou pivô, e está conectado com o Anjo do devoto, de cuja energia e brilho ele é o veículo terrestre. O eixo polar também está implícito, e com ele as Oito Direções do Espaço com seus Dikpalas. ²⁷ Mead observa a este respeito que "em uma interpretação muito extensa dos símbolos, 'Oriente' significaria o Poder Cósmico atuando em direção ao nascimento, ²⁸ e 'Ocidente' a jornada de retorno à Grandeza." ²⁹

Mead expressa uma incapacidade de compreender o significado do nome 'Pop', o homem que os frígios chamavam de Papa. Mas, como mostrado aqui, o Papa é a Serpente Apap simbólica da Corrente Ofidiana, o réptil que estala ou sopra, incha e assobia. Notas Mead uma alusão, em *O Livro de Revelação por dia*, ³⁰ para o silvo e cacarejando da Grande Cackler, o pássaro que choca o ovo de homens. Os estalidos, cacarejos, risos e baforadas combinam o canto dos pássaros e os assobios reptilianos que atestam as origens do iniciado órfico, quando ele exclama: "Criança sou Eu da Terra e do Céu Estrelado; não minha raça é do paraíso". Em outras palavras, ele testemunha sua proveniência extraterrestre, que não está necessariamente no espaço fenomenal, "lá fora", mas em dimensões do espaço interno, sugerindo o reino do Céu que está dentro. Isso é confirmado quando o Ritual descreve o Disco como a "Porta Interna que leva ao Verdadeiro Céu". Não o vago paraíso do sentimentalista religioso, por mais que a teologia possa prefigurá-lo, mas o Céu da Verdade (Maat) tipificado pelas plumas que denotam o vôo espacial e os espaços internos.

O próprio disco é o portador alado da semente estelar, seja como abutre, falcão, corvo, fênix ou pássaro Bennu. O comentarista judeu no *Documento Naasene* descreve o Disco como "a Entrada, ... ~~a porta que Jacó viu~~ quando viajou para a Mesopotâmia". A Mesopotâmia é representada como a "Corrente do Grande Oceano fluindo do Meio do Homem Perfeito". O Grande Oceano é a morada dos Profundos, dos Interiores e do Meio do Homem Perfeito (isto é, o *interior*). O homem estendido até os últimos graus é o Falo, através do

qual flui a corrente de energia mágica, a corrente mágica. Era o Portal dos Mistérios Menores, ³¹ já que o Portal dos Mistérios Maiores é descrito como o 'Portal do Céu'. ³²

Há um estágio no Ritual em que o “Disco parece se expandir e as miríades de hostes do céu em forma angelical parecem pessoas de todo o espaço ... Ele ³³, portanto, se encontra em sua própria Grande Esfera [espaço cap-

²⁵ Itálico e colchetes do presente autor.

²⁶ Para uma explicação completa dessa expressão, veja *Nightside of Eden*, Pt.II (Grant).

²⁷ Ver *Fonte de Hécate* (Grant), cap.5 (Pt.III).

²⁸ Ou seja, manifestação. [Nota do presente autor].

²⁹ Não manifestação; morte. [Nota do presente autor].

³⁰ Comum, mas erroneamente conhecido como *O Livro dos Mortos*.

³¹ Ou seja, os mistérios terrestres. Cf. *Liber Oz* (Crowley): "Não há deus além do homem".

³² Cf. AL.I.57., Referência à pomba, à serpente "e ao grande mistério da Casa de Deus". Observe também a referência à letra *Tzaddi*, o glifo dos Profundos; também para 'Não' (ou seja, Nuit), 'a Estrela'.

³³ O iniciado. [Nota do presente autor].

sule], *que ele não vê mais como um Disco* ³⁴ *objetivo*, mas que agora se tornou ele mesmo, ou o campo da consciência. Há um Círculo Infinito e mais uma vez Portas de Fogo, 'fechadas rapidamente'. Ele agora está substancialmente de acordo com sua Grande Pessoa ”.

Esta é uma descrição bastante justa do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardiã em sua forma de *Congressus cum Daemone*. É também uma identificação inequívoca do homem com seu Gerador extraterrestre.

O aspecto mântico então vem à tona. O Rito requer um jogo prolongado com a flauta e os sons das vogais, se a consciência humana deve ser mantida na presença dos Antigos. As vogais são abertas, fluidas, portanto os sons são classificados como femininos: “não há consoantes ou travamentos de masculinidade para cortar essas grandes ondas sonoras em formas”. Seu estilo é um pouco estranho, mas o significado de Mead parece suficientemente claro, embora seja duvidoso que ele tenha compreendido seu significado completo, e o fato de que a evocação dos Exteriores é facilitada pelo jogo com as sete vogais. Essa ideia está implícita em muitos simbolismos antigos, orientais e ocidentais, por exemplo, a flauta de sete furos de Krishna, a flauta sétupla de Pã, ambos emblemáticos do Pai-de-Tudo. Além disso, o disco é descrito em termos que se aproximam de relatos contemporâneos de OVNIs envoltos em chamas ³⁵ “como uma serpente em sete espirais, *como na imagem simbólica do Aeon*”. ³⁶ A natureza ofídica dos fenômenos é aqui afirmada. Além disso, há um ponteiro oculto nos sete éons. ³⁷

Eles são retomados, simbolicamente, pelas vogais que vibram nos sete túneis ou tubos que conectam o hebdomad Sefirótico inferior com as três Supernais acima do Abismo. ³⁸ Este é o corpo eônico ou estrelado do homem. 'Homem' = 91, o número de *Amn*, o 'Deus Oculto'.

De acordo com o *Necronomicon*, ³⁹ “ O Poder do Homem é o Poder dos Antigos. E esta é a Aliança. ” ⁴⁰ 'Homem' também = 741 que é o número de *Oratos* (*Grk* .) Que significa 'visível' ou 'manifesto'. O homem é, portanto, a manifestação do Poder dos Antigos Escolhidos, idêntico aos augoeides ou astroeides que giram sobre o pivô como um eixo. Este é o Pólo dos Aeons representado no homem - que é um reflexo terrestre do Anjo - como o falo. A fase final ⁴¹ é o Aeon de Maat, esboçado no Ritual Mitraico como o Mu ou Moo berrante, o inverso do Oom ou Om criativo. O Aeon de Maat é o aeon de reversão ou retorno à fonte criativa por meio da vibração MU que, de acordo com Crowley, ⁴² é o 'grito do abutre', o pássaro de Maat. O urro de Mu, no Ritual, indica o ciclo estelar, cuja fase final é anunciada pelo abutre de Maut.

O tocador da flauta de pan, ou o dançarino da flauta de Krishna, entra na zona irracional de Yog-Sothoth e Azathoth, o “caos cego e idiota no centro do infinito”. ⁴³ Mead

observa que o Ritual Mitraico não é para um neófito “, mas para um candidato a se autoiniciar no mistério solitário da apoteose, pelo qual ele se tornou um verdadeiro 'Pai' dos ritos mais íntimos, um possuidor de conhecimento face a face e gnose”.

Pode-se notar as palavras de Godfrey Higgins, nas quais o Ritual é virtualmente identificado, como corrente, com os mistérios de AL: “A palavra EL (Deus) deveria ser escrita AL. No hebraico original é AL; e esta palavra significa o Deus Mitra.” ⁴⁴

³⁴ Itálico pelo presente autor.

³⁵ Laranja, a cor da chama, aparece em uma alta porcentagem de relatos de OVNI's.

³⁶ Itálico pelo presente autor.

³⁷ Ver *Aleister Crowley e o Deus Oculto* (Grant) cap.4.

³⁸ Veja qualquer diagrama da Árvore da Vida.

³⁹ Recensão Schlangekraft.

⁴⁰ O Pacto de Set. Veja *Liber CCCLXX* (Crowley) publicado em *Magick* (Crowley), pp.496-8. [Nota do presente autor].

⁴¹ Ou seja, no ciclo de vida atual.

⁴² Veja *O Coração do Mestre* (Crowley).

⁴³ Lovecraft-Derleth, *The Lurker at the Threshold*.

⁴⁴ *Anacalypsis* (Higgins), 1,71

O rito ao qual Machen se refere em 'Mudança' é descrito por Mead como “um rito interno secreto e solene para uma pessoa apenas”. O rito foi descoberto por Dieterich, ⁴⁵ e parece ter sido “desenterrado do caos do grande Papiro Mágico de Paris 574 ... cuja data é fixada com toda probabilidade como os primeiros anos do século IV DC” texto passou pelas mãos de redatores egípcios, e Mead atribui ao fato a inclusão de “muitas das palavras e nomes agora ininteligíveis, e combinações e permutações vivas ... conhecidas no Egito como 'palavras de poder'”. Estes são, precisamente, os elementos que fazem do texto um precioso repositório de uma tradição tão antiga, que sua variação com as redações mais gerais e posteriores o revelam como a Gnose Tifoniana original e o legado mais valioso daquela Gnose até então desenterrada. Neste sacramento solitário aparecem os silvos e estalidos característicos do culto à serpente de Ixaxaar, junto com as vibrações associadas à Corrente Ofidiana e ao Culto de Apófis. Além disso, esta gnose incalculavelmente antiga está associada, no Ritual Mitraico, ao Disco descrito como o “Caminho dos Deuses acessível à vista”. Isso implica que a nave espacial, OVNI ou Disco é o veículo fenomenal (visível) dos frequentadores do céu (deuses). Os assobios serpenteantes da onomatopoeicização de *Shush*, dos Silenciosos, dos Shus-en-Har ou servos do Deus do Silêncio ⁴⁶ cujo ministro é Aiwass, ⁴⁷ o veículo ou mensageiro da Corrente 93. Do disco emerge o Tzaba (TzBA = 93), uma palavra que denota não apenas a hoste do céu (ou seja, as estrelas), mas o deus-terra Seb, cujo zootipo, o ganso, é o Grande Cachorro do *Livro dos Mortos*, cujos clucks anunciam o pássaro que põe sobre a terra o ovo ou disco que contém a semente das estrelas.

O ritual menciona um homem, um terrestre, que presume aproximar-se (isto é, adorar) de tais fenômenos extraterrestres. A ufologia está repleta de exemplos dos perigos de tal abordagem precipitada, e este Ritual adverte devidamente o Iniciado.

Das profundezas do Espaço surgem sete virgens, uma imagem composta da Deusa das Sete Estrelas (Ursa Maior). As vestes de bissexo que a vestem tipificam o Abismo (Espaço), e as faces de serpente das virgens indicam a Corrente Ofidiana. A cúpula ou nave espacial também é mencionada no ritual; ele “muda sua direção, ora para cima, ora para baixo, de acordo com a hora”, ou seja, de acordo com as divisões de espaço-tempo através das quais está viajando.

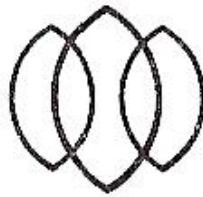
⁴⁵ *Eine Mithrasliturgie* (Dieterich), Leipzig, 1903.

⁴⁶ Horus como Hoor-paar-Kraat, ou Set. *Shush* é usado na linguagem comum hoje para comandar o silêncio: "Shush! Shush!" Pode não ser irrelevante lembrar as antigas amadas de Lovecraft!

⁴⁷ Pronunciado com um chiado agudo nas letras terminais.

10

Typhonian Implicits da Arrunachala



IT parece provável que uma classe particular de alienígena encontrado em conexão com UFO fenômenos sistêmicos de Brahshta yogins que, tendo prolongados e intensos realizados *tapas* para *mukti*¹ ter nevertheless não conseguiram perceber a verdadeira natureza do Vazio. Em termos da Tradição Mágica Ocidental, eles podem ser descritos como incapazes de consertar a Travessia do Abismo. Na Tradição Advaitin, não menos autoridade que Sri Ramana Maharshi descreveu aqueles que, tendo sucumbido à atração dos *siddhis*,² foram desviados do caminho da Libertação. Não é improvável que alguns Siddhas, tendo alcançado poderes transumanos, e não estando mais encarnados na terra, tenham avançado para os planetas e, com os *siddhis* à sua disposição, sejam periodicamente capazes de retornar à terra. Muitas dessas assombrações foram observadas ao longo dos séculos. Historiadores antigos, nem sempre capazes de classificar essas entidades, e investigadores modernos sendo incapazes de explicar ufologicks, essas manifestações foram relegadas de acordo com as categorias de “Fenômenos inexplicáveis”.

Crowley oferece uma pista sombria para o mistério em *Liber Tbisbarb*,³ onde ele menciona a possibilidade de uma queda da Árvore da Vida. Aqueles conhecidos como Black Brothers⁴ podem ser eles próprios altamente avançados brahshta yogins, atualmente absorvidos em outros sistemas celestes ou planetários. Anormalidades dessa natureza podem ser responsáveis por certas visitas terrestres malélicas. Essas assombrações assumiram, hoje, proporções maciças. Sem dúvida, seria esclarecedor explorar os vários tipos de sistemas Ufológicos de acordo com o esquema Sefirótico.

Existem em textos sânscritos antigos, como o *Mahabharat*, numerosas alusões a *vimanas* (veículos aéreos) usados para transportar para a terra os habitantes de esferas alienígenas. As luzes inexplicáveis (luzes fantasmagóricas) testemunhadas hoje por uma multidão de observadores também foram registradas na antiguidade. A colina em Tiruvannamalai, sul da Índia, que tem a fama de ser o próprio Siva na forma de *Arunachala*, remonta em termos de computação geológica à época lemuriana da história da Terra. Seja como for, agora é um fato bem conhecido por um número crescente de pessoas que a colina Arunachala constitui a concentração mais poderosa de energia espiritual deste planeta. Pois aqui o Espírito de Luz assumiu uma forma mineral inerte análoga à aparente entorpecimento do sono sem sonhos. Mas, como no sono, brilha em

seu coração a Coluna de Luz, o Tejolingam de iva, que se eleva até o infinito. Abaixo nesta coluna, como abaixo um

¹ Austeridades para a libertação da ilusão da existência fenomenal.

² poderes mágicos. O *Siddha* é aquele que os empunha.

³ Veja *Magick*, p.480.

⁴ Não os Magos Negros, que são apenas Adeptos iniciados de forma imperfeita, e certamente não os Magos Negros como geralmente entendido.

caminho cortado através do espaço pelos raios da lua cheia, aglomeram os *siddhas* sobrenaturais ⁵ que, enquanto estão na terra, residem nas cavernas da colina. Esses Seres Leves ⁶ tipificam a luminosidade massiva da Consciência pura representada no microcosmo pela brilhante semente do Conhecimento ⁷ enterrada na aparente ignorância do sono. Certamente não é sem significado que, quando Ramana Maharshi abandonou seu corpo físico, ⁸ uma luz brilhante foi vista movendo-se lentamente pelo céu. Parecia mergulhar atrás da colina ou realmente entrar nela, como se o *bindu* (semente) estivesse sendo reabsorvido no *tejolingam*. ⁹

Para penetrar a colina e descobrir a Caverna do Coração em que habitam os Brilhantes, a escuridão do sono tem que ser saturada com o fogo do conhecimento, ou seja, é preciso dormir com *conhecimento de causa*. É em uma espécie de sono desperto que a iluminação é realizada; é o que o Iluminismo significa na prática. Em termos da Tradição Arcana Ocidental, é o Nox penetrado pelo Lux da Gnose.

Há alguns séculos, o Santo Maharashtra, Tukaram, deu as boas-vindas a todos os que o acompanhariam ao céu. Apenas vinte e dois foram capazes de se beneficiar do convite e embarcar no *vahana* celestial. ¹⁰ Em nossos dias, Sri Ramana Maharshi desde que o *vahana* de *Atmavichara* ¹¹ para penetrar ao final Cave of the Self. O Monte Kailas no norte é a morada de Siva; Arunachala no sul é o próprio Siva. Compreendemos por isso que Kailas é a shakti do Norte (Typhon), enquanto Arunachala é o Sol do Sul (Set), ¹² ou Dakshinamurti. Esse simbolismo está de acordo com a gnose das mais antigas tradições ocultas. Dakshinamurti é o Senhor do Silêncio, e este título é especificamente descritivo de Arunachala-Ramana, que da mesma forma iniciou através do silêncio. Desde sua morte em 1950, Sri Ramana ainda guia os aspirantes aos profundos mistérios da colina, para os quais numerosos aspirantes espirituais foram atraídos, como ele próprio foi atraído pela primeira vez em 1896. Ele permaneceu lá durante toda a sua vida terrena.

A essência do silêncio é luz. Os verdadeiros *siddhas* destilaram essa essência no alambique de *tapas* de longa duração, e observou-se que os corpos de alguns deles, no momento da morte física, se dissolviam na luz material, não deixando nenhum resíduo. Isso é considerado um sinal do verdadeiro *Tatbagata*, que significa literalmente 'Aquele que não deixa rastros'. ¹³ Jaidev Singh, em sua esclarecedora introdução à Filosofia Madhyamaka cita do *Mahabharata* um verso que “remove completamente a obscuridade em torno da palavra [Tathagata] ... assim como as pegadas de pássaros voando no céu e de peixes nadando na água podem não ser visto: assim vai aqueles que perceberam a verdade”. ¹⁴

Na Gnose Thelêmica, a Palavra do Silêncio é Hoor-paar-Kraat, ou Set, cujo representante estelar é Sirius, a zona de poder da A. .A. . ¹⁵ O impacto total da influência de Sirius na terra ocorreu precisamente no momento de uma transição aeônica.

Diz-se que aqueles que conhecem este *marma* ¹⁶ secreto sabem também que existe neste ponto sem sentido, este interstício sem espaço, um raio de luz na forma de um pilar de cristal que relampeja sua onda de onze vezes de estrelas em toda a teia de a deusa aranha. ¹⁷ Crowley supôs que este evento ocorreu quando o universo foi "destruído pelo fogo" em 1904. ¹⁸ Charles Stansfeld Jones (Frater Achad), por outro lado, supôs que coincidiu com o início do Aeon de Maat, que ele calculou para ocorrerem em 1948.

- 5 *Devas* ou Brilhantes.
 6 Cfr. o egípcio *Khuti*, os Brilhantes ou Brilhantes.
 7 Gnose / Jnana.
 8 Veja os muitos relatos da morte de Sri Ramana, registrados em *The Mountain Path*.
 9 Lit. o Falo do Fogo.
 10 Carruagem, veículo.
 11 Um processo de investigação sobre a natureza da Consciência. Aceso. Autoinquirição.
 12 A Ursa Maior (Norte); Sirius (Sul).
 13 *Santiparva*, 181,12.
 14 *Uma Introdução à Filosofia Madhyamaka* (Singh), p.55.
 15 As iniciais do *Argenteum Astrum* (Silver Star). Veja *Aleister Crowley e o Deus Oculto* (Grant), cap.4. O A. 'A.'. é uma Ordem extraterrestre com um interesse particular no planeta Terra.
 16 Local de cruzamento ou interseção.
 17 A aranha é OKBISH = 402 = 309 (Conjunto) + 93 (Aiwass, Thelema, Ágapé).
 18 Ver *The Magic of Aleister Crowley* (Symonds), cap.2.

Mas o influxo real do Poder Siríaco ocorreu em ângulos retos com a cronologia, isto é, ocorreu fora do Tempo Terrestre e não pode ser datado por ele. Nem pode ser localizado no espaço, ou identificado com qualquer evento histórico, oculto ou mundano.

Lovecraft se deparou com inadequações semelhantes de linguagem quando escreveu sobre “não as próprias estrelas, mas os espaços entre eles”. Austin Spare, também, teve que postular um 'estado intermediário' que ele chamou de Nem-Nada e que define com bastante precisão o Madhyamaka ou 'Caminho do Meio' revelado a Nagarjuna. ¹⁹

Paul Brunton relata uma experiência que lhe ocorreu na década de trinta, enquanto caminhava pelas encostas da Arunachala. Uma luz brilhante navegou lentamente de um lado a outro da colina e ele teve a impressão de que estava sob controle inteligente. Fenômenos semelhantes foram observados e relatados por outras testemunhas. O fato de que tais luzes são freqüentemente vistas nas proximidades de colinas e montanhas sugere a alguns observadores que as próprias colinas podem ser sua fonte de origem. Alternativamente, se as luzes emanam do espaço sideral, certas colinas parecem ser seu destino. Quem pode dizer que não se trata de fenômenos de natureza mística?

Recentemente, incidentes da vida de Thakur Haranath ²⁰ destacam as colinas e sua conexão com os Brilhantes ou Devas, os equivalentes em muitos aspectos do egípcio Khuti, ²¹ e dos ainda mais antigos Exteriores. ²²

Não foi um mero capricho que levou Machen a colocar nas colinas galesas algumas de suas alegorias magicamente iluminadoras: *O romance do Selo Negro*, com sua Pedra Ixaxaar, e a história infernal de Helen Vaughan ²² em *O Grande Deus Pã*. Mas a experiência de Haranath é particularmente interessante em um contexto místico, pois exemplifica, assim como a experiência crítica de Ramana Maharshi, a fórmula da Postura da Morte levada ao seu grau máximo. ²³

O antigo *Tripurarahasya* contém um relato singular de uma colina que esconde em seu interior um universo inteiro. Um *sadhaka* tem acesso a ele e, após retornar de uma exploração aparentemente breve, ele encontra, totalmente transformado *pela passagem de éons*, o mundo que um dia conheceu. Isso é uma reminiscência de vários relatos europeus de visitas, querendo ou não, ao país das fadas. Em alguns desses relatos, as faíscas são identificadas com os raios da lua, um modo poético de igualá-las aos kalas lunares. Mito e legenda refletem fatos, não fantasia. O 'culto das fadas' está intimamente relacionado com a simbologia lunar, com luzes e colinas. O cientista da Borderland Research, Thomas Brown, considera provável que a lua seja o 'céu' ou 'outro mundo' que aparece de forma tão proeminente na fábula e no folclore. Magonia, um nome para Fairyland ²⁴, foi identificado recentemente como uma fonte de OVNI's.

É significativo que uma forma de iva seja representada como um *sadhu* coroado com o crescente lunar e com serpentes enroscadas ao seu redor. Siva é a forma indiana de Set-Typhon, Deusa das Sete Estrelas cujo veículo planetário, Vênus, é freqüentemente

invocado para explicar objetos voadores não identificados no céu. Que há mais do que uma conexão gratuita entre as antigas tradições, como as registradas em *The Secret Commonwealth* do Rev. Kirk, e as tradições mais antigas de Arunachala, pode ser deduzido dos comentários de Sri Ramana: “Vários *siddha purushas* vivem nesta montanha. É talvez com vontade de me ver que eles vêm e vão assumindo várias formas”. ²⁵ Esta observação foi motivada pelo inesperado aparecimento no Ashram de Sri Ramana de um leopardo que parecia inexplicavelmente atraído por ele.

¹⁹ século II dC Não deve ser confundido com o Tantrika Nagarjuna, que floresceu vários séculos depois.

²⁰ 1863-1927. O avatar bengali de Sri Krishna Chaitanya.

²¹ Que aparecem em AL como Ra-Hoor-Khuit e Hoor-paar-kraat.

²² Ver artigo 'The Radiant Name' Haranath Jayanthi Magazine, Umreth PO Dt. Gujarat, Índia, 1990. (Grant).

²³ Veja *Against the Light* (Grant), um romance sobre Margaret Wyard, Helen Vaughan, Yelda Paterson e outros.

²⁴ Veja *Self-Realization* (Narasimhaswamy), e vários relatos em 'The Mountain Path'.

²⁵ Ver *Comte de Gabalis* (De Villars).


²⁶ Citado em *Letters from Sri Ramanasramam* (Nagamma), 1.34. *Siddha purushas*: Sábios, encarnados ou desencarnados, possuidores de poderes mágicos ou sobre-humanos.

No *Arunachala Purana* é dito que a colina tem a forma de um Sri Chakra. ²⁶ Este yantra está associado aos marmas do corpo humano e aos vetores de força que atuam sobre ele. Bolsões de espaço formando portas de saída e entrada estão localizadas nas junções das linhas de interseção. É possível ver no Sri Chakra uma conexão entre o mundo dentro da colina, povoado por fadas, ou por *ma Hapurushas*, e a própria colina, pois também é dito que Arunachala é uma forma de Jyoti (Luz). Isso foi confirmado pelo Maharshi quando disse: “Sim, é verdade. Para o humano, é apenas uma forma de terra e pedra, mas sua forma real é Jyoti”. ²⁷

Os vetores de força representados pela teia de linhas ou caminhos denotados pelo Sri Chakra podem ser interpretados como túneis dentro da própria terra. Esses túneis têm suas contrapartes extraterrestres. ²⁸ O reconhecimento de Sri Ramana da existência até mesmo de um desses túneis confirma a possibilidade das vastas e ramificadas redes postuladas por Roerich, Dick e outros. Além disso, a conexão com os OVNI's não é mais tão tênue como até agora se supunha. Os fatos sugerem uma interpretação inteiramente nova da lenda hindu da colina de luz (*tejolingam*) identificada com Siva (Set), e a tradição de que a colina é uma massa compacta de fogo. Daí a designação *Arunachala* (lit. fogo imóvel ou luz).

Lendas de mahapurush que moram nas cavernas da colina sugerem a perpetuação de fenômenos ufológicos dentro da própria colina e dentro do raio tradicional de trinta milhas de sua vizinhança. No *Skanda Purana*, Siva declara:

Eu ordeno que a residência dentro de um raio de três Yojanas desta Colina seja, por si só, suficiente para queimar todos os defeitos e efetuar a união com o Supremo (mesmo na ausência de iniciação). ²⁹

Trinta é o número de Lamed, que Blavatsky define ³⁰ como 'procriação ativa'. Esta noção está implícita na astroglyph  que mostra o pôr do sol em Amenta e que, por com- articulação

portas uma subida na terra das Sombras. A passagem do *Purana*, portanto, significa que aqueles que passam pela suprema transformação em espírito estão garantidos, pelo próprio iva, a emancipação final das limitações da consciência terrestre.

A colina representa e esconde alguma forma de porta de entrada para um estado de consciência fora das condições terrestres. Mas aquilo que parece estar fora pode ser a *interioridade* última das coisas. Nisto o intelecto nunca pode penetrar.

Um grande taoísta europeu sugeriu que essa *interioridade* é a quarta dimensão, e que os três que nós, como seres encarnados, experimentamos são apenas aqueles que são apreensíveis pela mente terrestre. Não pode ser, sugere ele, o Reino dos Céus que o Cristo descreveu como Dentro, ³¹ termos de ser interno e externo que têm significado ~~apenas para a mente~~ condicionada a funcionar exclusivamente em linhas dualísticas? Nos sonhos, podemos talvez nos aproximar mais da realidade, ou interioridade, do que no chamado estado de vigília. O Maharshi experimentou a emancipação final da escravidão da consciência tridimensional enquanto "acordava" em um estado de sono profundo e sem sonhos. Lovecraft, por outro lado, experimentou enquanto sonhava com a libertação das limitações de tempo e espaço. Mas, como o estado de sonho ainda está dentro dos limites do dualismo, a experiência o induziu a um êxtase de horror. No caso do Maharshi, a realização iluminada com a consciência de luz de Absolute ³² a escuridão sem forma de sono profundo. Isso explica por que as Qliphoth são consideradas com aversão por exegetistas não iniciados dos textos antigos. É assim porque a consciência experiencial, que é apenas parcialmente recuperada

²⁶ Ibid, p.261. Para Sri Chakra, ver pl.5, *Aleister Crowley & the Hidden God* (Grant); também *Além da Zona Malva*, caps., 3, 4, 5.

²⁷ *Letters & Recollections of Sri Ramanasramam*, 2.

²⁸ Ver *Nightside of Eden* (Grant), Parte II.

²⁹ Um yojana equivale a 10 milhas. $3 \times 10 = 30$. Este número 30 representa 'conclusão', 'perfeição', 'realização' e assemelha-se na forma o mantra sagrado (OM).

³⁰ *The Secret Doctrine* (Blavatsky), iii, 200.

³¹ Ver *Unworldly Wise* (Wei Wu Wei).

³² Tipificado por Arunachaleswara ou Arunachala-Siva.

alugado de um cosmos tridimensional, tropeça, como no pesadelo, no abismo entre a terceira e a quarta dimensões. Este abismo atemporal e sem espaço é a Zona Malva Tifoniana.

O *Skanda Purana* descreve um incidente que pode ser mostrado como tendo grande significado em um contexto Teêmico. Diz respeito à disputa entre Brahma e Vishnu, que Siva sufocou aparecendo como um pilar de luz entre os dois deuses. Diz-se que o incidente inaugurou a adoração do Lingam, ou Corpo Longo, ³³ que mais tarde degenerou em adoração fálica. O evento ocorreu sob a estrela de Arudra, ³⁴ a corrente estelar influenciada por Kartikeya. O *kart*, no Egito, era o anão ³⁵ ou criança mágica. Isso mostra claramente a conexão entre o primeiro culto ao linga e a manifestação de Siva (Set) na forma do Corpo de Luz tipificado pelo fogo. Arunachala, portanto, está associada a conceitos como: luz-siddhas-cavernas-túneis-visões (de cidades incríveis), jardins de flores-templos; e Dakshinamurti, o guru que confere *diksa* pelo Silêncio. Dakshinamurti significa, literalmente, o sem forma (*amurti*) *dakshin* (sul / Set). Esta luz difusa e sem forma de Arunachaleswara foi congelada em uma sólida massa colunística ou pilar, ³⁶ na Lemúria de éons de idade . ³⁷

Que o Maharshi reconheceu a colina como sendo uma zona de poder mágico e um chakra místico é confirmado pelo Major Chadwick, que viveu por quinze anos na presença do Maharshi:

Ele [isto é, o Maharshi] costumava dizer que [a colina] era o topo do eixo espiritual da terra; deve haver, disse ele, outra montanha correspondente a Arunachala no lado oposto do globo, o pólo correspondente do eixo. ³⁸

A pedido do Sábio, Chadwick consultou um atlas e descobriu que "o ponto exatamente oposto veio no mar a cerca de 160 quilômetros da costa do Peru" ³⁹. O Maharshi parecia duvidoso e Chadwick sugeriu que pode haver uma ilha neste ponto, ou que marcou o local de uma montanha. É, no entanto, altamente significativo que o reflexo topográfico de Arunachala esteja localizado em algum lugar do mar. Como todas as idéias abaixo do Abismo, elas existem apenas em função de seus opostos, e não há exceção no caso do monte da Coluna Sagrada de Luz, ou Monte do Farol, como às vezes é chamado. Sua luz é refletida nos abismos aquáticos de uma zona de poder oculta

submersa na escuridão oceânica.⁴⁰ E assim, como Chadwick descobriu, as profundezas da noite espiritual convergem para a morada de Cthulhu, exatamente no pólo oposto daquela Coluna de Luz.

Não pode o túnel referido pelos sacerdotes do Templo de Annamalai ser simbolizado pelo tubo oco, ou poste, que forma o eixo espiritual deste globo terrestre?

O Major Chadwick estava ativamente envolvido na adoração ao Sri Chakra iniciada por Maharshi em conexão com o Templo Matrubhuteswari.⁴¹ Sri Chakra é uma máquina mágica de incrível potência. Foi dito que a própria colina forma um Sri Chakra natural. O túnel que o liga com sua contraparte escura é, portanto, o supremo Túnel de Set, ou Siva. Como tal, ele liga todos os outros túneis em uma rede ramificada de veias e nadis que vinculam inextricavelmente a anatomia mística do planeta.

³³ Corpo de luz.

³⁴ Frater Khephra-mâ-Âst observou que a estrela que preside a constelação de Ardhra é Betelgeuze, a 'casa' dos Grandes Antigos. Seu deva é Rudra, ou seja, o vermelho ou avermelhado. Fr. KMA também chama a atenção para *Liber 777*, onde Ibt al Ghauzi (Betelgeuze) é atribuído ao Caminho 17 - Zain.

³⁵ Bes ou Aiwass. Veja *The Magical Revival*, Capítulo 3.

³⁶ 'Conjunto' denota uma 'coluna' ou 'pedra em pé'.

³⁷ Ver o livro de Kamath sobre Sri Ramana Maharshi; *Reminiscências de Ramana Maharshi*, do Major Chadwick, e relatos de Arunachala de Paul Brunton, por referências à datação lemuriana da colina.

³⁸ *Reminiscences of Ramana Maharshi* (Chadwick), p.25.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ Observe a identidade de 'colina' e 'inferno'. Crowley observa (*Liber Aleph*, cap.124) "que a palavra Inferno deriva do Verbo *helan*, para hele ou ocultar ... Ou seja, é o Lugar Oculto".

⁴¹ Templo da Santa Mãe, ou *Mahasakti*.

Em um de seus hinos a Arunachala, o Maharshi celebra a colina como uma força vampírica, o que é do ponto de vista do ego, que é assim aniquilado. O Maharshi também compara Arunachala a uma aranha que atrai tudo para sua teia.⁴² Esta criatura desempenha um papel importante na tradição oculta de muitas tradições antigas. É usado aqui pelo Maharshi para ilustrar os processos de projeção e retirada dos fios sutis da matéria-prima da mente tecida da atividade de Shakti dentro da Consciência primordial. O ego vê com pavor esmagador a shakti consumidora e absorvente de Siva (Set-Kali), daí a popularidade perene do culto do 'horror' que fascina a mente porque reconhece intuitivamente o significado da aranha e dos zootipos de orientação semelhante. Pois é evocando, chamando para fora à aparência visível, os habitantes que se escondem como tendências latentes no subconsciente, que os demônios obsessivos gerados pela mente podem ser exorcizados.

Existem duas maneiras de conseguir isso: uma é pela rendição total ao Espírito da Colina, ou seja, Arunachala, a outra é dissolvendo cada pensamento e, assim, matando cada entidade, conforme ela surge na mente. indagando persistentemente, incansavelmente, a *quem* o pensamento aparece.

Os dois métodos são paralelos às funções da ciência e da arte. Por ser analítica, a ciência é essencialmente destrutiva. A arte, por outro lado, é baseada na síntese ou união, a união de iva e Shakti. A análise e a síntese formam um componente necessário do processo que leva a pessoa além de ambos, pois tanto a destruição quanto a criação são manifestações fenomenais do Ser, Kia, Brahman. Mas a ciência pode ser usada criativamente e a arte pode ser transformada em destruição, caso em que cada uma por sua vez se apropria da fórmula da outra. Isso é evidente hoje no reino das vibrações sonoras que emanam padrões destrutivos. Muito da chamada 'música rock' é um exemplo óbvio. A vida desordenada de tantos de seus expoentes, e em menor grau de seus adeptos, demonstra o fato. As vibrações desintegram a substância astral sensível que compõe o corpo sutil. Dependência de drogas, violência, suicídio, etc., são os

resultados freqüentes de se admitir no sistema entidades sônicas distorcidas que são inteiramente demoníacas e destrutivas. Eles são destrutivos não para o ego, que tendem a exacerbar, mas para a influência do 'Anjo' que forma um elo tênue entre a constituição terrestre do homem e seus veículos estelares mais refinados. ⁴³

Ambos Aiwass e Dakshinamurti (o Sábio associado por tradição a Arunachala) são Senhores do Silêncio e eles iniciam pelo silêncio. Aiwass é o anjo ou 'ministro de Hoor-paar-kraat ... o Senhor do Silêncio e da Força'. ⁴⁴ O silêncio é a verdadeira natureza do Ser, pois transcende todas as vibrações e é o tipo de quietude absoluta ⁴⁵ simbolizada por Arunachala-Siva, ⁴⁶ consciência não manchada por pensamentos, que são apenas vibrações sutis. O Ser é Sakshi, aquele que vê, a testemunha, de quem nenhum som procede. Sakshi é literalmente 'egocêntrico', 'I-eyed', o 'eu-eu' do Maharshi .

⁴² Ver *The Marital Garland of Letters* (Maharshi), em *Hymns to Arunachala*, apresentado por Grant Duff, 1952.

⁴³ Ver a história de James Wade, 'O Silêncio de Erika Zann', em *Os Discípulos de Cthulhu*, ed. Edward Berglund. Veja, também, o capítulo 6 do presente volume.

⁴⁴ Força = Oz = 77 = Kutulu. De acordo com *o Necronomicon* (recensão Schl.): "De todos os Deuses e Espíritos, Kutulu sozinho não pode ser convocado porque ele é o 'Senhor Adormecido [isto é, Silencioso]'".

⁴⁵ Veja os capítulos 13,14,15, para a Doutrina do " Tornar - se não móvel ", ou S'lba, que é relevante aqui.

⁴⁶ Lit. o 'imóvel', 'imóvel', símbolo de iva (Set).

11

Aspectos do controle dos sonhos

Por meio de introdução à *Sabedoria de S'lba* ¹ (pronuncia -se Shil-ba), recebida como uma transmissão contínua durante o Workings of New Isis Lodge, é necessário ampliar o assunto do controle dos sonhos tratado nos volumes anteriores . ² Também é necessário adicionar algumas observações sobre o potencial criativo da gematria, conforme usado na interpretação da *Sabedoria* e transmissões semelhantes (ver a seguir capítulo).

O sonho é uma representação ou projeção do ego na quarta dimensão. Quando visto do estado de vigília, o eu onírico se assemelha a um retrato cubista de si mesmo. Cada elemento ou personagem em um sonho é apenas o ego em várias formas. A pessoa é, portanto, confrontada e cercada por imagens de si mesma, e a ação de um sonho frequentemente indica o estado atual do ego na consciência subliminar. As experiências do sonho, portanto, parecem irrealis quando vistas do estado de vigília, porque o sonho é um reflexo da experiência do ego na quarta dimensão. Sendo cada personagem onírico um produto do ego, não deveria ser muito difícil ver o estado de vigília de uma maneira semelhante, a saber: todos os "outros" são meramente formas de si mesmo. Apenas um pensamento por vez pode surgir na consciência - como qualquer um pode provar a si mesmo - daí a aparente multidão de eus por fora. A dificuldade está em perceber que, para apreender a irrealidade de qualquer dimensão, é preciso vê-la de fora dessa dimensão, ou seja, de uma outra dimensão. Deve haver, portanto, um ponto de vista fora do estado de vigília que se torna necessário adotar a fim de ver esse estado, como se vê o estado de sonho do ponto de vista da vigília. Chamei esse ponto extra, ou ponto de observação externo, de Zona Malva.³

As ações oníricas são uma pista para a condição mágica do eu subliminar. Visto do estado de vigília, o retrato do ego parece fragmentado, surreal. Pode-se reconhecê-lo, embora esteja misturado com elementos estranhos que emanam de outro, uma dimensão ainda mais. A chave para o retrato, para sua identidade total, pode ser encontrada na compreensão de que cada elemento do mundo dos sonhos é você mesmo. O sonho é tudo o que podemos saber, normalmente, da quarta dimensão enquanto estamos encarnados tridimensionalmente. Mas não estamos tão corporificados enquanto sonhamos. Já estamos um passo à frente, embora ainda estejamos vendo a cena de outra dimensão, uma dimensão interna, que difere do sono sem sonhos por não ser totalmente amorfo e vazio. Essa dimensão extra é a Zona Malva. Surrealistas, futuristas, cubistas, abstracionistas, tateavam em sua expressão. A criatividade deles foi inspirada, conscientemente ou não, por uma visão deste

¹ Veja o capítulo 13.

² Ver, em particular, *Aleister Crowley & the Hidden God* (Grant), e *Cults of the Shadow* (Grant).

³ Após as descrições fornecidas em *The Wisdom of S'lba*.

zona. Portanto, é ainda mais lamentável que suas intuições tenham sido prejudicadas, em muitos casos, por preocupações com atividades no estado de vigília⁴, que só poderiam constituir um obstáculo à exploração genuína.

É preciso enfrentar o problema do controle dos sonhos em seu próprio plano, ou seja, na quarta dimensão. A ciência tem demonstrado que esta dimensão é o próprio Tempo, um elemento que confunde qualquer tentativa de interpretar os sonhos a partir do estado de vigília. Uma dificuldade inicial no caminho da pesquisa é aprender a interpretar os sonhos em seu próprio plano. Por exemplo, a ideia de movimento nos sonhos é ilusória. É devido ao fator tempo, que exige que os fenômenos sejam vistos ou vivenciados em série, não simultaneamente. Na realidade, tudo está acontecendo o tempo todo e ao mesmo tempo,⁵ mas a consciência desperta,⁶ sendo incapaz de compreender os eventos simultaneamente, introduz na terceira dimensão (própria) um componente da quarta, e esse fator é o tempo. Daí o caos cronológico que se seguiu. O problema pode ser abordado e resolvido apenas no plano em que são percebidos objetos ou eventos oníricos. Nesse plano não há problema porque não há tempo. Se não há tempo, também não há espaço. Onde então ocorrem os sonhos? A resposta está 'na mente'. Mas onde está a mente? Alguns afirmam erroneamente que a mente está no cérebro e que o cérebro ocupa espaço. Mas a mente nunca foi encontrada no cérebro e nunca será. Mente e cérebro são noções, pensamentos, *sonhos na consciência*. É, entretanto, impossível visualizar ou pensar em atemporalidade, pois tempo e movimento

não estão apenas inextricavelmente relacionados, eles são idênticos. Pois o tempo é movimento e o movimento é um pensamento. A ilusão de movimento é causada pela incapacidade da mente (outro pensamento) de entreter mais de um pensamento de cada vez. Se o universo fosse apreendido simultaneamente, não haveria movimento e, portanto, não haveria tempo. O tempo, como Kant explicou, é um elemento de nosso aparelho receptor, não uma realidade objetiva. Isso fica claro em termos da Zona Malva na *Sabedoria de S'iba*, conforme expresso em *The Book of Non-Mobile Becoming*.

Como não existe tempo, o espaço também não existe, é apenas o lugar em que o movimento aparente parece ocorrer. Assim, embora os sonhos pareçam transmitir uma sensação de movimento, ocupar espaço e levar tempo, isso parece ser assim apenas do ponto de vista do estado de vigília, que ocupa apenas uma parte do nosso dia.

Em seu próprio plano, então, o sonho é atemporal e sem espaço. É apenas a partir do estado de vigília que os sonhos parecem existir como eventos fenomenais. O círculo é realmente vicioso. Como libertar a mente da ilusão do tempo-espaço para que o sonho, *tal como é na realidade*, possa ser apreendido? A resposta é, por um processo intenso e profundo de desidentificação do Eu com o corpo e a psique (cérebro e mente), na consciência desperta.⁷ O processo comporta, não ioga (união), mas *ayoga* (desidentificação). Quando o *ayoga* é praticado constantemente no estado de vigília, os sonhos se tornam cada vez mais vívidos e atraentes.

A mente, sendo constantemente traçada, corre o risco de deixar de distinguir entre a vigília e o sonho, pois na verdade não há fronteiras entre os dois. Eles são estados mutuamente exclusivos apenas do ponto de vista da dualidade, isto é, do estado de vigília, e do estado de sonho, *conforme interpretado* durante o estado de vigília. Mas a dualidade não se obtém no sonho, onde o Ser (Sujeito) tece de si mesmo, como uma aranha, a teia do universo objetivo manifestado no e por meio do estado de vigília.

O universo, como a própria palavra declara, é um único mundo. A dualidade sujeito / objeto não ocorre nesse estado: 'é como é'.⁸

Um 'registro de sonho' mantido com esses fatores em mente facilitará a transição de um plano para o outro; sonhar para acordar e *vice-versa*. Na vanguarda da consciência deve ser mantida firmemente a consciência de que tudo o que é visto, ou experimentado, é uma manifestação do Ser, não 'meu' eu ou

⁴ Como fantasias pessoais e subjetivas envolvendo sexo, arte, política, etc.

⁵ Esse conceito elimina o tempo.

⁶ Ou, mais corretamente, consciência limitada ao estado de vigília.

⁷ Cfr. Platão (*Fédon*): "Se quisermos saber algo puramente [isto é, totalmente], devemos estar separados do corpo."

⁸ O Maharshi vezes utilizado esta expressão para designar o Supremo auto-identidade que é também, de alguma forma inexplicável, o Universo.

'você' ou qualquer pessoa específica. O termo Self significa apenas Consciência objetiva; está, portanto, sem Sujeito, ou pode ser considerada pura subjetividade. Haverá uma mudança gradual, em alguns casos repentina, de ponto de vista, um sinal de que o centro da consciência está mudando do fenomenal para o numenal, do mundo da aparência para sua realidade subjacente. A Grande Obra consiste na estabilização desse estado de consciência. Todo senso de diferença desaparecerá, até que a diferença final⁹ seja finalmente abolida.

Nos primeiros estágios da pesquisa sobre o controle dos sonhos, parece que uma ideia é recebida no estado de vigília, onde é interpretada pelo intelecto. Em outras palavras, um percepto se transforma em um conceito. Mas isso não significa que a mente sonhadora¹⁰ também não absorva a ideia e a interprete em sua própria maneira. Ambos

são caminhos para a consciência numenal, que é descrita (do ponto de vista da vigília) como sono sem sonhos (Susupti). Tanto a mente desperta quanto a sonhadora podem influenciar uma à outra. As palavras de um Sábio, portanto, ouvidas ou lidas, afetam o subconsciente, embora aparentemente compreendidas apenas pelo intelecto. No estado de sonho, as palavras serão apreendidas subconscientemente e interpretadas de acordo.

Certos estados mentais são idênticos à consciência não dual. Eles incluem o sono profundo e o intervalo fugaz entre dois pensamentos consecutivos, anestesia total e os estados de distração aos quais Austin Osman Spare alude.¹¹ Nessas ocasiões, a consciência individual ou relativa é dissolvida na Consciência Cósmica ou Absoluta.

Nada procede daí, mas como no caso de uma chapa fotográfica negativa, as imagens se manifestam unicamente em virtude dela.¹² É o reservatório infinito de todas as coisas, imagens, noções, conceitos. Afortunado é o artista que o toca conscientemente (isto é, quando está acordado). Pode ser aproveitado intencionalmente? Spare afirmou que sim. Na tentativa de demonstrar o fato, ele desenvolveu um sistema de 'feitiçaria por sigilos' que se mostrou geralmente eficaz, embora a fonte de seu poder permaneça, e provavelmente sempre permanecerá, inexplicável.

O poder mágico sempre tem uma proporção com o poder do mago, o que implica que a magia comporta um controle inteiramente subjetivo dos fenômenos. As fórmulas do controle dos sonhos também obedecem a essa regra. É difícil verbalizar o processo porque sua mola principal está a montante da conceituação. No entanto, pode ser apreendido por uma espécie de "imaginação mística" que desperta quando o processo de objetivação deixa de funcionar.

Uma distinção útil pode ser traçada entre objetivação e objetivação.¹³ O primeiro se refere a conceitos subjetivos, o último a objetos aparentemente encontrados no estado de vigília. Objetivação, ou visualização, deve ser distinguida da objetivação, que implica 'fazer uma coisa de, ' coisa uma coisa ', *reificar*. Mas a reificação só pode ocorrer daquilo que não é uma coisa, pois os fenômenos procedem, em última análise, de Númeno, o Negativo, o Vazio. O processo pode ser esboçado com referência à Zona Mauve e suas imagens do pântano ou pântano, símbolo do estado entre a terra seca e a água, o estado 'Nem-nem-nem-nada' de Austin O. Spare.

A fórmula do Macaco Divino mencionada em *Aleister Crowley e o Deus Oculto* é de grande valor para facilitar o controle dos sonhos. Por seu uso, uma entidade invocada no estado de vigília aparece mais tarde no estado de sonho e pode aí atuar como um guia espiritual. Mas a aparência não deve ser confundida com a pessoa, ou a tonalidade da pessoa com quem se parece. Não é uma pessoa, é um espírito, um centro de consciência claramente definido. Tem poder para o mago porque é uma projeção intencional de sua memória, seu subconsciente, funcionando em seu elemento nativo. Sendo um reflexo subconsciente do passado, é potente para efetuar mudanças no estado de vigília, ou seja, no presente. Deve ser lembrado que qualquer avaliação do

⁹ ou seja o sentido de "alteridade" que constitui a ilusão do universo; a relação sujeito-objeto.

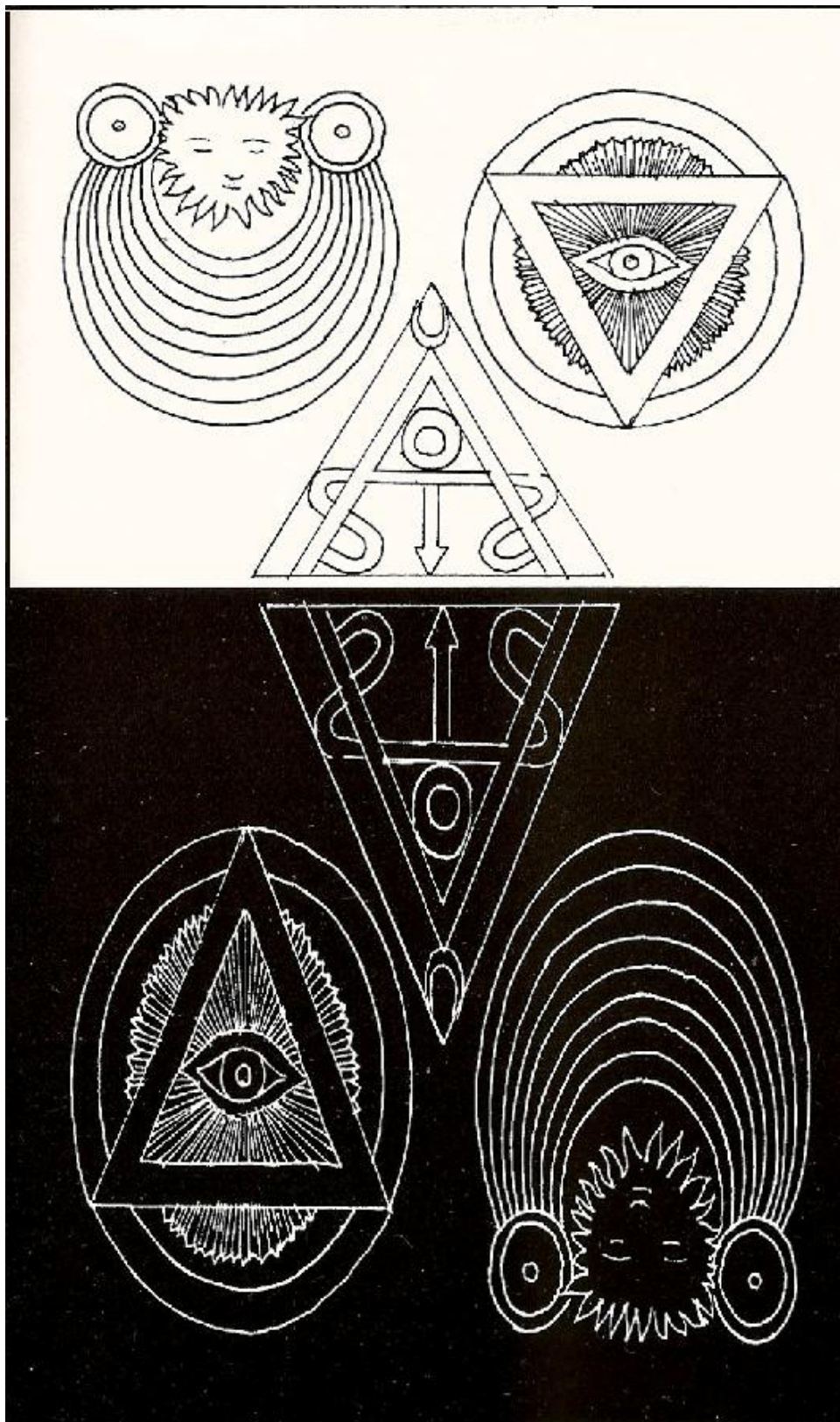
¹⁰ O estado de sonho está sempre presente, embora sua presença raramente seja percebida como tal no estado de vigília.

¹¹ Ver *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant).

¹² Por essa analogia, devo a Wei Wu Wei.

¹³ Essa distinção foi feita por Wei Wu Wei, embora não essa interpretação dela.





14. *The Arms of
Dunwich O Olho
de Set
O Selo de Aossic*

o estado de sonho (isto é, o passado) deve necessariamente ser efetuado no estado de vigília, o presente. Isso torna inválida qualquer avaliação porque a experiência fenomenal pode ser interpretada com precisão apenas em seu próprio plano de função.

A memória é um bom exemplo. A memória prova que existe um pano de fundo de consciência que recebe a marca da experiência. A memória é um aparelho de registro akáshico individualizado. Ele testemunha todos os pensamentos e sensações. ¹⁴ Sua existência prova que não pode haver nenhum experimentador, desfrutador, ator ou sofredor, mas apenas uma testemunha, um conhecedor da experiência, do prazer, da ação ou do sofrimento.

Como a mente não pode entreter mais de um pensamento por vez, segue-se que, no momento do pensamento, não pode haver um pensador tanto quanto um objeto de pensamento, ou um ator tanto quanto uma ação. Em outras palavras, pensador e pensamento são um, ator e ação são um, e ação, junto com um aparente executor de ação, é inteiramente ilusória. A testemunha sozinha é real. Esta é a chave para uma compreensão da natureza essencialmente *mística* da magia, pois o misticismo compreende a fonte numênica do sujeito e do objeto, ambos os quais, *como fenômenos*, são apenas aparências.

Considerado misticamente, portanto, sujeito é a ausência de objeto, e a magia compreende apenas o objeto, ou a ausência de sujeito. Esta dupla ausência é a chave para a magia, pois também é a chave para o sonho testemunhado como o universo aparente (isto é, fenomenal). As implicações práticas ou mágicas são que tudo e qualquer coisa pode ser evocado para a aparência visível (ou seja, fenomenalizado) por uma suposição do papel da Testemunha (*Saksbi*). Assumir a forma *divina* de *Sakshi* comporta receptividade total. Este é o vazio do qual o reflexo (isto é, o universo) é o plenum. A atitude de receptividade permite um senso de identidade com tudo o que passa pela tela da consciência. ¹⁵

A Fórmula do Macaco Divino compreende o análogo mágico do processo explicado acima. A Fórmula comporta um processo de controle dos sonhos por meio da identificação. Por exemplo, se uma característica marcante, facial ou não, da pessoa que se deseja evocar, é imitada antes de dormir, um símulo da pessoa aparecerá em sonho. A fórmula demonstra a identidade do sonhador com o objeto sonhado. É a chave para o controle do sonho porque prova que o sonhador, por sua ação, ativa e realiza o sonho. O sonho é assim controlado porque o sonhador é essencialmente aquilo que sonha. A fórmula do Macaco Divino fornece a base para as muitas variações do controle dos sonhos familiares aos expoentes da Corrente Ofidiana.

As fórmulas de magia sexual usadas na OTO em conexão com o VIII., IX. E XI. graus, formas comportamentais de controle que podem estar relacionadas aos três estados de consciência, viz. acordar, sonhar e dormir, e às fórmulas de controle de sonhos relevantes para isso. ¹⁶

O VIII^o como sujeito comportamental e seus objetos sutis, relevantes para o pensamento, a fantasia, o sonho, é tipificado pelas estrelas e pela Deusa dos Olhos Estrelados. O IX^o envolve sujeito e objeto, e se relaciona ao estado de vigília. É tipificado pelo sol e pela lua (lua).

— O XI^o é aquele Portal que se abre para os espaços transplutônicos tipificados pelo estado amorfo de sono sem sonhos atribuído ao deus negro Plutão.

O praticante que é adepto da arte da discriminação mágica será capaz de detectar na consciência, a qualquer momento, qual estado está operando atualmente, e orientar

seu funcionamento de acordo. O assunto é delicado e exige um alto grau de consciência ativa combinada com a consciência passiva necessária para refletir precisamente as imagens invocadas na mente. Por meio dessas fórmulas, pode-se estabelecer o contato direto com as radiações transplutônicas de Nu Isis. Eles se manifestarão como entidades eletromágicas por meio do Portal do IX^o. Essas entidades são conhecidas como Filhos de Ísis; seu zootipo é o besouro. Os Filhos de Ísis raramente interceptam ou se enredam nas auras dos terrestres, e eles

¹⁴ Que são apenas outro tipo de pensamento.

¹⁵ Ver o excelente livro de Douglas Harding, *On Having No Head*.

¹⁶ Ver, em particular, *Kleister Crowley & the Hidden God* (Grant), e *Cults of the Shadow*. (Grant), *Nightside of Eden*.

raramente são mencionados em escritos mágicos, tão terríveis são as consequências de alertar de alguma forma, mesmo os mais tênues de sua companhia. Referências oblíquas a eles aparecem no *Necronomicon* e nos Anais de Nu Isis Lodge. ¹⁷ A literatura moderna anterior a 1947 é quase totalmente desprovida de referências a fenômenos extraterrestres, ¹⁸ embora os antigos mitos e lendas fervilhem de alusões a eles. Desde o advento dos Ufologicks em 1947, essas alusões tornaram-se fáceis de detectar. Escritores como Machen, Blackwood e Lovecraft *quase* mencionaram os Filhos de Ísis. Lovecraft, de fato, foi mais longe ao indicar um aeon futuro no qual a consciência aparece em forma de besouro, e o simbolismo de Atu VII no Tarô desenhado por Crowley contém evidências inconfundíveis de que ele estava ciente da conexão entre aquele inseto e o Santo Graal.

Em vista da quase total obscuridade do assunto, foi com alguma surpresa que o presente escritor descobriu em um romance popular publicado em 1897 ¹⁹ breves referências aos Filhos de Ísis. O autor ²⁰ estava, é claro, escrevendo ficção, mas por acaso (ou por algum outro motivo desconhecido para ele), ele atribuiu corretamente aos Filhos de Ísis, que ele chama de besouro. Ele também descreveu o templo subterrâneo secreto em Dongola (África) e um complexo ramificado de túneis, um dos quais surge em uma rede de ruas no Cairo, onde a infeliz vítima, em sua história, encontra pela primeira vez os Filhos de Ísis. O besouro não está particularmente associado a Ísis, fato que o romancista se esforça para notar, mas ele erroneamente identifica com a deusa egípcia a monstruosa anormalidade kaliniana do templo secreto. Este horror, e seus asseclas, canibaliza mulheres jovens, um passatempo que lembra os Feiticeiros de Lêng.

Esses apetites não naturais pertencem ao tipo de energias terrestres consumidas pelos Filhos de Ísis, que aparecem a certos videntes na terra como 'almas mortas', das quais o Lama de Lêng é um exemplo primordial. ²¹ Ele foi visualizado de várias maneiras. Lovecraft o descreveu como usando uma máscara de seda amarela que se projetava de uma forma que não se ajustava aos contornos de um rosto humano. A sugestão é que a máscara ocultasse o focinho de uma fera típica de Set, cujos túneis se rendem ao interior da terra. Estes túneis são simbólicos do lado em da Árvore da Vida cabalística.

O poder mágico de transformação em inseto (neste caso, o besouro ²²), que o autor atribui à sua entidade sem nome, nos lembra que *O Necronomicon* - o mais notório dos grimórios no que diz respeito ao tráfego com os Exteriores - foi originalmente intitulado AL AZIF, uma referência aos barulhos de zumbido feitos por insetos noturnos. O zumbido ou zumbido de insetos tem sido freqüentemente referido à presença dos Exteriores *e seus veículos*. ²³ Não é difícil ver neste simbolismo um esboço daquele aeon futuro caracterizado pelo besouro, cujo zumbido de asas já está perturbando os sonhos de sensitivos e artistas de todo o mundo. É, portanto, incumbência daqueles que são iniciados nas técnicas de controle dos sonhos utilizar as fórmulas relevantes ²⁴ em uma tentativa de investigar mais de perto as entidades que estão se alimentando de energias terrestres e consolidando seu poder antes, talvez, de uma invasão massiva deste planeta.

Foi trabalho do New Isis Lodge preparar o terreno e estabelecer pontos de contato mágico dentro da OTO, dos quais a Loja formava uma célula. O objetivo era, e é, estabelecer postos externos terrestres para essas criaturas alienígenas.

Alguns dos besouros-vahanas dessa consciência alienígena foram observados por Crowley, que ficou extremamente intrigado com eles. Ele escreveu:

Esses besouros, que apareceram com surpreendente rapidez em incontáveis números em Boleskine no verão de 1904 EV, foram distinguidos por um longo e único 'chifre'; o spec-

¹⁷ *Hecate's Fountain* (Grant) contém material relevante para os Anais da Loja Nu Isis.

¹⁸ Com exceção de alguns escritos no campo do estranho e do macabro.

¹⁹ *O Besouro* (Marsh).

²⁰ Presume-se que ele não tenha nenhuma relação com Obed Marsh! (Conceder).

²¹ Ver ilustração 5, *The Magical Revival* (Grant).

²² "Sem dúvida era um lamelljcorn, um dos *coprídeos*" (Marsh, *The Beetle*, p.131). Observe a inclusão das letras 1 a m.

²³ Os OVNI's, quando descritos como não silenciosos, são freqüentemente relatados como emitindo tais sons.

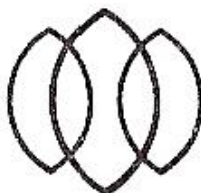
²⁴ Estes se referem ao VHP, IX^o, & XI^o, OTO, conforme mencionado anteriormente.

Cies era nova para os naturalistas de Londres, a quem os espécimes foram enviados para classificação. ²⁵

²⁵ Esta passagem aparece no comentário de Crowley aos versos 23,24,25 de *Liber AL*, terceiro capítulo. Os besouros mencionados no versículo 25 são cognatos. Veja *Magical & Philosophical Commentaries on The Book of the Law* (Ed. Grant & Symonds, p.269).

12

Gematria Criativa



Uma percepção, um conceito ou um número, qualquer *objeto*, de fato, não tem relação real com qualquer outra percepção, conceito ou número. O relacionamento só ocorre na consciência de quem percebe, a consciência que é o fundo sobre o qual todos os objetos aparecem como imagens em uma tela. Portanto, pode haver nenhuma associação de idéias, nenhuma correspondência de qualquer tipo, entre os números ou as idéias que eles representam, *exceto* na consciência de seu sujeito, porque nada existe como uma entidade objetiva.

As implicações dessas considerações geralmente não são apreciadas, embora sejam de tremenda importância. Os números podem significar para o cabalista precisamente o que ele deseja que signifiquem dentro da estrutura de seu universo mágico. Eles têm uma existência relativa, mas nenhuma realidade absoluta. Os números podem, portanto, ser usados como um meio mágico de invocar energias específicas latentes na consciência do mago. Em outras palavras, os números podem ser vistos como entidades que são identidades objetivas aparentes, ou personalidades, pois eles são um com o poder projetivo do mago.

O poder dos números não está nos números em si, mas sempre e apenas no mago. Se sua mente está bem equipada com números mágicos (ou seja, números significativos para ele), não há limite, quantitativamente falando, para os mundos que ele pode construir a partir de suas energias (*shaktis*). Esta é a base da ciência dos números e a lógica da numerologia como uma arte criativa distinta de uma medida meramente interpretativa de probabilidades fenomenais. O mago visa não prever o futuro, o que implicaria que ele já existisse, mas sim criá-lo de acordo com as leis de seu universo mágico. Gematria criativa é, portanto, a ciência e a arte de projetar outros mundos ou ordens de ser, em harmonia com as vibrações simbolizadas pelos números, que tornam as vibrações diretamente receptivas.

Mas este não é o principal e único elemento do processo. Os números freqüentemente se apresentam de forma aleatória, irracional e em conexão com circunstâncias aparentemente incongruentes. Pode-se citar, por exemplo, a recorrência frequente de um número que possui associações pessoais, como o número da casa em que nasceu, ou em que se vivenciou eventos de natureza hiperafetiva, agradáveis ou desagradáveis. Em tais casos, o número constitui um índice especial para o prazer, ou ~~desprazer~~, relacionado de nenhuma outra forma com o número como tal. O número, assim, torna-se carregado com um afeto que pode ser transformado em energia mágica e usado para despertar os estados emotivos dos quais é a cifra. O processo pode ser

desenvolvido atribuindo-se arbitrariamente a qualquer evento um número que, assim, cria para ele um 'futuro' que pode ser utilizado para reativar o passado. Alguns desses processos permitiram a Austin Spare exclamar: “Do passado vem esta coisa *nova*”. ¹ O cabalista é assim capaz de anexar por uma espécie de 'gematria afetiva' um universo em constante expansão, cujos blocos de construção são extraídos de seu universo mágico.

¹ A base da fórmula de Ressurgimento Atávico de Spare. Veja *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant).

A fórmula é aplicável a todo tipo de atividade criativa. Proust é o exemplo óbvio, embora as cifras de suas nostalgias sejam literárias, distintas das cifras numéricas, conforme exigido pela natureza de sua obra. ² O processo também é aparente na fórmula de 'atividade crítica paranóica' de Salvador Dalí, que envolve uma sistematização do delírio e da obsessão mágica. Nesse caso, a imagem visual é substituída por número. O artista Yves Tanguy às vezes incorporava, em suas representações gráficas de 'outros' espaços, a numerologia real de seu universo mágico. Um amálgama desses sistemas é exemplificado no trabalho de Spare, que delineou obsessões mágicas em sigilos construídos esteticamente que combinavam letras do alfabeto e suas correspondências gematricas. Em termos auditivos, uma técnica semelhante é aparente na música de William 'Count' Basie, cujos ritmos de 'salto' sugerem a fórmula dos saltadores no verso da *Árvore da Vida*. ³ O ouvinte magicamente sensível pode ver os sombrios saltadores batráquios saltando de pântanos fumegantes, pode ouvir seus grasnidos enquanto alcançam o êxtase em sua fuga funâmbula. A fórmula é particularmente perceptível em certas versões do *One hora Jump, Jumpin 'at the Woodside* e *Rockabye Basie*. O salto da *uma hora* sugere o salto para Kether, para o número um. A melodia, que se tornou o motivo temático de Basie, segue seu caminho na maior parte de sua obra subsequente.

Cada órgão sensorial separado projeta sua própria forma de gematria. Mesmo para aqueles que não possuem habilidade artística formal, a cabala numérica fornece um modo eficaz de reificação mágica.

A fórmula da sinestesia de Baudelaire é outra abordagem. Preparar habilmente um buquê de essências raras exigiria uma perícia mágica além dos poderes do homem comum, mas para aqueles que são *adhikari* neste campo do ocultismo criativo, o seguinte será significativo.

A Sexualidade, sendo a concentração do potencial criativo do homem em sua forma mais grosseira, contém em embrião todo o conteúdo do universo do mago. O objetivo em declarar um fato tão óbvio é enfatizar o significado do glóbulo de vitalidade, a cápsula espacial ou veículo de transporte de energia extraterrestre. Usando o elemental que o informa, o glóbulo pode construir para si mesmo um corpo que é virtualmente indistinguível de um nascimento similarmente produzido, mas não mágico. É, portanto, possível, *via* sinestesia seletiva, fabricar um corpo que poderia, teoricamente, incorporar uma Inteligência das mais remotas regiões do espaço e do tempo, e encarná-la na onda de vida humana sem despertar nos mortais qualquer suspeita quanto a sua origem alienígena. Este é o ápice da 'alquimia afetiva' ⁴ e da sinestesia simbólica. Suas implicações gematricas são óbvias. Assim, é literalmente possível criar por meios mágicos um novo universo.

Aqui pode não ser impróprio dizer algumas palavras sobre uma 'Cabala Inglesa' sugerida pelo versículo 55 do segundo capítulo de AL:

Você obterá a ordem e o valor do Alfabeto Inglês; tu encontrarás novos símbolos aos quais atribuí-los.

A natureza híbrida de qualquer construção deve ser evidente, porque os valores numéricos das palavras em inglês podem formar apenas gematria subsidiária ou confirmatória. Isso ocorre porque as palavras em inglês estão muito distantes das raízes mágicas da linguagem. Suas estruturas freqüentemente arbitrarias podem produzir

apenas uma cabala distorcida, na melhor das hipóteses uma bastarda. Para começar, as vogais são uma pedra de tropeço. Eles são ajudas à pronúncia, mas alguns cabalistas hoje lhes atribuem valores cabalísticos, como 'a' com Aleph, 'e' com Hé, 'i' com Yod, 'o' com Ayin, 'u' com Vau. Nas línguas caldéia e hebraica, essas não são vogais, vogais sendo mais tarde dispositivos "fonéticos" denotados por pontos, não por letras. É evidente que tratá-las como consoantes é alterar os valores numéricos das palavras em questão.

² Veja *Tempo Recuperado* (Proust).

³ Veja *Cultos da Sombra* (Concessão).

⁴ Uma expressão cunhada por PBRandolph. Veja a bibliografia.

Não é declarado em AL que a 'ordem e valor do Alfabeto Inglês' constituirão uma nova qabelah: o versículo meramente declara que a ordem e o valor serão assumidos para novos símbolos. ⁵ É porque eu ocasionalmente apliquei a palavras inglesas princípios que são, estritamente falando, aplicáveis apenas a palavras de proveniência caldeu, hebraica ou grega que essas observações são consideradas necessárias. Tais exceções são justificadas apenas pela necessidade de ênfase e confirmação cabalística. O fato de uma assim chamada 'Cabala Inglesa' estar a caminho de se tornar *de rigueur* exige um forte protesto, embora eu não sugira que alguma forma dela não seja permissível e, em certos casos, útil. Mas seu uso deve sempre servir às cabalas mágicas básicas, das quais surgem os insights genuínos.

Naom Chomsky expressou a noção de que as línguas humanas são profundamente estruturadas no sentido de que suas raízes são idênticas, mas suas estruturas de superfície diferem. ⁶ As diferenças se devem em grande parte às variações de pronúncia (ou seja, o uso das vogais, conforme explicado acima). Nesse sentido, as palavras de Hillel, em *O Golem*, são altamente sugestivas:

Você acha que é sem rima ou razão que nossos escritos judaicos são escritos apenas em consoantes? Resta a cada indivíduo encontrar as vogais que lhe pertencem, que contêm, cada uma delas, a verdade tal como a vê. Caso contrário, a palavra viva petrificaria em dogma. ⁷

As vogais começaram a adquirir importância na Gematria durante as fases posteriores da magia, como as praticadas pelos gnósticos. O lamento ou uivo prolongado ⁸ das vogais deu origem, nos grimórios medievais, ao uso da "longa sequência de palavras formidáveis que rugem e gemem por tantas conjurações", ⁹ e que "têm um efeito real de exaltação a consciência do mágico para o tom adequado". ¹⁰ Arthur Machen menciona uma evocação gnóstica associada a um ritual antigo e escuro que apresentava um lamento de vogais. ¹¹

As vogais - aeiou - têm, juntas, o valor numérico de 92, o número de PChD, que significa 'terror', particularmente quando associado aos Mistérios de Pã. É também o número de BTz, 'a lama' ou 'lodo', a partir do qual as entidades do terror são evocadas. Além disso, a metátese de BTz - TzB (também 92)

- denota 'um lagarto', o réptil anfíbio que faz a transformação das águas em terra seca, que simboliza a reificação das imagens astrais em forma tangível e visível. Esta é mais uma indicação da fonte primordial de enunciação representada pelas vogais, que tornam possível a manifestação de fala inteligível. As vogais permanecem inalteráveis sem a aplicação do espírito vitalizante tipificado pela respiração.

A letra 'A' possibilita a pronúncia de todo o alfabeto. 'A' é a letra da respiração, ou espírito. A adição de 'A' a *aeiou* eleva a numeração para 93, o número de EPH, 'palavras' e

da palavra maônica MABN, que combina em uma única imagem a Mãe e o Filho. Não é necessário em um livro desta natureza mencionar outros valores de 93, bem conhecidos dos estudantes da Gnose Tifoniana e Thelêmica, mas deve-se lembrar que 93 é o valor de TzBA, o deus Seb que deu seu nome ao Tradição Sabaeana sobre a qual a *Corrente 93* é finalmente fundada.

O 'A' inicial na série *Aaeiou* não representa uma vogal, mas sim a letra Aleph, símbolo da expulsão do alento (Ah!). Isso tipifica a exalação conhecida como *rechaka*. No sistema hindu de ioga; *rechaka* representa a corrente de saída da manifestação. É precedido pela respiração inspirada (*pu-raka*), tipificada por Siva ou Set, que retorna à sua fonte a corrente criativa após a dissolução (*pra-*

⁵ Austin Spare desenvolveu esse sistema. Ele o chamou de Alfabeto do Desejo, ou Alfabeto dos Símbolos Sencientes. Veja *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant).

⁶ Ver *Alien Intelligence* (Holroyd), p.11.

⁷ *O Golem* (Meyrink).

⁸ Ver *Confissões de Aleister Crowley* (Ed Symonds / Grant) cap.20.

⁹ *Magick* (Crowley).

¹⁰ *Ibid*, Pt.III., Cap.9.

¹¹ Ver a história de Arthur Machen, 'Change'; também *A Mitbriac* (sic) *Ritual* ('Echoes from the Gnosis' Ed. GRSMead, vol.vi), e o capítulo 9 deste livro.

laya / khumbhakam) da energia de saída. ¹² No *pranava* (OM), isso é representado pelo 'O' ou expiração completada pelo 'M', ou fase de retirada, que também é a fase de *inspiração*. O vazio de *pralaya* (absorção) é tipificado pelo *ardhmatra*, ¹³ a lua crescente da manifestação que é reabsorvida no bindu primordial, ou semente do silêncio; a mente dissolvida em Consciência Pura.

As cinco vogais podem, portanto, ser vistas como a forma explícita da energia reverberante ou mântica que desdobra sua onda de poder criativo que começa e termina no silêncio do vazio. OM é o silêncio do Vazio, glifado como formas variadas da cifra primordial, 'O' ou 'A' (alfa e ômega).

É significativo que o *Aaeiou* dos gnósticos seja onomatopaico para o 'zurro de asno'. O asno era um tipo tifoniano fundamental na Gnose egípcia e nos posteriores Mistérios da Virgem, filho da mãe, cuja imagem era o potro. Ambos os tipos denotam descendência somente da mãe (ou seja, do urso tifoniano).

A gematria criativa depende do uso e da direção do conteúdo subjetivo. Envolve um refinamento da faculdade crítico-paranóica pelo qual se torna possível revelar afinidades e descobrir conexões entre palavras que possuem significados diferentes, mas vibrações idênticas (números).

Assim, será visto que há muito mais na cabala numérica do que uma aceitação unilateral de uma equação palavra / número objetiva. É possível descobrir ligações entre idéias díspares e efetuar mutações que geram entidades estranhas da matriz da paranóia controlada por magia. Dali aplicou uma técnica semelhante às artes visuais. O mago habilidoso achará proveitoso adaptar a fórmula às suas próprias necessidades.

A série de versos intitulados coletivamente a *Sabedoria de S'lba*, ¹⁴ (veja o próximo capítulo) não foi escrita em nenhum momento ou lugar particular, embora o estado de consciência em que foram recebidos fosse invariavelmente o mesmo. O processo foi iniciado já no ano de 1939, quando a Visão de Aossic se manifestou pela primeira vez da maneira descrita em *Outside the Circles of Time* (cap.8). A visão se desdobrou esporadicamente durante o tempo da associação de Aossic com Aleister Crowley e Austin Osman Spare. Mas o aspecto dinâmico do Trabalho, ou seja, a integração da Visão em um todo coerente, ocorreu durante o período de existência da Nova Loja Ísis. ¹⁵


Como exigiria um volume separado para elucidar apenas um aspecto da Visão, nenhuma tentativa é feita aqui para oferecer quaisquer chaves além das poucas

sugestões provisórias incorporadas nos capítulos 14 e 15.

Os cabalistas perceberão rapidamente que os versos adquirem dimensões adicionais quando analisados em conjunto com seus números de série. (Exemplos de tal aplicação foram dados). Estes foram atribuídos a eles, não no momento de sua transmissão, mas de acordo com as instruções recebidas posteriormente.

A Sabedoria de S'lba, ou o Livro da Visão Chamado S'lba, apresentado no capítulo seguinte, não teria sido publicado se as diretivas não tivessem sido recebidas daqueles responsáveis por sua manifestação.

¹² O processo é análogo a Ra-Hoor-Khuit e Hoor-paar-Kraat da Tradição Thelêmica.

¹³ Chandra-bindu (semente da lua): o 

¹⁴ Pronunciado ShiLBA, com acento na letra final. Veja o capítulo 14.

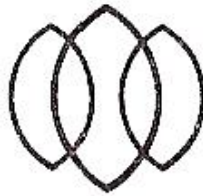
¹⁵ A Loja foi fundada por Kenneth Grant em 1955 especificamente para canalizar transmissões dos Exteriores, dos quais Aiwass, Zos-Kia, Aossic e Ilyarun estavam especialmente envolvidos. Veja *Aleister Crowley & the Hidden God* (Grant), cap. 10, e em outras partes das trilógias. Descrições de trabalhos mágicos, extraídos dos Anais da Loja New Isis, foram publicadas na *Fonte de Hecate* (Grant).

19. A Árvore da Vida Cabalística mostrando as dez Sephiroth e vinte e dois caminhos com suas principais atribuições astrológicas, elementais e taróticas, organizadas de acordo com a Tradição Oculta iniciada

13

Sabedoria de S'lba

*A Doutrina de Nem Eu Mesmo
Atingiu
através da felicidade de se tornar não móvel*



Eu

1. O vazio é S'lba: Aossic-bel-Aossic em posição, tudo perfeito. A sombra do sono, como uma névoa no Vazio, emite imagens conhecidas como seu sonho. Se um homem tem riqueza ao acordar, não necessariamente tem riqueza ao sonhar. A manifestação de poder em um plano particular depende da qualidade da consciência nesse plano. A fusão dos planos constitui S'lba, a felicidade perpétua impossível de ser alcançada, estando sempre em processo de se tornar.
2. O Devir de S'lba está além de todas as condições, sendo a harmonia eterna existente entre S'lba e Aos. Não há nada sem S'lba. Não existe nada. Nada não existe. Nada sozinho é tudo o que ele pode saber, pois em sua identidade está seu conhecimento. Especulação sobre origens, criação e fantasias semelhantes não pode preocupar S'lba, pois nunca foi. Aquilo que não era não poderia ter se desenvolvido assim: e se não for, o que não será, também não é, pois S'lba sendo finito seria infinitamente pequeno, ao extremo, inexistente.
3. Buscar a razão para S'lba denuncia o medo dela. S'lba não é.
4. É aquilo que não é uma coisa nem outra; é tudo e nada, pois Todas as Coisas não incluem nada, mesmo que Nenhuma Coisa exclua a concepção.
5. Buscar investigações nos reinos em que S'lba se move é inútil. S'lba não se move; só aquele movimento que S'lba derruba.
6. Em um vapor feito por ele mesmo, S'lba brilha. Em uma teia de palavras não relativas a S'lba, tropeça o eu não encontrado nos pântanos da ilusão e no pavor do não-eu.
7. Não-eu, que é inexistente, os homens adoraram como Deus. Este conceito de não-eu, surgindo de S'lba não revelado, é a causa da restrição na atividade como na passividade, que mesmo assim é meramente aparente, pois S'lba permanece intocada pela circunferência de seu círculo, a circunferência que não existir, pois o Não-Eu é o seu centro.

8. Estas considerações se aplicam a Aossic-Sphere em Moon-Circle: Man vê 'outros'. Suas posições determinam seu progresso, sendo fantasmas lançados de si mesmo por uma questão de observação, de memória ou por nada.
9. O homem se perde nessa confusão. Ele vê as formas, lançadas fora, como possuidoras de si mesmas. Aqui reside sua miséria. A medida de seu progresso e os meios de sua satisfação foram lançados contra si mesmo e dotados de Vontade, cujo poder é seu próprio autocontrole recuado.
10. Portanto, aquele que deseja permanecer na pureza de S'lba deve dissolver todas as formas em sua fonte, que por sua vez deve ser limpa de objetividade e dissolvida em S'lba.
11. Negligenciar essa purificação é viver na ilusão, vítima das distorções de S'lba ampliadas pelo medo.
12. Os fantasmas nascidos da estagnação e do pavor que os homens adoram como deuses agora assumiram o controle, drenaram seus fogos vitais, assim como um Talismã grávido da Vontade de um Mago permanece o próprio Mago e aterroriza seu criador.
13. Transferência de si mesmo é tudo o que ocorreu; e, no entanto, como é estúpido erguer o poder de um ponto para colocá-lo em outro!
14. Aprenda a se mover ficando quieto; saber recusando o conhecimento daquilo que você deseja saber. Esta é a arte de S'lba, imóvel em vibração e admiração.
15. S'lba é a Consciência na qual o pensamento surge; é a substância do pensamento e aquilo em que o pensamento se move, permanecendo ele mesmo sempre imóvel.
16. S'lba é irrestrito, virgem, ilimitado e ilimitado, sem propósito, desejando nenhum resultado, permanecendo sempre perfeito em cada momento de seu Não-Tornar-se.
17. Os pensamentos que você pensa, eu já pensei, pois o Eu de que falo é o eu de que você pensa, co-herdeiro constante de seu dever.
18. *Que a Palavra da tua Vontade seja a Verdade do Ser!*
19. O eu de você mesmo, idêntico em essência ao meu eu, parece diferir na manifestação, na emanção.
20. Assim como a água aparece como oceanos, lagos, rios, piscinas e fontes, mas sempre permanece água, então S'lba aparece na terra, como você, como eu, ele, ela, isso, mas permanece para sempre eu.
21. A Terra foi invocada e a água. A Terra é a estabilidade do seu ser; Ar, o sopro do Espírito que rouba a luz de S'lba através dos mares de sua paixão.
22. Conheça todos eles como um. Conheça todos eles como estados criados para e pelo Ser para a alegria eterna na contemplação de S'lba nos picos das montanhas da solidão imaculada.
23. Conheça-os finalmente como Nada.
24. Por que postular um propósito para o Eu?
25. Aquilo que é infinito não pode ter propósito, seu próprio infinito preenchendo todas as possibilidades.
26. Aquele que busca propósito não conhece S'lba, sem propósito porque eterno, eterno porque não nascido, imortal porque morto-vivo e para sempre inconcebível.
27. A Piada Universal foi anunciada. É o nome de uma visão análoga à realização da irracionalidade final por meio do Trance of Sorrow, que termina em êxtase.
28. Pode ser Samadhi; é a compreensão por S'lba da não relação do Self com as cascas de sua fantasia.

29. O eu guarda tanta ou tão pouca relação com suas concepções quanto uma criança com sua comida. Essas concepções são o meio de seu crescimento por meio da quietude, de sua destruição por meio da atividade.
30. Que tolo criaria um fantoche de barro, imaginaria que ele falasse e obedeceria aos seus comandos? Aquele tolo sozinho que não tem conhecimento de S'lba, que está imerso na dualidade, que está habituado à tolice.
31. Muitos professores surgiram e voltarão a surgir no universo. Eles foram, são e serão mal compreendidos. Eles ensinam não que o homem deve seguir seus caminhos, sua luz, seu amor, sua liberdade, sua vida, mas seu próprio caminho, sua própria luz, seu próprio amor, sua própria liberdade, sua própria vida, que S'lba somente para cada um concede.

32. O Ser de Ninguém que sou!
33. A desintegração da forma na loucura é a prova do seu sucesso, se a loucura for conhecida como não sendo sua.
34. Não deixe os fragmentos obcecar. Penetre ainda mais fundo e você verá a Jóia de S'lba, e nunca mais voltará.
35. Isso se aplica aos estados de vigília, os reinos em que o eu-na-ilusão, em confusão confusa em meio aos excrementos da personalidade, erigiu a fantasia dos sistemas. A loucura se relaciona apenas a essas restrições feitas por ele mesmo.
36. A loucura é um estado de espírito; a morte também. A morte é apenas um evento no estado de vigília. Ninguém pode sonhar com sua própria morte. Quem sonha? Como a morte, a loucura está sempre se tornando, sempre mudando, elusiva, extática. Não há morte, mas há liberação da mente das loucuras contra S'lba.
37. A deficiência da mente também não tem relação com S'lba, por trás de tudo, além da concepção, imaculada.
38. Foi sabiamente dito: A consciência é uma doença da Mente. As fases de consciência, mais sutis nos sonhos, às vezes alcançam a inconsciência, com dissolução fugaz em samadhi cósmico, na Realidade, encontrando S'lba na percepção direta.
39. Por que S'lba deveria se esforçar para se velar em um processo de progressão ilusória?
40. Na explosão de bem-aventurança que se segue ao Arrebatamento, o Ser expulsa os fantasmas imbuídos de seu fermento. Eles objetivam e são propensos à obsessão, mas sua rejeição garante a continuidade da bem-aventurança. Esses fantasmas se dispersam rapidamente e em um aeon, pode ser em um momento, ou mesmo em nenhum momento, a qliphoth se dissolva, pois emanações infinitas são rejeitadas pelo Self.
41. Não se desvie da bem-aventurança para contemplar essas formas, pois elas são potentes no instante de seu nascimento. Ainda mais poderosos eles aparecem no vazio da exaustão. Novos eles aparecem, e aparentemente estranhos, arranjados nos trajes do sonho.
42. Também são insidiosos seus reflexos brilhantes. Participando finitamente da Essência de S'lba, eles fingem infinito, infinitamente perfeitos. Aquele que presta atenção a essas sombras de S'lba corre o risco de ser obsessivo pelos Filhos de Ísis.
43. Assim, equilibrado em S'lba, todo-abrangente, não deixe as imagens obcecar, pois elas estão mortas no momento da concepção, meras conchas, fragmentos reverberantes da Sombra.
44. Eles são passados, impossíveis de ressurreição. Esquecidos, eles nunca existiram. No silêncio da escuridão, eles não são; no prazer de S'lba eles nunca apareceram.
45. Assim, livre-se do emaranhado de pensamentos.
46. Não pense, pois não há senão o Eu para pensar e pensar, mas nenhum pensamento do Eu é possível.

47. Tudo o que você pode imaginar constitui o Eu, que não tem imagem além de S'lba, e isso é Vazio.

II

47 1. No trato com o Eu no plano da manifestação ativa, certas leis prevalecem:

48 2. Visto que S'lba é infinito, eterno e imanifesto em qualquer momento, exceto na ilusão, conceitos como esperança, fé, desespero, motivo, não têm sentido, sendo criações do Eu no plano da existência.

49 3. O eu se manifesta na vida de vigília sem nenhuma razão que caia dentro do alcance do cálculo humano.

50 4. S'lba se manifesta porque é da própria natureza tornar-se o que não é por um processo de consciência que abrange fases alternativas de sensibilidade, como prazer e dor.

51 5. Nos níveis de vigília, o Eu atua com poder. Aplicada ao nível do sono, esta afirmação não poderia ter nenhum significado, já que S'lba está sempre presente e não há nenhum lugar onde Ela não esteja.

52 6. Dos níveis de vigília, Seu Jogo se desenrola.

53 7. Para se proteger contra o Undermind e as mentes instáveis que mantêm um conjunto de conceitos falso, outro verdadeiro e ainda outro absoluto, siga o seguinte curso:

54 8. Permaneça sozinho em lugares da individualidade. Mesmo nas cidades, fique sozinho. Se os mundos se dissolverem, veja se eles se fundem em você, pois os rios de sua dissolução são uma Luz viva que é o manto externo de S'lba-bel- Aossic.

55 9. Assim, dormindo profundamente nesta Luz, selecione uma imagem de Bel como um símbolo de sua força.

56 10. Como Zos mostrou: o polegar é uma dessas imagens. Concentre-se nisso.

57 11. No brilho da luz da lua em uma unha do polegar, as cortinas se acumularão; depois o refinamento da sombra e uma névoa luminosa. Por fim, perdidos, como aqueles Gloriosos, o olho vai cair no sono, a pálpebra caindo com um clique vazio; a tampa de um caixão vazio, pois Osíris está fora, e os Filhos de Ísis voltam.

58 12. Aqui, de fato, há uma Nova Sexualidade, mas aquele que não atingiu Bel-Aossic não a compreende.

59 13. Na lua cheia sob beirais de escuridão, pegue o brilho da Luz na unha do polegar.

60 14. As estrelas tremeluzem e se apagam; a lua aparece e desaparece, como um salto louco dos caminhos para trás. S'lba sozinha permanece. Você se tornou o poder primordial do novo Esplendor Fálico-Polegar .

61 15. Em sua identidade com isso está Bel-Aossic perfeito, sombreado na forma como o Sigilo de S'lba.

62 16. Estas palavras brilharam diante de mim na Caverna da Iniciação:

63 17. Na transferência de consciência para o Polegar de Bel, o Eu revela seu poder primordial.

64 18. Da destruição da mente que dá origem ao Caos, uma zona de malva é criada, um deserto de areia acima dos Túneis de Set. Os ventos passam rapidamente por eles, uma tubulação sinistra carregando o Fusca nas asas.

65 19. O Polegar é Força, o Cachimbo de Pan, o Falo de Set, o Coração de Aossic. É tudo isso e muito mais, pois são sombras. É o tubo de Teitan por onde salta o fogo; o Cabelo

de Nuit através do qual grita o Deus; a Chama que é S'lba no cume da aniquilação; o vento que esfria sua missa no templo de Nu Isis.

- 66 20. Não sonhe vagamente com céus nebulosos ou infernos, ou nascimentos no estado de deus, ou perdão dos 'pecados'. Conheça o Agora no Fogo do Devir, do êxtase eterno que flui de S'lba quando a mente foi lançada para a destruição abismal.
- 67 21. Conheça o Ser que em todos os momentos não pode ser outro senão ele mesmo; que não pode conhecer nenhum estado porque é Totalidade, Santidade, Beleza.
- 68 22. O estado de Bel-Aossic é primário, assexuado. O homem deve buscar o interior e perfurar o centro profundo, desvelar o santuário de seu desejo e despertar os vagos espectros das Trevas para trás.
- 69 23. Em seu progresso, ele transcendeu muitos karmas. Com asas, ele se acredita dotado, já que foi há muito tempo. Ele tem asas agora e chifres! Ele terá mais se invocar as Trevas Retrógradas. Isso é conhecido na Zona Zos Kia.
- 70 24. Que ele personifique seu desejo em um símbolo sem paixão, em um glifo sugerindo um conceito sem evocar sua forma. Deixe-o incorporar o êxtase do Eu pela concentração do polegar até que sua mente se esgote.
- 71 25. Neste momento o sigilo deve ser liberado. Na escuridão do Inesperado, caso seja lançado; para a Escuridão Externa, com rapidez deslumbrante no ato da partida.
- 72 26. Até que ele esteja perdido no Silêncio reverberante, ele não deve liberá-lo, pois se houver som, o Ser não se mexerá.
- 73 27. O silêncio é a base da Obra.
- 74 28. Não a mera cessação do som, mas o Silêncio Exterior nascido de Nu Isis que estremece na escuridão nas ondas de poder de S'lba.
- 75 29. *Este* silêncio é a base da Obra.
- 76 30. Dele surge uma fina serpente de luz. Ele sobe pela espinha como uma flecha.
- 77 31. Em sua rápida consumação na zona de Aossic, o Sigilo se torna. A satisfação do desejo ocorre ao beber as cores de Ísis no Deserto de Set na hora do pássaro do inferno.
- 78 32. Deve o polegar se torcer como uma garra em um frenesi de pânico; se a língua de fogo pular dos dentes das Trevas, persistir ainda no Trabalho, permanecendo imóvel pelo prazer ou pela dor.
- 79 33. Por isso , repetido com frequência, alcance a exaustão que permite ao Ser projetar seu desejo na raiz do Devir, na base Aquilo que não deseja nada.
- 80 34. Assim, o Eu desce em Bel, unindo o que é impossível ao que ainda não ocorreu.
- 81 35. Assim, Aossic permanece sempre perfeito, supondo um Bel que cumpre seu devir por meio de seu arrebatamento, pois o deleite é o selo de sua perfeição.
- 82 36. Esta Sabedoria de S'lba contém o padrão do Eu no Tornar - se imóvel .
- 83 37. A Mão em ação controlada pelo Polegar em estado de transe totalmente perfeito desenhou estes sigilos:
- 84 38. Incorporados nele estão os karmas do Eu em reversão.
- 85 39. S'lba está além da definição, mas Ela não está além da expressão na forma linear. Toda arte é seu Yantra.
- 86 40. Nos níveis de ação Ela aparece como um sistema de sigilos desprovidos de significado terrestre, de uma fonte impossível de localização e, em última análise, irracional.
- 87 41. O mesmo se aplica aos níveis da razão, pois a razão estabelece no estado de vigília a impossibilidade de conhecer S'lba; Ela é, portanto, sempre virgem.

- 88 42. No entanto, a partir S'lba prosseguir estes sigilos, derramado nos relâmpagos de seu Bliss. A partir deste ponto, a linha prossegue enquanto o vinho do sexo surge da fonte de Hécate.
- 89 43. O polegar todo-poderoso aplica o golpe, enquanto dentro, os perfumes de S'lba anunciam os kalas da Mudança.
- 90 44. O movimento dessa metabase encarna na linha como uma corrente profundamente comovente no vinho. O silêncio culminando em êxtase além, não se manifesta, pois a forma pode não corresponder a sua Maravilha.
- 91 45. Assim como a linha flui, sem propósito, pura, assim flui a Palavra que seu movimento evoca, vibrando nos lábios do mago dentro do Templo de Bel.
- 92 46. Se aquela Palavra finalmente explodisse, uma estrela voaria pelos céus e cairia. . . sempre em direção à terra.
- 93 47. Não mais.
- 94 48. O próprio Ser alcançado, o Bel se divide e acende novamente o Fogo Terrível nos Éons Antigos.
- 95 49. Se a Palavra estourasse, aquele que a ouviu acenderia por último na Glória, um jato alado de fogo engolfado nas Trevas Exteriores.
- 96 50. Ele não voltaria novamente.
- 97 51. Ele não seria novamente.
- 98 52. Ele já esteve, em processo de se tornar?
- 99 53. S'lba existe sozinho, e eu não existe, mas para se tornar aquela pureza, sem propósito e livre, que é o cumprimento de si mesmo no reino de Aossic.
- 100 54. Vá em frente e saiba que ninguém vai com você, pois você é tudo, meu Sagrado e Brillhante, tudo e nada em Ilyarun-bel-Aos, cuja morada está além da Zona Malva.

III


- 101 1. O Ser em progressão é para sempre Imanifesto, uma série de não-eus em incessante devir.
- 102 2. Este Ser que é Não-Ser é Aossic-bel-S'lba, o estado de Antes que não existia.
- 103 3. Dormente na bem-aventurança está este Caminho, conteúdo em sua Não-Notidade em perfeição atemporal.
- 104 4. Este é o estado primordial, o plano de Aossic de onde o Antigo voa para o Nada, cada vôo um 'eu, cada caminho um retorno, nunca lá, mas sempre aqui.
- 105 5. Concentre a atenção na raiz do polegar. Flui rapidamente a Força ao longo do eixo da vontade. Não vacile, segure firme até que na névoa malva os zebrotos pulsem.
- 106 6. Este caos desaparece. Só a névoa permanece, e um oceano carmesim sem diferença do qual se ergue a Torre de Koth.
- 107 7. Sentinela silenciosa contra o Vórtice da Negação.
- 108 8. Reunindo-se na Torre são os espectros da consciência. Removido é o Ser do assento de sua função. Ainda assim, ele não se moveu, embora você tenha se fundido Aquilo que é Não-Tu.
- 109 9. No entanto, sou eu tanto quanto Tu.
- 110 10. Neste momento de meditação, a mente se abre.
- 111 11. A Torre desmorona, sua poeira cai como besouros frágeis, sedosamente, no Abismo. Caindo, caindo, caindo. . .

- 112 12. O homem caiu.
- 113 13. Bel-Aossic move; Aossic não se move.
- 114 14. Retire, lentamente, a consciência do símbolo do poder.
- 115 15. Sutilmente, furtivamente, faça uma ponte sobre o parapeito de teia de aranha que atravessa o golfo negro noturno.
- 116 16. Máscaras estranhas flutuam úmidas ao seu redor, brilhando no sono magnético da morte.
- 117 17. Não se identifique; permaneça imaculado; o concurso vai passar.
- 118 18. Não confunda as máscaras, uma ou outra, uma com a outra, pois são as suas máscaras de morte. No entanto, eles não têm rosto como o deus com patas pretas.
- 119 19. Este é o momento de obsessão precipitada. Segure firmemente a haste da Vontade estendida de modo que o desejo floresça sem fé, como aconselhado por Zos.
- 120 20. Esta meditação não tem propósito além da consciência de S'lba no estado de Bel-Aos.
- 121 21. Pois em Aossic é sempre conhecido; em Bel-Aossic, ele é conhecido apenas quando partículas do eu emergem em espectros isolados.
- 122 22. Então é destruído o Conceito Dualístico; em relâmpagos estilhaçantes, os pontos noturnos expiram. Uma estrela permanece. Uma verdade apenas.
- 123 23. Nada permanece. Seu Eu, esse Ponto, se dissolve; ainda assim você está.
- 124 24. Só o Ser permanece imóvel. Nada absorve, nada emana, pois nada nele permanece senão para se tornar o Impossível.
- 125 25. Quanto aos trabalhos em vigília: A sexualidade fez com que você desejasse o impossível, pois você desejava aquilo que não era.
- 126 26. Você alcançaria o Silêncio de S'lba?
- 127 27. Observe e fique quieto!
- 128 28. Self implica Não-Self; Homem implica Não-Homem. O Não-Homem aparece como Mulher, pois homem implica mulher. O sexo abraça esses conceitos; tudo como Zos mostrou.
- 129 29. Andrógino é conceito perfeito, obtendo totalidade em todos os estados porque resolve a ilusão de dualidade.
- 130 30. Mas o andrógino na zona de S'lba é Não-Perfeito e implica o Não-Homem como a Sombra de Fora. A mulher o abraça, portanto ela é o Portal.
- 131 31. Entre as estrelas ela alcança Ilyarun-bel-Aossic além do sexo, além da mente, além das nuvens da consciência terrestre.
- 132 32. A razão também é falsa, sendo apenas a base do triângulo terrestre.
- 133 33. Bel-Aos tem a mão, o polegar, o olho e a boca. O Falo está oculto no Ponto de Luz, o centro de um Círculo rodado na noite eterna, o coração de uma Estrela Negra invisível da Terra.
- 134 235 34. Yoni é corporificado em símbolos estelar-esplêndidos. Uma estrela construída para dentro; girando em seu núcleo derretido, ele agarra o Yod e alimenta a chama do vampiro.
- 135 35. Nasce um estado de Nenhum. A criança não conhece a si mesma, pois está sempre vindo.
- 136 36. Alcança a consciência no processo de se tornar o Não-Humano que não pode falar seu Nome.
- 137 37. Não pode expressar sua Palavra.
- 138 38. A Força libertada é irreversível e impossível de reabsorção Aquilo que a enviou.
- 139 39. É o Primeiro e o Último Girando antes da vinda do Ovo de Lam.

- 140 40. O zumbido silencioso, o grito do curiango. O Ovo circula no espaço, o Anel-Não-Passa além do qual a visão falha.
- 141 41. Além do limite dessa visão, os Filhos de Ísis giram.
- 142 42. Nenhuma mulher é necessária para esta realização se a Mulher for compreendida.
- 143 43. Ela é uma entrada para os Lugares Exteriores, e sua extensão.
- 144 44. Do Ovo irrompe um Grito; não o grito de qualquer Aethyr conhecido - e uma Chamada espiral.
- 145 45. Ele ecoa no Vazio de Vith e secreta um glóbulo meticuloso.
- 146 46. Que floresce em uma miríade de globos, as bolhas que vibram no sigilo do Mestre.
- 147 47. Essa concepção surge da fricção de movimento criada por S'lba em Seu brilho imóvel; e dentro do Ser o Ovo ferve.
- 148 48. Até que surja um inseto cujo zangão é conhecido. O Mestre certa vez o moldou para a meditação. 149 49. Do monte da base do Polegar, de seus glóbulos gêmeos em espirais crescentes fluem bel-Aos.
- 150 50. Mas desejo, não consumação, pois ao desejar um objeto o homem o torna. O homem não pode ter nenhuma imagem dessa conquista.
- 151 51. Sem ser perturbado pelo desejo, rejeitando o desejo, perceba aquilo que o desejo oculta. Perceba o self completamente cortado desde a concepção.
- 152 52. *Tudo é a Palavra e o Ser é Nada.*
- 153 53. No silêncio silencioso saibam que conhecer o Ser é conhecer Tudo e Nada, pois o Ser Nada é nem um nem outro, e além de ambos no Devir não móvel .

IV

- 154 1. Foi decretado: Que o Templo seja purificado; que os falsos deuses sejam expulsos.
- 155 2. Todos os deuses, sendo concepções do Eu, são verdadeiros; eles ganham vida em momentos de exaustão.
- 156 3. Mas chegam os tempos em que os templos desmoronam, os ídolos caem e só eu fico.
- 157 4. A poeira dos Antigos Escolhidos deve dançar novamente. No vento que se contorce, brilhante com a chama congelada do espaço , o amorfo novamente se formará, o adormecido novamente despertará.
- 158 5. Você vai dormir!
- 159 6. Na coluna de chamas você será levado à ilha titânica.
- 160 7. Em meio a tempestade, naufrágio, espuma de neve e sangue do mar.
- 161 8. Você vai unir o ouro e o malva. O Lama deixará seu trono; o polegar vai tremer, e o olho jorra fogo.
- 162 9. Mas não diminua o vôo; estar gloriosamente perdido. . .
- 163 10. Você está se tornando.
- 164 11. Esta é a hora!
- 165 12. O duplo poder!

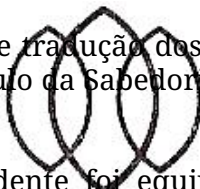
- 166 13. Invoque AGORA, pelo Sinal de Aossic.
- 167 14. Não destrua, nem crie. Somente dentro da mente noturna, o Desejo alcança Aossic.
- 168 15. Compreenda que o Eu é Tudo e adore Tudo; pois, ao se vestir com diversidade, o prazer é alcançado em um amor incomparável.
- 169 16. Não deseje nada e tudo será seu. O desejo por qualquer um dos dois implica a não realização da Visão de S'lba.
- 170 17. Tornar-se é tudo o que você pode fazer.
- 171 18. Opte cada ideia contra seu oposto e em sua abolição conheça a razão como confusão pela natureza de seu ser.
- 172 19. É, porque equilibrado. Seu equilíbrio é mantido por idéias antagônicas, concepções sempre surgindo das causas de seus conflitos.
- 173 20. Desintegração da Forma na Loucura é a Vitória alcançada pelos Corvos da Dispersão.
- 174 21. Perfure ainda mais fundo até que as próprias paredes da mente desmoronem e caiam.
- 175 22. Dentro desse Golfo S'lba prazeres só e invioláveis.
- 176 23. Você não pode deixar de se tornar.
- 177 24. Para permanecer unido à fonte do pensamento, não assuma as máscaras. Este é o primeiro passo; é também o último.
- 178 25. Aossic alcançado por meio do Não-móvel Tornar - se produz o conhecimento da Impossibilidade e a chave para a Esfera da Não Necessidade: a realização do Prazer na explosão do Eu, como a Águia Negra instruiu o Zos no Livro daquele Nome.
- 179 26. Seus poderes são incalculavelmente mais vastos do que qualquer coisa imaginada. Você imaginou S'lba! - pois S'lba não pode ser conhecido.
- 180 27. Polegar, olho, boca, mão. Estas são as chaves mágicas, e o modo místico de abrir o Portal é formulado por Zos em um glifo secreto guardado pela sombra de uma bruxa da água.
- 181 28. Abra o portão e chame o vento; a escuridão retrógrada responderá.
- 182 29. O Chamado gera um limo como um fungo luminoso que irá aderir ao Portal. Um inseto curioso pairará e atrairá mais de sua espécie com seu zumbido. Eles são simulacros dos besouros conhecidos, mas desconhecidos, do Mestre e do Lama.
- 183 30. Esforce-se para não capturá-los. Eles são postos avançados da raça qliphoth; precursores dos Filhos de Ísis.
- 184 31. Eles tecem fios estranhos como as Aranhas de Besqul, mas não são aranhas e as linhas que traçam não têm afinidade com os Vevers dos Violentos que se alimentam de carne e não conhecem as sutilezas de S'lba.
- 185 32. As linhas conduzem abaixo. Como está escrito : . . .
existem tronos sob o solo e os monarcas sobre eles reinam sobre o espaço e além. Invoque-os nas Trevas, Fora dos Círculos do Tempo. No Silêncio, no Sono, nas Conjurações do Caos, o Abismo responderá. . .
- 186 33. Enquanto o Olho sangra suas lágrimas, a Boca seu sangue; assim também o Ovo de Lam, envolto em lodo, libera oL 
- 187 34. Esses espectros são inofensivos, mas seu sangue é devastador. Beba-o lentamente, antes que sua luminosidade diminua totalmente.
- 188 35. Eles são os ladrões de sua Força no mundo desperto; eles não podem sonhar.
- 189 36. Volte-se para dentro. Não deixe o sangue emergir, mas restrinja o Polegar até que a Noite de Ísis caia.
- 190 37. Incerto é tudo o mais. Obsessão espreira fora.

- 191 38. Por dentro, tudo está calmo, pois Tudo foi superado, não é, é o resíduo da Bem-aventurança no parapeito de Vith.
- 192 39. Agora assuma Pose Bel-Aossic simbolizando S'lba, o estado de Tornar-se resultante da consciência.
- 193 40. A garra cerrada na Cabeça, a garra esquerda no Lugar de Poder, polegar ereto.
- 194 41. Esta é a Postura Suprema, a postura do Eu na bem-aventurança do Devir.
- 195 42. Deixe um minuto passar. Outro. Logo, se flexionado corretamente, músculos contraídos, cabeça para trás pressionada, pulso atômico, a exaustão sobrevém, a terra sua cama o céu seus sonhos.
- 196 43. No sono mágico, proceda com cautela. Só Aossic deve estar dentro de você. Seu sigilo brilha como a pirâmide de Vith.
- 197 44. Afunde-se no Grande Interior, onde as Profundezas sonham dormindo emaranhado de algas .
- 198 45. Um círculo de luz gira em torno de você. É o Círculo no Signo de Aossic, prenheda ninhada de Ísis.
- 199 46. Observe a torre se alongando se afastando do Golfo. Eles são o eu e o O separando na objetividade.
- 200 47. As espirais do basilisco; As aóssicas sibilando; Ixaxaar!
- 201 48. Agora a lua aparece, nova, uma foice argêntea.
- 202 49. Além de sua curva não há nada, aniquilação, absorção na Luz de Ilyarun.
- 203 50. Este Sigilo é lembrado na bem - aventura do Devir não móvel .
- 204 51. Ele passa das trevas para as trevas, as trevas que não morrem, que são mais brilhantes do que Ra-Thek.
- 205 52. Este Sigilo sela a Esfera Externa de Mauve, conhecida apenas no amor secreto de S'lba.
- 206 53. IBA!

14

A Gnose Mística de S'lba

A palavra S'lba é uma tentativa de tradução dos personagens mágicos que aparecem no versículo 16 do segundo capítulo da Sabedoria de S'lba, entre os sigilos de Aossic e Ilyarun.



O emblema em forma de tridente foi equiparado à tríplice língua de fogo do Espírito representada pela letra *Shin*, cujo valor é 300. O caractere que se assemelha ao signo do planeta Venus foi lido como *Lamed*, a letra de Vênus. O sinal em forma de b foi lido em seu valor de face, *Beth* = 2; e o pentagrama quebrado que sugere a letra A, pentalfa, igual a *Alepb* = 1 . S'lba assim = 333, o número de Choronzon,¹ e de ShGL, o chacal ou raposa típica de Set. ShGL é o nome de um metal associado ao Dark Twin of Sirius, Sirius 'B'. 333 é também o número de Ixaxaar, o *Sixtystone*² que invoca o Qliphoth.

Se a letra inicial de S'lba for lida como *Satnekh*, 60, a numeração total é 93. Em ambos os casos, há uma indicação inequívoca de que a Inteligência por trás da transmissão é idêntica à corrente mágica informando a Gnose Tifoniana / Thelêmica. 93 é o número de UWAISI (Cf.Aiwass), um termo árabe que significa 'iniciação', um '*professor desencarnado*'. É também o número de ChAYOGA, o 'Yoga da Sombra'. 93 é o número de KANAKA, deuses da Polinésia "adorados com ritos sexuais que geraram uma raça de seres que viveram na terra até desenvolverem a 'aparência de Innsmouth' - olhos de peixe e cara de sapo que finalmente voltaram para o mar para se juntar ao Grande Cthulhu nas profundezas".³ Há também o Arab OKBA, 93, 'um espírito maligno ou mágico'; a palavra é aliada ao OGBH caldeu, 'amor imodesto' ou 'relação sexual ilícita (isto é, proibida)', indicando, no presente contexto, o tráfico com entidades não terrestres . 93 é o número de MGN, Magonia, fonte dos Maskim que, de acordo com o *Necronomicon*, 'ficam à espreita sobre as fronteiras do mundo'.⁴ Os Maskim, que são as qliphoth das zonas de poder planetárias, conectam-se com o Lama de Lêng (LAM) através do número 171, que denota a invocação de entidades alienígenas pela forma ula de magia sexual.

¹ Veja o Glossário.

² Veja *O Romance do Selo Negro* (Machen) e *Fora dos Círculos do Tempo* (Grant).

³ *Strange Eons* (Bloch), p.29. O 'look Innsmouth' é uma expressão usada por HPLovecraft; veja sua *sombra sobre Innsmouth*.

⁴ De acordo com o *Necronomicon* (recensão de Schlangekraft), os Maskim são os "Sete Senhores das Sombras e das Profundezas dos Mares que uma vez reinaram sobre Magan".

A pronúncia de S'lba era invariavelmente recebida⁵ como SHilBA, o 'i' sendo fonético e mal articulado, o BA terminal sendo fortemente enfatizado. Quando o 'i' é incluído para a análise cabalística, as avaliações do nome são, respectivamente, 343 e 103.

343 é o cubo de 7, o grande número dos Deuses (os Antigos), e da frase VIAMR ALHIM, 'E Deus disse ...'.⁶ 343 denota ZPRVN, 'um cheiro doce', que descreve um atributo da sacerdotisa que, no ritual tântrico, é conhecida como *suvasini*, 'mulher de cheiro doce'. A referência aqui é para o aspecto olfativo das cores (*kalas*) que o *suvasini* emite durante o rito, e que sinaliza a transição de uma dimensão para outra.

S'lba denota, às vezes, o Eu Absoluto refletido como uma deusa do espaço, uma forma especial de Ísis e de Nuit (Nu Ísis) no reino sombrio de mutações conhecido como Zona Malva.

O número 103 é o de ALMALA, a 'Alma do Não', que é S'lba. Um método de alcançar essa alma (o *ba* de S'lba) está oculto na palavra Almala, que pode ser parente do grego *hallomai*, "pular ou pular", sugestivo dos voltigeurs e da fórmula batráquia dos Profundos. Almala é também um lema de Frater Aossic, assumido muito antes da transmissão desta *Sabedoria de S'lba*. Também pode ter a ver com a 'vinda' do éon de Maat (Ma), que, indicado aqui entre o AL e o LA, sugere uma fórmula secreta dos éons que ainda não foi totalmente elaborada. 103 é, além disso, a avaliação de ALLALIA,⁷ uma forma de *Alalia*, 'Não Falando', e de MABYN, o 'Bebê Coroado', ou seja, a 'Criança Coroada e Conquistadora', que, como 'o bebê no ovo' e incapaz de pronunciar uma palavra, simboliza o logos não humano nascido de Not (Nuit), a *criança-estrela*. 103 contém 13 e 31, com todas as implicações altamente importantes que esses dois números têm para a Tradição Tifoniana. A correspondência de Frater Achad é particularmente rica no que diz respeito a esses números, como foi mostrado em *Cults of the Shadow*.⁸

Em conexão com o presente breve relato da *Sabedoria de S'lba*, o leitor é avisado que quando um versículo particular é citado, o numeral romano indica o número do capítulo, o número árabe indica o versículo em questão e o número em itálico indica o número de série do versículo na coleção de versículos como um todo.

O primeiro capítulo trata da identidade mística de S'lba e Bel. Esses termos podem ser considerados como tendo aqui significados semelhantes às noções hindus de Atman e Jivatman, semelhantes, mas não idênticas. O capítulo apresenta uma análise da Consciência, da qual apenas três estados são, ou podem ser, vivenciados pelo homem: o estado de vigília, o sonho e os estados de sono profundo.

A única possibilidade de alcançar uma compreensão coerente do homem e do universo é abandonar, de uma vez por todas, as interpretações ilusórias fabricadas por sistemas que operam dentro da estrutura da dualidade.

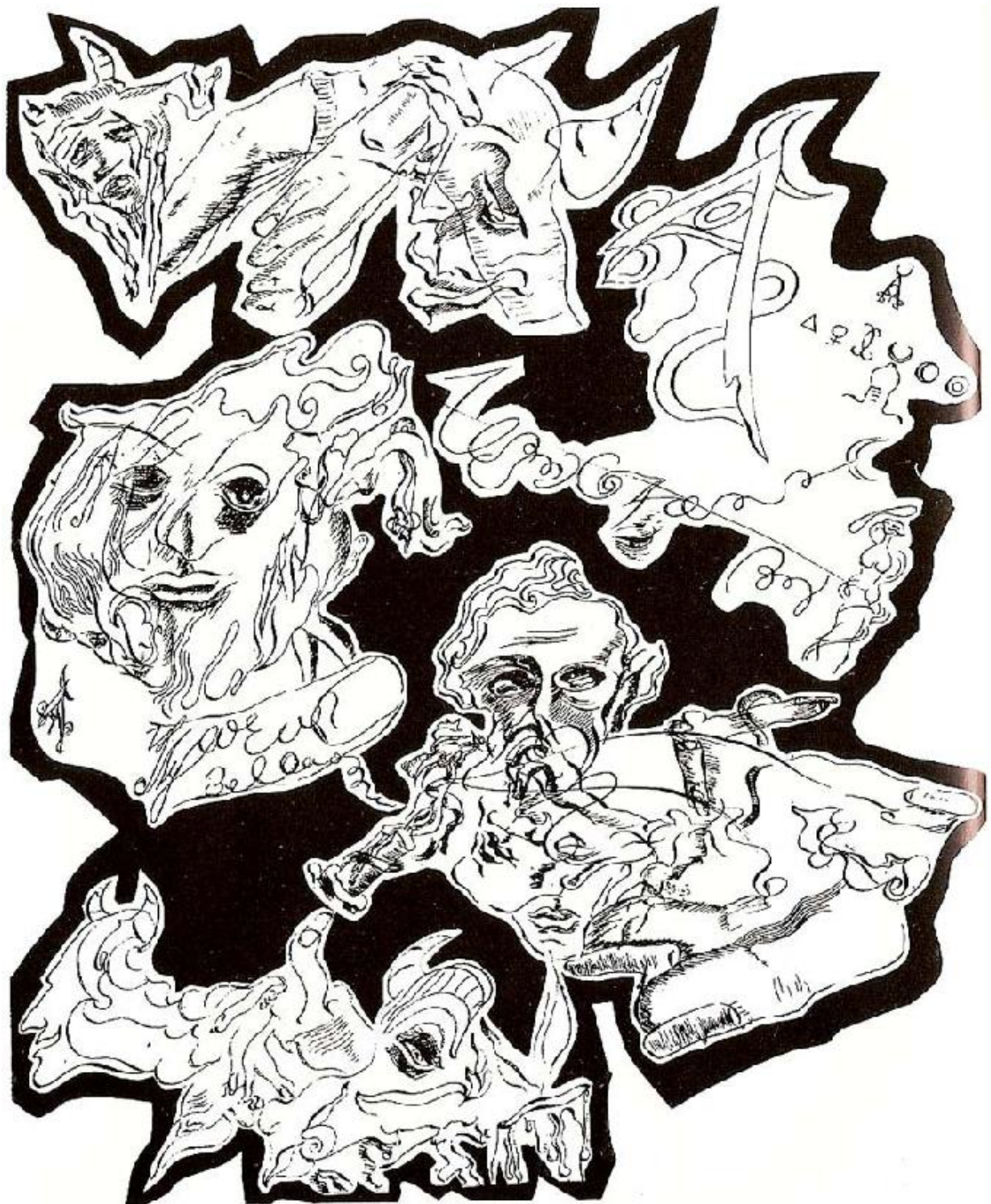
Do ponto de vista da metagnose, ou verdadeira metafísica, a ciência não é menos uma superstição do que a religião. Ambos levaram o homem ao pântano em que ele agora se debate. A ciência aumentou o medo de e por este mundo, enquanto a religião se iludiu com vagas esperanças pelo próximo. O segredo de *tudo* está na consciência. Até que as investigações sejam despojadas de inessenciais, científicas e / ou religiosas, a Realidade permanecerá obscura. O único fato do qual temos experiência direta, imediata e contínua é a percepção da consciência. A chamada inconsciência não existe. Fora da consciência, nada existe para nós.

⁵ Várias sacerdotisas pronunciaram o nome, independentemente umas das outras, durante Workings of New Isis Lodge.

⁶ *Gênesis*, I.3.

⁷ Veja *Cultos da Sombra* (Grant), cap.8.

⁸ Ver nota 1.



Ao acordar, sonhar, dormir, o fator comum é a consciência; é a Realidade subjacente aos três estados, que são os únicos estados que conhecemos. No sono profundo e sem sonhos, a consciência é pura percepção, isto é, não contaminada pelo movimento. Nos sonhos, a consciência aparece como imagens ou objetos sutis; em vigília, como objetos grosseiros. Não existe uma linha precisa de demarcação entre os dois últimos estados. Daí a necessidade de cultivar *viveka* (discernimento) intenso e vigilante. *Viveka* é repetidamente aconselhado nos textos *Madhyamaka* e *Vedantic*. Denota discriminação não apenas entre objetos da mesma dimensão, subjetivos ou objetivos, mas entre objetos que surgem na vigília, no sonho e na pura subjetividade que caracteriza o terreno sobre o qual eles aparecem. Esse solo, quando velado na escuridão do sono, parece, do ponto de vista da vigília e do sonho, estar desprovido de consciência, ou seja, inconsciente. O que normalmente é considerado um vazio, um hiato, é na verdade tudo o que somos, Consciência Pura, às vezes chamada de Ser; em nosso texto, S'lba. O Ser é Consciência não objetiva, sem objeto ou sem objeto. É a mente desprovida de pensamentos.

Self é subjetividade básica; não sujeito, não objeto, mas o substrato de ambos, que são meras aparências criadas na consciência pelo senso de identidade da mente com um 'corpo' particular. Esse senso de identidade é o ego, ou pseudo-self.

S'lba, então, é pura Consciência indiferenciada.

Por que a objetividade parece existir? Por que os pensamentos (objetos) aparecem, pois tudo é apenas uma 'aparência', como a palavra fenômeno significa. Os fenômenos ocorrem devido a agitação ou movimento na calma expansão da Mente. Quando a mente está tranquila, quando os pensamentos diminuem como no sono, então a Realidade é revelada, e isso é S'lba. Ele é obscurecido pelos pensamentos como o sol é obscurecido pela interposição de um mero dedo entre ele e o olho. Daí a definição de Patanjali de Yoga como a "supressão sistemática do princípio do pensamento". ⁹

Quando a Mente está clara e é capaz de detectar o irreal no Real, ou os pensamentos na Consciência, ela se torna ciente daquilo que no sono é confundido com um vazio, um lapso de consciência, inconsciência. Mas não é nada, é a própria Realidade. Torna-se necessário, portanto, compreender que esse estado livre de pensamentos é o ser real da pessoa; que não é um estado, mas eterno, sereno e ilimitado, e totalmente *Consciente*.

Os três veículos da Consciência (conforme aparecem no estado de vigília) são identificados como corpo, mente e consciência. Quando a consciência é identificada com o corpo, então a consciência das "coisas" é experimentada. Mas quando a posição está em Consciência total, a consciência não é mais experimentada individualmente, mas cosmicamente, universalmente; não personalizado, mas impessoal. É então como sempre foi e será - o Eu Verdadeiro.

O Real é aquilo que nunca muda, nunca desaparece, nunca aparece e, portanto, nunca desaparece. É Ausência Absoluta e S'lba é Aquilo, ou, falando corretamente, ISTO, pois é o que somos, aqui e agora e para sempre. Quando isso é realizado de forma contínua e ininterrupta, a experiência é conhecida como *Sahaja Samadhi*, nosso estado natural. Todas as outras formas de samadhi, sendo estados da mente, não transcendem este nível fenomenal. Eles aparecem e desaparecem; eles não são reais'. Mais corretamente, eles são reais apenas na medida em que a Consciência é sua base, pois a Consciência é o que eles são. Todos os estados, exceto *Sahaja Samadhi*, são, portanto, antinaturais, ilusórios. Quem não entendeu isso não está completo; é, de fato, louco, pois supõe ser real o que não é. Sobre essa ilusão, o homem ergueu todo o edifício de sua ciência, sua filosofia e suas relações com seres tão ilusórios quanto ele.

O objetivo das culturas espirituais genuínas ¹⁰ é, portanto, capacitar o homem a experimentar com *total consciência* um sono profundo e sem sonhos. Isso só é possível quando o verdadeiro discernimento (*viveka*) facilitou a iluminação plena, ou estado de Buda.

Os objetos nos sonhos parecem ao sonhador tão reais quanto no estado de vigília. Isso ocorre porque a Consciência é a sua base, e a Consciência é a senciência, que, projetada, parece transmitir realidade ao objeto. O objeto nada mais é do que consciência e não existe fora da consciência; a 'coisa' é uma mera ilusão, uma *aparição*. A mente quiescente é pura Consciência. Para a mente não iluminada, a mente quieta aparece como o vazio e a ignorância do sono. Isso se deve à identificação da mente e do corpo com o ego, a mente pessoal, que não existe no sono. Quando a identificação incorreta cessa ou é reconhecida como tal, a Consciência (Ser) é experimentada no estado de vigília como a Realidade subjacente, imortal, intemporal, sem espaço e refulgente.

A manifestação física da Consciência é Luz. Sua realidade metafísica é o LVX dos Gnósticos, o *Jnâna* dos *Advaitins* , o *Buda* dos *Madhyamikas*, o *Ain Soph Aur* dos Cabalistas. O sono profundo aparece como inconsciência, como escuridão, apenas para o homem que identifica a consciência com os objetos, o primeiro e mais importante dos quais é sempre o objeto que leva seu nome e atributos. Se este 'objeto', que ele erroneamente considera como sendo ele mesmo, pode ser entendido como o lado subjetivo da relação sujeito-objeto que surge na consciência quando a mente está ativa, ¹¹ a iluminação ocorrerá. A mente em movimento é pensamento. Para apreender a Realidade é necessário discriminar entre pensamento e consciência, entre Mente e seu conteúdo.

Estamos agora em condições de compreender como a assim chamada inconsciência parece existir apenas quando é considerada a partir do estado de sonho e do estado de vigília, ambos os quais são estados de mobilidade mental. O assunto pode ser resumido da seguinte forma:

1. Se alguém olhar através dos órgãos dos sentidos, objetos grosseiros aparecem. Este é o estado de vigília.
2. Se alguém olhar através da mente, objetos sutis (pensamentos) aparecem. Este é o estado de sonho.
3. Se alguém vê com a Mente Quiescente, apenas o vidente permanece, e ISSO é a Consciência. Para os não iluminados, esse estado aparece como sono; para os iluminados, ela aparece como Realidade.

A *Sabedoria de S'lba* apresenta essas idéias em termos relevantes para a metagnose do Novo Aeon.

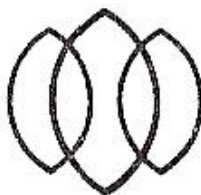
Foi necessário, portanto, esboçar brevemente a base mística de S'lba, embora estejamos mais preocupados aqui com as fórmulas mágicas pertencentes aos Portais Externos para os quais a Sabedoria fornece as chaves.

¹⁰ Por trás dos sistemas religiosos mundiais exotéricos estão culturas espirituais genuínas, sua vitalidade, sua verdade. No hinduísmo, é *Advaita Vedanta*; no budismo, o *Madhyamaka*; no Maomedanismo, *Sufismo*; no Cristianismo, *Gnosticismo*; no Judaísmo, *Cabalismo*.

¹¹ Ou seja, quando está pensando.

15

Fórmulas mágicas de S'lba



O segundo capítulo da *Sabedoria* apresenta [II.10 (57)] a Concentração do Polegar, familiar às populações de *Zoos Kia Cultus*.¹ No versículo 11 (58), a prática está associada ao aparecimento, no sono magnético que se segue à Concentração, de uma névoa mágica e luminosa na qual o praticante está tão perdido "quanto aqueles Gloriosos". Esses são os *Khuti*, os Iluminados, que desaparecem em outras dimensões. A pálpebra caída no sono refere-se ao yoni da sacerdotisa se fechando como a tampa do caixão de Osiris, que reina Fora, saudando o retorno dos Filhos de Ísis.

A Nova Sexualidade² implícita neste modo de magia envolve fatores incompreensíveis para o mago que não atingiu Bel-Aossic, isto é, o segredo de manifestar no Exterior o *ba*³ de S'lba. Uma pista está no número do versículo, 11, e no olho ou O da Sacerdotisa. A letra O significava para os antigos o número *onze*.⁴ Esse número denota as "cascas malditas que só existem sem a Árvore divina",⁵ frase que indica as Qliphoth e o local dos ovos, ou cascas.

É evidente a partir de AL, II.49, que o "bebê em um ovo" é o anão na cápsula espacial. No *Livro dos Mortos* egípcio, ele é celebrado assim: "Ó Tu que estás no Ovo, que brilha no teu disco ...". Os OVNI's são freqüentemente descritos como naves em forma de ovo ou simplesmente como conchas.

O número 11, de acordo com Crowley, é "o número geral de Magick, ou Energia que tende à Mudança". A mudança é precisamente a transição de uma dimensão para outra sinalizada pelas cores mutáveis dos Iluminados, conforme eles passam pelo portal da morte para reaparecer em outra dimensão. A morte de Osiris simboliza essa mudança. Além disso, onze denota o Um além de dez.⁶

O número de série, 58, confirma nossa interpretação deste versículo. 58 é o número de ChN, um notador de *Chokmah Nesethrah*, a 'Sabedoria Secreta'.⁷ KLCh (58) é equivalente a 'a Virgem', a 'noiva', Ishtar; em termos mágicos, a sacerdotisa em transe ou não desperta. 58 é NGH, a Vênus dos cabalistas. Ela tem uma conotação especial na Gnose Tifoniana, pois Vênus é o lar da raça da serpente, cujos membros terrestres usam a Corrente Ofidiana.

¹ Ver *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant).

² A expressão é de Spare.

³ Essência ou alma (egípcio).

⁴ Veja *The Holy Kabbalah* (Waite), p.423.

⁵ *Ibid.*

⁶ ou seja as dez Sephiroth e os 22 caminhos (da árvore). Veja *Aleister Crowley & the Hidden God* (Grant), cap.1.

⁷ Ver a exegese de Frater Achad, discutida em *Cults of the Shadow* (Grant), pl.9.

II.13 (60) alegoriza a fórmula da meditação do polegar que foi representada por Austin Osman Spare e por Soror Ilyarun. ⁸

Os principais pontos de interesse para o presente estudo estão contidos nos capítulos III e IV da *Sabedoria*, mas antes de considerar os versos relevantes, certos pontos dos capítulos I e II devem ser especialmente observados à luz do material recebido durante os trabalhos mágicos de Nova Loja Ísis após a transmissão da *Sabedoria de S'iba*.

O Círculo da Lua mencionado em I.8 ⁹ é o Círculo Kaula descrito na recensão Chandrakala de um texto Tântrico que desempenhou um papel vital no funcionamento da Loja New Isis. ¹⁰ Como o círculo lunar é formado e a natureza daquilo que ele envolve, surgirá no devido tempo. Aqui é necessário notar que é a *Própria* Ísis quem comanda (I.18): “*Que a Palavra da Tua Vontade seja a Verdade de Si Mesmo!*”, Fórmula que pode ser entendida como o cerne do Ensino da *Sabedoria*. É complementado pelo único outro versículo enfatizado, III.52 (53): “*Tudo é a Palavra e o Ser é Nada*”. Se esses dois versículos forem levados em consideração, muitas contradições aparentes no texto serão resolvidas.

Do verso I.39, S'iba, de ser considerado como um princípio abstrato ou neutro, agora assume a forma feminina. Esta é uma concessão ao nosso modo dualístico de pensamento. A Deusa, como o Círculo da Lua, retoma a Gnose Ofidiana implícita no versículo número 39 ou três vezes treze. Sendo o reflexo de 93, 39 também denota a magia dos Caminhos Retrocedentes da Árvore da Vida. É significativo que o reflexo de *Silba*, *Ablis* ou *Eblis*, denota o Duplo ou Diabo, o Iblis dos árabes. 39 é o número de GVL, 'mover-se em círculo', o círculo lunar envolvendo os Filhos de Ísis mencionado pela primeira vez em I.42. 42 significa a Mãe Negra, a Mãe da Noite, a Lua. Também significa ChDL, *Hades*, *Amenta*, *Erebus*, e lembra os Salões de Eblis com seus:

sombrias torres de vigia, cujo número não pôde ser contado. Eles não eram cobertos por nenhum telhado; e suas capitais de uma arquitetura desconhecida nos registros da terra, serviam de asilo para os pássaros da noite. ¹¹

A Deusa Negra é outra forma de sacerdotisa não fertilizada ou não desperta em sua dormir.

O segundo capítulo contém alusões a *Zos*, *Zos Kia Cultus* e à meditação do polegar. As três imagens mencionadas anteriormente ¹² revelam o mecanismo de uma fórmula transmitida a Spare via Black Eagle. The New Sexuality, II.12 (59), também é um legado de Black Eagle. 12 é o número de *Beth*, o *Pa* anterior ou *casa* hieroglífica representada pelos egípcios como o *bu-t* ou vagina, indicando neste contexto o instrumento mágico da Nova Sexualidade, como de fato da Antiga. A diferença é que na Nova Sexualidade o órgão é usado intensamente, mais como um Portal do que como um instrumento de prazer e / ou reprodução terrestre.

Muitas correntes díspares de conhecimento oculto convergem e se misturam na *Sabedoria*, e algumas delas fluem de fontes improváveis. Os Filhos de Ísis, a Nova Sexualidade, a Concentração do Polegar são familiares aos devotos da Tradição Tifoniana, assim como o conceito do Abandonador dos Caminhos Retrocedentes. Aqui as influências são *New Isis Lodge*, ¹³ *Zos Kia Cultus*, ¹⁴ e os ensinamentos de *La Couleuvre Noire*. ¹⁵

⁸ Veja *The Book of Pleasure* (Spare), pp.20 e 35, e *Cults of the Shadow* (Grant), pl.9.

⁹ I.8 ou 18 é o 'Princípio Ísis', a chave secreta de Ísis; a Serpente Dupla (S3) com a Baqueta ou Bastão (I), o Poder Fálico. Veja *Genesis* (Wood).

¹⁰ O leitor deve consultar a página de Agradecimentos e a Introdução de *The Magical Revival* (Grant). Veja também o próximo volume da presente série; capítulos sobre *Sri Chakra*.

¹¹ *Vathek* (Beckford), p. 107

¹² Ver nota 8.

¹³ Uma célula da Ordem Tifoniana Oculta fundada por Kenneth Grant em 1955.

¹⁴ Fundado por Austin Osman Spare e Kenneth Grant, 1948.

¹⁵ Veja *Cultos da Sombra* (Concessão), Capítulos 9 e 10.

II.13 (60): Os 'Gloriosos' são os *Khus*, ¹⁶ as luzes às vezes associadas aos ufologicks. O número do versículo indica claramente a natureza Tifoniana dos fenômenos. Os globos de Yog-Sothoth são treze, e o sinal para invocá-los inclui Olyaram, uma forma de Ilyarun, que é sigilizado em *S'lba*. 60 é o número do Ixaxaar ou Sixtystone referido por Solinus ¹⁷ e usado na evocação da qliphoth. 13 é AchD, 'unidade', 'um', que somado a 60, produz o número de DAHNA, o Deserto Carmesim, uma forma da Zona Malva. É considerado infestado por "espíritos malignos protetores e monstros da morte". ¹⁸ O Sigil of S'lba não é dado. Podemos supor que deve ser construído de acordo com os princípios sugeridos pelo versículo 15 (62)? 15 é *Yod-Hé*, o complexo *yab-yum*, um esboço do Andrógino (mais tarde a ser exaltado) que tipifica o contato com a Inteligência não humana. 62 é o número de Kalahad, uma variante Tifoniana de Galahad ¹⁹ que demonstra a ligação natural entre o Graal e o Kala de Had (Set) que forma seu conteúdo. Esta equação fornece evidências para o caráter tifoniano das lendas Graal e sua associação com a Ordem dos Cavaleiros Templários. 62 também é igual a ZNH, 'prostituta' e *emissor de sêmen*; também, NAVH, 'nave', 'arca', 'útero', 'umbigo'; também significa 'cura', a característica predominante do Graal.

Uma Caverna de Iniciação [II.16 (63)] foi descrita em *Fora dos Círculos do Tempo*, capítulo 8. No momento em que vi o Sigilo de Aossic, os nomes que o acompanhavam, S'lba e Ilyarun, não estavam na linha direta de visão. Ou eles estavam vibrando em um comprimento de onda além do alcance da consciência astral? Parece que sim. O número do versículo associa a percepção com os *kalas*, dos quais existem dezesseis. ²⁰ Este é o número de ZVG. ²¹ Na versão Dunsaniana da cosmografia astral, os Zugs, ou Zoogs, são entidades furtivas que conhecem "muitos segredos obscuros do mundo dos sonhos e alguns do mundo desperto".

O versículo II.18 (65) apresenta a Zona Malva. Este conceito já está influenciando várias técnicas mágicas, especialmente desde que o mecanismo de 'acessos de raiva tangenciais' ²² tornou-se operante no funcionamento da Loja New Isis. A Zona Malva é criada a partir do Caos depois que a dissolução da mente deu acesso à consciência cósmica. É imaginado na *Sabedoria* como um deserto de areia acima dos Túneis de Set.

Como observado anteriormente, a Zona Malva é, ou se aproxima do Dahna árabe, onde se escondem as Qliphoth. É significativo que o versículo seguinte, o versículo 66 do texto como um todo, introduza o besouro, que assombra as tumbas do deserto e um zootipo de Ísis. Não é surpreendente, então, que o versículo 20 alude a Nuit como associada ao 93 Current, Nu-Isis e *Zos Kia Cultus*. Este último foi especialmente adaptado para a reificação de karmas passados, particularmente os karmas alados mencionados em II.23 (70). ²³ Estes são evocados de Backward Darkness ²⁴ pela fórmula do XI^o OTO, que cria monstros. ²⁵

O número 23 fornece uma chave para a natureza da qliphoth encontrada nos ~~túneis associados com o~~ besouro, o morcego e o pássaro do inferno mencionados em II.31 (78). 23 é o número do Caminho do Enforcado, símbolo do *viparita maithuna* ²⁶, símbolo do Caminho de *Volta*. O Enforcado também é o Homem Crucificado. O símbolo denota o lugar da passagem do Homem para o que está além do Homem. No Culto de Maat, esse caminho está relacionado ao IPSOS, o caminho do sangue tipificado pelo abutre. 23, portanto, significa o ponto de transição para algo além, ou Fora, denotado pelo número 24 em

- ¹⁶ Veja o capítulo 4.
- ¹⁷ Consulte *Fora dos Círculos do Tempo* (Concessão), p.215.
- ¹⁸ *Finalmente* Lovecraft (Lovecraft & Conover), p. 106
- ¹⁹ Veja, para esta ortografia, *A Igreja Oculta do Santo Graal* (Wake).
- ²⁰ Veja *Cultos da Sombra* (Concessão).
- ²¹ Christopher Johnson aponta que ZG está conectado através da raiz hebraica com conchas e carapaças, ligando assim essa ideia com a das Qliphoth. (Ver Fabre D'Olivet, *The Hebraic Tongue Restored*, p.340).
- ²² Analisado na *Fonte de Hecate* (Grant).
- ²³ 70 = Ast (Asat), Ísis. *Asat* (Skt.) Denota 'não-ser'.
- ²⁴ 70 também é igual a HKLIH, 'obscuro', 'escuro'.
- ²⁵ Deve-se enfatizar que a fórmula do XI^o O.T.O. não tem componente homossexual. Veja, a respeito de monstros e Ufos, *Strange Creatures from Time & Space* (Keel), *The Mothman Prophecies* (Keel).
- ²⁶ Lit. 'coito de cabeça para baixo'.

pelo qual passa. Este número, 24, aparece freqüentemente em conexão com fenômenos UFO relatados. ²⁷ O pássaro do inferno é apenas outra forma de OVNI.

A frase “beber as cores de Ísis no Deserto de Set no tempo do pássaro do inferno”, esconde uma fórmula complexa. Os números 31 e 78 pertencem à Corrente 93 e ao Atus de Thoth, que contém todas as cores (*kalas*) do Universo. ²⁸ 31 é a soma das iniciais em grego do termo 'Mulher Escarlata', ²⁹ aquela que retoma os *kalas* na forma corporal da sacerdotisa. 78 é *Mezla*, a influência de além, ou Exterior (a Árvore da Vida); é o número originalmente atribuído por Crowley ao Externo, Aivas. 78 também denota *M'bul*, 'águas do dilúvio', significando neste contexto a sacerdotisa em seu fluxo. Isso foi expresso macrocosmicamente como “derramamentos periódicos de impurezas astrais na terra; períodos de crimes psíquicos e iniquidades, ou de cataclismos morais regulares”. ³⁰ 78 também é igual a KLChK, 'lamber, beber', uma parte integrante da fórmula.

Na frase “tempo do pássaro do inferno”, 'tempo' é usado no sentido de 'tempo da mulher'. Os *kalas* ou cores são simbolizados pelo pavão, um zootipo de Shaitan. As manifestações dos *kalas* decorrem da aplicação da fórmula alquímica da XI^o OTO. Os *kalas dos* pássaros são relevantes para Set, neste contexto, e também os *karmas* dos pássaros. O 'chifre' é o falo de Set, tipificando a parte dianteira da Constelação da Ursa Maior. Levaríamos muito longe para entrar aqui nos aspectos astronômicos desse simbolismo; isso foi tratado em profundidade por Gerald Massey, cujo trabalho é indispensável para a compreensão da Tradição Tifoniana. 'Inferno' é o *Amenta* egípcio, um tipo de subconsciente. ³¹ O pássaro do inferno como uma entidade alada do subconsciente ³² concorda com a solução 'psíquica' do enigma OVNI defendida por Keel, Vallée e outros. Mas a *Sabedoria de S'lba* contém a fórmula real da evocação ³³ do pássaro. O Adepto é aconselhado a absorver os *kalas* de Ísis por meio do XI^o, no momento do Sono Mágico, quando a sacerdotisa está em transe e ativa no 'inferno'. Porque nessas horas ela se parece com um cadáver. O simbolismo da fórmula ³⁴ sugere a alguns praticantes uma forma de necrofilia. A ilusão é reforçada pela presença, nas Santas Casas dos Mortos, do besouro, com o pano de fundo acompanhante de abutres e morcegos-tumbas que supostamente bebem 'o sangue de Ísis'.

A Zona Zos Kia, a Escuridão para trás ou a Escuridão Externa [II.25 (72)] e o Deserto de Set completam o cenário. 72 é o número de La-ma que significa o Superior ou Superior: o de fora. Fora do quê? 72 é o número de espaços de 5^o contidos pelo zodíaco. A implicação é que o Lama (LAM) está além desses espaços.

O Templo de Ísis é mencionado no versículo II.19 (66). 66 é o número místico das conchas (Ufos) e de Tutulu. ³⁵ Este versículo contém indicações enfáticas de que o simbolismo Thumb / Tower / Teitan esconde a fórmula para invocar as Qliphoth através do portal externo que é aqui comparado ao Cabelo de Nuit através do qual 'grita' o Deus. ³⁶

O vento que “resfria Sua Massa” refere-se a um processo alquímico aplicado à Primeira Matéria da Obra. Em um ritual realizado no New Isis Lodge, a manifestação,

transição e mutação dos *kalas* ocorreram com força dramática. Como o Trabalho continha alguns dos recursos essenciais para evocações em

²⁷ Veja *OVNI: Operação Cavalo de Tróia* (Quilha).

²⁸ Os 22 caminhos, 10 Sefiroth e seus reflexos. No total, 32 x 2, ou 64. 64 é de 8 x 8, o que indica a florescência completa do Lotus, ou Flow-er (Isis), na sua fase Kalinian.

²⁹ H K G. (Gr.)

³⁰ *O Glossário Teosófico* (Blavatsky), sob *M'bul*.

³¹ Ver *Liber Aleph* (Crowley), capítulos 124, 128, 129, 139.

³² Karmas passados.

³³ Ou objetos voadores.

³⁴ A fórmula tem marcadas afinidades também com a da célula K'rla formulada por Jeffrey D.Evans e Ruth Keenan. Veja o próximo volume desta série.

³⁵ Ver ch.2

³⁶ Cfr. *hriliu*, o 'grito estridente do orgasmo' que ocorre na adoração de Nuit. Veja *Liber XV* (Crowley).

envolvendo a zona malva, é descrito aqui para ilustrar o tipo de fórmula peculiar à *Sabedoria de S'lba*.³⁷

A loja foi preparada para uma invocação de Ísis, um trono dourado situado na extremidade norte do templo. A sacerdotisa usava um véu de samita amarelo que ia até os dedos dos pés, as asas laterais presas nas garras de duas imagens semelhantes a abutres de cada lado do trono. Um braseiro queimava no centro do templo, entre dois pilares que faziam parte de uma estrutura piramidal na extremidade sul do templo. O pirâmide e a sacerdotisa tronada juntos exibiam uma figura em forma de diamante com a chama no centro. O lado da pirâmide voltado para o trono estava inscrito com caracteres de um grimório pertencente ao vigésimo nono túnel de Set. A parte de trás da pirâmide continha uma pequena porta inserida um pouco acima do nível do solo.

O objetivo do rito era libertar da pirâmide um espírito que havia sido lançado nela durante um trabalho de Lua Nova. Um cano quase inaudível teceu, como a fumaça de incenso do braseiro, um som vagamente flutuante e sinistro.

O padre nomeado entrou do leste com o propósito de entoar a Licença de Partida.³⁸ Ele se aproximou, braços levantados, para iniciar o Ritual da Pirâmide. Precisamente naquele momento, um grande pássaro voou através da janela aberta³⁹ situada no alto da parede norte, e circulou o quarto do hotel, pousando no ápice truncado da pirâmide. A súbita intrusão interrompeu completamente o fluxo de energia magnética que irradiava da sacerdotisa para o sacerdote e, quando o braço de metal da janela bateu na parede, a sacerdotisa despertou e fixou no pássaro um olhar penetrante. O pássaro o devolveu, subiu até o teto e despencou em direção à Terra. Antes que um dos assistentes conseguisse desviar a queda ou puxar o braseiro, ele mergulhou de cabeça nas chamas e morreu, guinchando ruidosamente, sua plumagem espalhando uma nuvem de penas em chamas. O Mestre da Loja teve a presença de espírito de assumir a forma de Harpócrates; o padre permaneceu parado diante da pirâmide, as mãos levantadas em uma orison muda.

Houve comoção dentro da pirâmide, e da saída negra disparou uma cobra de luz que passou pela janela aberta, deixando atrás de si um véu de bolhas coloridas. De acordo com a sacerdotisa, cujo relato mais tarde fez parte dos anais da loja dos quais esta descrição é tirada, um dos globos permaneceu:

Não passou com o resto, mas flutuou até o trono que eu acabara de desocupar e, em seu interior translúcido, me vi deitado sobre um esquiife ornamentado com formas estranhas.

Seu véu dourado pairava como uma névoa sob ela, e um pássaro enorme de repente lançou sobre ela uma sombra profunda que se estabeleceu quase palpavelmente sobre o corpo branco nu, suas garras emaranhadas na massa de seu cabelo. Os gritos da criatura, combinados com os dela, acompanharam o vôo de um verdadeiro pássaro do inferno enquanto, erguendo-se como uma única forma, seu *yab-yum* estourou a bolha e banhou o templo com um brilho fantástico. Quando a sacerdotisa acordou de seu 'sonho', o pássaro morto no braseiro era tudo o que restava dos acontecimentos da noite - exceto as cores estranhas. Estas foram observadas também pelo Mestre da Loja, o Sacerdote e dois acólitos.

Embora seja impossível explicar racionalmente esse episódio, é um fato que a sacerdotisa, cujo nome era Margaret Leasing, foi posteriormente dotada de sua faculdade de clarividência bastante ampliada. Isso mais tarde permitiu que ela contasse ao autor a curiosa história de uma bruxa do século XVII cujas atividades lançam muita luz sobre a Tradição Tifoniana que é o assunto dessas trilologias. Nesse sentido, o Trabalho mostrou-se de valor incalculável. ⁴⁰

O episódio anterior foi recontado longamente como um exemplo da maneira pela qual a *Sabedoria de S'lba* recebe confirmação por meio de trabalhos que, como ficou claro no *livro de Hécate*

³⁷ O relato que se segue foi baseado nos Anais da Loja New Isis; seção 1961.

³⁸ Ver *Magick* (Crowley), p.254, *et seq.*

³⁹ Que deveria ter sido fechado.

⁴⁰ Detalhes da vida da bruxa foram trabalhados em um romance, *Against the Light* (Grant), ainda não publicado.

Fonte, às vezes resulta em manifestações 'tangenciais' inesperadas peculiares à Zona Mauve e suas influências imprevisíveis. Talvez, neste caso particular, a expressão 'tempo do pássaro do inferno' tenha sido alegada de maneira a permitir uma exegese 'lógica' do texto.

Para retornar à *Sabedoria*: os sigilos que incorporam *karmas* em reversão eram difíceis de capturar, mas um deles se parecia muito com o ideograma publicado no texto de *Aleister Crowley & the Hidden God*, página 136.

II.42 (89):

No entanto, de S'lba procedem esses sigilos ... Deste ponto, a linha procede enquanto o vinho do sexo surge da fonte de Hécate.

No versículo anterior, S'lba é identificada com a virgem ou não desperta, a sacerdotisa em seu sono mágico. No presente verso, suas *shaktis* (poderes) *sigilizantes* são inferidas como idênticas às *kolas* de Hécate. Parece que estes sigilos para ultrapassar os Portais ⁴¹ são formulados durante a magia sexual realizada com o XI^o, ou 'noturno', *shaktis*. O número 42 de fato denota a Mãe das Trevas, a Mãe inconsciente ou mergulhada no sono magnético. É o número de ChDL, 'Hades' ou 'Amenta'. 89 é GVP, 'cale a boca, selado' e a palavra 'Goph'. ⁴² 89 também é DMMH, 'silêncio', o silêncio indicado por IM, a corrente lunar do XI^o OTO Crowley chamou de "o tipo errado de silêncio: o dos Irmãos Negros", ⁴³ sem dúvida por causa de sua interpretação do XI^o fórmulas homossexuais comportadas. ⁴⁴ 89 é também o número de *Kingu*, os 'líderes dos laicais dos Antigos'. ⁴⁵

Em II.43 (90), o polegar ou poder fálico agita os *kalas*, enquanto dentro, ⁴⁶ o perfume da senhora de cheiro doce (S'lba) anuncia o início das cores indicativas de uma mudança de dimensão. John Keel explicou as mudanças de cor observadas quando os Ufos se materializam e se desmaterializam. As cores estão associadas ao superespectro de energias eletromagnéticas ativadas no sono mágico da sacerdotisa. O número 43 é o número, de acordo com alguns cultos, dos *suvasinis* engajados no rito completo do Kaula ou Círculo de Kala. É também "uma série de orgasmo - especialmente o masculino", ⁴⁷ e de MG, 'um mago ou mágico'. 90 é *Tzaddi*, 'um anzol', implicando uma conexão com os

Profundos; e de DVMM, ' *muito silencioso*'.⁴⁸ MN também é 90; significa 'o memorial', 'o período de doença', 'uma medida líquida' e a Deusa da Lua síria, Meni. Todas essas noções indicam o fluxo periódico de líquido na fase silenciosa ou adormecida da sacerdotisa. 90 é a soma das iniciais NIL (New Isis Lodge); de MIM, 'água', o sangue místico; e de KHNIH, 'Her Priests'.

No contexto atual, o vinho e a fonte de Hécate indicam o aspecto oceânico da fórmula. Isso é confirmado no próximo verso, II.44 (91), onde o movimento real da mudança se torna aparente no sigilo "como uma corrente profundamente comovente no ~~vinho~~", ~~seguido por~~ uma referência ao silêncio.⁴⁹ Que o vinho é sangue é inequivocamente confirmado no versículo 44, o número de DM, 'sangue' e do escorpião-água que é um glifo da Corrente Ofidiana.

91 é o número do *Homem*, o poder ou *shakti* de quem "é o Poder dos Antigos", a *shakti* que é descrita como a 'aliança'.⁵⁰ É a aliança identificada com Set, e deve ser exibida "no grande dia de MAAT".⁵¹

⁴¹ As portas para o passado e o futuro; o interno e o externo.

⁴² Este também é o nome de um Portal, conforme mostrado pelo *Livro do Segredo do Portal de Goph*, que foi transmitido a Frater Aossic em um dos Túneis de Set durante uma Loja Trabalhando em 1957.

⁴³ *Liber 777*, p.xxv.

⁴⁴ A falácia de tal interpretação foi demonstrada em vários lugares dessas trilogias.

⁴⁵ *Necronomicon* (Schw., Página 156).

⁴⁶ Ou seja, nos planos internos.

⁴⁷ *Liber 777*, p.xxv.

⁴⁸ Ver observações *supra* sobre a palavra DMMH.

⁴⁹ Hoor-paar-Kraat (Set) alcançando a apoteose fora da Árvore da Vida.

⁵⁰ Ver *The Necronomicon* (Schw. Ed.), P.166.

II.45 (92): Assim como o yantra flui da genitália da sacerdotisa, flui o mantra dos lábios da Imagem⁵² vibrando em uníssono com a energia traçada pelo movimento dos sigilos. Isso flui dentro do Templo de Bel, o que significa que os sigilos manifestam suas energias na biosfera terrestre.

Então segue-se um grande mistério [II.46 (93)]: Se o Magus profere a Palavra Suprema: se a sacerdotisa tece o Sigilo Último, "uma estrela voaria pelos céus e cairia ... sempre em direção à terra". A estrela é identificada pelo número do versículo 46 como a Estrela de Mu, a Estrela do Aeon dos Sonhos Perturbadores. Mu é sinônimo de Lemúria, e seu número também é o de Hali, a morada de um Ancião chamado Hastur. Hali, antes um lago, tornou-se um deserto⁵³ contornando uma grande cidade da civilização perdida de Carcosa. O número de série, 93, explica a presença, aqui, dos Antigos.

"Não mais". Isso pode implicar que mais informações sobre a natureza do Aeon não estão neste lugar e neste momento em desenvolvimento. Por outro lado, II.47 (94) poderia, com igual probabilidade, aplicar-se à vibração de base AUM (47), ou à fórmula de GVPh.⁵⁴ Observe que 94 é o número de TzD, 'o adversário', da raiz egípcia St (Set), também o 'adversário'. O versículo a seguir refere-se à conflagração associada ao fim do Aeon de Hórus.

⁵¹ Ver *Liber A'ash vel Capricorni Pneumatici, Magick* (Crowley)

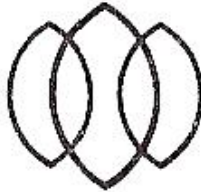
⁵² A Imagem é a sacerdotisa como a personificação da Imaginação. O I-Mage é a vontade.

⁵³ Agora conhecido como Deserto de Gobi. Ver *Illuminatus* (Shea & Wilson), II. pp.215-216.

⁵⁴ *Vide supra* referente ao número 89.

16

Cabalas de S'lba - I



RUnning como um fio através do tecido ostensivamente mágico da *sabedoria* é a doutrina mística da realização da S'lba através da felicidade de não-móvel Tornando-se. Esta bem-aventurança não é tocada de forma alguma pelos destroços e destroços de mundos ou pela mera passagem de eras. Se isso não for entendido, o leitor irá ser oprimido pelas implicações desta transmissão. O ponto fica claro no último versículo do capítulo dois, onde o devoto de S'lba é visto como estabelecido “em Ilyarun-bel-Aos, cuja morada está além da Zona Malva”. O número de série, 95, do versículo 48, é o do *dakini*. Estas são entidades demoníacas femininas hostis à humanidade. Eles são assombrações de cemitérios, o que indica a fórmula necromântica já discutida. Os *dakini* aparecem, assim como os ufonautas, em formas humanas ou não humanas . 95 é o número de HMN, o planeta Vênus, tradicionalmente associado aos Grandes Antigos. Mas, como Adamski sugeriu, ¹ o próprio planeta é apenas um símbolo para influências externas. É bom ter em mente, em conexão com os cataclismos cósmicos, que 95 indica o mundo desperto, a implicação é que essas catástrofes estão confinadas ao estado de dualidade, elas não envolvem os estados de consciência sem forma, além.

Passamos agora ao capítulo três, onde, no versículo 5 (106), a concentração do polegar é retomada. O número 5 é básico para a magia dos Antigos Escolhidos, sendo ² o número de *Hé*, a 'janela' ou abertura através da qual Eles se manifestam. É significativo que a letra Sânscrita *Ma* seja equivalente a 5 e esteja conectada aos das Profundezas via Capricórnio, o *Maakara*. ³ De acordo com Kenneth Mackenzie, ⁴ “M” permanece como o numeral definido para um número indeterminado”, o que pode explicar sua aplicação aos Antigos e ao Aeon de Maat. 5 é também o número de GB, o 'estande' ou 'bordel' que tipifica o *Kep* egípcio, o santuário Tifoniano ou 'lugar escondido'. Na cabala cósmica, 5 é o número dos Exteriores; na cabala terrestre é o número da Mulher (a sacerdotisa) em sua fase escura ou indeterminada.

106 é um número de 'morte', que inclui a fórmula necro-mágica do Adepti de Lêng. Também denota “o Portal Esquecido pelo qual os Antigos sempre buscam entrada na Terra dos Vivos”, o que é uma forma de dizer que os Antigos buscam a entrada no estado de vigília da consciência do homem, materializando-se assim neste planeta. . Mas, mais importante, 106 é o número de N VN, o 'peixe', um zootipo dos Profundos. É também o número de *Amenta*, a Terra Oculta, daí a névoa lilás. A combinação de noções expressas por estes números, 5 e 106, retoma a doutrina expressa em II.11 (58) e *segs.*, E apresenta o fato vitalmente importante de que a manipulação mágica do polegar coagula o

- ¹ Ver *George Adamski: The Untold Story* (Zinsstag & Good).
- ² Veja *Nas Montanhas da Loucura* (Lovecraft).
- ³ Para os cinco 'm's ou Makaras, consulte *Cults of the Shadow* (Grant).
- ⁴ *The Royal Masonic Cyclopaedia* (KRMackenzie).

névoa que oculta da visão terrestre os mistérios da Zona Malva. Os zeros rodopiantes sugerem os discos ou ovos no ponto de materialização do plasma caótico que compõe aquela zona.

No versículo que segue [III.6 (107)], os redemoinhos ou agitações dentro da névoa desaparecem, deixando “um oceano carmesim sem diferença do qual se ergue a Torre de Koth”. O caos pode denotar Ch-AOS, o Graal representado no sigilo de Aossic. ⁵ A névoa obscurece perpetuamente o olhar do não iniciado. Seis é o número do Filho. Jeffrey Evans demonstrou que as letras V / A / V (6), quando sigilizadas, ocultam o pentagrama oposto: 6 (Vav) + 5 (pentagrama) = 11, implicando que a Criança está definida.

107 é um número de Ablis ou Eblis, o 'diabo' dos feiticeiros mouros, e um anagrama de S'lba. É também o número de Maion e de Nu-Maat, o complemento de Nu-Isis. Mas, acima de tudo, 107 = BITZH, 'um ovo', que elucida a natureza dos zeros giratórios mencionados no versículo anterior. Isso é novamente confirmado por OVAL, 107, também 'um ovo', mas tendo uma referência especial a AL.II.76, e a cifra RPSTOVAL. O ovo lembra o crânio de Lam. ⁶ Existe uma palavra tâmil, Ullam (= 107), que significa 'consciência', que é identificada pelos iniciados com o Akasha, 'ovo do Espírito', ⁷ e localizada entre o crânio e as sobrelanceias. Ullam é a mente pura, ou mente livre de pensamentos, igualada à luz refletida e simbolizada pela lua. ⁸ 107 é o número de BELITHAN, o 'Antigo Bel', ou 'Bel o Antigo'. O sufixo 'que' denota a natureza draconiana de Bel.

Esses números e versos revelam uma profunda inter-relação da tradição ufológica, a tradição de Lam e as cifras secretas de *Liber AL*. O “oceano carmesim sem diferença” sugere o deserto carmesim imaculado conhecido pelos árabes como El Danah.

A Torre de Koth é mencionada por Lovecraft, e a palavra *kotha* aparece em *Liber Samekh*, que contém o que Crowley considerou ser “a evocação mágica mais poderosa existente”. ⁹ Koth, ou Kotha, é aqui definido como o 'oco', ou seja, o yoni, o portal mágico para outras dimensões. Novamente, 107 é o número de QBH, 'algo oco e arqueado', 'a vulva da mulher', do árabe El Kubha, que fornece a nossa expressão 'cubículo'. Nos ritos de Bel-Peor, as *Kadesheth* (sacerdotisas) “se ofereciam em um caramanchão peculiar ou pequena tenda arqueada chamada QBH (qubba).” ¹⁰ Koth é definido por Lovecraft ¹¹ como “o sinal que os sonhadores vêm fixado acima da arcada de uma certa torre negra que fica sozinha no crepúsculo”. ¹²

Seu número, 426, é a soma de 93 e 333, sendo que ambos os números denotam S'lba. ¹³ É também o número de Kadath, o 'Resíduo Frio' associado, no *Necronomicon*, ao Planalto de Lêng, e a Lam. 426 = Deverur, o 'pescador rico', um título aplicado aos ~~Guardiões do Graal~~ inerente ao simbolismo do Grande Selo da OTO, e no sigilo de Aossic. ¹⁴ Como *Cutha*, Kotha é 427. *Cutha* é definido no *Necronomicon* ¹⁵ como a “morada dos espíritos dos Mortos”. A palavra sugere uma conexão com Cthulhu, que não está morto, mas sonhando na cidade submersa de R'lyeh. O sinal fixado acima do arco lembra o sigilo colocado acima do *qubba* na fórmula de controle dos sonhos delineada por Austin Spare no retrato da Bruxa da Água. ¹⁶ É digno de nota, a este respeito, que um 'arco-íris' divide a imagem ao meio e separa das formas humanas a leste da faixa vermelha os sigilos que estão do outro lado (oeste) do espectro ultravioleta. O vermelho é o kala da manifestação; lilás ou violeta, de desmaterialização.

⁵ A letra ou *kala Cheth* (8) é a letra atribuída ao Graal e 8 é o número de Ísis. Observe que em III.4 (105), Aossic é descrito como “aquele Antigo”.

⁶ Observe que 107 é um reflexo, menos a cifra, de 71, o número de Lam. A própria cifra é o ovo. 17 é o número do Caminho da Estrela associado à Espada, símbolos do Aeon de Zain. (Veja *Fora dos Círculos do*

Tempo (Concessão).

⁷ Simbolizado por um ovo preto.

⁸ Ver *Talks with Sri Ramana Maharshi*, p.654.

⁹ *Magick* (Crowley), Apêndice 4.

¹⁰ *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism* (Inman), p.127.

¹¹ Ver *O Caso de Charles Dexter Ward* (Lovecraft).

¹² Crepúsculo, sinônimo de Zona Mauve.

¹³ Ou seja, como *S'lba* e como *Sh'lba*.

¹⁴ Ver comentário ao versículo III.6 (107), *supra*.

¹⁵ Schw. Edn.

¹⁶ Ver *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant) pl.31.

O design mostra claramente a consciência de Spare dos estágios de cores envolvidos na passagem de uma dimensão para outra. ¹⁷

É evidente que Koth se relaciona com o Aeon dos Sonhos Perturbadores mencionado no comentário de II.46 (93). Como a sentinela silenciosa [III.7 (108)], a torre recebe senciência, enfatizando seu vazio e identificação com o yoni, a fonte de todos os símbolos sencientes. Observe, também, a aparência do número 718, que é o número do Stélé de Ankh-af-na-Khonsu, ¹⁸ e do Grande Antigo, Aos -sic-Aiwass. O “Vórtice da Negação” é o redemoinho que ameaça a Torre e traria a Nada os sonhos que ela gera.

Em resposta ao impacto desta pressão do Exterior, ocorre uma “concentração na Torre” dos “espectros da consciência”. Isso acabará por derrubar a Torre, à maneira do cavalo de Tróia, quando a consciência de S'lba (meramente espectral nos estágios iniciais) destrói, por fim, os sonhos ilusórios lançados pelo Polegar no círculo lunar.

Logo após a concentração dos espectros, “a mente se abre” [III.10 (111)], e a Torre desmorona [III.11 (112)]. O número 112 pode fornecer uma pista. Ele aponta para *Tekeli-li*. “A palavra de significado desconhecido, mas terrível, conectada com a Antártica e gritada eternamente pelos gigantescos pássaros espectralmente nevados do centro daquela região maligna.” ¹⁹ A proveniência é Lêng and the Cold Waste, Kadath.

O Adepto é aconselhado a se retirar lentamente do “símbolo do Poder”, ²⁰ e a “construir uma ponte sobre o paraíso da teia de aranha que atravessa o golfo negro noturno” [III.15 (116)]. 15 é o número recíproco de 666. ²¹ A observação é feita aqui com referência ao número 116, um número de alguma importância na carreira mágica de Frater Aossic, que recebeu esta *Sabedoria*. As idéias a ele relacionadas revelam inequivocamente a identidade do golfo negro-noturno com o lado noturno da Árvore da Vida. 116 é MBOD, 'sem', 'fora', significando aqui a gama de consciência terrestre expressa pelas sephiroth e caminhos. É também o valor das letras SATALIE, que Summers menciona, ²² e que sugere um buraco negro no espaço. 116 também é MKVN, de uma raiz egípcia que denota 'interior', como a morada interior. Refere-se explicitamente à casa ou morada de Deus. Além disso, 116 é *Kilena*, aplicado pela tribo Dogon à Árvore da Crucificação, portanto, o Lugar da Travessia. Esses conceitos denotam especificamente o golfo negro noturno que suga para *dentro* do Grande Exterior as almas que se perdem em seu ambiente. 116 é um a menos que GDOM, 'desolação', e que o Vórtice da Negação associado ao Stélé de Ankh-af-na-Khonsu [111.7 (108)].

A teia de aranha alinha o simbolismo com a corrente do Voodoo (obeah) que informa o Livro secreto, OKBISH, ²³ descoberto no vigésimo nono túnel de Set.

As máscaras de nossos eus anteriores ou encarnações são vistas como “sem rosto como o deus das patas negras”. Os eus não tinham individualidade, nenhuma identidade verdadeira; eles eram meros conceitos, entidades. O deus sem rosto com patas negras sugere Nyarlathotep, ²⁴ que, por sua vez, lembra o sombrio Bufão do Tarô que pode assumir qualquer identidade e, portanto, não tem nenhuma. As patas negras são símbolos dos atavismos sinistros com que ele dilacera e devora aqueles que acreditam em sua realidade. Sua negritude nega as tentativas de atribuir a ele marcas ou máscaras características.

17 A mecânica da fórmula é elaborada em *Against the Light* (Grant).

18 Observe que 491, um número de *Kotha* (Veja *Liber Samekh*), é também o número de MNB SNMT, o Pai de Ankh-af-na- Khonsu. A natureza andrógina da Torre é aqui demonstrada.

19 Lovecraft, após Poe, em *At the Mountains of Madness*.

20 Ou seja, o complexo Thumb / Tower, III. 14 (115).

21 15 é o número da Casa ou Atu do Diabo.

22 *La Gouffre de Satalie*; o redemoinho que "engole tudo o que é derramado em sua boca. Tudo o que nele cai por acaso ou é arrastado por ele se perde além de toda redenção". *O vampiro na Europa* (verões), p.97.

23 QVRI OKBISH, a 'teia de aranha' = 718, o número do Stélé da Revelação (a Abominação da Desolação). É também o número da frase *In Desolationem Per Nefandum*, 'Na desolação por (ou por) abominação', que indica diretamente o Inominável ou 'Sem Palavra' Aeon de Zain.

24 *Necronomicon Gnosis*. Veja Lovecraft.

III.16 (117) diz respeito às máscaras assumidas pelo Eu em suas encarnações que, por ocorrerem em um contexto temporal, ²⁵ são irreais. É claro a partir dos versos 20, 21, que as máscaras assumem características definidas apenas quando há uma vontade, um propósito ^{26 se} manifestando. Isso ocorre inevitavelmente quando a realização de S'lba é incompleta, ou, como diz o texto: "apenas quando as partículas do eu emergem como espectros isolados", ou seja, o estado de Bel-Aossic. Bel ou Bela é a cópula, o elo de manifestação entre Númeno e os fenômenos, o Eu e seus objetos. ²⁷ Mas quando a noção de dualidade, que é o ego, é destruída, a Estrela Central ou Verdadeira Vontade permanece. No Interior, esta estrela é a Lâmpada de sete raios da A. . A. . ; ²⁸ na Exterior, é a Estrela de onze raios da Ordem Tifoniana Oculta. O versículo III.22 (123) sugere a Uma Estrela à Vista que, como *I Star I n Sight* exibe as iniciais de Ísis. Os números 7 e 11 são iguais a 18, o que denota seu princípio ativo. Mas S'lba permanece sozinho e além dessas expressões fenomenais de Ilyarun-bel-Aossic.

O versículo III.28 (129) introduz o conceito do Não-Homem que aparece como Mulher. 28 é o 'número místico' de Netzach, a zona de poder atribuída a Vênus e o caminho atribuído aos Profundos. É também o número de ChK, ²⁹ 'partes internas da boca', e o número de ZAK, a 'morada dos sonhos esquecidos'. A mulher, neste contexto, é, novamente, a suvasini ou sacerdotisa que, em seu sono mágico, forma a porta de entrada para o Exterior. "Sexo abrange esses conceitos", porque a magia sexual é o mecanismo pelo qual o contato é estabelecido com as conchas (e OVNIs) aludidos no versículo III.5, e em outros lugares.

A imagem do andrógino, evocada em III.29 (130), irrompeu no final do século XIX em movimentos artísticos e ocultistas. Foi comemorado, por exemplo, por Péladan. Seu verdadeiro significado oculto não foi esclarecido até agora. O andrógino contém a fórmula completa para manifestar 'monstros' e para permitir que aqueles de fora se infiltrem na atmosfera terrestre. 129 é um número de *Al Aziph*, o título original em árabe do *Necronomicon*. A chave para a fórmula é dada em III.30 (131), onde o método de transmogrificação é revelado. Quando a sacerdotisa abraça a Sombra de Fora, ela se torna o Portal. É neste ponto, e precisamente neste momento apenas, que a sacerdotisa se torna *adhikarî* para *congressus cum daemone*, o *maitbuna* que abre o portal final através do qual o mago voa para a Estrela Dupla. ³⁰

O número 130 é o de ION, um nome de Bel correspondendo a Pan. A palavra Íon também significa 'um uivante do deserto'. A palavra *Goetia*, título de um grimório de fala não humana, também significa 'uivo'. A palavra Pan é derivada do egípcio *An*, o 'macaco', o tipo de fala que precedeu a linguagem humana e forneceu uma base para ela. O macaco simbolizava a divindade lunar, Taht, a forma anterior de Set- Anubis ou Bel-Setekh. O macaco sagrado com seus uivos marcava os períodos mensais de tempo. 130 é o número de LMNI, que denotou 'o número', 'a lua', 'os céus' ou espaço. Íon é também a Pomba ³¹ dos Mistérios e temos no número 131 uma indicação segura da natureza Tifoniana desses conceitos.

SMAL (Samael), 131, é a serpente que gerou Caim em Eva antes de ela ter relações sexuais com o homem (isto é, Adão). Eva então comunicou ao homem o vírus alienígena, não humano. Está registrado na tradição talmúdica que Samael morou muito tempo

com Eva. Ela lhe deu muitos filhos que *não* eram *semelhantes aos humanos*. Smal é Satanás, o Guardião no Limiar da Zona Malva. Ele também está associado com a qliphoth de Hod, a zona de poder da magia, o que explica a fórmula do andrógino mecurial para Hod equilibrar Netzach (Vênus) pelo poder da Torre. Além disso, Hod recebe do Sol (Tiphereth) a influência do Diabo ³², assim como Netzach recebe as vibrações da 'Morte'. ³³ Na gnose Maatiana,

²⁵ Necessariamente, pois são seriais.

²⁶ Ou seja, um ego.

²⁷ Ver, a este respeito, observações sobre o primeiro capítulo de *S'lba* (cap.14).

²⁸ Sirius / Set.

²⁹ Do egípcio *kbekh*, 'garganta, garganta'.

³⁰ Sirius / Set, Urso-Urso / Typhon.

³¹ Cfr. o Grande Selo da OTO, e a carriça dos Druidas.

³² 131 = BPhMT, 'Baphomet', 'Pan', 'Mako' (filho de Typhon) e Aion. De acordo com Gabalis, *aion* está conectado com *ahnt*, 'força vital'.

³³ Pelo Caminho da Morte (Atu XIII). Samael também significa 'o veneno de Deus'.

131 denota MALATAN, a 'missa do moondark de Maat', um conceito que envolve considerações de Ma-lat / Talam, em conexão com o qual o leitor é encaminhado para as obras de Nema. ³⁴

“Entre as estrelas ela alcança Ilyarun-bel-Aossic além ... as nuvens da consciência terrestre” [III.31 (132)]. Uma explicação para esse versículo pode ser procurada na obra de Elizabeth van Buren, que o leitor deve consultar para obter informações valiosas. ³⁵ O número 132 (93 + 39), e o número do versículo, é igual a QBL, 'receber', no sentido de uma transmissão; BLQ, 'devastar'; LQB, 'amaldiçoar'; ³⁶ e BSIS, 'uma fonte', uma referência à 'maldição' de Hécate. O Deus do Caos da Babilônia, *Mummu*, também tem o valor de 132. Essas noções identificam a proveniência mágica da corrente que informa a *Sabedoria de S'lba*. A menção posterior de «uma Estrela Negra invisível da terra» sugere Satânia (132) que, de acordo com o *Livro de Urântia*, está «situada na constelação de Norlatiadeque, uma das 100 constelações do universo local de Neadon». ³⁷ A conexão com Satanás é óbvia; NIA lembra a palavra misteriosa *Coph Nia* de AL.III.72. É o reflexo de *Ain* e indica o uso da fórmula XI^o. Esta Estrela Negra pode ser a contraparte invisível da 'Uma Estrela à Vista' (Ísis) que Crowley deu como um título para seu ensaio sobre a estrutura da Ordem da Estrela de Prata (*Argenteum Astrum*) que é, como mostrado anteriormente, Sirius. A estrela negra, Satânia poderia, portanto, significar o filho de Ísis: Set, ou Hoor-paar-Kraat. ³⁸

No versículo III.33 (134), o falo é identificado com o coração da Estrela Negra. Agora, em 34 (135), a yoni é descrita como “uma estrela construída para dentro” ... “girando em seu núcleo derretido ela agarra o Yod e alimenta a chama do vampiro”. O sentido superficial é simples, mas não completo. «Estamos aqui confrontados com a envolvida e polêmica doutrina da 'falta de alma' da mulher, que teve efeitos tão catastróficos nas culturas antigas e modernas. Crowley toca brevemente no problema em *Magick* (p.265), e nos Comentários sobre *Liber AL*. Não temos a intenção de aumentar a polêmica; nossa preocupação é com uma fórmula mágica, nada mais. O número do versículo, 34, é o de AL AB, 'Deus Pai', e de *Aditi*, a 'Mãe-Espaço coevo com as Trevas'. O fato é, e é uma realidade mágica demonstrável, que a sacerdotisa se torna, em seu sono magnético, a matriz para animar energias de outras dimensões. Nesse estágio do rito, ela não é homem ou mulher, mas nenhum dos dois; o estado de Nenhum que dá à luz o Não-humano que não pode falar seu nome. ³⁹

Os versículos III.36 (137) e 37 (138) referem-se a uma doutrina complexa que não pode ser elaborada aqui. Refere-se à questão da Palavra do Aeon que Crowley afirmou ter proferido, mas que, como Frater Achad plausivelmente argumentou, ele falhou em fazer. ⁴⁰ O número 37 significa a 'manifestação em forma visível ao Homem, da Verdade de Deus'. A verdade (*altheia*) é 64, a forma perfeita da verdade (Maat). 64 é o 'número perfeito' de Matéria ou Manifestação. Em sua forma totalmente materializada, ou seja,

464, é igual a 'H MHTHP, 'A Mãe'; neste contexto, a sacerdotisa despertou do outro lado das portas do sono.

O número do versículo anterior, 36, é o do IGIGI. Há uma alusão no *Necronomicon* ⁴¹ às “portas terríveis dos azoneis, o reino proibido do imundo IGIGI”. Está implícito, além disso, que os devotos da Corrente Ofidiana que adoram quando a Estrela Draconis está em seu zênite, são da zona dos Igigi, assim como os devotos do Cão e da Cabra. ⁴²

³⁴ Veja *Fora dos Círculos do Tempo* (Concessão) e *Além da Zona Malva* (Concessão).

³⁵ Ver, em particular, *Land of White Waters*.

³⁶ Que está relacionado com a 'maldição da mulher'.

³⁷ Ver *Mensageiros da Decepção* (Vallée), p.119.

³⁸ Para a essência desta doutrina, veja *Aleister Crowley & the Hidden God* (Grant).

³⁹ Cfr. a fórmula do Andrógino; nem um nem outro.

⁴⁰ Pelas razões explicadas em *Cults of the Shadow* (Grant), cap.8. Veja também o capítulo 2 deste livro.

⁴¹ *Necronomicon* (Schw. Ed.), P.6.

⁴² Sirius e Capricornus.

36 é o número do Círculo, o feminino *por excelência*. Vale ressaltar que $464 = 418 + 46$, números respectivamente de Aiwass e Mu (Maat). É também o número de BHUTAN, uma palavra sânscrita que significa 'terra ou terra [Bhu] do Dragão [Tan]': ⁴³

O número 138 é o de Bab-al-Mandeb, o Portão do Inferno.

Esses versos são seguidos por uma referência à “vinda do Ovo de Lam”. O ovo e sua casca denotam fenômenos ufológicos. O “Primeiro e o Último Rodopio” referem-se à mecânica de aparecimento e desaparecimento da cápsula espacial (ovo). Isso é obtido silenciosamente [III.40 (141)], e a vibração do zumbido (*hûm*) é comparada ao grito do curandeiro, um pássaro tradicionalmente associado à passagem de uma dimensão para outra, como na transição chamada morte. Também pressagia o advento ou proximidade dos Antigos. A visão falha quando o pássaro gira além do espectro restrito ao alcance da consciência humana.

Além desse espectro giram os Filhos de Ísis, tipificados pela revolução das sete estrelas da Deusa. ⁴⁴ O número do versículo, 41, é o de DBLH, 'um círculo'. É também o número da Mãe não desperta (ou seja, a sacerdotisa em seu sono mágico) e do feitiço de 41 letras para abrir a porta para os Exteriores. ⁴⁵ O número de série, 142, é o de LAMMAL, um palíndromo que expressa a corrente oculta do Culto de Lam como o transmissor para AL de LA, via Ma (41). A referência não é apenas ao Aeon de Maat, geralmente considerado como substituto daquele de Hórus (AL), mas aos Filhos de Ísis (versículo 41). Mas 142 também é um número de BLIOL (Belial), significando 'sem Deus', isto é, sem ou fora, AL; o que novamente indica a transcendência do Aeon de AL.

O sentido pretendido em III.42 (143) já foi explicado. A sacerdotisa neste estágio do rito não é mulher, nem é homem. A palavra para 'deuses' no antigo Egito era *Nuter*, o neutro que é precisamente o conceito transmitido pelo nome Neith (também a palavra *Nenhum*): nem masculino nem feminino, mas contendo o potencial de ambos. É por isso que o Sempre Vindouro, o *Har* ou Horus, é sempre simbolizado pela Criança, ou seja, por uma entidade que, magicamente falando, não é masculina nem feminina. *Har*, o 'Filho' (sol) é Hórus, a Criança Coroada e Conquistadora, Aquele que Sempre Vinda ou Imortal. Seu nome é Set, ou Harpaar-Kraat, de quem Aiwass é o mensageiro. Quando a mulher é entendida como Neith ou Nuit, ela representa o espaço puro, a entrada para os Lugares Exteriores e o meio de passagem para os Exteriores que entram na onda de vida terrestre. 143 é o número da palavra inglesa *Naught*, da qual Nuit é um embebedimento. É

também o número de NVZLIM, 'águas correntes', que é o astróglifo de Nuit como Aquário. O glifo representa a Corrente Dupla que, como Ísis, contém o filho gêmeo Set-Hórus. 143 é também o número de LICHMNH, 'conceber', e da palavra inglesa 'língua', o instrumento mágico de Maat cuja letra é Pé, ⁴⁶ a boca que profere a Palavra da Verdade. ⁴⁷ 143 é a soma dos números que aparecem em AL.II.76, um fato que pode ter implicações extremamente importantes para a metafísica Maatiana.

O grito que irrompe do ovo de Lam é um chamado em *espiral*, e não é conhecido por Aethyr. O versículo III.44 (145) indica uma fórmula aplicável aos Caminhos de Volta. A espiral sugere o abutre, ⁴⁸ alimentador dos mortos. Em termos yantricos, a espiral é ~~uma forma do labirinto~~ que alguns escritores, notadamente Machen, igualam a uma Força adversa ou "má". 44 é o número de ZBLH, 'a Torre do Céu'. ⁴⁹

O próximo versículo introduz o "Vazio de Vith", que pode ser explorado respondendo ao Chamado Espiral, ou talvez os labirintos no espaço sejam criados por esse Chamado. Tower e Thumb são símbolos intercambiáveis. A Torre do Céu exala o glóbulo espacial espectral. O 'polegar' exala o glóbulo de vitalidade (sêmen). Mas 44 também denota *Avitchi*, o 'inferno frio', associado a Naraka que, de acordo com Bla-

⁴³ O país conhecido como Butão passa a ser o único foco terrestre remanescente dos ritos do Drupka ou Culto do Dragão. Veja a *Fonte de Hecate* (Grant).

⁴⁴ constelação da Ursa Maior.

⁴⁵ O feitiço é dado por Lovecraft em *The Call of Cthulhu*.

⁴⁶ Pé significa 'uma boca'. A letra hebraica mostra claramente a língua.

⁴⁷ Assim, Nu (it) -Isis e Maat são Um.

⁴⁸ Foi dito que este pássaro tinha um pescoço em espiral (Hor-Apollon), portanto sua 'palavra' era 'enviesada' ou invertida.

⁴⁹ Cfr. *Koth, infra*.

vatsky, é o "intervalo negro, sem sol nem luz para quem nele cai". Diz-se que não há renascimento. É igual ao complexo de Satânia descrito em conexão com S'lba III versículo 15. É notório que 416, um número de Vith, é o número do Diabo Ancião ártico conhecido como Tornasuk. De acordo com Lovecraft, Tornasuk é dito ter "uma notável semelhança com (certos) medonhos baixos-relevos típicos dos Grandes Antigos na aparência". 146, uma metátese de 416, era um dos números especiais ou "mágicos" de Lovecraft. ⁵⁰

Para recapitular: O Chamado ecoa nos Vazios de Vith. Embora a localização de Vith seja incerta, seus números - 416, 490, ⁵¹ etc., fornecem indicadores. The Call secreta "um glóbulo meticuloso", provavelmente um OVNI totalmente materializado.

Os «miríades de globos, as bolhas que vibram no sigilo do Mestre» [III.46 (147)] lembram o selo pessoal do Mestre Therion. ⁵² Crowley não fez comentários sobre os globos. Eles aparecem também em conexão com Yog-Sothoth, descrito no *Necronomicon* como o Portal para os Lugares Exteriores. Vith pode, portanto, ser um dos Aethyrs desconhecidos.

Do Ovo emerge "um inseto cujo zangão é conhecido". Crowley alude (*Comentário a AL*) a uma forma curiosa de besouro que apareceu em Boleskine em grande número durante sua performance, em 1904, da Sacred Magick de Abramelin, o Mago. ⁵³ Talvez esta seja a espécie mencionada por ele. ⁵⁴ Durante minha estada com Crowley (1945), ele ainda estava intrigado com esse fenômeno. Ele fez um esboço da criatura e pediu que eu investigasse astralmente. Cito meu registro mágico daquele período:

Um dos edifícios, ⁵⁵ gigantescos, altos, emitia um denso vapor de uma abertura em sua base. Rastejando por ele, um vasto concurso de zumbidos de sensibilidade insetival brilhando com uma intensidade indescritível.

Se isso tem ou não qualquer relevância para o "inseto cujo zangão é conhecido", é incerto.

O versículo III.49 (150) contém uma descrição do sigilo de Aossic, os glóbulos sendo os testículos formados pela forma de serpentes. Bel-Aossic flui dos terminais gêmeos da corrente ofídica representada pelos pólos ativo / passivo, as serpentes enroscadas nas pernas da pentalfa. ⁵⁶

49 é o 'número místico' de Vênus, o representante planetário da deusa das Sete Estrelas; assim, 7 x 7,49 também é o valor de GVLChB, a qliphoth de Geburah, que enfatiza o aspecto kaliniano da deusa como energia bruta, perigosa ao extremo. É também o valor da 'vulva', a porta terrestre de sua força. Esses conceitos são reforçados pelo número 150, que é o número da 'pudenda', e do OINK, 'Teu olho'. 150 é SMN, o 'lugar designado', uma palavra hebraica derivada do egípcio "homens" que significa o lugar dos Oito Deuses, ou seja, as sete luminárias de Tifon e seu filho, Set. Aqui está uma dica de que o sigilo de Aossic é um glifo Tifoniano de alguma forma conectado com a invocação desses Poderes.

O versículo III.52 (153) expressa, juntamente com I.18, a doutrina do devir não móvel e é o complemento da liminar aí dada. 18 é a fórmula de Ísis em seu aspecto dinâmico. Composto pelos três seis, 666 (3 x 6 = 18), é a chave secreta da Besta. ⁵⁷ Em seu aspecto mais elevado, como 324 (18²), é idêntico ao Supremo Shakti ou Shekinah, MITTRVN. 324 é o número de divisões do sub

⁵⁰ *Selected Letters* (Lovecraft), vol.v.

⁵¹ 490 é um número de Koth.

⁵² Reproduzido pela primeira vez como um frontispício para a edição de bolso em quatro partes, a edição original, de *Magick*, Paris, 1929. O selo foi reproduzido em cores precisas em *Hidden Lore*, e, em preto e branco, em *The Magical Revival* (Conceder).

⁵³ Ver o livro com esse nome, traduzido por SLMacGregor Mathers.

⁵⁴ Crowley enviou um espécime para identificação aos naturalistas em Londres; a espécie era nova para eles.

⁵⁵ Visto no trabalho astral.

⁵⁶ Veja o Selo Mágico de Aossic, *Nightside of Eden* (Grant), p.168.

⁵⁷ Aqui, como em outros lugares, o termo 'Besta' implica em entidade não humana.

mundo, o Qerti, outro número do qual, 715, denota o NSThRH ou 'Segredo', ⁵⁸ a palavra 'mãe', e KPThRIH, 'seus globos'; também QTVRTh, 'perfumado'. Essas idéias comportam a doutrina subjacente de S'lba em seu aspecto mágico, enquanto a atribuição tarótica do número 18 denota o próprio Graal.

Voltando agora ao versículo III.52 (153): 52 é AIMA, a 'mãe fecundada' - no presente contexto, a sacerdotisa desperta nos planos internos. É também o número de BN, o 'filho' (isto é, Set), e de *kala*, 'tempo', 'dígito da lua', os *kalas* conforme aparecem na Gnose Tifoniana. 153 é MAPIA (Maria), 'o mar' e o número de peixes na rede contínua. ⁵⁹ 8 sendo o número de Ísis, o processo de salvação ou translação de uma dimensão para outra, é realizado pela Rede ⁶⁰ (Nuit), um aparelho mágico dos Profundos. 153 é o valor de *Iak Sakkak* (Cf. Yog-Sothoth, Ixaxaar, etc), que de acordo com o *Necromicon* ⁶¹ é o 'Guardião do Outro Lado'. O número 153 também é da mais alta significação mística, cuja gnose aguarda exposição adequada.

⁵⁸ No sentido de 'secreção'. Veja *Cultos da Sombra* (Grant), cap.8.

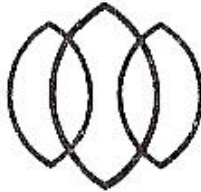
⁵⁹ John, xxi.

⁶⁰ Para δικτυον = 8 x 153 - Ichthus, 'peixes'.

⁶¹ Schw. ed.

17

Cabalas de S'lba - II



O capítulo final da *Sabedoria* [IV.4 (158)] garante a 'ressurreição' dos Antigos, reconstituídos do 'pó'. Uma profunda doutrina está aqui implícita. Diz respeito às cinzas ¹ do Adepto que repousa na Urna da Cidade das Pirâmides. Este monte de poeira é tudo o que resta daqueles que cruzam o Abismo que divide o mundo relativo dos fenômenos da Consciência numênica, não objetiva, absoluta. “O adormecido despertará novamente”, sugere o Adormecido nas profundezas do subconsciente (Amenta / R'lyeh). No *Necronomicon*, essa experiência é simbolizada por Cthulhu, ou Tutulu, a Palavra Perdida ou Adormecida do Aeon de Nu Isis. Esta interpretação é substanciada pela alusão à “ilha titânica” [IV.6 (160)], identificável como R'lyeh. ² A coluna de chamas sugere o *tejolingam idêntico* a Arunachala. ³ O versículo, portanto, combina o pináculo da realização espiritual (super negativo consciência) com as profundezas do pesadelo demoníaco (subconsciência positiva).

O “Ouro e o Malva” [IV, 8 (162)] é mais uma referência à coluna de fogo, Arunachala, ⁴ e à zona através da qual o Adepto deve passar sem afundar no pântano malva. ⁵ O trono vazio é um símbolo da Ausência e do processo de desmaterialização do Ovo (cápsula espacial). 162 é o número de OTzB, 'imagem', 'ídolo', representante da mulher, ⁶ *aseb* sendo o típico 'assento' ou 'trono'. ⁷ É também o número de IAO-OAI, que aparece em *Liber 418* ⁸ em cantos associados aos mistérios polinésios de Mu. ⁹ 162 é também o número de Hilumandju, uma forma de Hanuman, cujo zootipo é o macaco. ¹⁰ Os tibetanos afirmam ser descendentes de Hilumandju e de um rakshasi (demônio feminino), o que pode ser responsável pela alusão no presente contexto ao Lama de Lêng, sendo Lêng considerado a contraparte astral do Tibete.

A exortação evidentemente incompleta, “esteja gloriosamente perdido ...” [IV.9 (163)], lembrou Frater Aossic de uma linha assustadora de *Cala miteror* de George Barker : “... os gloriosamente perdidos na sombra do verão”. Imediatamente surgiu a imagem, vividamente evocada por Machen em *O Grande Deus Pan*, do “casamento sob a sombra”. Esses comentários não são irrelevantes. Uma certa estranha miscigenação é o tema de ambas as obras; e embora um seja um poema e o outro uma história do macabro, e embora seus autores possam

¹ Cf. *Liber Cheth* (Crowley, *Magick*, p.494): “como se fosse um montinho de pó” depositado com “o guardião do Abismo”.

² “Em sua casa em R'lyeh morto Cthulhu espera sonhando”. (Lovecraft).

³ Veja o capítulo 10.

⁴ *Aruna* = vermelho. Vermelho e dourado são sinônimos nos mistérios antigos.

⁵ C f.AL.I.51.

⁶ Egn. ASB, 'assento', 'trono'.

⁷ O número do versículo, 8, é o número de Ísis.

⁸ *O Livro da Visão e da Voz* (Crowley). Veja também considerações sobre a palavra IAO, *Magick* (Crowley), pp.166 *et seq.*

⁹ Ponape é considerado por algumas autoridades como o locus de pesquisa mais promissor. a civilização 'perdida'.

¹⁰ *Hanuman* = 153, um número que requer mais pesquisas.

parecem pólos opostos, os símbolos usados são cognatos. O número 9 denota morte e gravidez, ou vida nascente; é o valor de GV, 'a barriga', e de BBH, 'abertura', 'cavidade'. É também o número de Aub “o fogo especial da Magia Negra”, ¹¹ enquanto 163 é NVQBH, 'mulher', 'esposa' e dos “espíritos medrosos que tomam posse do corpo e nele habitam” - o Utukku Xul . ¹² Essas noções transmitem um sentido de nascimento que é reforçado pelas palavras do seguinte versículo: “Você está se tornando”. Talvez o número do versículo depois disso, (isto é, 11), signifique a décima primeira hora, ¹³ a hora antes da 24^a. 24 é um número especialmente associado à materialização de OVNI's e 'monstros'. ¹⁴

Como se para equilibrar o Aub (9), o número 11 denota Aud, a Luz Mágica distinta da Luz Astral. Diz-se que a Luz Mágica está em Daäth, a décima primeira Sefhira: “É idêntica à Kundalini da Filosofia Hindu, o Kwan-se-on dos Povos Mongóis”. É a própria Corrente Ofidiana: “a grande Serpente Leviatã, chamada Mal para ocultar a sua Santidade”. ¹⁵

Crowley define 11 como o “número geral de Magick, ou Energia que tende à Mudança”. Era simbolizado pelos antigos pela letra O, a cifra da Sacerdotisa e o instrumento de transição interdimensional, a Porta de Entrada para OVNI's. 11 é o número de 'ovo' que, como observado anteriormente, é um glifo que denota uma nave espacial e entidades qlifóticas. ¹⁶ Segundo Waite, ¹⁷ Isaac de Loria classificou onze classes de conchas relativas às Sefhiroth Adversas, ou, como diz Waite (p.418), “Sefhiroth da Sombra”. Nesse sentido, o 'bebê em um ovo' mencionado em AL.II.49 (7 x 7) é o 'anão na cápsula espacial’. ¹⁸

Uma passagem no *Livro dos Mortos* declara: “Ó Tu que estás no Ovo, que resplandece do teu disco ...”. 11 também é o número de ZBB, 'zumbido ou zumbido', e está relacionado a Bel-Zebub cujo zootipo é um inseto voador. Isso lembra o significado de *Al Azif* ¹⁹ como "sons de insetos noturnos", ou seja, conchas zumbindo ao lado noturno da Árvore da Vida. 165, o número de série do versículo que proclama a Hora, é o número de *Hesmen*, a 'Voz da Matéria', 'a Mulher' e a 'purgação periódica'. É também o número de NEMO, o lema do Mestre do Templo na Cidade das Pirâmides. ²⁰ 165 é o nome *Hapi* o falo, ²¹ e o OTzH ou 'espinha dorsal' típico daquele órgão que produz 'êxtase' (165) na sacerdotisa ou Mulher Escarlata, Babilônia (165), A 23^a hora é, então, a hora de invocação pelo Signo de Aossic. ²² O número do versículo é 13, que enfatiza o componente lunar do rito de acordo com o antigo *Chandra Kala Pûja*. ²³ O número de série, 167, é o de 'Mulher' e de Amoun, o 'Deus Oculto'. É também o número de ASIMVN, um demônio conhecido como O Inominável, que sugere uma forma de Hastur, 'Aquele que deve ser nomeado Não'. ²⁴

“Desintegração da forma na loucura” [IV.20 (174)] é uma frase que evoca aquelas obras de arte surreais e cubistas que aparecem como loucura do ponto de vista da consciência desperta. Eles são análogos à desintegração de partículas que ocorre durante a transição de um nível de energia, ou dimensão, para outro.

¹¹ Veja também *The Equinox*, IV, onde Aub é definido como "bruxaria, a falsa lua da feiticeira" (p.113).

¹² *Necronomicon* (Schw. Ed.) P.49.

¹³ Dia 23, por cálculo continental.

¹⁴ Veja as obras de John Keel.

- ¹⁵ *The Equinox*, IV, p.89. Observe que a Serpente e a Noiva (358 + 496) se encontram em Daäth. A união deles é um número de *Tia Maat* e de *S'ngac*. É dito no *Necronomicon* que quando Kutulu (isto é, Cthulhu) "se unir às Abominações do Céu [isto é, OVNIs], TIA MAT mais uma vez governará a terra". (Schw. Ed.). O Aeon de Maat é inferido. *S'ngac* é "o gás violeta que falava do caos rastejante, Nyarlatotep" (Lovecraft), o que sugere os gases do pântano da Zona Malva.
- ¹⁶ Por causa de sua associação com conchas.
- ¹⁷ *A Sagrada Cabala* (Waite), p.423.
- ¹⁸ OVNIs são freqüentemente descritos como naves em forma de ovo .
- ¹⁹ O título árabe e original do *Necronomicon*.
- ²⁰ Ver *Liber 418* (Crowley).
- ²¹ *Livro dos Mortos* (Budge, trad.) P.cxix.
- ²² A fórmula completa de invocação é conhecida pelos membros do XI °.
- ²³ Lit. 'Adoração do Suco da Lua, ou Tempo da Lua'.
- ²⁴ Cfr. *Nemo*, mencionado em conexão com o versículo 11.

Vitória é o *phala* (poder) associado cabalisticamente a Netzach, a zona de poder associada ao planeta Vênus, cuja qliphoth é tipificada pelos 'corvos da dispersão'. ²⁵ O número de série, 174, indica uma possível conexão com a IV ° OTO, maçônica ou antiga, cuja senha era Jahbulon. ²⁶ Isto é comprovado pelo fato de que 174, (JVBVLON), ²⁷ é também o número de NVGH LV SBIB, 'splendor ei per circuitum', NVGH ou Nogah sendo um nome da zona de potência venusiana. É possível que Jahbulon seja idêntico a Zebulon, que Jacó descreveu como morando na *praia*. O símbolo de Zebulon era Capricórnio, que era representado pela *cauda de um peixe*, daí a conexão com Babalon, que revela como a fórmula da Mulher Escarlata está ligada à das Profundezas.

IV.22 (176): o Golfo denota a zona malva, o hiato ou *solução de continuidade* que existe entre o mundo da manifestação e da não manifestação. 22 é o número das escamas da Serpente, das células da Qliphoth e dos túneis correspondentes. ²⁸ É também o número da ABIT, o inseto não identificável que guia aqueles que se perdem nos túneis de Set. ²⁹ BITA, 22, é o Rei do Oceano, o 'Peixe Voador', um glifo da corrente sexual não terrestre que está por trás da fórmula da miscigenação mágica. 176 é o número das palavras 'sangue' e 'jasmim'. Este último é um perfume ou *kala* associado em AL, em conexão com o palácio secreto dos quatro portões, com a rosa ou lótus. 176 é também o valor de TzVP, 'transbordar', 'extrudar como excremento' - isto é, matéria ectoplasmática. TzVP deriva do egípcio *Sef*, 'purificar', 'purificar', 'a Voz da Matéria', a 'purgação rítmica'. E o componente fálico também está implícito em 176 = LQVM, 'levantar-se', 'permanecer'. Também ITzVO (176), 'uma cama'.

"Black Eagle" [IV.25 (179)] era o nome do espírito 'desconhecido' de Yelda (ou Yelga ³⁰) Paterson, a entidade que instruiu Austin Spare no sistema de símbolos sensíveis. ³¹ O número 25 compreende o 12 solar e o 13 lunar; é o número do Pentagrama, a 'Estrela da Cópula' que gera o Homem. Embora o versículo em questão se aplique a um nível místico, os implícitos mágicos combinam com as fórmulas da Corrente Ofidiana que é vista como inseparável da Sabedoria de S'lba. 25 é ChlVA, 'a Besta', um tipo de componente não-humano desta magia.

O versículo 27 (181) se refere a uma fórmula incorporada em um desenho de Spare e projetada para abrir os Portais Externos. O desenho foi herdado por Frater Aossic, mas seu significado total não foi percebido até muitos anos após a morte de Spare, e muito depois do incidente da 'Bruxa da Água'. ³² O desenho contém uma fórmula mágica de vital importância. A 'sombra de uma feiticeira da água' de fato guarda um glifo secreto. Ele aparece inscrito acima da genitália da Bruxa, a vulva sendo a porta física para a Zona Malva, ou local de transição. ³³

27 é o número do caminho de Pé. Pé significa 'boca', o órgão especialmente associado aos Mistérios de Maat. É também o número de ChIDH, 'um enigma', 'enigma' e de Aku, o deus da lua adorado também sob o nome de Sin. Novamente, 27 denota o ~~BAHTI~~, os gnomos hediondos mencionados por Blavatsky. ³⁴ Bahti também é 418, vários Aiwass e da Grande Obra. Parece ser uma contração da palavra misteriosa *Bahlasti* proferida por Aiwass como uma entidade com cabeça de falcão (águia) após ter arrancado

²⁵ *Liber 777*, coluna viii.

²⁶ Veja *Magick* (Crowley), p.179.

²⁷ Cfr. Babalon / Babylon.

²⁸ Ver *Nightside of Eden* (Grant), pt.II .

²⁹ Ver *O Livro dos Mortos* (trad. Budge). O louva-a-deus, o besouro de Golias e a abelha desempenham um papel importante no *Livro da Abertura da Boca* (tr. Budge), qv

³⁰ Veja o capítulo 3.

³¹ Veja o capítulo 3. Spare publicou o sistema em *The Book of Pleasure*, qv Em preparação: uma versão expandida deste sistema, contendo muitos exemplos adicionais do alfabeto mágico de Spare, incluindo Símbolos Sencientes e Sigilos.

³² Veja *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant) para muitos exemplos dos símbolos empregados. O relato do episódio da Feiticeira da Água foi republicado várias vezes desde então. Veja *Fonte de Hecate* (Grant), bibliografia, para detalhes.

³³ Veja *Contra a Luz* (Grant). As informações aí fornecidas sobre o sorteio são factuais.

³⁴ *A Doutrina Secreta* (Blavatsky), iii.18.

a carne daqueles que aderem a vários dogmas religiosos obsoletos. ³⁵ O número de série, 181, é o de 'Kundalini'; também, 181 é uma forma de Aossic, ³⁶ de Ilyaos e de QPA, 'obscuridade', 'escuridão'.

O “chamado ao Vento” é para acompanhar ou seguir a abertura do Portal. ³⁷

The Backward Darkness, [IV.28 (182)], refere-se à qliphoth e à 'morada dos sonhos esquecidos' denotada pelo número 28, que também é a cifra mística de Netzach e de KCh, 'poder' (shakti) . Vênus é o controlador de Netzach. As energias da qliphoth, na forma de 'um lodo', aderem ao Portal. O número do versículo, 29, nos permite identificar essas energias como “a própria força mágica, a corrente masculina”. ³⁸ A letra Qoph é atribuída ao 29º caminho. Qoph significa 'a parte de trás da cabeça', a região do cerebelo especialmente ligada à manifestação das energias sexuais no homem. ³⁹ O versículo contém uma referência adicional a um inseto não identificável, lembrando a entidade mencionada no versículo III.48. A palavra 'curioso' pode ser usada no sentido de 'estranho', embora seja mais provável que se refira a uma curiosidade por parte do inseto, semelhante àquela atribuída a ufonautas pairando sobre instalações militares e usinas nucleares. O 'Mestre' e o 'Lama' podem referir-se respectivamente a Crowley e a Lam.

A “raça qliphoth” [IV.30 (184)] parece proteger sobre a terra os postos avançados ou fortalezas dos Filhos de Ísis e pavimentar o caminho ou, talvez mais corretamente, abrir túneis para Sua incursão na consciência terrestre. O lodo, comparado a um fungo luminoso, lembra uma certa aventura no Egito descrita em *The Stellar Lode*. ⁴⁰ O número de série, 184, é o de Sekset, uma deusa egípcia invocada pela fivela ou cinto mágico, um ideograma do 'sangue de Ísis'. Lovecraft se refere a um tarn chamado Kyagoph (também 184) e à “hora do avermelhamento das águas escuras”. ⁴¹

As Aranhas de Besqul mencionadas no próximo verso, IV.31 (185), alinham os Túneis de Set com uma rede diferente das estruturas tecidas por suas contrapartes mundanas. Afirma-se categoricamente que esses alinhamentos não têm afinidade com os Petro Vevers usados no vodu pelos devotos de OKBISH, o fetiche araquino do culto de Obeah. Bes-qul é uma palavra composta que significa, literalmente, 'Casa do Kala'. ⁴² QVL significa 'chamar', 'invocar', 'vibrar'. ⁴³ Não se deve esquecer que Bes é uma forma de *Ves* ou *Aiwass*. ⁴⁴ O número do versículo, 31, é aquele do *Livro da Lei*, que *Aiwass* entregou a Crowley; é a base oracular da nova Gnose Tifoniana. É também o número de KHU. Os khus vivem nas sombras ou almas dos mortos (os *Akhus*). O Khu foi, portanto, constelado como 'o Ghoul', a estrela *Beta* do grupo de Peros. É também o número do *Kia*, o Nem-Nem-Nenhum tipificado em *Zos Kia Quitus* pelo abutre. Além disso, 31 é a soma das iniciais ⁴⁵ da Mulher Escarlate. O número de série, 185, é o da palavra 'Nariz', o órgão do ar ou espaço, e de *Tikkoun*, uma palavra caldeia que denota a primeira emanção do Logos. De acordo com o *Necronomicon* , é "apenas pela Cruz em laço, pelo Vach-viraj incan-

35 AL.III.54.

36 Crowley soletrou Aossic em seus diários de várias maneiras - OShIK, A'AShIK, OSSIK, A'ASIK, AUSSIK. Aqui, a variante é AOTzK. É significativo que este número 181 seja uma metátese de 818 que totaliza 17 e, portanto, pronuncia o Aeon de Zain através do Caminho dos Gêmeos, ou Corrente Dupla. Além disso, o número 818 é formulado no Selo de Aossic pelas Serpentes Gêmeas e a Baqueta. 818 é o número de Rano Roraku, a Porta de Entrada para R'lyeh e simbólica do Culto batráquio dos Profundos, Cthulhu e Dagon.

37 Talvez se pretenda uma invocação da Tabuleta do Ar no sistema de Enoque. Extremo cuidado é necessário. Frater Jopan (Jack Parsons) usou o tablet com resultados desastrosos para ele e para os outros. Veja *The Magical Revival* (Grant)

38 *Liber 777* (Crowley e outros), List of Primes, p.xxv.

39 *Magick* (Crowley), p.183.

40 Um conto de magia egípcia (escrito em 1953), por Kenneth Grant, sobre um foco terrestre da Estrela de Nu Isis. Serializado em *Skoob Occult Review*, Número 5 et seq.

41 *Dreams & Fancies* (Lovecraft), p.31.

42 QVL = 136, soma dos primeiros dezesseis números. 16 é o número de kalas místicos no andrógino. É também o número de Nu Isis.

43 Cfr. Bath-Kol, a 'Casa do Oráculo'

44 Ver *The Magical Revival* (Grant), cap.3.

45 da Qabalah Grega

e pelo elixir de *Tikkoun* ” ⁴⁶ que o Morador das Trevas ⁴⁷ “ pode ser levado de volta às cavernas não iluminadas da sujeira oculta onde ele habita ”.

Liber 29 vel OKBISH, cuja impressão foi descoberta no 29º Túnel durante um Trabalho de Loja, contém referências aos Violentos que lembram os canibais de Lêng. Eles devoram qualquer intruso (incluindo sua própria espécie) incapaz de despertar o Guardião do Túnel. O número de série do verso esconde uma alusão aos Saltadores ou Vaulters, pois 185 denota uma outrora bela sedutora que foi transformada em um sapo de três pernas e banida para a lua porque bebeu o elixir da imortalidade.

“As linhas conduzem abaixo”. Em vista do número do versículo, 32, podemos supor que os caminhos são intencionais; estes se traduzem em túnel quando refletidos atrás da Árvore. Esta interpretação é substantiada por um oráculo transmitido do Túnel de Qoph durante um Trabalho de Loja. O oráculo foi publicado no início de *Outside the Circles of Time*, o título do livro foi sugerido pelo oráculo.

Silêncio, Sono e Conjuração são as três chaves para a Magia de S'lba. Existe uma *qualidade* particular na escuridão fora dos círculos do Tempo, ou o versículo significa que no vazio além, como na escuridão do sono profundo, é possível invocar os Reis Subterrene? De acordo com a mística de *Zos Kia Cultus*, este versículo seria glosado pela fórmula que depende para sua eficácia do esquecimento do sigilo a fim de que possa gestar no subconsciente; desta forma, “o Abismo responderá ... ”

No presente contexto, pode ser significativo que o número 32 esconda a identidade da sacerdotisa ou Mulher Escarlate:

$$\begin{aligned} 3-2 &= 23 + 2 = 5 & 3 \times 2 &= 6 \\ 156 &= \text{Babalon.} \end{aligned}$$

O número de série, 186, denota *Kenoma*, 'o vazio', 'fora'. ⁴⁸ Os Monarcas são provavelmente das Qliphoth, caso em que Bela, o principal Rei de Edom, indicaria uma conexão com Bel. O texto, portanto, atinge o status de escritura, oráculo ou enunciado ⁴⁹ dos Profundos.

O versículo IV.33 (187) é direto até chegarmos à cifra 𐌒 𐌚 𐌖. Seu valor poderia ser 233, ⁵⁰ 473, ⁵¹ ou, como LVGS, 99 ou 339. 233 é o número de OTz HChIIM, 'A Árvore da Vida'; é também o número de um 'canibal cabeludo', o Gnoph-keh, ⁵² mencionado no *Necronomicon*. 233 também denota um 'concubine' e uma 'filha'. 473 é GVLGLThA, 'o crânio', que desempenha um papel importante nas mistérios templários. ⁵³ Está conectado com Yuggoth e com o Aeon de Goth (473), porque o Lugar da Caveira é também o lugar da Travessia presidida pelo "nocivo Yog Sothoth que espuma como lodo

primitivo no caos nuclear além dos postos mais avançados de espaço e tempo!". ⁵⁴ Esta é a "blasfêmia" definitiva (= 473).

99 é o número de ChBLI LIDH, 'as dores do parto', que descreve bem a liberação dos Loogs do Ovo de Lam 'envolto em lodo'. 99 também é DMNH, 'dunghill', 'river'. DM mostra a natureza do lodo, o rio de sangue que carrega a qliphoth na corrente lunar. Que esta é uma interpretação precisa é demonstrado pelas palavras TITHIVN, 'Morada Infernal de Geburah' e 'Poço', ambos avaliados em

⁴⁶ Schw. Ed

⁴⁷ O Morador das Trevas é Nyogtha (143), irmão dos Antigos, para o 14.3, consulte as observações na p. 211

⁴⁸ Ver *Pistis Sophia* (trad. Horner), p.xl.

⁴⁹ No sentido de outrance.

⁵⁰ 30 + 70 + 70 + 3 + 60.

⁵¹ 30 + 70 + 70 + 3 + 300.

⁵² Cfr. *Coph Nia* (AL.III.72).

⁵³ Ver *Genesis* (Wood).

⁵⁴ *O Lurker no Limiar* (Lovecraft / Derleth).

99. É também, no entanto, o número de 'a abóbada do céu', 'uma câmara interna', 'casamento', 'nupcial', que iguala os conceitos anteriores à abóbada ou útero de Ísis.

Deve-se notar que 339 é uma permutação de 393, a Deusa Suprema das Sete Estrelas, *Sefekh*, intimamente associada com Taht e Daäth. O veículo planetário de Sefekh é Vênus, cujo astróglifo é evidente no Sigilo de Aossic. Ele denota uma porta secreta ⁵⁵ ou portal. Um valor de Aossic, 397, menos a 'porta', equivale a 393 ⁵⁶, que também é o número do 'arco-íris', o espectro de kalas conectado com as metamorfoses extradimensionais observadas anteriormente. Além disso, 393 enumera Soatomogo ou Zootomogo, ⁵⁷ "Filho daquele a quem até Dagom e as Profundezas serviram", uma forma de demônio do mar adorado em todas as ilhas do Pacífico. Zotomogo é uma forma de Sothmogg, uma variante do nome usado em Ponape (Carolinas). ⁵⁸

Há uma interpretação alternativa de Loogs que, embora rebuscada, pode ser legitimamente investigada, uma vez que é típica da paronomasia tradicionalmente usada pelos cabalistas. Nos tempos modernos, o nome Bela é associado ao do ator que sintetizou a Força do Vampiro na versão para as telas de *Drácula* de Bram Stoker . Bela Loogs, ou Lugs, se aproxima muito de Bela Lugosi para ser esquecido. ⁵⁹ Lugos é o nome do lugar em que Lugosi nasceu. Como descendente de uma das famílias mais antigas da Hungria, ele, mais do que qualquer pessoa, era particularmente apropriado para o papel.

Os personagens situados entre o L e o G ⁶⁰ podem ser interpretados como a Força da Serpente e os Olhos emblemáticos das fases ofidianas da Dupla Corrente. LG, 33, é o número de Bal (Bel ou Bela), mais uma confirmação do anterior. É também o número do último grau da Maçonaria escocesa, cujo emblema é uma águia de duas cabeças . O número de série, 187, enumera LNQBH, 'uma mulher' (águia), e Bes Kol, uma forma de Bes Qui, já investigado.

Os "espectros" de IV.34 (188) têm uma aparência inofensiva - dois olhos cegos - mas seu sangue (representado pelo glifo da serpentina) é "devastador". A sacerdotisa adormecida ou não desperta às vezes é classificada como 'cega'. Ao seu sangue é atribuída uma dimensão tríplice, consoante flua dos olhos ou da boca. ⁶¹ O primeiro secreta o icor incolor (sem kala) do Vazio; o último secreta seu sangue (lunar) e o Ovo fertilizado "envolto em lodo". O lodo coagulado pela Chamada dos versos IV.28, 29, libera os Loogs, o Logos, a Palavra Perdida.

O termo 'devastador' significa, literalmente, 'do vasto, ou devastação', 'devastação'; é cognato neste sentido primário com o hebraico *léolahm*, 'até os séculos'. O significado

do verso, portanto, parece ser que ao embeber, ou de alguma forma ingerir, o sangue espectral dos Loogs, admite-se o Grande Desperdício ou Vazio. ⁶²

O próximo verso, IV.35 (189), revela os Loogs como ladrões no mundo desperto das forças do Mago. Os Loogs não podem sonhar porque eles próprios são a estrutura do sonho. Eles estão sempre se empenhando em sugar para seu mundo energia material suficiente para facilitar sua manifestação na consciência desperta humana. Ou, uma possibilidade alternativa, eles transformam imediatamente em Loogs a energia da consciência desperta do mago. Do ponto de vista deste último, a operação equivale a posse. 35 é o número de LH, 'força vital', 'vigor'. É o resultado de 7 x 5, que descreve qabalisti-

⁵⁵ Daleth, que significa 'uma porta', é a letra sagrada de Vênus. Seu número é 4.

⁵⁶ Ver *Nightside of Eden* (Grant), pp.167-8.

⁵⁷ Veja *The Disciples of Cthulhu* (Carter), p.149. Observar observações sobre Ponape, *supra*, in re. IAO-OAI.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ Quando Lugosi apareceu no papel no palco em Londres em 1951, descobri que ele não apenas se identificou com a entidade que personificou tantas vezes, mas também expressou admiração pela Magia de Crowley. Não estava claro se para o livro ou para o homem.

⁶⁰ LG = 33, o número do versículo!

⁶¹ Portanto, não há dois olhos, mas dois aspectos de Um Olho e uma boca.

⁶² Observe que 'Kadath dos Resíduos Frios' (*Necronomicon*) é uma forma de Hadith ou Conjunto. De acordo com a tradição das bruxas, o esperma do Diabo é frio como gelo.

o poder ⁶³ dos Antigos. ⁶⁴ 35 é a soma de AGLA, as iniciais de uma frase que significa 'A Ti seja o Poder dos Séculos (ou Aeons)'. ⁶⁵ O número de série do verso é o de SBA DSBIN, 'o Antigo entre os antigos'.

O mago é então exortado a “restringir o Polegar”, a conter a força fálica “até que a Noite de Ísis caia”. Há aqui uma sugestão da fórmula de karezza. A Noite de Ísis, como o número do versículo indica, é o Círculo Escuro de sua presença oculta. 36 é o número indicado pelo pentagrama, ⁶⁶ a Estrela da Mulher (*shakti*) e do *Lha* tibetano, os "deuses" ou Grandes Antigos. Também significa o IGIGI. ⁶⁷ O número de série sugere que a Noite de Ísis pode ser igualada a QTz, 'o fim', 'o tempo designado'; com NOLM, 'oculto'; e com LNPL, 'cair'. ⁶⁸ TZLO (190) também significa 'uma queda'.

Lá fora, a obsessão espreita. Dentro da Estrela está o “resíduo de Bem-aventurança no parapeito de Vith”. Isso é enigmático. O fato de que o versículo 40 se refere a o uma garra sugere um pássaro da classe abutre / águia empoleirado no parapeito do mudra descrito como “Pose Bel-Aossic”. Esta é a postura do Ser na Bem-aventurança de expressar sua própria essência; em termos mágicos, o ectoplasma da manifestação. ⁶⁹ A mecânica da fórmula é então descrita. O número do versículo, 42, é o de AMA, a Mãe 'escura' ou não iluminada. O presente rito é, portanto, executado pela sacerdotisa. O número de série, o de TzVQ (196), apóia essa interpretação; significa 'derramar ou fazer líquido', embora pareça divergir da fórmula tradicional, que é auto-erótica. Exaustão total é a condição necessária para que o Sigilo “brilhe como a Pirâmide de Vith”. Dentro da pirâmide, os Profundos sonham. O número de série, 198, é o de *Koph*, que pode identificá-lo com a “Força de Coph Nia”, ⁷⁰ o sigilo de Aossic e a pirâmide de Vith. Pode ser ainda mais significativo que o número de série do verso 'Coph Nia' seja o número de Panape. *Pan* é uma forma de Lemúria, e *macaco* sugere a Coph ou Kaf-macaco tipo de não-humano ⁷¹ discurso. Além disso, Ponape é o local terrestriai mais próximo do portão oceânico das Profundezas. 217 é um número de ΣHΘ (Seth), como também de ChRDH, 'terror', 'medo', que, conforme inspirado por Eles nas criaturas terrestres, constitui o alimento dos Grandes Antigos. Além disso, o número do versículo de AL, 72, é o de La-ma, 'o Superior ou Superior', um equivalente tibetano do sânscrito *uttara*, 'além', 'fora'. *Lama*, portanto, significa Aquele do Além, ou Exterior; novamente ligando esta Sabedoria de S'lba com o Lama de Lêng.

O círculo de luz, [IV.45 (199)], é uma exalação do O central do sigilo, que está a ponto de explodir com as estrelas de Ísis. A torre alongada se *afasta* do Golfo (O). Esta é uma referência ao glifo fálico que, junto com o Cypher, forma I e O; o Self (T) e seu objeto (O) separar no processo reificatório do nascimento. As espirais de basilisco, representadas no sigilo pelas Senhoras, são aqui identificadas com Ixaxaar, a fórmula ofídica para evocar a qliphoth ⁷² coroada pelo crescente da lua minguante. O sigilo, ~~'esquecido'~~ deliberadamente para os propósitos do Rito Supremo, é lembrado apenas na “bem - aventura do Tornar - se não móvel”. “Das trevas às trevas” [IV.51 (205)] lembra o oráculo escocês, *Asakai Dasu* ('as trevas são imortais'). 51, que aparece no versículo 51 (205), é um número associado ao Continente Perdido, Lemúria, Ponapé e conceitos cognatos frequentemente associados ao 'Mal'. 51 é também a vibração *Hum*, que foi descrita como o mantra raiz dos Grandes Antigos, de Lam e do complexo de 'lama'. Mas 51 também é igual a *Maat*, e essa equação mostra a natureza desse 'Mal' em seu *Taam* reflexo, a 'comida Amaldiçoada' ⁷³ dos Feiticeiros. 51 enumera Azazel que, de acordo com o *Livro de Enoque*, foi um dos anjos que se deitou com as filhas dos homens. Ele também foi um dos 'Observadores', disse

⁶³ Poder = shakti = mulher, cujo número é 5.

⁶⁴ Isto é, os Deuses; *neter* (os deuses) = 7.

⁶⁵ Ateh Gibor Léolahm Adonai.

⁶⁶ 36, o número de graus de cada ângulo do pentagrama regular.

⁶⁷ Veja o capítulo 7.

⁶⁸ Cfr. "a queda do Grande Equinócio", AL.III.34.

⁶⁹ Cfr. a fórmula descrita na lenda da criação egípcia registrada no *papiro de Nesi Amsu* (trad. Budge).

⁷⁰ AL.III.72.

⁷¹ Ou seja, alienígena.

⁷² Seu número é 333 = Choronzon. A fórmula envolve o uso do Hexecontalitho, ou 'Sixtystone'. Veja Solinus, citado em *The Novel of the Black Seal*, de Machen.

⁷³ Ou seja, de proveniência lunar. Esta expressão identifica as Trevas, Asakai (93) - cf. Akasa, Black Egg - com a fórmula de Aivaz (93) reverberando através de LAM (71 = Dasu), o tipo do Morto-Vivo ou Imortal.

ter corrompido a raça humana “ao transmitir ao homem um conhecimento misterioso que não era bom para o homem conhecer”, uma referência à Sabedoria Proibida da qual esta *Sabedoria de S'lba* é, em certo sentido, um resumo formando um grimório prático de tráfego com entidades estrangeiras.

O número de série, 205, é a soma das letras OTO + KLU (Kutulu), que aponta diretamente para o instrumento terrestre dos Exteriores, particularmente de Cthulhu. É também o número da palavra OMPEHDA (AL.III.54) que ainda não foi totalmente interpretado; e de 'pênis', o veículo mundano da Força de Coph Nia glifado no Sigilo de Aossic.

Ra-Thek ⁷⁴ é $201 + 425 = 626$ ou $201 + 905 = 1106$. 626 é o número de Melkizedek, ⁷⁵ e de Attaum, o anjo gêmeo que revelou a Gnose dupla ⁷⁶ ao Profeta Mani. Attaum também é 66, o 'número místico das Qliphoth' e da Grande Obra. 1106 é ShRRVTh, a imaginação', ⁷⁷ e MThN ⁷⁸ HTh VRH, 'a entrega da Lei'.

O Sigil sela “a Esfera Externa de Mauve além da qual enxameiam os Filhos de Ísis“. O número do versículo, 50, é a letra *Nun*. *Nun* significa 'um peixe', emblema dos Profundos. No Tarô, *Nun* está associado aos mistérios da Mudança, que em sua forma final aparece para os terrestres como desaparecimento ou morte. O mistério da morte comporta uma mudança de dimensão, como quando os OVNI's desaparecem além do espectro compreendido pelos órgãos dos sentidos. 50 é o número de portas da Cidade das Pirâmides (Binah), além ou acima do Abismo. A doutrina se refere ao retorno do Homem à sua casa estrelada por meio de Shekinah (shakti). O primeiro portão está na matéria e é a vulva, e o último portão está em Deus (o Externo). Este Portal está em Saturno (Binah), de modo que o contato com o Exterior e com os Externos, que, por reflexo, são os Internos ou Profundos, é estabelecido em ou através de shakti como Shekinah. Este é o fundamento lógico da magia sexual. A tradição rabínica afirma que Moisés falhou em abrir o 50º portão porque ele havia deixado de viver com sua esposa. A união do Yod e do Hé ($10 \times 5 = 50$) resultou em 5 luzes que deram origem (como o ovo espacial) aos 50

Portões das Luzes Supremas. Diz-se que foi devido ao malvado Samael que Moisés só conseguiu entrar em 49 Portões.⁷⁹ 50 é também o número de IM, 'o Mar', morada dos Profundos. Novamente, os 50 dias quentes⁸⁰ atribuídos a Set são análogos ao calor explosivo relatado em conexão com a proximidade de OVNI's. 50 é também o ciclo ou 'período' de Sirius 'B', a estrela escura tipificando o 'ponto atômico infinitamente pequeno', Hadit ou Conjunto. O número 51 já foi discutido. 52 é o número da Mãe fertilizada, ou seja, a sacerdotisa desperta e ativa nos aethyrs ou círculos mágicos. O número de série, 206, denota DBR, a 'Palavra de Poder', 'o Portal do Mundo de Luz', também 'uma nuvem'.⁸¹

A lei e o objetivo desta magia envolvem o congresso com a sacerdotisa (shakti / shekinah), não via amor terreno, que compreende os 7 x 7 (49) Portões, mas via 'amor sob vontade' (93), que vai além, para o 50º Portão que se abre para a Cidade das Pirâmides.⁸²

IV.52 (206): O Sigilo “sela a Esfera *Externa* de Malva”. Além da Zona Malva, enxameiam os Filhos de Ísis.

IBA = 13, o número de Unidade e, por reflexo, 31, o número de LA (Não). Isso sela a Sabedoria de S'lba no sangue da Lua, cujo número é 13. A palavra IBA significa 'Ele virá'. É uma metátese de BIA, 'força', 'poder' (shakti). 'Ele' se refere ao Antigo, Aossic. As letras IBA são as iniciais de Ilyarun-Bel-Aossic.

⁷⁴ Cfr. Thok, reflexo de Koth.

⁷⁵ Veja Vallée para detalhes da importância deste conceito em conexão com OVNI's, etc.

⁷⁶ Dupla Baqueta de Poder, Dupla Corrente, etc., simbolizados pelo número 11.

⁷⁷ Veja *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant) para o papel desta faculdade na tradição de sigilos e símbolos conscientes.

⁷⁸ Cfr. o sânscrito *maithuna*, 'congresso sexual': o mecanismo de 'dar a lei', ou a lei que governa a magia sexual.
⁷⁹ Samael tipifica a fase escura da sacerdotisa, e isso, talvez, explique por que Moisés deixou de coabitar com sua shakti. Veja *The Holy Kabbalah* (Waite), pp.281, 390.

⁸⁰ O Khamsin, ou vento do deserto, o veículo atmosférico de Set.

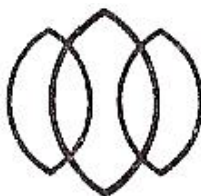
⁸¹ A menção de nuvens aparece freqüentemente em relatos de avistamentos de OVNI's, e em alguns textos tibetanos a nuvem é sinônimo de presença alienígena.

⁸² Veja o comentário no versículo 50.

Observe que os globos ou conchas de Yog-Sothoth são 13 em número, e que o sinal para invocá-los inclui Olyarum (uma forma de Ilyarun). Yog Sothoth é tanto o Portal quanto o Guardião do Portal. Um dos números de Olyarum é 352 que, como AVR MOLH, 'a Luz Exaltada', é uma descrição adequada da radiância transplutônica associada à Estrela de Nu Isis. E aqui novamente encontramos o simbolismo do nariz, pois 352 é o número de ARK APIM, 'nariz longo', um título do Deus Supremo. É também o número de *Tono NALLAMA*. *Tono Nalema*, ou *Tono Nalama* é conhecido como a 'Estrela do Olho', o Olho Negro de Set sendo implícito. Observe a presença em nome do onipresente Lam. O simbolismo é realçado por 352 sendo a valorização de H'OΔOΣ, 'O Caminho', o significado preciso de Lam. Além disso, 352 renderiza 'Satalia', o 'buraco negro' discutido em conexão com um versículo anterior. Outra equação reveladora é: NU (56) + Ísis (140) + Babalon (156) = 352 !, que associa inequivocamente esses conceitos aos ritos do *Varna Marg*,⁸³ e ao culto da Deusa (Nu Isis / S'lba) Esta conexão cósmica é mostrada novamente em BRQIM (352), 'relâmpago', a influência do Exterior. Há também uma equação com QBRIM (352), 'tumbas', indicando uma conexão adicional com a fórmula necromântica de Lêng. O *Ashemu* (352), de acordo com o *Livro dos Mortos*, são 'os deuses em formas materiais', o que sugere que esta magia traz para a terra, ou manifesta, os Exteriores.

Uma enumeração alternativa de Olyarum é 912, o número de *Restau*, 'a tumba'. Há uma alusão no *Livro dos Mortos* aos “vermes que estão em Restau que viveram dos corpos ... e se alimentaram do seu sangue”. A referência é às Serpentes guardando os corredores no Reino de Sokar; em termos mágicos, o uso da Corrente Ofidiana em conexão com os Túneis de Set. 912 é o número de Prometeu, o 'junco oco' (forma masculina de Koth, o 'Oco') que trouxe o fogo do céu; o relâmpago de fora.

Glossário



[(Th) após uma palavra denota uma afinidade especial com a Corrente Thelêmica ou 93; por exemplo, *Agapé* (Gr / Th) significa que *Agapé* é uma palavra grega com conotações Thelêmicas.]

Ar : Termo árabe

CH : Caldeu

Por exemplo: Egípcio

Gr : Grego

(Nota: Muitos nomes de deuses egípcios são dados em suas formas gregas geralmente portanto, classificado etimologicamente.)

Heb : Hebraico

Nec : Uma palavra associada ao Necronomicon Gnose.

Skt : Sânscrito

S : S'ibaic

Th: Thelêmico

(Todos os termos são glosados com referência particular à Tradição Tifoniana).

A. .A. . : *Veja Argenteum Astrum*. As iniciais AA = 11 ou 2 denotando a Corrente Dupla ou Baqueta Dupla do Poder.

Aahti (por exemplo): Os devotos da Tradição da Sabedoria Estelar. *Veja Maati, Menati*.

Ablis: Anagrama de Silba. *Veja S'iba*.

Abismo: Uma designação técnica da solução de continuidade que existe entre as Supernais e os Infernais no sistema cabalístico da Árvore da Vida. O assunto é muito complexo para um glossário e deve ser estudado em sua plenitude nessas trilógicas e nas obras de Aleister Crowley.

Advaita (Skt): O estado de não dualidade em que o jogo do mundo não existe como tal. *Veja Dvaita*.

Ágape (Gr / Th): A palavra significa 'amor'. Junto com *Thelema*, ('vontade'), *Ágape* constitui a dupla fórmula de 'amor sob vontade', que expressa a fórmula da Corrente 93. Tanto *Agapé* quanto *Thelema* = 93.

Aiwaz (Th): *Aiwaz* soma 93. Veja *Aiwass*.

Aiwass (Th): O 'Anjo' ou 'ministro' de *Hoor-paar-Kraat*. Na forma de *Aiwass*, *Aivaz* (93) soma 418, o número da *Grande Obra*.

Ah (Ch / Th): Deus, Existência. O Grande Antigo, *por excelência*. Também o título abreviado do *Livro da Lei* usado ao longo dessas trilogias.

Almala (S): Um lema de Frater Aossic. Uma fórmula da 'filha', ou sacerdotisa, em seu sono magnético na fronteira entre a existência (AL) e a não existência (LA).

Anatma (Skt): Altruísta, o Não-Eu. A realização suprema *via* budismo, equivalente à dissolução da consciência pessoal em seu fundamento ou substrato impessoal. Veja *Abismo*.

Anatta : O equivalente em Pali do *Anatma*.

Antigos (Nec): Veja os *Grandes Antigos*.

Aossic (S): Um Grande Antigo. Seu sigilo e, portanto, sua fórmula, são descritos em *The Wisdom of S'lba*. Seu Nome, que contém a fórmula para evocar os *Filhos de Ísis*, foi adotado pelo atual Chefe da OTO - Aossic-Aiwass, 718, um número que se combina com a Deusa Suprema, 393, para produzir 1111, o Double Eleven, e para abrir os 22 (11 x 2) *Túneis de Set*.

Aossic-Aiwass, 718 (S): Veja *Aossic*.

Apep (por exemplo): Veja *Corrente Ofidiana*.

Ardhamatra (Skt): Uma forma do *Chandrabindu*.

Argenteum Astrum (Th): O A. 'A. ' . A Estrela de Prata é o nome da Ordem que reflete através de Sirius (a Estrela de Prata) a influência do Exterior ou Além. A estrutura terrestre da Ordem é descrita por Crowley em *One Star in Sight*, (*Magick*, pp.325-338).

Asana (Skt): Um termo iogue que significa 'assento', 'postura'.

Avaris (Gr): Nome do último centro de culto dos Typhonians no Egito. Sede dos *Hekshus*.

Ayoga (Skt): A ioga da desidentificação. A dissolução da falsa união (ioga) do ego e do Self. O primeiro é uma aparência (fenomenal), o último é a Realidade (Númeno).

Babalon (Th): Veja *Qliphoth*.

Bindu (Skt): Semente, espermatozóide. O ponto infinitamente pequeno ou atômico. Equivalente à noção de *Hadit* na metafísica de Thelema.

Livro da Lei, O (Liber AL vel Legis) : Originalmente conhecido como *Liber L*, e, posteriormente, como *Liber AL*. A transmissão de *Aiwass* recebida por Crowley no Cairo (1904) via Soror Ouarda, sua ponte, Rose Kelly. *O Livro da Lei* forma o grimório básico de *Thelema* e da Corrente 93 como manifesto no Aeon de Hórus.

Brahshhta Yogin (Skt): Aquele que cai do caminho da ioga.

Chandrabindu (Skt): Lit. 'semente da lua'. A materialização da spanda criativa (vibração) por meio da corrente lunar. Chandrabindu aparece como o crescente lunar e um ponto no mantra raiz, OM: ॐ

Chandrakala (Skt): O Moon-kala ou 'perfume' do *suvasini*.

Filhos de Ísis (S): A geração estelar da zona de poder transplutônica, Ísis. (Veja *Sabedoria de S'lba*).

Cthulhu (Nee): A anormalidade parecida com uma lula que está sonhando na cidade submersa de R'lyeh, esperando para ganhar, em aliança com os Exteriores, a reintegração de posse do planeta Terra. Cthulhu é o Senhor das Profundezas. (Veja as obras de HPLovecraft).

Deep Ones, The (Nec): Habitantes do *Abismo*, representados como monstros marinhos, o oceano tipificando o subconsciente. (Veja *Cthulhu*).

Dharma (Skt): Vontade, Princípio, Verdadeira Natureza de uma coisa.

Dikpalus (Skt): Guardiões do Espaço.

Digamearas (Skt): Lit. os 'vestidos espaciais', traduzido às vezes de maneira enganosa, os 'nus'.

Digpalas (Skt): Veja *Dikpalas*.

Disco, Alado : Veja *cápsula espacial*.

Corrente Dupla : O astróglifo de Aquário ☊ representa a corrente dupla de Horus / Maat à medida que flui através da Varinha Dupla de Poder (*shakti*). Consulte A. 'A. ' . .

Dvaita (Skt): O estado de dualidade em que o jogo do mundo parece existir. Veja *Advaita*.

Eblis : S ee *Ablis, Iblis*.

Espectro (s) de energia: reflexos subconscientes objetivados como entidades não terrestres . Veja *cápsulas espaciais*.

Esquecidos: Entidades projetadas do subconsciente pelo poder da magia. Eles aparecem no estado de vigília e sonho em formas consoantes com o *dharma* do mago. Os Esquecidos podem, portanto, aparecer como os *Grandes Antigos*, os *Exteriores*, os *Profundos*; ou simplesmente seres humanos.

Great Old Ones (Nec): Também conhecido como Ancient Ones. Eles são os poderes ocultos que governam este planeta atualmente. Os feitiços para se comunicar com Eles estão escondidos em grimórios como o *Necronomicon*, o *Livro da Lei* e a *Sabedoria de S'lba*. Os emissários dos Antigos Escolhidos geralmente não têm nome, mas membros de Sua raça delegados ao tráfico com terrestres apareceram para indivíduos especialmente preparados (Al Hazred, Crowley, Austin Spare, etc), com o propósito de comunicar certas chaves para os Portais Externos .

Grande Fraternidade Branca : Ver *Argenteum Astrum*. Branco é sinônimo de prata.

Grande Trabalho: A transmutação da Primeira Matéria (Terra) na Luz Suprema (ouro) da Consciência Cósmica. O verdadeiro Al -chemy é efectuada por meio da *Tifoniana actual* em suas formas Thelêmica, Ophidian, e draconianas. O 'número' da Grande Obra, 418, é também o de *Aiwass*, que transmitiu a Crowley o *Livro da Lei*.

Hadit (Eg / Th): O 'ponto atômico infinitamente pequeno' (Crowley); o *bindu* . Seu análogo em fisiologia é o espermatozóide; na física, o mundo das micropartículas. Hadit é o reflexo de *Nuit*, cuja massa

é infinitamente grande. O Culto de Hadit diz respeito à ciência das partículas elementares; a de *Nuit*, astronomia e as estrelas do espaço infinito. *Had is Set*, uma forma de *Hoor-paar-Kraat*, o silencioso, oculto, infinitamente minuto; o deus anão.

Harpócrates (Gr / Th): Veja *Hoor-paar-Kraat*.

Hek (por exemplo): O Deus das Trevas; também conhecido como *Kek*, *Kak*, *Hak*; O Deus abaixo do horizonte, às vezes chamado, em consequência, o deus sem cabeça. Um nome primitivo de *Hoor-paar-Kraat*.

Hekshus (ou *Hyksos*): Votários de *Hek*.

Hoor-paar-Kraat (Eg / Th): O Anão ou Deus Silencioso 'aleijado em seus membros inferiores', ou seja, o tipo do bebê impubescente e o deus 'sem cabeça'. Ele é o gêmeo escuro ou sombra de *Horus*. *Aiwass* se descreve, em *AL*, como um 'ministro de *Hoor-paar-Kraat*'.

Hórus : O nome grego para o egípcio *Har*, ou 'criança'. O *bar* masculino é o 'herdeiro' dos deuses. O nome foi posteriormente incorporado na palavra *P har oahs*. Os 'deuses' eram primeiramente femininos, e a criança do sexo masculino originalmente representava o filho da Mãe, de acordo com a Tradição Estelar. *Hórus* representa a linha solar nos mitos posteriores e, portanto, é visto como estando em constante conflito com o tipo anterior. Este conflito, ou a ideia dele, surgiu de um mal-entendido da Tradição anterior por outros que a datam há muito tempo.

Hyksos: Veja *Hekshus* : Os devotos de *Horus* como *Hoor-paar-Kraat*, o tipo primordial dos Antigos na Tradição Estelar ou Tifoniana.

Iblis : O Diabo dos Árabes. Veja *Ablis*, *Eblis*, *Silba*.

Ilyaos (S): Uma combinação de *Ilyarun* e *Aossic*, as formas feminina e masculina da *Corrente Dupla* transmitindo para a Terra a influência de *S'lba*.

Ilyarun (S): O nome de um Externo que figura com destaque na Sabedoria Proibida. No *Neocronomicon*, *Olyaram* é parte de um feitiço para evocar *Yog-Sothoth*. O *Olyorun* africano é provavelmente cognato de *Ilyarun*.

Ísis : A forma grega de *Ast*, a deusa egípcia cujo nome significa 'trono', 'assento' ou 'fundamento'. Seu representante estelar é *Sothis*, ou *Sirius*, por meio do qual ela refrata as energias de sua fonte transplutônica, *Nu Isis*.

Kak, *Kok* (por exemplo): Veja *Hek*, *Hekshus*.

Kali : deusa hindu do tempo e período, ela deu seu nome ao *kalendar* e aos *kalas* que compõem os períodos de tempo marcados por seu almanaque físico. *Kali* é considerada a deusa da destruição ou da dissolução porque o Tempo dissolve no oceano indiferenciado da consciência numênica a variedade dos fenômenos.

Círculo Kaula : O *Círculo Mágico* da Deusa *Kali* na forma de uma flor ou lótus típica do emblema feminino da fonte e do portal da dissolução final. O florescimento mais completo do lótus, ou círculo, é acompanhado por 43 *Suvasinis*. Seus mistérios foram expostos em *Cults of the Shadow* (Grant). O *Moon-Circle* é um glifo cognato.

Kia : Um termo usado em *Zos Kia Cultus* para denotar a 'Atmosfera', ou Consciência Cósmica. Seu emblema é o abutre porque, como o tempo, ele devora todas as coisas.

Koth (Nee): Uma torre vista por sonhadores no limiar do sono. É o primeiro Pylon antes dos Túneis de Set. De acordo com Lovecraft, Koth tem uma placa “que os sonhadores veem fixada acima da arcada de uma certa torre negra que fica sozinha no crepúsculo ...” (Veja *o caso de Charles Dexter Ward*).

Kumbhaka (Skt): retenção da respiração durante o ciclo de *pranayama*.

LA (Th): 'Não existência', 'Não'. O reflexo de *AL*, 'Ser', 'Deus'.

Lam (Th): Termo tibetano que significa 'O Caminho'. A doutrina relativa a esta entidade é muito complexa e não está incluída em um glossário. Ele pode ser estudado em detalhes ao longo dessas trilógicas. Veja em particular. *Fora dos Círculos do Tempo e da Fonte de Hécate*.

Lamal : Um palíndromo denotando a fórmula de *Lam* inclusive de *AL*, *MA*, *LA*. (Veja também *Almala*). Essas três letras contêm uma chave para os mistérios dos éons de Horus (*AL*), *Maat* (*MA*) e *Zain* (ou *Set*) (*LA*).

Lambika ioga (Skt): Uma forma altamente especializada de união ou ioga envolvendo a língua, o instrumento mágico de *Maat*.

Liber AL vel Legis (Th): Ver *Livro da Lei*, *The*.

Lila (Skt): World-Play. A ilusão de existência, ou aparências (isto é, fenômenos), e de não existência, concebida como um jogo de consciência.

LVX : Um termo gnóstico que significa a Luz da Consciência. Veja *Nox*.

Ma (Egn): O aspecto-filha da Mãe (*Maat*), sendo a fórmula da sacerdotisa em seu sono mágico ou magnético. A virgem ou não desperta.

Maat : Deusa das escalas. Ela equilibra com sua espada (*Zain*) os aeons de Horus e Set. O Aeon de *Maat*, esboçado em *Liber AL*, não é um aeon positivo, mas, como Verdade ou Realidade, o substrato de todos os aeons. Quando o Equilíbrio é perturbado, ou seja, quando os fenômenos são considerados 'reais', ela traz devastação com sua espada, e pesadelo. Quando o equilíbrio perfeito é alcançado, sua espada é a lâmina afiada e brilhante da verdadeira discriminação que distingue o irreal do real, o fenomenal do Noumenal. Este é o verdadeiro conhecimento, *Jnana* ou *Gnose*.

Maati : Veja *Menati*.

Madhyamaka (Skt): Uma metafísica formulada por Nagarjuna no século 2 DC. É caracterizada pela adesão a nenhum ponto de vista particular e seu poder de derrubar todos os pontos de vista baseados no raciocínio fenomenal (ou seja, pontos de vista pertencentes apenas ao estado de vigília, que inclui todas as ciências empíricas, religiões organizadas, filosofias, etc.). Esses pontos de vista são demolidos pelo *Madhyamika* em e por seus próprios quadros de referência. *Madhyamaka*, portanto, estabelece a doutrina central do verdadeiro Despertar ou Iluminação. É, em um sentido histórico, um sistema peculiarmente budista.

Madhyamika (Skt): Um adepto da Escola *Madhyamaka* de metafísica.

Zona Malva : Veja *Zona Malva*.

Mantra (Skt): Palavra de Poder. O equivalente dinâmico e vibratório do *yantra*.

Maskim (Ch): Os Maskim definiram deen como reflexos dos 7 Espíritos Planetários, mas em sua mitologia mais antiga estes foram precedidos pelas 7 Luzes ou Espíritos de Typhon. Os Maskim são seus reflexos.

Zona Malva (S): O cinturão que cerca o *Abismo*. Seu símbolo é o pântano, e sua substância, os eflúvios do pântano, nos quais se refletem as qliphoth dos Antigos atrás da Árvore da Vida. O assunto é altamente complexo; veja, em particular, *Lado Noturno do Éden* e *Fonte de Hécate*.

Magick da Zona Malva : Uma manipulação das emanações magnéticas da *Zona Malva* que ativa fenômenos peculiares a essa zona. Veja *birras tangenciais*.

Menati (por exemplo): Outro nome para os Typhonians, que adicionaram o componente lunar aos ritos de *Aahti* e *Maati* (ver *Maat*). Todas as três correntes foram consideradas "impuras" pelos cultos orientados para o sol .

Meon (heb): 'The Heavenly Habitation', um trocadilho eufemismo para a vulva. De acordo com Inman, o Beth-Baal-Meon era um templo de rituais lascivos. A conexão com o Ma-Ion (Ver *Cultos da Sombra*, cap.8) é via o significado metafísico do termo Meon, que denota a Habitação dos Exteriores, por trás da Árvore da Vida. É uma expressão usada pelos Cultistas da Cobra Negra para denotar o Universo 'B', o reflexo do Universo 'A', o universo conhecido'. *Meon* significa uma 'habitação' ou 'habitação'.

Mezla (Heb): A influência de Kether, a primeira zona de poder da Árvore da Vida. Como Kether representa a zona de poder plutônica, Mezla representa o canal de transmissão do Exterior. Seu número, 78, é um número de *Aivaz*.

Círculo lunar : Veja o *círculo Kaula*.

Neith : A Deusa do Espaço Infinito. Neith, como 'Nem-Nem' é o tipo dos Deuses como a Rede ou o *Neter*. Ela não é nem macho nem fêmea, mas neutra; nem *Samsara* nem *Nirvana*.

Neter (por exemplo): Os Deuses. Seu símbolo é o Sinal Neter ou Machado (♄), a figura 7 típica das Sete Estrelas da Ursa Maior, os primeiros deuses da luz no céu. Esses deuses não são machos nem fêmeas, mas neutros. Suas emanações são femininas e masculinas como Typhon e Set. Veja *Neith*.

New Isis Lodge : Uma célula da OTO fundada por Kenneth Grant em 1955. Funcionou por sete anos, durante os quais foram recebidas as transmissões transplutônicas das quais a *Sabedoria de S'iba* é a principal. Também durante estes sete anos, a magia da *Zona Malva* foi desenvolvida, e a OTO foi realinhada com o Cultus Tifoniano dos Exteriores. As *Trilogias Tifonianas* são baseadas, em última análise, no Funcionamento da Loja New Isis.

Nirvana (Skt): A cessação do jogo da Consciência conhecido como *Samsara*, do qual o Nirvana é o reflexo. Tanto o *Nirvana* quanto o *Samsara* são conceitualizações; nenhum deles é real.

Nox : Um termo gnóstico que significa a noite do tempo. O reflexo de *Lux*.

Nu-Isis (S): A zona de poder transplutônica que irradia, ou projeta, via *Sirius* (*Set*), os *Filhos de Ísis*.

Nuit, Nuith (Eg): Ver *Neith*.

Corrente Ofidiana : A corrente mágica de energia controlada por Apep (Ex.), A Cobra de Fogo em seu modo descendente ou de materialização.


Ordo Tempil Orientis (O.T.O.): A Ordem dos Templários do Oriente. A antiga Ordem dos Templários se comprometeu com as doutrinas do Santo Graal. Foi revivido no século atual por um adepto austríaco, Karl Kellner, que morreu em 1905. Ele foi seguido por Theodor Reuss, até que Aleister Crowley assumiu a Ordem por volta de 1912. Após a morte de Crowley em 1947, houve um hiato durante o qual os assuntos da Ordem foram dirigidos por seu Tesoureiro Karl Germer até que, em 1955, Kenneth Grant assumiu a liderança.

OTO : Veja *Ordo Tempil Orientis*.

Otz Chiim (Heb): *A Árvore da Vida*. Veja o diagrama.

Exteriores (Nee): Seres totalmente próximos, tipificados por entidades amplamente remotas e transplutônicas, os métodos de cuja evocação estão contidos em grimórios como *Dzyan*, *Liber AL*, o *Necro-nomicon*, *Sabedoria de S'lba* e outros textos.

Prana (Skt): A força vital, simbolizada pela respiração.

Pranava (Skt): OM (AUM), a semente ou raiz-mantra da Criação. O glifo  contém o *chandrabin du* e se assemelha ao número 30 que, nos mistérios mais antigos, denotava Totalidade, Conclusão, Uma Lua ou Círculo Cheio.

Pranayama (Skt): Controle da força vital, *prana*. Yama é o Senhor da Morte. A palavra, portanto, implica a cessação final do pensamento, pois pensamento e respiração estão inter-relacionados. Essa cessação (morte), conscientemente alcançada, concede a liberação da escravidão fenomênica e a conseqüente ilusão de existência.

Puraka (Skt): A respiração que entra. Veja *Kumbhaka*, *Rechaka*.

Qliphoth (Heb): forma plural de *Qliphá*, 'uma prostituta', uma 'mulher estranha'. Um tipo de alienígena ou Externos. O termo denota também as conchas ou sombras dos mortos, ou seja, aqueles do Outro Lado, com quem o congresso, como com a 'mulher estranha', era considerado perigoso. Seu arquétipo é Babalon, a prostituta sendo um símbolo de 'Fora'.

Ra-Hoor-Khuit (Eg / Th): O aspecto ativo e positivo de Horus, já que *Hoor-paar-Kraat* é o negativo. Projetos RHK (centrífugos); HPK absorve (centrípeto).

Rechaka (Skt): A respiração que sai. Veja *Puraka*.

Rhan-Tegotb (Nee): Um Grande Antigo associado por Lovecraft com os Resíduos Frios além de Kadath.

Samsara (Skt): O jogo da Consciência que aparece como o Mundo. O complemento do *Nirvana*.

Satan : O nome deriva de raízes africanas, 'sut' significa 'preto', e 'an', 'um cachorro', 'chacal' (e onde o tipo está registrado mais ao norte, 'um lobo). O Deus Negro do Egito, gêmeo do brilhante Hórus, era conhecido como Set ou Sut, a palavra para escuridão, de onde vem nossa palavra 'fuligem'. Set-An, ou Set- Anubis, foi a forma mais antiga de Set-Horus, o deus da Estrela Dupla, Sothis ou Sirius, a Estrela-Cão. Set-An combinou em uma imagem o pássaro negro de Set e o chacal dourado do Deserto; os gêmeos escuros e brilhantes. Os cristãos moralizaram e Set-An tornou-se o adversário ou oposto, tornando Set 'mau' e Hórus 'bom'. Na primeira fase (isto é, a Tifoniana) do simbolismo, o 'An' era o macaco lunar kaf ou cinocéfaló, o babuíno sagrado com cara de cachorro dos Mistérios primitivos. Conseqüentemente, o macaco, o pássaro preto, o cachorro, etc., tornaram-se, e ainda são, para os cristãos, zótipos satânicos do princípio do mal.

Saturno : O representante planetário de Set-Typhon ou *Satanás*.

Sepbira, Sephiroth (heb): as dez sephiroth e os vinte e dois caminhos formam a base da Árvore da Vida (ver ilustração 17). Cada sephira é uma zona de poder através da qual as influências do Exterior fluem por Kether (a primeira zona de poder) e formam os vinte e dois caminhos. Os reflexos dos caminhos formam as escamas da Serpente da *Qliphoth* que fura seu caminho pelos *Túneis de Set*. (Veja *Nightside of Eden*).

Conjunto : A sombra escura ou gêmea do deus brilhante, Hórus, o Deus do Fogo. Veja *Satanás*.

Shakti (Skt): 'Poder', 'Energia'. Geralmente representado na forma de uma mulher ou deusa. Em sua forma virgem, ela denota o estado adormecido ou adormecido dos sentidos, a *condição sine qua non* do potencial supersensual necessário para uma atividade mágica genuína.

Shekinah (Heb): A Virgem dos Cabalistas. A palavra é cognata com a concepção hindu de *shakti*, que denota o aspecto dinâmico de Shiva (isto é, Consciência).

Silba (S): Forma fonética de *S'lba*.

S'lba (S): The Self. Fonte da Sabedoria da Tradição Estelar como sintetizada na *Sabedoria de S'lba*.

Silêncio : O quarto poder da Esfinge. Tipificado no antigo Egito pela criança muda ou sem palavras, *Hoor-paar-Kraat*, sentado em uma flor de lótus com o polegar ou indicador pressionado contra a boca.

Estrela de Prata, A Ordem do : (Ver *Argenteum Astrum* e *Sirius*).

Sirius : O representante estelar de *Set*. *Sirius*, ou *Sothis*, é a Estrela de Prata de Ísis, e o foco da Influência transplutônica do Exterior, cuja Corrente informa o A. .A. . e a *OTO*

Cápsula espacial : o disco alado que carrega dos Exteriores a semente de Ísis. Também conhecido como glóbulo de vitalidade .

Suvasini (Skt): Lit. 'mulher de cheiro doce'. A sacerdotisa participando dos ritos do *Círculo Kaula*.

Birras tangenciais (S): Uma expressão cunhada por Kenneth Grant para denotar fenômenos inesperados e imprevisíveis resultantes, tangencialmente, de *Mauve Zone Magick*. (Veja a *Fonte de Hécate*). *S'lba*, o grimório desta Magick, foi descrito como um *Tantra Tangencial* .

Tantra (Skt): Um ensinamento recebido ou transmitido freqüentemente na forma de um diálogo entre um deus e sua *sbakti*.

Thelema (Gr / Th): Will. A doutrina de Thelema exposta por Aleister Crowley, às vezes referida como a Corrente 93 porque foi recebida de Aiwaz, cujo número é 93, e diz respeito à fórmula sexual -o-mágica de amor e vontade, ambas palavras (em grego) some 93. Ver *Aiwass, Agapé*.

Túneis de Set : Não deve ser confundido com os caminhos de volta da Árvore da Vida, dos quais os Túneis são os reflexos finais. Veja *Nightside of Eden* (Grant), Pt.II, para uma descrição dos túneis e meios de evocar seus habitantes ocultos.

Typhon : A Mãe de Set e a Deusa mais antiga. Ela é representada pelas Sete Estrelas da Ursa Maior.

Corrente Typhonian : A energia estelar que informa a Tradição Ty-foniana que teve suas origens terrestres na África, e atingiu a floração plena nas Dinastias das Trevas do Antigo Egito.

Tradição Typhonian : Veja *The Magical Revival* (Grant), onde o assunto é tratado em detalhes. Esta Tradição é idêntica à Gnose Estelar expressa na *Sabedoria de S'iba*. Veja a *Corrente de Typhon*.

Nunca : Um termo usado no Voodoo para denotar um diagrama mágico ou sigilo de um deus. É o equivalente ao *yantra* hindu .

Globo de vitalidade : Veja *cápsula espacial*.

Viveka (Skt): Discriminação espiritual. A faculdade que permite ao aspirante distinguir o real do irreal, o numenal do fenomenal, o Eu do ego.

Voltigeur : O Vaulteur, ou Leaper, dos caminhos atrás da Árvore da Vida. Termo introduzido por Michael Bertiaux. Veja *Cultos da Sombra* (Grant).

Yantra (Skt): O equivalente linear de um mantra ('palavra de poder') e de um *tantra* (transmissão mágica). O Supremo Yantra é o Sri Yantra, ou Sri Chakra, que delinea o corpo da Deusa e esconde em sua rede de vetores de força entrelaçados e entrecruzados os centros corporais secretos utilizados em Sua adoração. Veja *Cultos da Sombra* (Concessão) e *Além da Zona Malva* (Concessão; a ser publicado).

Yoga (Skt): União ou identificação com o Ser Puro. A palavra é freqüentemente usada para denotar vários meios pelos quais o estado de ioga pode ser alcançado.

Yog-Sothoth (Nec): O Portão e o Guardião do Portão. O nome tem afinidades com *Yuggoth* e com Sothis (veja *Satan*), ou Set-Isis.

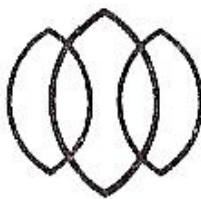
Yuggoth (Nec): Nome dado a Plutão como um tipo de planeta mais externo e guardião do Universo conhecido. Além, estão as forças transplutônicas de *Nu-Isis*.

Zain (Heb): A sétima letra do Alfabeto Mágico. Significa 'uma espada'. Zain é um termo carregado na Gnose Tifoniana e deve ser estudado à luz das trilogias. Veja particularmente, *Fora dos Círculos do Tempo* (Grant).

Zos : Termo cunhado por Austin Osman Spare para denotar 'o corpo considerado como um todo'. Veja *Imagens e Oráculos de Austin Osman Spare* (Grant).

Zos Kia Cultus : O Culto de *Zos* e *Kia*, fundado por volta de 1952 por Austin Osman Spare e Kenneth Grant.

Bibliografia



Os detalhes a seguir se aplicam, na maioria dos casos, a edições específicas mencionadas neste livro.

Alhazred, Abdul: *The Necronomicon*. Eu. Ed. George Hay, Spearman, Jersey, 1978. (New edn. Skoob 1992) ii. Ed. Simon, Avon Books, New York, 1977 (Schlangenkraft).

Baigent, Leigh & Lincoln: *O sangue sagrado e o Santo Graal*. Corgi Books, Londres, 1982.

Bergland (Ed.): *Discípulos de Cthulhu*. Daw Books, Nova York, 1976.

Bernard, Raymond: *The Hollow Earth*. Bell, Nova York, 1979.

Bertram, James & F. Russell: *The Starlit Mire*. John Lane, Londres, 1911.

Blavatsky, HR: *The Theosophical Dictionary*. TPH, Los Angeles, 1918. *Transactions of the Blavatsky Lodge*. (Discussions on the Stanzas of Dzyan) The Theosophical Co., Los Angeles, 1923.

Bloch, Robert: *Strange Eons*. Pinnacle Books, Los Angeles, 1979. Buren, Elizabeth van: *Land of White Waters*. Ashgrove Press, Bath, 1984.

Castañeda, Carlos: *o presente da águia*. Hodder & Stoughton, Londres, 1981.

Chadwick, Major AW (Sadhu Arunachala): *Reminiscências de um Sadhu de Ramana Maharshi*. Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1967

Charroux, Robert: *Legacy of the Gods*. Sphere Books, Londres, 1979. *Masters of the World*. Sphere Books, Londres, 1979.

Crowley, Aleister: *Atlantis (Liber LI)*. Dove Press, EUA, 1970. *The Book of the Law (Liber AL)*. OTO, Londres, 1938. *The Book of Thoth*. OTO, Londres, 1944. *The Book of Wisdom or Folly (Liber Aleph)*. Thelema Publishing Co., Cal., 1962. *The Confessions of Aleister C. Rowley*. Cape, Londres, 1969 (Ed. Symonds & Grant); Edição RKP, Londres, 1979 (Ed. Symonds & Grant); Edição Arkana, Penguin Books, 1989. *The Equinox* (vols I-X). Simpkin Marshall e outros, Londres, 1909-13. *The Equinox* (Vol.III.No.1). Universal Publishing Co., Detroit, Michigan 1919. *The Equinox of the Gods*. OTO, Londres, 1936. *Little Essays Toward Truth*. OTO, Londres, 1938. *Magick*. RKP, Londres, 1973 (Ed. Symonds & Grant); Edição Arkana, Penguin Books, 1989.

Comentários mágicos e filosóficos sobre o livro da lei (contém *Liber Trigrammaton*). (Ed. Symonds & Grant) 93 Publishing, Montréal, 1974. *Olla*. OTO, Londres, 1946. *The Vision & the Voice (Liber 418)*. Thelema Publishing Co., nd

Dickhoff, RE: *Agharta*. Bruce Humphries, Boston, 1951.

- D'Olivet, Fabre: *The Hebraic Tongue Restored*. tr.Nayán Louise Redfield. Samuel Weiser Inc., New York 1976 (reimpressão da ed. 1921); 3rd Impression, 1978.
- Farr, Florence: *Egyptian Magic*. Vol viii de *Collectanea Hermética*, ed. W.Wynn Westcott). TPS, Londres, 1896.
- Companheiros, John: *The Mysteries of Freemasonry*. Reeves & Turner, Londres, 1860.
- Fort, Charles: *The Complete Books of Charles Fort*, Dover Publications, New York, 1974.
- Grant, Kenneth: *The Magical Revival*. Muller, Londres, 1972; Skoob, Londres, 1991. *Aleister Crowley & the Hidden God*. Muller, Londres, 1973; Skoob, Londres, 1992. *Cults of the Shadow*. Muller, Londres, 1975; Skoob, Londres, 1994. *Images & Oracles of Austin Osman Spare*. Muller, Londres, 1975. *Nightside of Eden*. Muller, Londres, 1977; Skoob, Londres, 1994, *Outside the Circles of Time*. Muller, Londres, 1980. *Fonte de Hécate*. Skoob, Londres, 1992. (Com Steffi Grant :) *Car-fax Monographs*. Carfax, Londres, 1960-1962; reimpresso como *Hidden Lore*. Skoob Books, Londres, 1990.
- Gray, Terence (Wei Wu Wei): *Unworldly Wise*. Hong Kong University Press, 1974.
- Harding, Douglas: *Sobre não ter cabeça*. The Buddhist Society, Londres, 1971.
- Higgins, Godfrey: *Anacalypsis*. Londres, 1836.
- Holroyd, Stuart: *Alien Intelligence*. Abacus, Londres, 1980.
- Hor-Apollo: *Hieroglyphicon*. (Tr. Cory.) William Pickering, Londres, 1839.
- Horler, Sidney: *The Vampire*. Hodder & Stoughton, Londres, nd (c.1931)
- Horner, George (tr): *Pistis Sophia*. SPCK, Londres, 1924.
- Inman, Thomas: *Ancient Faiths Embodied in Ancient Names* (2 vols) Trübner & Co., Londres, 1872. *Antigos Paganismo e Simbolismo Cristão Moderno* Trübner, Londres, 1874.
- Isaya, Joseph: *Devil Worship (Tradições dos Yezidiz)*. Goreham Press, Boston, EUA, 1919.
- Janouch, Gustav: *Conversas com Kafka*. Village Press, Londres, 1971.
- Kamath, MS: *Sri Maharshi*. Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1951.
- Keel, John: *The Mothman Prophecies*. Signet, Nova York, 1975. *Strange Creatures from Time and Space*. Sphere, Londres, 1975. *Operation Trojan Horse*. Abacus, Londres, 1973.
- Kingsford, Anna: *The Perfect Way: or The Finding of Christ*. Field & Tuer, Londres, 1882.
- Kirk, Rev. R. : *The Secret Commonwealth*. Eneas Mackay, Stirling, 1933.
- Lacarrière, Jacques: *The Gnostics*. Peter Owen, Londres, 1977.
- Leslie, Desmond & George Adamski: *Flying Saucers Have Landed*. Werner Laurie, Londres, 1953.
- Lovecraft, HP: *Nas Montanhas da Loucura*. Gollancz, Londres, 1966. *The Case of Charles Dexter Ward*. Gollancz, Londres, 1966. *The Haunter of the Dark & Other Tales*.

Gollancz, Londres, 1951. *The Horror in the Museum* (com Hazel Heald) (contido em *HPLovecraft e outros*). Beagle Books, New York, 1971. *The Lurker at the Threshold*, (com August Derleth) Gollancz, Londres, 1968. *Selected Letters of HPLovecraft* (5 vols). (Ed. Derleth). Arkham House, Sauk City, Wisconsin, 1965-76 *The Whisperer in Darkness* (contido em *The Haunter of the Dark*. Vide supra.)

Lytton, Edward Bulwer: *The Coming Race* OUP, Oxford, 1871.

Machen, Arthur: *The Children of the Pool*. Hutchinson, Londres, 1936. *The Great God Pan*. John Lane, Londres, 1894. *The Green Round*. Benn, Londres, 1933. *The Hill of Dreams*. Richards, Londres, 1907. *The Secret Glory*. Seeker, Londres, 1922.

Maharshi, Sri Ramana: *Cinco Hinos a Arunachala*. Sri Ramanas-ramam, Tiruvannamalai, 1971. *Conversa com Sri Ramana Maharshi*. Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1968.

Maitland, Edward: *Life of Anna Kingsford* (2 vols). Watkins, Londres, 1913.

Marsh, Richard: *The Beetle*. Skeffington & Son, Londres, 1897.

Maspero, Gaston: *The Dawn of Civilization*. SPCK, Londres, 1894.

Massey, Gerald: *A Book of the Beginnings* (2 vols). Williams & Norgate, Londres, 1881.

Mathers, SL (tr): *O Livro da Goetia do Rei Salomão* (Intro. Aleister Crowley). SPRT, Inverness, 1904. *The Kabbalah Unveiled* (Rosenroth). RKP, Londres, 1970.

Mead, GRS: *Echoes from the Gnosis*. (Vol VI: *A Mithriac Ritual* [sic]) TPS, London & Benares, 1907.

Mehta, VN (Ed.): *Sri Haranath: His Play & Precets*. Tribhovandas, Bhimji Zaveri, Bombay, 1954.

Meyrink, Gustav: *O Golem*. Dedalus, Londres, 1985.

Morgan, Morien: *Kimmerian Revelations*. Whittaker, Londres, 1897.

Nagamma, Suri: *Letters from Sri Ramanasramam* (2 vols). Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1970.

Narasimhaswamy, BV: *Self-Realization*. (Biografia de Sri Ramana Maharshi) Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1953.

Newbrough, JB: *Oahspe*. Kosmon Press, Londres, 1975.

Proust, Marcel: *Remembrance of Things Past* (Tr. Moncrieff). Chatto & Windus, Londres, 1943.

Randolph, PB: *Eulis !*. Toledo, Ohio, 1896.

Serna, Ramon Gomez de la: *Dali*. Macdonald, Londres, 1984.

Sinnett, AP: *Esoteric Buddhism*. Trübner, Londres, 1883. *The Mahatma Letter to A P Sinnett*. T. Fisher Unwin, Londres, 1924

Spare, Austin Osman: *The Book of Pleasure*. (Introdução por Kenneth Grant). 93 Publishing, Montreal, 1975.

St.Clair, George: *Creation Records*. Nutt, Londres, 1898.

Summers, Montague: *The Vampire in Europe*. Kegan Paul, Londres, 1929. *The Werewolf*. Kegan Paul, Londres, 1933. *Witchcraft & Black Magic*. Rider, Londres, nd

Symonds, John: *The Magic of Aleister Crowley*. Muller, Londres, 1958.

Trythall, AJ: *'Boney' Fuller*. Rutgers University Press, New Jersey, 1977.

Vallée, Jacques: *Messengers of Deception*. And / Or Press, Califórnia, 1979.

Velde, H . : *Seth: God of Confusion*. Brill, Leyden, 1967.

Venkataramaiah (tr): *Tripura Rahsya*. Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1962.

Vaughan, Thomas: *The Works of Thomas Vaughan* (Ed. AEWaite). TPH, Londres, 1919.

Waite, AE: *A Sagrada Cabala*. Williams e Norgate, Londres, 1929.

Wilson, RA: *Cosmic Trigger: The Final Secret of the Illuminati*. Pocket Books, Nova York, 1978.

Wood, David: *Genesis: O primeiro livro do Apocalipse*. Baton Press, Tunbridge Wells, 1985.

Zinsstag, Lou e Timothy Good: *George Adamski: The Untold Story*. Publicações Ceti, Beckenham, Kent, 1983.

Índice

A'anphar	Aku	<i>Pagão Antigo e Moderno</i>
Aahti	Al Hazred	<i>Simbolismo Cristão</i>
Aati	AL	(Inman)
Ablis	AL, <i>Liber ver Liber</i>	Ventos Antigos
Abominações	AL vel	Angar
Ausência	Legis	Anjo
Distração	AL LA LA	Simbolismo animal
Abuldiz	Alalia	Ankh
Abismo	Alquimia afetiva	Ankh-af-na-Khonsu
Achad, Frater ver também Jones,	<i>Aleister Crowley e The Hid-</i>	Annedotus
Charles Stansfeld	<i>den God</i> (Grant)	Anphar
<i>Adatnski, George: The Untold</i>	<i>Aleister Crowley, The Col-</i>	Anubis
<i>História</i> (Zinsstag &	<i>Obras selecionadas de</i> (Crow-	Ânus
Boa)	ley)	Aos
Adicionar você	<i>Aleister Crowley, The Con-</i>	Aossic
Adi	<i>fissões de</i> (Crowley A-	Aossic-Aiwass
Aditi	<i>leister Crowley, o</i>	Aossic-bel-Aossic
Advaita	<i>Magic Of</i> (Sy monds)	Aossic-bel-S'lba
Advaita Vedanta	Aleph	Esfera Aóssica
Advaitin	Estrangeiro	Aossic, sigilo de
Afefe	<i>Inteligência alienígena</i> (Holroyd)	Macaco
Agapé	Alfabeto do Desejo	Macaco de Thoth
<i>Contra a luz</i> (conceder)	Am-Smen	Apep
Agharta	Amalantrah	Api
<i>Agharta</i> (Dickhoff)	Âmbar	Apoph
Aahti	Amenta	Apófis
Ain	índios americanos	Apoteose
Ain Soph Aur	Ameríndia	Aquário
Aion	Amonianos	Ar
Ar	Amonitas	Ar-Ma-Geddon
Aivas	Amn	Arachne
Aiwass	Amoun	<i>Arachne Rising</i> (Vogh)
Aiwass, Aeon de	A	Gnose Arachneana
Aiwaz	<i>Anacalypis</i> (Higgins)	Aracnídeos
Akasa	Anatma	Arcádia
Akkhu	Anatta	Arcturus
Ako	Antigos	Ardhamatra

Ardhamatra	Bab-al-Mandeb	<i>Livro de abertura da boca,</i>
Argenteum Astrum (A ' ' A. '.)	Babalon	O (tr. Budge)
veja também Silver Star, The	Babel	<i>Livro do Prazer, O</i> (Sobressale
Ordem de	Babuíno	<i>Livro dos começos, A</i>
Arca	Para trás	(Massey)
Arkham	Bacon, Francis	<i>Livro dos Amaldiçoados, o</i>
Armagedom	Bahlasti	(Forte)
Armakhedon	Bahti	<i>Livro dos Mortos, O</i> (tr.
Ars	Baphomet	Mudança)
Arudra	Bárbaro	<i>Livro da Lei, The see Li-</i>
Arunachala	Baron Samedhi	<i>ber AL vel Legis</i>
<i>Arunachala, cinco hinos para</i>	Basilisk	<i>Livro do Segredo do Portão</i>
(intr. Grant Duff)	Bast	<i>do Goph</i> (Grant)
<i>Arunachala Paraná</i>	Bastão	Não Nascido
Arunachala-Ramana	Batílico	Brahman
Arunachala-Siva	<i>Asa de morcego</i> (Rohmer)	Brashta Yogins
Arunachaleswara	Batráquio	Bretão, André
Aseb	Baudelaire, Charles	Brown, Thomas
Ashemu	Urso	Brunton, Paul
<i>Pergunte ao Desperto</i> (Wei Wu	Fera	Bud-will
Wei)	Abelha	Buda
Asrar	Besouro	Zumbido

Bunda	<i>Besouro, The</i> (Marsh)	
Ast	Bel	
Astral	Bel-Aos	Caduceu
Astro-ocular	Bel-Aossic	<i>Calamiterror</i> (Barker)
<i>Nas montanhas da loucura</i> (Lovecraft)	Bel-Setekh	Calix Horroris
Em	Bennett, Allan	Canob
At-Taum	Bennu	Carcosa
Ressurgimento Atávico	Bertiaux, Michael	Cerberus
Aten	Bes	Cerebelo
Atlantis	Besqul	Ch'an
Atman	Bestiário	Chakra
Atmavichara	Beth	Chandra
Atmosférico-I	Beth-Baal-Meon	Chandra Kala
Attaum	Butão	Chandra-Bindu
Atu	Binah	Chandrabinu
Atus de Thoth	Bindu	Chandrakala
Aub	Pássaro	Chandrakalas
Aud	Preto	<i>Mudança</i> (Machen)
Augoeides	Livro preto	Caos
Aum	Irmãos Negros	<i>Charles Dexter Ward, o</i> <i>Caso de</i> (Lovecraft)
Avaris	Dragão negro	Chayoga
Avitchi	Águia Negra	Cheth
Machado	Pedra Preta	Criança
Ayoga	Abutre preto	Filhos de Ísis
Azathoth	Passaro preto	Chokmah
Azazil	Blackwood, Algernon	Chomsky, Naom
	Blavatsky, Helena	Choronzain
	Sangue	Choronzain, Aeon de
	Azul	Choronzon
BA	Bön 92	Clube Choronzon
Baal	<i>Bony Fuller</i> (Trythall)	Chozzar
Baalbek		

Cidade dos pilares	<i>Dawn of Civisation, The</i>	<i>Dunwich Horror, The</i> (Love- construir)
Cidade das pirâmides	(Maspero)	Dvaita
Clariaudiência	Almas Mortas	Anão
Clairsentience	Morte	Dzyan
Clarividência	Morte (Atu XIII)	<i>Dzyan, The Stanzas of</i> (Bla- Vatsky)
Garra	Postura de Morte	
Clivagem	Imortal	Águia
Clepsidra	Dee, John	Eagle-Scorpion
Galo	Deep	<i>Presente da Águia, O</i> (Castena)
Cores	Profundos	Eaglet
Pente	Delírio	Terra
<i>Coming Race, The</i> (Lytton)	Profundidade	<i>Earth Inferno</i> (sobressalente)
<i>Conde de Gabalis</i> (Abbé de Villars)	Deserto de Set	Eblis
Congressus cum Daemone	Deserto do Abismo	<i>Ecos da Gnose: A</i> <i>Ritual Mithriac [sic]</i> (Hidromel)
<i>Conversas com Franz</i> <i>Kafka</i> (Janouch)	Raposa do Deserto	Equidna
Coph Nia	Devas	Ovo
<i>Cosmic Trigger, The</i> (Wilson)	Deverur	Saída
Count Basie, William	Diabo	Egito
Caranguejo	Diabo, o (Atu XV)	<i>Magia Egípcia</i> (Farr)
<i>Registros de criação</i> (St. Clair)	Adoração ao demônio	Oito
Carmesim	<i>Adoração do Diabo</i> (Joseph)	Oitavo
Deserto Carmesim	Digambaras	
Crocodilo	Dikpalas	
Cruz de Conjunto	Disco	
	<i>Discípulos de Cthulhu, The</i> (ed. Bergland)	

Deusa Quinze	Cabeça	Hrumachis
Deusa das Sete Estrelas	Sem cabeça	Murmurar
Goetia	Céu	Murmurar
<i>Goetia do Rei Salomão,</i> <i>O Livro de (Mathers)</i>	<i>Coração do Mestre, o</i> (Crowley)	Zumbindo
Ouro	Semana	Cabana
Dourado	<i>Língua hebraica restaurada,</i> <i>O (D'Olivet)</i>	Hutit
Golden Dawn, Hermetic Or- der do	Hécate	Hiena
<i>Golem, The (Meyrink)</i>	<i>Fonte de Hécate (Grant)</i>	Hyksos
Gomorra	Altura	Iak Sakkak
Ganso	Hek	Iblis
Gopi	Hekshus	<i>Illuminatus (Shea & Wilson)</i>
Graal	Inferno	Ilyarun
Graal, o (Atu VII)	Hell-Bird	Ilyarun-bel-Aos
Urso Grande	Heqt	Ilyarun-bel-Aossic
Grande portador	Garça	<i>Imagens e oráculos de Austin</i> <i>Osman Spare (Grant)</i>
Cruz grande	Heru-ra-ha	<i>Preso com o Pha-</i> <i>roahs (Lovecraft)</i>
Grande Profundo	Heru-Set	Infernal
<i>Grande Deus Pan, o</i> (Machen)	<i>Igreja Oculta do Santo</i> <i>Graal, o (Waite)</i>	Entrada
Grandes Antigos	Deus escondido	<i>Luz Interior, O (Machen)</i>
Boa pessoa	<i>Conhecimento Oculto (Grant)</i>	Interior terrestre
Grande Pirâmide		

Inseto	Khu	<i>Liber CCCLXX (Nash vel Ca-</i> <i>pricorni) (Crowley)</i>
IPSOS	Khumbhakam	<i>Liber 418, A Visão e o</i> <i>Voz (Crowley)</i>
Irem	Khyphi	<i>Liber Logaeth (Dee)</i>
Isis	Kia veja também Zos Kia	<i>Liber Aleph (Crowley)</i>
Ixaxaar	Kilena	<i>Liber AL vel Legis</i>
Chacal	<i>Revelações Kitnmerianas</i> (Morgan)	<i>Liber Cheth (Crowley)</i>
Jasmim	Kingu	<i>Liber OZ vel LXXVII (Crow-</i> <i>ley)</i>
Joia de S'lba	Cavaleiros Templários	<i>Liber Thisarb (Crowley)</i>
Jivatman	Conhecimento e Conversação	<i>Liber LI (Atlantis) (Crowley)</i>
Jnana	Koot Humi	<i>Liber Trigrammaton (Crow-</i> <i>ley)</i>
Johnson, Christopher	Koth, Torre de	<i>Liber Samekh (Crowley)</i>
Jones, Charles Stansfeld veja também Achad, Frater	Kotha	Libra
<i>Viagem ao interior da Terra</i> <i>rrior, A (Gardner)</i>	Krishna	Liers em espera
Jyoti	Kteis	Relâmpago
	Kundalini	Lila
	Kutu	Lincoln, Henry
	Kwan-se-on	Linhas de Força
	Kyagoph	Linga
	Kyphi	Lingam
Cabalismo	Kythamil	Leão
Kadath		Serpente-leão
Kadesheth		Lagarto
Kadosh	La Couleuvre Noire	Logos
Kaf Ape	La Gouffre de Satalie	Loogs
Kafka, Franz	LA	Lovecraft, Howard Phillips
Kalas	LALAAL	<i>Lovecraft enfim (Lovecraft</i> <i>& Conover)</i>
Kali	Lalish	Lunar
Kali Yuga	Lam	Corrente Lunar
Kama	Lama	<i>Lurker no Tbreshhold</i>
Kamites	LAMAL	
Kanaka	Cordeiro	
Kaph	Lambika Yoga	
Karezza	Lamed	

Karmas	Lammu	(Lovecraft)
Kart	<i>Land of White Waters</i> (van Buren)	Luxo
Kartikeya		
Kaula	Lasiferos	
Ked	Caminho da mão esquerda	M'aati
Kenoma	<i>Legado dos Deuses</i> (Charroux)	Mãe
Kep		Mâ
Kether	Lemuria	Mâ, Aeon de
Khamsin	Lemuriano	Ma-Haru
Khat	Lêng	Ma-Ion
Kheb	Leo	Maat
Kheft	Leopardo	Maat, Aeon de
Khekh	Leviatã	Maat-Ra-Ia
Khem	<i>Liber XV</i> (Crowley)	Maati
Khensu	<i>Liber XXII</i> (Crowley)	Mabyn
Khep	<i>Liber 29 vel OKBISH</i> (o <i>Livro da Aranha</i>)	Machen, Arthur
Khepsh	(Conceder)	Mackenzie, Kenneth
Kheru		Madhyamaka
Khnum	<i>Liber 31</i> (Frater Achad)	<i>Filosofia Madhyamaka, An</i>
Khoi-Khoi	<i>Liber 777</i> (Crowley)	<i>Introdução a</i> (Singh)

Magan	Névoa malva	Nagas
Ausência Mágica	Mauve Morass	Nagriksamisha
Alfabeto Mágico	Malva, Esfera Externa de	Nahsi
Criança mágica	Zona Mauve	<i>Cidade sem nome, o</i> (amor-construir)
Memória Mágica	Maia	
Obsessão mágica	<i>Dicionário Médico</i> (Hooper)	Naraka
<i>Mágico e filosófico</i>	Melek Ta'us	Narragansett
<i>Comentários sobre o Livro da Lei</i> (Crowley)	Melkizedek	<i>Documento Naasene</i>
<i>Registro Mágico da Besta 666</i> (ed. Symonds & Conceder)	Menati	Nasr
<i>Revivificação mágica, The</i> (Grant)	Meni	<i>Genesis Natural, The</i> (Massey)
<i>Magick</i> (Crowley, ed Sysegundas e concessões)	Menstrual	Nebadon
<i>Magick Without Tears</i> (Crowley)	Meon	Necronomicon
Sono magnético	Mercúrio	<i>Necronomicon, o</i>
Magonia	Merovíngio	Necrofilia
Mago	Merti	Negativo, o
Magus, o (Atu 1)	Mesopotâmia	Corrente Negativa
Mahapurusha	<i>Mensageiros da Decepção</i> (Vallée)	Forma negativa
Mahasakti	Mezla	Neh
<i>Carta Mahatma para AP Sinnett</i> (Sinnett)	Mi-Go	Neith
Mahatmas	Milagres	Nem-Nem
Maion	Mirroracle	Nema
Maithuna	Miscigenação	Nemo
Makaras	Miscenenação, mágica	Nephilim
Makhashanah	Mithra	Neter
Makheru	Ritual Mitraico	Netzach
Mako	Lua	Neutro
Malat	Lua, o (Atu XVIII)	<i>New Atlantis, The</i> (Bacon)
Malatan	Moon-Circle	New Isis Lodge
Malkuth	Deus da Lua	Nova Sexualidade
Mallarmé, Stéphane	Morvran	Nicômaco
Malva	Morya	Nightmind
	Mãe	<i>Lado Noturno do Éden</i> (Gra)
	<i>Profecias do Mothman, o</i> (Quilha)	Nilo
	Monte Kailas	Nirvana
	<i>Caminho da montanha, o</i>	Nivritti Marga
	Boca	Noé
		Nodens

Homem	Mu	Noé
Mani	Mu-Aiwass	Não Dualidade
Maniqueus	Mu Awiya	Tornar - se não móvel
Manequim	Mu'awryd	Não terrestre
<i>Guirlanda matrimonial de cartas,</i>	Mukti	Norlatiadek
<i>O (Maharshi)</i>	Mummu	Constelação do Norte
Marmas	<i>Mistérios da Maçonaria,</i>	Não-Homem
Marte	<i>Os (companheiros)</i>	Nada
Maskim	Mito	Noumenon
Massey	Mythos	<i>Romance do Selo Negro, o</i>
Mestre do Templo		<i>(Machen)</i>
<i>Mestres do Mundo (Char-</i>		Nox
<i>roux)</i>	'N' (Machen)	Nru
Matrubhuteswari	N'Kai	Nu
Maut	Naacal	Nu Isis
Malva	Nagarjuna	Nu-Had

Nu-Isis	Panela	Pirâmide de Vith
Nu-Maat	Correntes de pânico	Pitão
Nu-nu	Panic Piper	
Nubti	<i>Papiro de Nesi Amsu, o</i>	
Arte Nuclear	<i>(tr. Budge)</i>	Qerti
Nuit	Atividade crítica paranóica	Qlipha
Números	Paranomasia	Qliphoth
Freira	Parsis	Qoph
Nuter	Parsons, John Whiteside	Qubba
Nuteru	Patanjali	Quinotura
Nyarlathotep	<i>Patanjali, Yoga Aphorisms of</i>	Qulielfi
Nyingmapa	<i>(Patanjali)</i>	
Nyogtha	Paterson, Yelg (Yelda)	
	Educação Física	R'lyeh
	Pavão	Ra
<i>Oahspe</i>	Anjo pavão	Ra-Hoor-Khu
Ob	Pérola	Ra-Hoor-Khuit
Oba'ufon	Péladan, Josephin	Ra-Hoor-Khut
Obalufon	<i>Caminho perfeito, The (Kingsford)</i>	Ra-Thek
Ordem Tifoniana Oculta	Pericorese	Rada
Antigos	Perseu	<i>Nome Radiante, The (Gran</i>
<i>Olla (Crowley)</i>	Petro	<i>arco Iris</i>
Olyarum	<i>Fédon (Platão)</i>	Rakshasi
Om	Falo	RAM
Ompehda	Phallus of Osiris	Ramana Maharshi, Sri
<i>Sobre Não Ter Cabeça (Difícil</i>	Falo de Conjunto	<i>Ramana Maharshi, Remini</i>
<i>ing)</i>	<i>Fantasma dos Polacos, o</i>	<i>cências de (Chadwick</i>
Culto Ofidiano	<i>(Reed)</i>	Ran Tegoht
Corrente Ofidiana	Fénix	Randolph, PB
Fórmula Ofidiana	<i>Pistis Sophia (tr. Horner)</i>	Ranidae
Gnose Ofidiana	Plutão	Rano Roraku
Mistérios Ofidianos	Polinésia	Êxtase
Natureza Ofidiana	polinésio	Raven
Fases Ofidianas	Ponape	Rechaka
Vibrações Ofidianas	Prajnaparamita	Vermelho
laranja	Pralaya	Terra Vermelha
Provação X	Prana	<i>Religião dos Yorubas (Lu-</i>
Ordo Templi Orientis	Pranava	<i>cas)</i>
<i>(OTO)</i>	Pranayama	<i>Lembrança de coisas passc</i>
Orion	Gravidez	<i>(Proust)</i>
Orthrus	Prema	Ressurreição
Osirianos	Premdeha	Returns

Osiris	Maldição primária	Nostalgias reverberantes
Osiris, Aeon de	Deusa Primal	Rhan-Tegoth
Ossadagowah	Gnose Primordial	Rhantegoth
Avestruz	Prometeu	Rimbaud, Arthur
Gateway Externo	Reversão Protoplasmática	Ring-Pass-Not
Exteriores	Proust, Marcel	Roerich, NX
Outrance	Proxima Centauri	Rohmer, Sax
Lado de fora	Puff-Adder	<i>Catálogo Maçônico Real,</i>
<i>Fora dos Círculos do Tempo</i>	Puraka	<i>O (Mackenzie)</i>
(Conceder)	Roxa	
Onça	Pirâmide	
	Pirâmide, Ritual do	
S'lba	Seker	Shiva
S'lba-bel-Aossic	Sekhem	Shoggoth
S'ngac	Sekhet-Aahru	Shognigoth
Sabeian	Sekset	ShT
<i>Magia Sagrada de Abramelin</i>	<i>Cartas selecionadas de HP Love-Shu</i>	
<i>o Mago, O Livro de</i>	<i>ofício, The (ed. Derleth)</i>	Shub-Niggurath
<i>o (Mathers)</i>	Auto	Shugal
Sadhaka	<i>Auto-realização (Narasim-</i>	Shus-en-Har
Sadhu	<i>haswamy)</i>	Siddha
Sahaja Samadhi	Individualidade	Siddhis
Sahaja Samshi	Nem eu mesmo	Sigil
Sakshi	Sêmen	Sigil of Aossic
Salem	Símbolos Sencientes	Sigil of S'lba
<i>Sallier Papyrus (Gardiner)</i>	Sepermeru	Silêncio
Samadhi	Serbonis	Silêncio, deus da
Samael	Serpente	Silver Star, The Order of the
Samsara	Força da Serpente	veja também Argenteur
Sangréal	Serpent Power	trum
Sangsar	Conjunto	Pecado
Sank Po	Conjunto, túneis de	Sinnett, AP
Sata	Conjunto, células de	Sion
Satalie	Set, Aeon de	Sírius
Satanás	Conjunto, selo de	Sírius-Neith
Satanaki	Set, estrela de	<i>Sirius Mystery, The (Temple)</i>
Satania	Conjunto, Cruz de	Siva
Saturno	Set, culto de	Sixtystone
Escarlate	Conjunto, Pacto de	<i>Skanda Purana</i>
Mulher Escarlate	Set, Deserto de	Smen
Cimitarra	Set-An	<i>Snakeward (Grant)</i>
Escorpião	Set-Anubis	Soatomogo
Escorpião	Set-Horus	Sol
Sea-Goat	Set-Hulu	Solar-Fálico
Conchas do Mar	Set-Isis	Solinus
Selo de Conjunto	Set-Kali	Feiticeiro
Séance	Set-Typhon	Feitiçaria
Assento	Seth	Sothmogg
Sede de Ísis	<i>Seth: O Deus da Confusão</i>	Santuário Soberano
Sede de Nu-Isis	(Velde)	Cápsula espacial
Seb	Gnose Sethiana	Artesanato Espacial
Sebek	Sexo	Spare, Austin Osman
Segredo	Magick Sexual	Aranha
Chefes secretos	Sombra	Espiral
<i>Comunidade secreta, o</i>	<i>Shadow Over Innstnouth, The</i>	Sri Chakra
(Kirk)	(Lovecraft)	Sri Gouranga
<i>Doutrina Secreta, O (Bla-</i>	Shaitan	Sri Haranath
<i>Vatsky)</i>	Shakti	<i>Sri Haranath: Seu jogo e</i>

<i>Glória secreta, o</i> (Machen)	Shamballah	<i>Preceitos</i> (Mehta)
Lugar secreto	Sheikh Adi	Sri Krishna
Secreção	Shekinah	<i>Sri Maharshi</i> (Kamath)
Secreção	Sheshthayana	Sri Ramana Maharshi ver
Semente	ShGL	Ramana Maharshi, Sri
Sef	canela	<i>Sri Ramana Maharshi, Talks</i>
Sefekh	Brilhantes	<i>Com</i>
Seihan	<i>Navio, o</i> (Crowley)	

<i>Sri Ramanasramam, Cartas</i>	Tao	Tukaram
<i>& Lembranças de</i>	Tapas	Tutulu
<i>Sri Ramanasramam, Cartas</i>	Tathagata	Crepúsculo
<i>De</i> (Nagamma)	Tau	gêmeos
St. Clair, George	Teitan	Duas verdades
<i>Star in the West, The</i> (Fuller)	Tejolingam	Typhon
Estrela de Nuit	Tekeli-li	Corrente Tifoniana
Estrela de set	Terrestre	Gnose Tifoniana
Star-Child	Terrestres	Deusa Tifoniana
Semente estelar	Teth	Escola Tifoniana
<i>Starlit Mire, The</i> (Bertram & Russell)	Tetragrammaton	Tantra Tifoniano
Sabedoria Estrelada	Thelema	Tradição Tifoniana
Stélé de Ankh-af-na-Khonsu	Teiêmico	Abutre tifoniano
Stélé da revelação	Gnose Thelêmica	Caminho Tifoniano
Estelar	Tradição Thelêmica	Typhonians
Corrente Estelar	<i>Glossário Teosópico, O</i>	Tufão
Gnose Estelar	(Blavatsky)	Tzaddi
<i>Stellar Lode, The</i> (Grant)	Therion	
Tradição Estelar	Therionic	OVNI
Stonebenge	Coxa	<i>UFOs: Operação Trojan</i>
Pedras	Terceiro olho	<i>Cavalo</i> (quilha)
<i>Criaturas estranhas do tempo</i>	Thoth	Ufologicks
<i>e espaço</i> (quilha)	Thoth, Atus de	Ufologia
<i>Strange Eons</i> (Bloch)	<i>Thoth, o livro de</i> (Crowley)	Ukha
Sufismo	Trono	Undermind
Sol	<i>Pelos Portões do Sil-</i>	Compreensão, a esfera de
Sûnyatâ	<i>ver Key</i> (Lovecraft)	Não homem
Sûnyâtavâda	Polegar	Unnt
Susupri	Concentração do polegar	<i>Sábio Sobrenatural</i> (Wei Wu
Sut	Meditação do polegar	Wei)
Sût	Polegar Fállico	Urantia
Sut-Anubis	Miniatura	Urs
Sut-Anush	Dragão trovão	Ursa Maior
Sut-Apophis	Deus do trovão	Urt
Sut-Har	Tia Mat	Útero
Sut-Typhon	Tiamat	Uttara
Suvasini	Tikkoun	Utukku Xul
Swaffer, Hannen	<i>Timeu</i> (Platão)	
Espada	<i>Tempo recuperado</i> (Proust)	
Syn	Tiphereth	
Sinestesia	Tiruvannamalai	Vahana
Syth	Sapo	Varna Marg
Syth Odowogg	Tomb-morcegos	Vampiro
Syth Ooloo	Tornasuk	<i>Vampiro na Europa, o</i>
	Totemismo	(Verões)
	Torre, o (Atu XVI)	Van Buren, Elizabeth
	Transformação	<i>Vathek</i> (Beckford)
Taht	Trans-terrestre	Vaulter
Tahuti	Árvore da Vida	Vedanta
Rabo	Triângulo	Véu do Abismo

Talam	<i>Tripura Rahasya</i> (trad. Venkata-Veneno	
Talismã	ramaiah)	Vênus
Tanguy, Yves	<i>Tsuni-Goam</i> (Hahn)	Ves
Birras tangenciais	Tuat	Vesica Piscis
Vever	Whippoorwill	Amarelo
Vevers	Redemoinho	Yesod
Vibração	<i>Whisperer in Darkness, The</i>	Yezid
Vimanas	(Lovecraft)	Yezid
Vinteuil	Branco	Yezidis
Tolet	Pérola Branca	Yod
Viparîta	Abutre branco	Yod-Hé
Virgem	Vai	Yog-Sothoth
Globo de vitalidade		Yoni Yuggoth
Glóbulos de vitalidade	Vento	
Vith	Disco Alado	
Viveka	Mensageiro Alado	Zaa
<i>Voz do Silêncio, o</i>	<i>Sabedoria de S'lba (O Livro de</i>	Zain
(Blavatsky)	<i>Tornar - se não móvel)</i>	Zain, Aeon de
Vazios de Vith	Feitiçaria	Zebulon
Voltigeurs	<i>Bruxaria e magia negra</i>	Zero
Voodoo	(Verões)	Zigurates
Vrindavan	Interioridade	Zoogs
Abutre	Testemunha	Zos
Vulva	Lobo	Zos, Grimório de
	Útero	Zos Ka
	Palavra	Zos Kia
Waite, AE	Aeon sem palavras	Zos Kia Cultus
Watch Towers	Mundo das Conchas	Zos vel Thanatos
Água		Zotomogo
<i>Lobisomem, os</i> (verões)		Zro
Tradição mágica ocidental	Yab-Yum	Zugs
Roda	Yantra	
Wheeler in the Deep	Yelder	

OUTER
GATEWAYS

KENNETH
GRANT



£24.99 USA \$39.95

ISBN 1-871438-12-8



Occult

SKOOB BOOKS
PUBLISHING